UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LUCIANE MIALICH SCADELAI

“Desenvolvimento de Habilidades Metafonológicas no Ambiente de Aprendizagem
‘Realidade Suplementar’, com alunos de Classes de Recuperação de Ciclo”

Ribeirão Preto - SP

2007

LUCIANE MIALICH SCADELAI

“Desenvolvimento de Habilidades Metafonológicas no Ambiente de Aprendizagem
‘Realidade Suplementar’, com alunos de Classes de Recuperação de Ciclo”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP-USP, para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Educacional
Orientador: Antônio dos Santos Andrade

Ribeirão Preto - SP
2007

FICHA CATALOGRÁFICA

Scadelai, Luciane Mialich

Desenvolvimento de Habilidades Metafonológicas no Ambiente de Aprendizagem 'Realidade Suplementar', com alunos de Classes de Recuperação de Ciclo. Ribeirão Preto, 2007.

298 p. : il. ; 30cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia Educacional.

Orientador: Andrade, Antônio dos Santos.

1. Habilidades Metafonológicas. 2. Consciência Fonológica. 3. Sociodrama Educacional. 4. Grupos de Alunos. 5. Ensino Fundamental.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Luciane Mialich Scadelai

Desenvolvimento de Habilidades Metafonológicas no Ambiente de Aprendizagem “Realidade Suplementar”, com alunos de Classes de Recuperação de Ciclo.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP para a obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Psicologia Educacional

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof (a). Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

A Deus, por ter-me dado forças para não desistir; ao meu filho Júnior pela compreensão da minha ausência; ao Luís Alberto, pelo companheirismo, compreensão e por ter tornado esta caminhada um pouco mais leve; aos meus pais José e Odila, pelo apoio e carinho; aos meus irmãos Beto, Paulo, Marcos e Vera e cunhadas(o) Márcia, Regina, Paula e Wagner e aos meus sobrinhos: Roberta, Thales, Luan, Isabela, Vítor, Luís Felipe, por terem acreditado em mim. Ao Sr. João, Sra. Iraildes, Vânia, Neto, João Gilberto, Rejane, Talita, Tiago e Leonardo, pelo apoio. A todos eles, dedico esta dissertação.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Professor Dr. Antônio dos Santos Andrade, por seus conhecimentos e experiências, e por seu incansável trabalho de tornar minhas idéias mais claras e objetivas. Agradeço-lhe pelo aprendizado nesses anos em que estivemos juntos.

Ao programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Departamento de Psicologia da FFCLRP-USP, pelo respeito e acolhimento, e pela oportunidade que me foi concedida de concretizar este trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela concessão da Bolsa de Mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

Ao Grupo de Estudo e Pesquisas Institucionais e “Sociodrama Educacional” (GEPISEd), em especial às colegas Fátima e Valéria, pelos momentos de troca, ajuda e incentivo.

Às colegas de Mestrado, especialmente Daniela, Telma, Gláucia e Fabiana, pela amizade.

À fonoaudióloga Fabiana, por ter-me ensinado a dizer os sons de cada letra, dizer versos e rimas, e apresentar o seu trabalho, mostrando-me, assim, os primeiros sinais da relação entre linguagem oral e escrita.

Às alunas Fabiani, Camila, Daniela, Mirely; e às colegas Angélica, Cristiane, Roselaine, Talita, Julie, Carolina, Daniele e Sílvia, que contribuíram para a aplicação dos testes.

À Vera, minha querida irmã, na ajuda das incansáveis transcrições de fitas.

A todas as escolas e seus respectivos funcionários, pelo consentimento de uso do espaço escolar para realizar minha pesquisa.

Especialmente a todas as crianças que participaram desta pesquisa.

Aos meus (ex-) alunos, para os quais ensinar é um prazer e com os quais aprender é um contínuo.

Aos meus amigos e colegas: Aline, Juliana, Carolina, Kátia, Edivânia, Andréa, Carina, Mônica, Inês, Helda, Alessandra, D. Marilena, Carime, Flávia Z, Flávia B, Bete, Mariana, D.Bete, Carolina, Patrícia, Elisângela, Rafael, João, Alexandre, Gil, Sr. Luís e Vítor que me acompanharam e me apoiaram nesta caminhada e souberam compreender a minha ausência.

Aos meus amigos e colegas da Faculdade de Educação São Luís, pela força, carinho e compreensão.

Agradeço ao Prof. Vitorio Barato Neto, pela paciência e atenção nos momentos das correções ortográficas.

Aos meus colegas da Itamaraty, pelo tempo juntos na viagem.

À minha família, pelo carinho e estímulo constantes e pela compreensão da falta de tempo.

Agradeço também a todos que, indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

E como não agradecer à minha querida e amada prima Elaine Cristina Mialich Polachini (in memoriam), pela lição de vida que deixou para todos.

“Eu tenho uma espécie de dever de **sonhar sempre**,
pois sendo mais do que um espectador de mim mesmo,
tenho que ter o melhor espetáculo que posso.
Assim me construo a ouro e sedas,
em salas supostas, palco falso, cenário antigo,
sonho criado entre jogos de luzes brandas
e músicas invisíveis”.

Fernando Pessoa

Tocar o inacessível chão
É minha lei, é minha questão
Virar este mundo, cravar este chão
Não me importa saber
Se é terrível demais
Quantas guerras terei que vencer
Por um pouco de paz
E amanhã este chão que eu deixei

...Sonhar mais um sonho impossível
Lutar quando é fácil ceder
Vencer o inimigo invencível
Negar quando a regra é vender
Sofrer a tortura implacável
Romper a incabível prisão
Voar num limite provável

Por meu leito e perdão
Por saber que valeu
Delirar e morrer de paixão
E assim, seja lá como for
Vai ter fim a infinita aflição
E o mundo vai ver uma flor
Brotar do impossível chão.
(The Quest – The Impossible Dream) Joe
Darion/Mitch Leigh
Vers: Chico Buarque e Ruy Guerra

RESUMO

SCADELAI, L.M. **Desenvolvimento de Habilidades Metafonológicas no Ambiente de Aprendizagem ‘Realidade Suplementar’, com alunos de Classes de Recuperação de Ciclo.** 2007. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

A criança, desde muito precoce, domina a linguagem sob forma de compreensão e produção, habilidades que ocorrem espontaneamente como parte de seu desenvolvimento; só mais tarde se torna capaz de controlar conscientemente os tratamentos lingüísticos que realiza. A essa capacidade se dá o nome de habilidade metalingüística, que deve ser diferenciada da simples possibilidade de linguagem. Todas as aquisições da criança comportam sempre “metaprocessos”, presentes em todos os níveis do desenvolvimento e não apenas tardiamente. Isto permite distinguir os “metaprocessos precoces” dos “metaprocessos tardios”, que se tornam disponíveis para a consciência e são verbalizáveis. Assim, as habilidades metalingüísticas ocorrem como resultados explícitos de aprendizagem, freqüentemente de natureza escolar. É objetivo desta pesquisa avaliar a eficácia de um programa de desenvolvimento de habilidades metafonológicas no Ambiente de aprendizagem “Realidade Suplementar”. A pesquisa foi realizada em três escolas do Ensino Fundamental, com quatro Classes de Recuperação de Ciclo da Rede Estadual. A amostra compõe-se de quatro Grupos de Controle (GCa.1; GCa.2 e GCb.1; GCb.2) e de dois Grupos de Intervenção (GI.1 e GI.2). Para se identificarem os alunos que compuseram os grupos, foram utilizados a Prova de Consciência Fonológica (PCF) e o Teste de Desempenho Escolar (TDE), aplicados a todos os alunos da sala. Após a determinação da média/mediana dos resultados compostos nos dois testes, foi separada a metade dos alunos que obtiveram resultados maiores que a média/mediana como sendo o GCa. A outra metade dos alunos, com rendimento inferior à média/mediana, foi dividida em dois subgrupos, sendo um quarto dos alunos da classe para o GCb, que não participam da intervenção, e o outro quarto para o GI, cujos alunos participariam da intervenção, através do programa de treinamento das habilidades metafonológicas no ambiente de aprendizagem de “Realidade Suplementar” (RS). A amostra total de 61 alunos foi distribuída assim: 27 alunos para o GCa, sendo (GCa.1 – 14 alunos e GCa.2 – 13 alunos), 18 alunos para o GCb, sendo (GCb.1 - 08 alunos e GCb.2 – 10 alunos); 16 alunos para o GI, sendo (GI.1 – 07 alunos e GI.2 – 09 alunos). Para a análise dos dados quantitativos, colhidos através da PCF e do TDE, foi utilizado o Pacote Estatístico SPSS. Os dados qualitativos foram submetidos à análise sociométrica. Os resultados obtidos através das análises estatísticas revelaram diferenças significativas na PCF e no TDE para o grupo de intervenção, na Realidade Suplementar, tanto no pós-teste em relação ao pré-teste, como na comparação com os Grupos de Controle, demonstrando a eficácia da mesma.

Palavras-chave: Habilidades Metalingüísticas, Consciência Fonológica e Sociodrama Educacional.

ABSTRACT

SCADELAI, L.M. **Metaphonological skills development in a learning environment "Supplementary Reality" together with reccuperation classes within the scope of a special cycle in Education.** 2007.Master Degree Dissertation – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto- USP- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

The child, since his/her early days, masters the language under both the shape of comprehension and production, abilities that come up spontaneously as part of its proper individual development for, only later on, he/she will be able to control with awareness, the linguistic treatments that he/she has been involved. To this awareness capacity the name of metalinguistic ability comes up, which must be differentiated of the simple language possibilities. All of the child's acquisition always become "metaprocesses" available at every level of the infant development, not just something about to happen later on. This situation permits us distinguish the "precocious metaprocesses" from the "retarded ones", those which become available for both conscience and verbalization attitudes. Thus, the metalinguistic skills occur as a result of explicit apprenticeship, frequently derived of a schooling nature. It is objective of this research to evaluate the effectiveness of a Program of metaphonological skills development performed in learning environments of the sort "Supplementary Reality". The research was achieved at 3 Fundamental Schools holding 4 Recuperation Classes in the Cycle at given State School network. The sample is made up of 4 Groups of Control (GCa.1; GCa.2; and Gcb.1; GCb.2) and 2 Groups of Intervention (GI.1 and GI. 2). For the identification of the students who shared these groups, both the Phonological Awareness Proof (PCF) and The Schooling Performance Test (TDE) were applied to every single student in the classroom. Shortly after that both the average/median were obtained based on both tests, the half of the students who held better achievement scores than the average/median were named GCa. The other half of students, holding an inferior yielding regarding the average/median was divided into 2 subgroups, being that one fourth of students in the classroom was named GCb, that is, to those that did not partake in the intervention, and another quarter to the GI, those who would be sharing the intervention later on, via the Program of Metaphological Skills abilities in the learning environment of Supplementary Reality (RS). The total sample of 61 students was distributed as follows: 27 students for the GCa, being (GCa.1 – 14 students and GCa.2 – 13 students), 18 students to the GCb being (GCb 8 students and GCb.2 – 10 students), 16 students at GI being (GI.1 – 7 students and GI.2 – 9 students). For the analysis of the quantitative data that were collected via (PCF – TDE), it was used the Statistical Package SPSS. On the other hand, the qualitative data were submitted to a sociometric analysis. The results obtained through the statistical analysis revealed significative differences at the PCF, at the TDE, that is, for the Intervention Group, at the Supplemetary Reality, as well as at after –testing regarding the pre-testing, as well while comparing the same values with other groups of control, the effectiveness showed to be the same.

Key-words: Metalinguistics skills, Phonological Awareness and Educational Sociodrama

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: Alguns processos envolvidos na leitura de palavras e pseudopalavras (adaptado de Ellis, 1995, por Salles, 2005. p. 184). A linha pontilhada representa a rota fonológica, e a linha contínua, a rota lexical.....32
- Figura 2: Representação gráfica dos componentes de um modelo de análise sociométrica (Collares, 2004).....51

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Divisão da Amostra.....	46
Tabela 2: Distribuição de frequência e sexo das crianças em cada classe.....	46
Tabela 3- Identificação dos alunos do Grupo 1 (cujo subgrupo GI.1 ocorreu no primeiro semestre de 2006) e que participaram do pré-teste em fevereiro, incluindo os alunos dos três subgrupos (GI.1 (em negrito), GCa.1 e GCb.1).....	47
Tabela 4 - Identificação dos alunos do Grupo 2 (cujo GI.2 ocorreu no segundo semestre de 2006) que participaram do pré-teste, em fevereiro, incluindo os alunos dos três subgrupos (GI.2 (em negrito), GCa.2 e GCb.2).....	48
Tabela 5 - Grupo de Intervenção 1 – Manhã (GI.1-M).....	53
Tabela 6- Grupo de Controle Abaixo da Média/Mediana 1 - Manhã (GCb.1-M).....	54
Tabela 7 - Grupo de Controle Acima da Média/Mediana (GCa.1-M).....	55
Tabela 8 - Grupo de Intervenção 1 – Tarde (GI.1-T).....	56
Tabela 9 - Grupo de Controle Abaixo da Média /Mediana (GCb.1-T).....	57
Tabela 10 - Grupo de Controle acima da média/mediana (GCa.1-T).....	58
Tabela 11- Grupo de Intervenção Total (GI.1 (M e T)).....	59
Tabela 12 - Grupo de Controle abaixo da média/mediana Total (GCb.1).....	60
Tabela 13 - Grupo de Controle acima da média/mediana Total (GCa.1).....	61
Tabela 14 - Diferenças entre o Grupo de Intervenção e o Grupo de Controle abaixo da mediana / média 1– <i>Manhã</i> (GI.1-M X GCb.1-M) No <i>Pré-Teste</i> :.....	62
Tabela 15 - Diferenças entre o Grupo de Intervenção e o Grupo de Controle abaixo da mediana / média 1– <i>Manhã</i> (GI.1-M X GCb.1-M) No <i>Pós-Teste</i> :.....	63
Tabela 16 - Diferenças entre o Grupo de Intervenção e o Grupo de Controle acima da mediana / média 1– <i>Manhã</i> (GI.1-M X GCa.1-M) No <i>Pré-Teste</i> :.....	64
Tabela 17 - Diferenças entre o Grupo de Intervenção e o Grupo de Controle acima da mediana / média 1– <i>Manhã</i> (GI.1-M X GCa.1-M) No <i>Pós-Teste</i> :.....	65
Tabela 18 - Diferenças entre o Grupo de Intervenção e o Grupo de Controle abaixo da mediana / média 1– <i>Tarde</i> (GI.1-T X GCb.1-T) No <i>Pré-Teste</i> :.....	66
Tabela 19 - Diferenças entre o Grupo de Intervenção e o Grupo de Controle abaixo da mediana / média 1– <i>Tarde</i> (GI.1-T X GCb.1-T) No <i>Pós-Teste</i> :.....	67

Tabela 20 - Diferenças entre o Grupo de Intervenção e o Grupo de Controle acima da mediana / média 1– <i>Tarde</i> (GI.1-T X GCa.1-T) No <i>Pré-Teste</i> :.....	68
Tabela 21 - Diferenças entre o Grupo de Intervenção e o Grupo de Controle acima da mediana / média 1– <i>Tarde</i> (GI.1-T X GCa.1-T) No <i>Pós-Teste</i> :.....	69
Tabela 22 - Diferenças entre o Grupo de Intervenção Total (Manhã e Tarde) e o Grupo de Controle abaixo da mediana / média 1– <i>Total (Manhã E Tarde)</i> (GI.1 X GCb.1) No <i>Pré-Teste</i> :.....	70
Tabela 23 - Diferenças entre o Grupo de Intervenção Total e o Grupo de Controle abaixo da mediana / média 1– <i>Total</i> (GI.1 X GCb.1) No <i>Pós-Teste</i> :.....	71
Tabela 24 - Diferenças entre o Grupo de Intervenção Total e o Grupo de Controle acima da mediana / média 1– <i>Total</i> (GI.1 X GCa.1) No <i>Pré-Teste</i> :.....	72
Tabela 25 - - Diferenças entre o Grupo de Intervenção Total e o Grupo de Controle acima da mediana / média 1– <i>Total</i> (GI.1 X GCa.1) No <i>Pós-Teste</i> :.....	73
Tabela 26 - Grupo de Intervenção 2 – Manhã (GI.2-M).....	75
Tabela 27- Grupo de Controle Abaixo da Média/Mediana 2 - Manhã (GCb.2-M).....	76
Tabela 28 - Grupo de Controle Acima da Média/Mediana (GCa2-M)	77
Tabela 29 - Grupo de Intervenção 2 – Tarde (GI.2-T).....	78
Tabela 30 - Grupo de Controle Abaixo da Média /Mediana (GCb.2-T).....	79
Tabela 31 - Grupo de Controle Acima da Média/Mediana (GCa.2-T).....	80
Tabela 32 - Grupo de Intervenção Total (GI.2 (M - T)).....	81
Tabela 33 - Grupo de Controle Abaixo da Média/Mediana Total (GCb.2).....	82
Tabela 34 - Grupo de Controle Acima da Média/Mediana Total (GCa.2).....	83
Tabela 35 - Diferenças entre o Grupo de Intervenção e o Grupo de Controle abaixo da mediana / média 2– <i>Manhã</i> (GI.2-M X GCb.2-M) No <i>Pré-Teste</i> :.....	84
Tabela 36 - Diferenças entre o Grupo de Intervenção e o Grupo de Controle abaixo da mediana / média 2– <i>Manhã</i> (GI.2-M X GCb.2-M) No <i>Pós-Teste</i> :.....	85
Tabela 37 - Diferenças entre o Grupo de Intervenção e o Grupo de Controle acima da mediana / média 2– <i>Manhã</i> (GI.2-M X GCa.2-M) No <i>Pré-Teste</i> :.....	86
Tabela 38 - Diferenças entre o Grupo de Intervenção e o Grupo de Controle acima da mediana / média 2– <i>Manhã</i> (GI.2-M X GCa.2-M) No <i>Pós-Teste</i> :.....	87

Tabela 39 - Diferenças entre o Grupo de Intervenção e o Grupo de Controle abaixo da mediana / média 2– <i>Tarde</i> (GI.2-T X GCb.2-T) No <i>Pré-Teste</i> :.....	88
Tabela 40- Diferenças entre o Grupo de Intervenção e o Grupo de Controle abaixo da mediana / média 2– <i>Tarde</i> (GI.2-T X GCb.2-T) No <i>Pós-Teste</i> :.....	89
Tabela 41 - Diferenças entre o Grupo de Intervenção e o Grupo de Controle acima da mediana / média 2– <i>Tarde</i> (GI.2-T X GCa.2-T) No <i>Pré-Teste</i> :.....	90
Tabela 42 - Diferenças entre o Grupo de Intervenção e o Grupo de Controle acima da mediana / média 2– <i>Tarde</i> (GI.2-T X GCa.2-T) No <i>Pós-Teste</i> :.....	91
Tabela 43 - Diferenças entre o Grupo de Intervenção Total (Manhã - Tarde) e o Grupo de Controle abaixo da mediana / média 2– <i>Total (Manhã e Tarde)</i> (GI.2 X GCb.2) No <i>Pré-Teste</i> :.....	92
Tabela 44 - Diferenças entre o Grupo de Intervenção Total e o Grupo de Controle abaixo da mediana / média 2– <i>Total</i> (GI.2 X GCb.2) No <i>Pós-Teste</i> :.....	93
Tabela 45 - Diferenças entre o Grupo de Intervenção Total e o Grupo de Controle acima da mediana / média 2– <i>Total</i> (GI.2 X GCa.2) No <i>Pré-Teste</i> :.....	94
Tabela 46 - Diferenças entre o Grupo de Intervenção Total e o Grupo de Controle acima da mediana / média 2– <i>Total</i> (GI.2 X GCa.2) No <i>Pós-Teste</i> :.....	95

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	25
1.1 Habilidades Metalingüísticas e Alfabetização:	26
1.2 Programas de Treinamento em Habilidades Metalingüísticas	33
1.3 Psicodrama, Realidade Suplementar e Alfabetização:	36
JUSTIFICATIVAS:.....	41
OBJETIVOS:.....	43
METODOLOGIA.....	45
Participantes:	45
Local:.....	48
Equipamentos e Instrumentos:	48
Procedimentos:	49
Análise de Dados.....	50
Aspectos Éticos	52
RESULTADOS	53
1. Análise quantitativa das avaliações pré e pós-intervenção na Prova de Consciência Fonológica e no Teste de Desempenho Escolar dos alunos do Grupo 1 (primeiro semestre), subgrupos GI.1;GCa.1 e GCb.1.	53
1.1 – Grupos 1 - Primeiro Semestre	53
1.1.1 – Análise comparativa entre o Pré-Teste e o Pós-Teste para os Grupos de Intervenção (GI.1) e os Grupos de Controle (GCa.1 e GCb.1)	53
1.1.2. Análise Estatística das diferenças entre os Grupos de Intervenção (GI.1) e os Grupos de Controle (GCa.1 e GCb.1)	62
1.2 – Grupos 2 - Segundo Semestre	74
1.2.1 – Análise comparativa entre o Pré-Teste e o Pós-Teste para os Grupos de Intervenção (GI.2) e os Grupos de Controle (GCa.2 e GCb.2)	74
1.2.2. Análise Estatística das diferenças entre os Grupos de Intervenção (GI.2) e os Grupos de Controle (GCa.2 e GCb.2)	84
2. Análise do processo grupal.....	96
2.1. Grupo 1 – manhã (1-M): descrição esquemática dos momentos grupais.....	97
2.2. Grupo 2– tarde (2-T): descrição esquemática dos momentos grupais.....	188

DISCUSSÃO	267
CONCLUSÃO	275
REFERÊNCIAS	276
ANEXO A – Termo de Consentimento (Aos professores).....	281
ANEXO B – Termo de Consentimento (Aos Pais)	283
ANEXO C – Descrições das Brincadeiras.....	285
ANEXO D - TDE - Teste de Desempenho Escolar	289
ANEXO E - Prova de Consciência Fonológica (Capovilla & Capovilla, 1998)	291
ANEXO F-Tabela resumo das atividades do Manual para desenvolver a consciência fonológica e ensinar as correspondências grafo-fonêmicas.....	295

INTRODUÇÃO

De acordo com Gombert (2003), desde uma idade muito precoce, a criança domina a linguagem sob a forma de compreensão e produção. Essas habilidades ocorrem de modo espontâneo, como parte de seu processo de desenvolvimento, e só mais tarde a criança será capaz de controlar conscientemente os tratamentos lingüísticos que realiza. A esta capacidade dá-se o nome de habilidade metalingüística e deve ser diferenciada da simples possibilidade de linguagem. Mas, como enfatiza o autor, isto não significa que os tratamentos lingüísticos que ela opera, não sejam controlados. Citando Karmiloff-Smith, o autor esclarece que todas as aquisições da criança comportam sempre "metaprocessos", presentes em todos os níveis do desenvolvimento e não apenas tardiamente. Isto permite distinguir "os metaprocessos precoces" dos metaprocessos tardios, que se tornam disponíveis para consciência e verbalizáveis. Partindo do princípio de que um caráter intencional se mostra inerente à atividade estritamente metalingüística, o autor propôs o termo "epilingüístico" para se designar aquelas habilidades semelhantes às metalingüísticas, mas que não são conscientemente controladas pela criança.

Ainda, segundo o mesmo autor, enquanto as habilidades epilingüísticas se instalam de forma espontânea durante o desenvolvimento lingüístico da criança, as habilidades metalingüísticas, no sentido acima citado, só ocorrem como resultados de aprendizagem explícita, freqüentemente de natureza escolar. Como veremos a seguir, a despeito da controvérsia sobre a relação de causalidade entre estas habilidades lingüísticas e aquisição de leitura e escrita, não há dúvida, entre os pesquisadores, de que estas habilidades ocorram no período da escolaridade da criança.

Para Gombert (2003), habilidades lingüísticas são não-conscientes e não-intencionais, e sua aprendizagem é natural, ao passo que as metalingüísticas são conscientes e intencionais, e sua aprendizagem requer instruções explícitas. Habilidades precursoras das metalingüísticas

podem ser observadas em crianças já a partir dos dois anos de idade, como em autocorreções durante a fala de crianças com dois ou três anos de idade. Tais precursoras ainda não são habilidades metalingüísticas, mas epilingüísticas, pois não estão sob controle intencional da criança. Ou seja, enquanto o comportamento metalingüístico está sob controle consciente, o epilingüístico ainda não está.

1.1 Habilidades Metalingüísticas e Alfabetização

O estudo do desenvolvimento das habilidades metalingüísticas tem-se revelado um tema muito relevante de pesquisa nos últimos anos por sua importante contribuição para a alfabetização. Isto pôde ser verificado na revisão da literatura realizada por Maluf, Zanella e Pagnez (2004), que tiveram como objetivo conhecer e analisar a bibliografia brasileira que trata de relações entre habilidades metalingüísticas e aquisição da linguagem escrita no período de 1987 a 2002. O levantamento abarcou dissertações e teses de programas de pós-graduação credenciados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; artigos de periódicos que constam de bases de dados, Banco de Dados LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde); SCIELO (Scientific Electronic Library Online); sítios das Bibliotecas da USP (DEDALUS) e da PUCSP/DERDIC (LUMEN), todos acessados em agosto de 2003, e livros. Como relatado pelas autoras, o resultado da análise mostrou a produção de 61 mestrados, 12 doutorados, 25 artigos, em periódicos indexados, e seis livros. Entre suas conclusões, as autoras destacam os seguintes pontos: 1) A análise das dissertações e das teses permitiu verificar que três são estudos teóricos e 69 são pesquisas de base empírica, sendo 57 com modelos experimentais e 12 incluem intervenção; para um estudo, não foi possível a identificação da metodologia. Quanto ao tema estudado, encontraram pesquisas que abordam as diferentes habilidades metalingüísticas, porém a maior

parte delas trata da consciência fonológica (habilidade metafonológica). 2) Foram encontrados 25 artigos publicados em periódicos indexados, sendo quatro de caráter teórico, sete relatos de pesquisas aplicadas com intervenção, 12 relatos de pesquisas aplicadas sem intervenção e dois trabalhos não foi possível definir a partir da leitura do resumo. Dentre os 25 artigos, 20 eram referentes à consciência fonológica. 3) No levantamento feito sobre livros publicados, encontraram seis livros escritos por brasileiros no período de 1987 a 2003. Encontraram também quatro traduzidos, que incluíram na análise, considerando a influência que vêm exercendo nas publicações brasileiras. Em seis trabalhos, são pesquisadas as relações existentes entre as habilidades metalingüísticas e a aquisição da linguagem escrita e, em quatro, são analisados os problemas na aquisição da linguagem escrita relacionados às habilidades metalingüísticas.

A seguir, nesta seção, serão apresentados os trabalhos mais ilustrativos que trataram da relação entre as habilidades metalingüísticas e a aquisição da linguagem escrita, na seção seguinte, serão amostrados aqueles que buscaram desenvolver forma de treinamento das referidas habilidades.

Barrera (1995) pesquisou a relação entre consciência fonológica (habilidade metafonológica) e aquisição da linguagem escrita, a partir de uma perspectiva psicogenética, buscando investigar alguns aspectos evolutivos relativos a esses conceitos, em especial a influência do realismo nominal no desenvolvimento da consciência fonológica. A autora conclui que os dados que dão suporte à hipótese de que as habilidades metafonológicas são importantes para a aquisição da escrita, são as correlações encontradas entre os níveis de consciência fonológica e de aquisição da linguagem escrita e, sobretudo, que alguns níveis de consciência fonológica (em particular os silábicos) parecem preceder a aquisição da escrita alfabética, sendo encontrados mesmo entre algumas crianças ainda não alfabetizadas.

Em estudo posterior, Barrera (2000) pesquisou a influência da variação lingüística e da consciência metalingüística na aquisição da linguagem escrita. A hipótese principal que norteou a pesquisa foi de que as habilidades metalingüísticas desempenhariam um papel facilitador na aquisição da linguagem escrita, enquanto a variação lingüística a dificultaria. Participaram da pesquisa 65 alunos da 1ª série de uma escola pública da periferia do município de São Paulo. Os instrumentos utilizados para a avaliação dos níveis de variação lingüística e consciência metalingüística foram construídos e aplicados pela pesquisadora no início do ano escolar. As provas para avaliar os níveis de aquisição da leitura e escrita foram elaboradas e aplicadas pela pesquisadora no início e final do ano letivo. Os resultados da análise estatística mostraram correlações positivas e bastante significativas dos níveis iniciais de consciência fonológica e sintática com o desempenho final nas provas de leitura e escrita. A consciência lexical mostrou-se significativamente correlacionada apenas com o nível de leitura obtido no final do ano. Os níveis de variação lingüística tenderam a correlacionar-se negativamente com os desempenhos em leitura e escrita, porém apenas a correlação com os resultados final em leitura foi significativa. Foi possível concluir que os alunos que apresentaram melhor desempenho em leitura e escrita no final do ano foram aqueles que iniciaram o processo de alfabetização com níveis mais avançados de habilidades metalingüísticas e níveis mais baixos de variação lingüística.

Morais (1997) teve como objetivo investigar as dificuldades que as crianças apresentavam para aprender a lerem ou mesmo para desenvolverem a leitura. Os sujeitos destas pesquisas foram 36 crianças de ambos os sexos, não repetentes, que estavam cursando a 3ª série do 1º grau, de escolas públicas e particulares. Esta amostra de crianças foi dividida em dois grupos, sendo um grupo composto por 18 crianças (04 meninas e 14 meninos) que apresentavam dificuldades de leitura (leitores não-proficientes) e outro composto por 18 crianças (12 meninas e 6 meninos) que não apresentavam dificuldades de leitura (leitores

proficientes). Todos os sujeitos que participaram desta pesquisa, foram submetidos a testes de desenvolvimento intelectual, de memória auditiva imediata, de consciência fonológica e de leitura. Neste trabalho, também ficou evidente que existe uma forte correlação entre leitura e a consciência fonológica.

Guimarães (2001) teve como objetivo central investigar a relação entre o nível das habilidades metalingüísticas (consciência fonológica e consciência sintática) dos sujeitos e o seu desempenho na leitura e na escrita de palavras isoladas. Participaram da pesquisa três grupos de sujeitos que freqüentam escolas públicas no município de Curitiba: 20 crianças com dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita, cursando 3ª e 4ª séries (grupo 1); 20 crianças da 1ª série, com o mesmo nível de leitura e escrita dos sujeitos do grupo 1 (grupo 2), e 20 crianças de 3ª e 4ª séries, com a mesma idade cronológica dos sujeitos do grupo 1 (grupo 3). A pesquisa foi baseada em cinco tipos de provas experimentais: leitura e escrita de palavras reais e inventadas, tarefas de avaliação da consciência fonológica, tarefas de avaliação da consciência sintática, tarefa de facilitação contextual na leitura e medidas de controle. Foi verificado que todos os sujeitos, incluindo os do grupo 1, tinham desenvolvido a compreensão do princípio alfabético e que os procedimentos adotados para a leitura e a escrita de palavras isoladas não diferiam entre os grupos. Esperava-se que o grupo 1 apresentasse escores inferiores nas tarefas que avaliavam a consciência fonológica e a consciência sintática, quando comparado com os outros grupos. Esta hipótese foi confirmada apenas para os escores em consciência fonológica: embora os sujeitos do grupo 1 não tenham se mostrado totalmente incapazes de realizar análises fonológicas, eles tiveram mais dificuldades na análise de palavras com sílabas complexas. Em relação à consciência sintática, não foi observada diferença significativa entre os grupos 1 e 2, que tiveram um desempenho inferior ao grupo 3, mostrando que o aumento nos escores em consciência sintática está relacionado com a maior experiência em leitura e escrita. Os resultados desta pesquisa corroboram os de

outros estudos, mostrando que as dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita estão relacionados predominantemente com problemas na mediação fonológica.

Souza (2001) objetivou avaliar o desempenho da consciência fonológica em pré-escolares, freqüentando escola construtivista. Uma amostra, composta por 31 sujeitos com idade entre 4 e 6 anos, de ambos os sexos, alunos de uma escola de ensino privado da cidade de São Vicente, Estado de São Paulo, foi avaliada em termos de consciência fonológica, a partir da aplicação individual de dois testes, previamente selecionados, a saber: "Perfil de Habilidades Fonológicas" (T1) e "Consciência Fonológica" (T2). Os dados quantitativos obtidos mostraram que as crianças testadas podem desenvolver, com a prontidão necessária, o aprendizado da leitura e da escrita, em virtude do desempenho apresentado nos resultados dos dois testes aplicados. Os resultados apontaram também para a existência de diferentes níveis de Consciência Fonológica, envolvendo diferentes graus de complexidade. Alguns destes níveis, provavelmente, precedem a aquisição da linguagem escrita, o que sugere a importância da realização de atividades pedagógicas voltadas para o desenvolvimento da Consciência Fonológica em pré-escolares.

Pesquisando as habilidades metalingüísticas para além de seus diferentes tipos, preferindo a eles o conceito de conhecimento metacognitivo, Paula (2001) investigou como crianças de 3ª série do ensino público, destacadas por dificuldades na aquisição da leitura, relatam como percebem, organizam e avaliam sua atividade cognitiva em situações de leitura. Participaram 40 crianças distribuídas em dois grupos com baixo (G1) e alto (G2) desempenho, como referência para a comparação de resultados, em uma tarefa padronizada de leitura e escrita, aplicada em 80 crianças. O relato de conhecimento metacognitivo sobre leitura foi obtido pela aplicação individual de um roteiro de entrevista. Este foi analisado a partir da freqüência de respostas apresentadas por grupo, nas diferentes categorias. Para analisar relações entre conhecimento metacognitivo e nível de desempenho, aplicou-se

individualmente uma tarefa de leitura de livro. Nos resultados, evidencia-se no G2 maior domínio de conhecimentos metacognitivos relativo às dimensões mais complexas da leitura, com maior referência a conhecimentos sobre nível ortográfico, estrutura textual, estratégias e generalização destes para outras disciplinas, enquanto no G1 destacam-se conhecimentos principalmente relacionados ao nível da palavra. Na tarefa de leitura, o G2 apresentou desempenho significativamente superior, sobretudo em relação ao tempo e à taxa de erro. Comparando os resultados dos dois instrumentos, concluiu-se que há uma relação entre o plano do conhecimento declarado pela criança sobre seu funcionamento cognitivo e seu desempenho efetivo no plano da ação em tarefa de leitura.

A despeito dos estudos acima citados e tantos outros da literatura internacional comprovarem a alta correlação entre as habilidades metalingüísticas e a aprendizagem da leitura e escrita, tal como enfatiza Barrera (2003), há uma controvérsia na literatura a respeito de uma possível relação de causalidade entre estes dois fenômenos. Pois, se de um lado, não parece caber dúvidas de que a habilidade em analisar e manipular as unidades lingüísticas de forma consciente e deliberada, pode ser considerada como resultando, em sua maior parte, do processo de escolarização. Por outro lado, os estudos também deixam evidente que certo nível de consciência metalingüística parece ser necessário para a ocorrência do próprio processo de alfabetização. A autora defende como abordagem teórica mais aceita atualmente uma perspectiva "interativa" que sustenta a existência de uma influência mútua entre ambos os fenômenos. Em apoio à concepção de que habilidades metalingüísticas possam anteceder a escolarização, é mencionada a formulação de habilidades "epilingüísticas" apresentada por Gombert (2003) e citada no início desta introdução, respeitada toda a diferenciação que ali se estabelece.

Segundo o modelo dupla-rota ou de múltiplas rotas, proposto por Ellis (1995), tal como exposto por Salles (2005), a leitura se processa em dois níveis: lexical (rota lexical) e

fonológico (rota fonológica). Ambas as rotas de leitura iniciam com o sistema de análise visual, que tem as funções de identificar as letras do alfabeto, a posição de cada letra na palavra, e agrupá-la.

A Rota Fonológica utiliza o processo de conversão grafema-fonema, envolvendo a procura de pronúncias para palavras não-familiares e pseudopalavras de uma forma serial, traduzindo letras ou grupos de letras em fonemas, através da aplicação de regras. A leitura por Rota visual ou direta ou léxica é uma rota global e muito rápida, já que nos permite o reconhecimento global da palavra e sua pronúncia imediata sem necessidade de analisar os signos (significante e significado) que a compõem.

Figura 1: Alguns processos envolvidos na leitura de palavras e pseudopalavras (adaptado de Ellis, 1995, por Salles, 2005. p. 184). A linha pontilhada representa a rota fonológica, e a linha contínua, a rota léxica.

Partindo-se da importância das habilidades metalingüísticas para o processo de aprendizagem de leitura e escrita, apresentaremos a seguir os estudos mais relevantes na

proposição de programas de treinamento destas habilidades, com destaque para aquele que servirá de modelo para a presente pesquisa, como se detalhará posteriormente.

1.2 Programas de Treinamento em Habilidades Metalingüísticas

Capovilla (1999) realizou quatro estudos sobre a aquisição da linguagem escrita: No estudo 1, um programa de intervenção com treino de Consciência Fonológica (CF) e correspondências grafo-fonêmicas foi desenvolvido e aplicado com crianças de nível socioeconômico médio. Com base nos desempenhos na Prova de Consciência Fonológica (PCF), as crianças de cada nível escolar (Pré 1 a 2ª Série) foram divididas em três grupos: Controle com desempenho abaixo da média (GCb), Experimental abaixo da média (GEb) e Controle acima da média (GCa). Foi conduzida a intervenção com os GEbs, com 18 sessões para cada grupo. Os GEbs apresentaram ganhos em tarefas de CF para Pré 2 a 2ª Série, e em Leitura em Voz Alta e Escrita sob Ditado de itens isolados para Pré 3, sendo que seus desempenhos se tornaram superiores aos do GCb e/ou semelhantes aos do GCa. O treino de CF auxiliou a aquisição de leitura e escrita e houve correlação entre CF e habilidades de processamento fonológico, como as de acessar informação na memória de longo prazo e de estocá-la na memória de trabalho. No estudo 2, avaliações dez meses depois demonstraram a permanência de ganhos em consciência fonológica. No Estudo 3, o procedimento do Estudo 1 foi replicado em 27 sessões com crianças de 1ª Série com nível socioeconômico baixo, utilizando o mesmo planejamento experimental na composição dos grupos. O GEb apresentou ganhos em CF, Leitura, Ditado e Conhecimento de Letras. Os ganhos foram ainda mais expressivos que no Estudo 1. No Estudo 4, avaliações cinco meses depois demonstraram a permanência dos ganhos em consciência fonológica, leitura e escrita. Este estudo corrobora a importância da

rota fonológica nos estágios iniciais da alfabetização e demonstra que o fornecimento de instruções fônicas explícitas às crianças facilita a aquisição de leitura e escrita.

Silveira (2001) abordou alguns dos aspectos relacionados à aquisição de leitura e escrita em crianças, a partir do referencial teórico da abordagem de processamento de informação da psicologia cognitiva. Foram abordadas as habilidades necessárias para o sucesso na alfabetização e, como estudos em todo o mundo, buscaram desenvolver tais habilidades em crianças, de modo a prevenir e intervir em problemas de leitura e escrita. O objetivo principal da pesquisa foi capacitar os professores para o uso efetivo de instruções fônicas em suas práticas escolares. Para tanto, no Estudo 1, foi elaborado um manual com atividades para o desenvolvimento da consciência fonológica e o ensino das correspondências grafo-fonêmicas. No Estudo 2, este manual foi introduzido em escolas de Ensino Fundamental e foram analisados os desempenhos de crianças que participavam de diferentes programas de alfabetização. O objetivo foi verificar os possíveis ganhos nos desempenhos das crianças expostas a atividades de consciência fonológica e de ensino das correspondências grafo-fonêmicas, quando comparadas a crianças cujas atividades eram principalmente baseadas em textos. Os resultados mostraram que as classes expostas às instruções fônicas tiveram desempenhos superiores àsquelas que dedicavam pouco tempo a tais instruções. Análises comparativas mostraram que, quanto maior o tempo dedicado ao ensino de sons das letras, tanto melhores os desempenhos em testes de leitura. Finalmente, o Estudo 3 investigou as relações entre consciência fonológica, leitura e escrita numa mulher disártica com paralisia cerebral que não possui a experiência de articulação dos fonemas. Os resultados mostraram que, também neste sujeito, a consciência fonológica está relacionada à aquisição da linguagem escrita, e que procedimentos para desenvolver consciência fonológica e ensinar correspondências grafo-fonêmicas podem melhorar os desempenhos em leitura e escrita.

Santos e Maluf (2004) desenvolveram pesquisa, de tipo experimental, na qual elaboraram e aplicaram, em 3 diferentes condições, um programa de intervenção para desenvolver consciência fonológica. Os objetivos foram (1) avaliar a eficácia do programa elaborado para desenvolver a consciência fonológica; (2) avaliar diferentes procedimentos de aplicação do programa. Participaram como sujeitos 90 crianças de cinco a seis anos que freqüentavam classes de alfabetização em 3 pré-escolas municipais do interior do Estado de São Paulo. Na escola 1, foi escolhida uma classe, regida por uma professora, cujos alunos foram distribuídos para formar o GE e o GC, correspondendo à condição 1; nesta condição, o programa de intervenção foi aplicado pela coordenadora da escola. Na escola 2, foram escolhidas duas classes (uma do período matutino e outro do vespertino) regidas pela mesma professora, sendo que uma classe constituiu o GE e outra o GC, correspondendo à condição 2; nesta condição, o programa de intervenção foi aplicado pela pesquisadora. Na escola 3, foram escolhidas duas classes regidas por professoras diferentes, sendo que uma classe constituiu o GE e outra o GC, correspondendo à condição 3; nesta condição, o programa de intervenção foi aplicado pela professora regente da sala. Segundo as autoras, os resultados confirmaram achados de investigações anteriores: (1) as habilidades metafonológicas podem ser desenvolvidas através de programas de intervenção e têm um importante papel facilitador no início do processo de aquisição da linguagem escrita alfabética. Os resultados apontam para uma interação entre a consciência fonológica e a aquisição da escrita, sugerindo que o reconhecimento por parte da criança, de que a fala é segmentada em palavras e que estas podem ser segmentadas em unidades menores, é um elemento facilitador da alfabetização; (2) as diferenças que caracterizaram as 3 condições de aplicação do programa de intervenção em consciência fonológica não influenciaram nos resultados, ou seja, as atividades metafonológicas podem ser implementadas não apenas pela professora, mas também por auxiliares, estagiários e outros profissionais da escola envolvidos com o processo pedagógico.

Encontra-se ainda na literatura grande número de outros estudos com os mesmos objetivos que os acima citados (Bradley & Bryant, 1983; Lundberg, Frost & Peterson, 1988; Torgesen, & Davis, 1996, Cardoso-Martins, 2001). No entanto, os três que citamos acima, além de terem sido desenvolvidos em nosso País, justificam-se por serem os dois primeiros que se desenvolveram em um mesmo grupo de pesquisa, por nos permitirem um modelo de tarefas a serem desenvolvidas com os alunos, para os quais elaboraram e testaram um manual prático. Por sua vez, o terceiro estudo destaca-se pela ênfase dada aos aspectos lúdicos, também presentes nos dois anteriores, mas não com a mesma evidência.

1.3 Psicodrama, Realidade Suplementar e Alfabetização

Realidade Suplementar (“surplus reality”) foi pensada por Moreno (1992) para explicar o efeito terapêutico do Psicodrama. Neste sentido, diferenciou três tipos de realidade: infra-realidade (“infra-reality”), realidade atual e realidade suplementar. A primeira delas foi referida como aquela que caracteriza o consultório do psicanalista que, do ponto de vista da psicoterapia pensada por Moreno, se constitui numa espécie de “realidade reduzida” ou “infra-realidade”. O contato entre o psicanalista e seu paciente não se constitui num diálogo genuíno, mas numa entrevista, uma situação de investigação, tal como na aplicação de uma técnica projetiva. Tudo que ocorre ao paciente, como, por exemplo, uma idéia suicida, não pode ser atualizada ou “atuada” diretamente, mas deve permanecer no nível da imaginação, do pensamento, do sentimento, etc. Em certo sentido, esta realidade é a mesma de outras abordagens psicoterapêuticas ou de uma entrevista psicológica.

O segundo tipo de realidade, a Atual, refere-se àquela da vida mesma, da vida cotidiana, em seus vários contextos sociais. A forma como esta vida ocorre, muitas vezes, revela grandes dificuldades e problemas, para cujas soluções seriam necessárias mudanças

nesta realidade atual. Todavia, efetuar estas mudanças pode significar problemas ainda maiores, comprometer ainda mais as relações que se queria melhorar. São os conflitos daí resultantes que servem de motivação para a busca pelos psicoterapeutas, na maioria das vezes.

A Realidade Suplementar (*surplus reality*) foi cunhada por Moreno (1992) sob a influência do conceito de mais-valia (“*surplus value*”), utilizado por Marx, em *O Capital*, para se referir ao valor do sobretrabalho, que o capitalista se apropria a partir do trabalho do operário. Moreno lembra que, entretanto, “suplementar” (“*surplus*”) não tem o mesmo significado em psicoterapia. Neste contexto:

“Realidad suplementaria es sólo un término análogo; en nuestro caso significa que existen ciertas dimensiones invisibles en la realidad de la vida, no expresadas ni experimentadas por completo, por lo cual debemos usar operaciones o instrumentos suplementarios para llegar a descubrirlas dentro de nuestros marcos terapéuticos” (Moreno, 1995, p. 25).

Como acrescenta Zerka Moreno (Moreno, Blonkvist e Rützel, 2001), a realidade suplementar surge do Psicodrama a partir da proposta de atuação no palco que, constituindo-se num contexto de “como se”, de faz-de-conta, permite aos pacientes atualizações e “atuações” terapêuticas, sem os custos, problemas e dificuldades que realizam na realidade atual da vida cotidiana, acresceriam. Segundo Zerka, o palco moreniano sempre comportou três níveis, um principal concêntrico e dois outros ao redor dele. O primeiro nível é o da realidade atual, o segundo é o da entrevista ou “aquecimento” do protagonista e o terceiro, o da ação, e onde a realidade suplementar se manifesta.

Toda a história do uso do palco no Psicodrama pode ser resumida no uso da Realidade Suplementar. Neste sentido, Romaña (1987, 1992 e 1996) vem-se destacando pela defesa do palco psicodramático e, portanto, da realidade suplementar, como recurso pedagógico. O seu Método Educacional Psicodramático, também conhecido como Psicodrama Pedagógico, já se tornou popular em nosso meio.

Na presente pesquisa, pretendeu-se adaptar as diferentes tarefas apresentadas aos alunos pelo “Manual para Desenvolver a Consciência Fonológica e Ensinar as Correspondências Grafo-Fonêmicas” (Silveira, 2001) a um contexto de Realidade Suplementar, recorrendo para tanto aos três tipos de dramatizações propostos por Romãa (1987; 1992 e 1996). Daí, a proposta de se utilizaram as estratégias do Psicodrama Pedagógico, envolvendo os três tipos de dramatizações: dramatização real, dramatização simbólica e dramatização no plano da fantasia. De forma didática, a autora propõe o “Esquema Metodológico Psicodramático” que se compõe de três passos.

O primeiro passo é denominado pela autora de “*Aproximação intuitiva ou afetiva*”, no qual a dramatização é real e está ligada à experiência e aos dados de referência. É o momento do Espaço do Conhecimento. A cena produzida na dramatização pode ocorrer em duas ou três dimensões. O trabalho cognitivo é analítico.

O segundo passo é denominado de “*Aproximação racional ou conceitual*”, no qual a dramatização é simbólica. É o momento do Tempo do Conhecimento. Nele surgem as implicações do conhecimento que permitem a elaboração do conceito. O trabalho cognitivo é sintético.

O terceiro passo é denominado de “*Aproximação funcional*”, no qual a dramatização dá-se no nível da fantasia. É o momento da Integração do conhecimento. A autora identifica três características mais importantes: a) o relacionamento com o conhecimento é mais espontâneo; b) criam-se novos esquemas e circuitos de idéias; c) produzem-se associações à procura de outros conhecimentos. O trabalho cognitivo é de generalização.

A partir deste “Esquema Metodológico Psicodramático”, proposto por Romana (1987), desenvolveu-se o Ambiente de Realidade Suplementar da presente pesquisa. Nele, após um primeiro momento de brincadeiras livres, cujo objetivo era de Aquecimento e Integração do grupo, passava-se às atividades que pretendiam criar dramatizações nos três

níveis propostos pela autora. Lembrando que a Realidade Suplementar está sendo entendida, aqui, como dramatização. Desta forma, a “*Aproximação intuitiva ou afetiva*” consistia na dramatização de relatos de acontecimentos cotidianos que eram trazidos pelos próprios alunos, tais como: um final de semana, uma festa na escola, um acontecimento familiar, o nascimento de um irmão, um passeio e assim por diante. Após os relatos, era proposto montar a sua dramatização, na qual os alunos escolhiam livremente suas personagens e quem iniciaria falando na história. Depois de tudo organizado, começavam a dramatizar, trazendo suas vivências para o contexto da história.

O segundo passo, “*Aproximação racional ou conceitual*”, era realizado na forma de identificação e destaque de um princípio metacognitivo que o manual para desenvolver a consciência fonológica e ensinar as correspondências grafo-fonêmicas indicava; no caso, a primeira era “rima”, assim a dramatização ocorria a partir desse aspecto cognitivo. Os alunos dramatizavam a história novamente, rimando suas falas.

O terceiro passo, “*Aproximação funcional*”, consistia em generalizar e criar novas aplicações do princípio metacognitivo da rima, criando novas atividades, novos esquemas, circuitos de idéias, produzindo, assim, associações de outros conhecimentos.

JUSTIFICATIVAS

Na presente pesquisa, pretende-se avaliar a eficácia do programa de treinamento de habilidades metafonológicas desenvolvido por Silveira (2001), adaptado ao ambiente da Realidade Suplementar, tal como recomendado pelo Psicodrama Pedagógico de Romaña (1987, 1992 e 1996). Assim sendo, o lúdico na aprendizagem tem relevante importância para muitos autores e, segundo Vygotsky (1988), indica a relevância de brinquedos e brincadeiras como indispensáveis para a criação da situação imaginária. Revela que o imaginário só se desenvolve quando se dispõe de experiências que se reorganizam. A riqueza dos contos, as lendas e o acervo de brincadeiras constituirão o banco de dados de imagens culturais utilizados nas situações interativas. Dispor de tais imagens é fundamental para instrumentalizar a criança para a construção do conhecimento e sua socialização. Ao brincar, a criança movimenta-se em busca de parceria e na exploração de objetos; comunica-se com seus pares; expressa-se através de múltiplas linguagens; descobre regras e toma decisões.

É também objetivo desta pesquisa contribuir para a introdução do lúdico na busca de estratégias de enfrentamento do complexo fenômeno do fracasso escolar, que tem sido um dos temas mais estudados e discutidos em Psicologia Educacional. Em sua formulação inicial, é entendido como conceito que resulta da consideração do insucesso, na forma de reprovação, evasão ou dificuldade de aprendizagem, como resultado de fatores intra-institucionais, mais que deficiências do aluno. No entanto, é consenso que o fracasso escolar, uma vez instaurado, demandará o apelo a novas estratégias que levem o aluno a superar os problemas de aprendizagem, e entre estas novas estratégias, podem-se incluir as habilidades metalingüísticas e as atividades lúdicas.

Com base nas inquietações acima, optou-se por realizar a pesquisa com alunos das Classes de Recuperação de Ciclos de Escolas Estaduais do município de Ribeirão Preto. Essas

classes, formadas após a quarta série do Ensino Fundamental, têm por finalidade a recuperação daqueles alunos que, apesar de terem progredido de forma automática, como recomenda a nova legislação, não conseguiram completar de forma satisfatória o aprendizado da leitura e da escrita, previsto nas séries iniciais. O fato de serem alunos que já passaram por processo de escolarização, faria supor que já dispusessem de tais habilidades; no entanto, pela condição de alunos com dificuldades de alfabetização, isto não é uma garantia. De qualquer modo, o programa que se estará utilizando, revelará sua eficiência em promover tais habilidades nestes alunos. Como formas de controle sobre esta situação de incerteza na composição do Grupo Experimental, serão utilizados o Teste de Desempenho Escolar, padronizado e aplicado de forma independente das avaliações de sala de aula, e a Prova de Consciência Fonológica, desenvolvida por Capovilla (1999).

Com o sucesso na obtenção de resultados, surgiu a possibilidade de desenvolver as habilidades metafonológicas através do ambiente de aprendizagem suplementar a ser testado, que trará contribuições significativas e relevantes para o trabalho com os alunos que continuam vítimas do nosso crônico problemas de fracasso nas séries iniciais da escolaridade, a despeito de todas as inovações legais que nossos governantes têm se esforçado por promover.

OBJETIVOS

GERAL:

Avaliar a eficácia de um programa de desenvolvimento de habilidades metafonológicas no ambiente de aprendizagem referido como Realidade Suplementar com grupos de alunos das Classes de Recuperação de Ciclo da Rede Estadual de Ensino do Município de Ribeirão Preto.

ESPECÍFICOS:

1. Avaliar a eficácia do programa de desenvolvimento das habilidades metafonológicas, desenvolvido por Silveira (2001), em alunos de Classe de Recuperação de Ciclo quando adaptado ao ambiente de aprendizagem referido como Realidade Suplementar.
2. Contribuir para o desenvolvimento de novas estratégias para tornar o ensino nas séries fundamentais mais lúdico e criativo.

METODOLOGIA

Participantes

A amostra compôs-se de quatro Grupos de Controle (sendo GCa.1 e GCb.1, no 1º semestre; e GCa.2 e GCb.2, no 2º semestre), e dois Grupos de Intervenção (GI.1, no 1º semestre e GI.2, no 2º semestre). Para se identificar os alunos que comporiam os grupos, foram utilizados o Teste de Desempenho Escolar (Stein, 1994) e a Prova de Consciência Fonológica (Capovilla & Capovilla, 2000), que foram aplicados a todos os alunos. Após a determinação da média e da mediana dos resultados compostos nos dois testes, foi separada a metade dos alunos que obtiveram resultados maiores que a média e/ou mediana como sendo os componentes do GCa. A outra metade dos alunos, com rendimento inferior à média e/ou mediana, foi dividida em dois subgrupos: um quarto dos alunos da classe para o GCb, que não participaram da intervenção, e o outro quarto para o GI, ou seja, dos alunos que participaram da intervenção. Assim, a amostra total foi de 61 alunos, distribuídos assim: 27 alunos para os GCas (GCa.1 - 14 alunos e GCa.2 - 13 alunos); 18 alunos para os GCbs (GCb.1 - 08 alunos e GCb.2 - 10 alunos); 16 alunos para os GIs (GI.1 - 07 alunos e GI.2 - 09 alunos), como mostra a Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 - Divisão da Amostra

Grupo 1 Manhã 1º semestre Escola A	GCa.1-M: 06 alunos (Grupo de Controle acima da média e/ou mediana).	Grupo 2 Manhã 2º Semestre Escola B	GCa.2-M: 07 alunos (Grupo de Controle acima da média e/ou mediana).
	Gcb.1-M: 03 alunos (Grupo de Controle de alunos com desempenho abaixo da média e/ou mediana).		Gcb.2-M: 05 alunos (Grupo de Controle de alunos com desempenho abaixo da média e/ou mediana)
	GI.1-M: 03 alunos (Grupo de Intervenção em ambiente de RS)		GI-2M: 04 alunos (Grupo de Intervenção em ambiente de RS.
TOTAL	12 alunos		16 alunos
Grupo 1 Tarde 1º Semestre Escola B	GCa.1-T: 08 alunos (Grupo de Controle de alunos com desempenho acima da média e/ou mediana).	Grupo 2 Tarde 2º Semestre Escola C	GCa.2-T: 06 alunos (Grupo de Controle de alunos com desempenho acima da média e/ou mediana).
	Gcb.1-T: 05 alunos (Grupo de Controle de alunos com desempenho abaixo da média e/ou mediana).		Gcb.2-T: 05 alunos (Grupo de Controle de alunos com desempenho abaixo da média e/ou mediana)
	GI.1-T: 04 alunos (Grupo de Intervenção em ambiente de RS.		GI.2-T: 05 alunos (Grupo de Intervenção em ambiente de RS.
TOTAL	17 Alunos		16 Alunos
TOTAL GERAL	29 Alunos		32 Alunos
TOTAL FINAL		61 Alunos	

Sendo assim, identificados os alunos que compõem os grupos, através da determinação da média e da mediana dos resultados compostos nos dois testes aplicados, com a composição dos grupos, iniciamos a intervenção com os GI-1(M e T), que se desenvolveu durante todo o primeiro semestre. No segundo semestre, a intervenção ocorreu com os GI-2 (M e T).

Participaram, portanto, deste estudo 61 crianças de 4ª série de recuperação de ciclo, de escolas estaduais da cidade de Ribeirão Preto. A Tabela 2, a seguir, sumariza a distribuição das crianças por escola, sexo e idade.

Tabela 2. Distribuição de frequência e sexo das crianças em cada classe.

Nível Escolar	Meninas/idade	Meninos/idade	Total
4ª série (Escola A) – manhã – 1º semestre	06 (10 a 11 anos)	06 (10 a 11 anos)	12
4ª série (Escola B) – tarde - 1º semestre	08 (10 a 11 anos)	09 (10 a 11 anos)	17
4ª série (Escola B) – manhã – 2º semestre	05 (11anos)	11 (10 a 11 anos)	16
4ª série (Escola C) – tarde – 2º semestre	05 (10 a 11 anos)	11 (10 a 11 anos)	16
	24	37	61

A coleta de dados foi iniciada no mês de fevereiro, com a aplicação da PCF (Prova de Consciência Fonológica) e do TDE (Teste de Desempenho Escolar). Assim sendo, identificados os alunos que comporiam os grupos, através da determinação da média e da mediana dos resultados compostos nos dois testes aplicados, foram compostos os grupos e iniciamos a intervenção com os GI -1 em cada uma das escolas. Foram realizadas três sessões semanais em cada escola, de uma hora a uma hora e meia cada uma. Ao final do semestre, após o término da intervenção da Realidade Suplementar, foi conduzida a fase de avaliação aplicando a PCF (Prova de Consciência Fonológica) e o TDE (Teste de desempenho Escolar).

Tabela 3. Identificação dos alunos do Grupo 1 (cujo subgrupo GI ocorreu no primeiro semestre de 2006) e que participaram do pré-teste em fevereiro, incluindo os alunos dos três subgrupos (GI (em negrito), GCa e GCb).

Grupo 1-M: Escola A – Manhã			Grupo 1-T: Escola B – Tarde		
Identificação dos alunos	Data de nascimento	Idade/mês	Identificação dos alunos	Data de nascimento	Idade/mês
1- M. 01	13-12-1996	9a – 2meses	1- T. 01	9-11-1995	10a – 3meses
1- M. 02	7-11-1994	11a – 3meses	1- T. 02	12-11-1994	11a – 3meses
1- M. 03	27-9-1994	11a – 4meses	1- T. 03	6-7-1995	10a – 7meses
1- M. 04	29-7-1994	11a – 6meses	1- T. 04	14-3-1995	10a – 11meses
1- M. 05	1º-4-1995	10a – 10meses	1- T. 05	2-7-1995	10a – 7meses
1- M. 06	7-10-1994	11a – 4meses	1- T. 06	2-6-1995	10a – 8meses
1- M. 07	19-6-1995	10a – 8meses	1- T. 07	11-7-1995	10a – 7meses
1- M. 08	18-3-1995	10a – 11meses	1- T. 08	17-4-1995	10a – 10meses
1- M. 09	26-6-1995	10a – 3meses	1- T. 09	8-7-1995	10a – 7meses
1- M. 10	16-10-1995	10a – 4meses	1- T. 10*	08-04-1993	12a – 10meses
1- M. 11	6-10-1996	9a – 4meses	1- T. 11	19-3-1995	10a – 11meses
1- M. 12	21-7-1994	11a – 6meses	1- T. 12	20-12-1993	12a – 2meses
			1- T. 13	1º-4-1995	10a – 10meses
			1- T. 14*	3-11-1994	11a – 3meses
			1- T. 15	13-7-1995	10a – 7meses
			1- T. 16	15-06-1995	10a - 6meses
			1- T. 17	17-8-1995	10a – 6meses
			1- T. 18	15-6-1995	10a – 8meses
			1- T. 19	27-8-1995	10a – 6meses

* : estes alunos, por motivos diversos, não puderam participar do pós-teste, realizado em junho, por este motivo não foram incluído nos grupos submetidos às análises estatísticas, ainda que se tenha preservado sua participação no grupo de intervenção.

Tabela 4. Identificação dos alunos do Grupo 2 (cujo GI ocorreu no segundo semestre de 2006) que participaram do pré-teste, em fevereiro, incluindo os alunos dos três subgrupos (GI (em negrito), GCa e GCb).

Grupo 2-M: Escola B - Manhã			Grupo 2-T: Escola C - Tarde.		
Identificação dos alunos	Data de nascimento	Idade/mês	Identificação dos alunos	Data de nascimento	Idade/mês
2- M. 01	1º-12-1994	11a – 2 meses	2- T. 01	28-4-1994	11a – 9 meses
2- M. 02	15-9-1994	11a – 5 meses	2- T. 02	10-2-1995	11a
2- M. 03	31-11-1994	11a – 37 meses	2- T. 03	15-4-1994	11a – 10 meses
2- M. 04	25-7-1995	10a – 7 meses	2- T. 04	25-1-1995	11a – 1 meses
2- M. 05	7-2-1995	11a	2- T. 05	19-7-1995	10a – 7 meses
2- M. 06	24-2-1994	12a	2- T. 06*	19-4-1994	11a – 10 meses
2- M. 07	7-8-1995	11a – 6 meses	2- T. 07	15-10-1994	11a – 4 meses
2- M. 08	12-6-1995	11a – 8 meses	2- T. 08	26-6-1995	10a – 8 meses
2- M. 09*	5-6-1994	11a – 8 meses	2- T. 09	20-9-1993	12a – 6 meses
2- M. 10	18-10-1995	11a – 4 meses	2- T. 10	15-6-1995	10a – 8 meses
2- M. 11	6-11-1994	11a – 3 meses	2- T. 11	2-7-1995	10a – 9 meses
2- M. 12	25-2-1995	11a	2- T. 12	10-8-1994	11a – 6 meses
2- M. 13	14-2-1995	11a	2- T. 13	13-6-1995	11a – 8 meses
2- M. 14	28-8-1994	11a – 6 meses	2- T. 14	18-8-1994	11a – 6 meses
2- M. 15	28-8-1995	10a – 6 meses	2- T. 15	1-5-1995	10a – 9 meses
2- M. 16	8-1-1995	11a – 1 meses	2- T. 16	27-10-1994	11a – 4 meses
2- M. 17	19-9-1994	11a – 5 meses	2- T. 17	9-1-1995	11a – 1 meses

* : estes alunos, por motivos diversos, não puderam participar do pós-teste, realizado em dezembro, por este motivo não foram incluído nos grupos submetidos às análises estatísticas, ainda que se tenha preservado sua participação no grupo de intervenção.

Local

As avaliações anteriores e posteriores à Intervenção foram realizadas nas próprias salas de aulas das escolas cujas Classes de Recuperação de Ciclo aderiram ao projeto, enquanto a Intervenção, em grupos de até cinco alunos, foi desenvolvida em uma sala apropriada designada pela escola no seu interior.

Equipamentos e Instrumentos

Para a realização deste projeto, serão utilizados os seguintes instrumentos:

- “Teste de Desempenho Escolar” – TDE (Stein, 1994);

- “Prova de Consciência Fonológica” (Capovilla & Capovilla, 2000, Apêndice 1, p.233-236)
- “Manual para Desenvolver a Consciência Fonológica e Ensinar as Correspondências Grafo-Fonêmicas” (Silveira, 2001, Apêndice 4, p.: 105-166). As atividades descritas são: Introdução de letras (introdução das vogais A, E, I, O, U e introdução das consoantes), Rimas e Aliterações, Consciência de Palavras, Consciência Silábica, Síntese, Adição e Subtração de Letras, Identidade Fonêmica.

E os seguintes equipamentos e materiais:

- Para o registro das atividades grupais: um gravador, fitas K7 e folhas pautadas para o diário de campo;
- Para transcrições das gravações: um microcomputador e material de consumo informática.

Procedimentos

Com a finalidade de avaliar a eficácia no Ambiente de aprendizagem “Realidade Suplementar” no treinamento das habilidades metalingüísticas, foram realizadas investigações com 16 alunos de classes de recuperação de ciclo, que se constituem nos dois Grupos de Intervenção (GI-1 (primeiro semestre): 7 alunos e GI-2 (segundo semestre): 9 alunos). Estes alunos tiveram suas habilidades metafonológicas avaliadas no início e no término do primeiro semestre letivo e também no término do segundo. Para verificar a significância das diferenças encontradas nestas três avaliações, foram avaliados também outros 45 alunos que não receberam o treinamento em habilidades metafonológicas, que se constituíram, portanto, nos Grupos de Controle (GCa.1- 14 alunos no 1º semestre e GCa.2 - 13 alunos no 2º semestre) e (GCb.1 - 08 alunos no 1º semestre e GCb.2 - 10 alunos no 2º semestre). Os alunos dos dois Grupos de Controle foram pareados quanto à classe de recuperação onde estudavam e foram compostos como descrito no item anterior sobre os participantes.

Análise de Dados

Para a análise dos dados quantitativos colhidos através da Prova Consciência Fonológica (PCF) e do Teste de Desempenho Escolar (TDE), foi utilizado o Pacote Analítico de Estatística SPSS.

As sessões do grupo foram gravadas em fita K7, transcritas, registradas no diário de campo. Após transcrição das sessões, os dados foram submetidos ao que denominamos “análise sociométrica”, para investigar o processo grupal e a formações de alunos, por exemplo, dupla, trios, etc., ocorridas nos encontros.

A metodologia de análise sociométrica utilizada no presente estudo foi desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa em Sociodrama Educacional (GEPSSED) (Andrade, 2002), através de estudos e adaptações da proposta de Milan (1972), considerando o referencial teórico qualitativo de investigação e os pressupostos teóricos que norteiam o Sociodrama Educacional enquanto estratégia de pesquisa-ação.

Milan (apud COLARES 2004) considera que “o grupo é uma totalidade articulada de unidades formadas por um ou mais indivíduos, definidas pelas suas relações com as demais, em função de um projeto determinado que se elabora na intersubjetividade”. Desta maneira,

quando algum dos participantes ou até mesmo a equipe diretora fala algo para o grupo, esse indivíduo está expressando um “desejo”. Se esse desejo é acolhido por todos ou por segmentos do grupo, forma-se um Projeto. Esse Projeto pode ser aceito por uma parte do grupo e ser rejeitado ou contestado por outra, formam-se Unidades a favor do Projeto ou contrária a ele (COLARES, 2004, p.132).

Na presente pesquisa, a leitura sociométrica de uma sessão de grupo é realizada considerando-se que toda reunião, todo grupo, é uma sequência de movimentos e etapas singulares, resultando num processo grupal com uma singularidade própria o qual deve ser respeitado. Em outras palavras

tornar possível uma análise do processo grupal é de certa forma tornar visível esses movimentos do grupo e dentro de cada momento identificar as estruturas criadas, respeitando assim o surgimento dos Projetos e a configuração espontânea em que se formam as Unidades (COLARES, 2004, p. 133).

De acordo com o modelo proposto por Milan (apud COLARES, 2004), “cabe ao psicodramatista desvendar os Projetos do grupo e identificar as posições de todos frente a estes Projetos e assim registrar as Unidades que se formam diante desse contexto” (p.133).

A figura 2 abaixo retrata esquematicamente o movimento que o grupo pode assumir dentro do modelo proposto pelo GEPSSED, baseado nas sugestões de Milan (1972).

Figura 2: Representação gráfica dos componentes de um modelo de análise sociométrica (Collares, 2004).

Assim, de acordo com Colares (2004),

o processo grupal vai ocorrendo com a interação de todos os componentes acima representados. Cada participante (indivíduo) vai assumindo uma “intenção” nesse contexto, essa intencionalidade é manifestada na ação, na fala do sujeito e se torna o “desejo”. O “desejo”, portanto, é a intencionalidade que se manifesta à medida que a pessoa vai se posicionando no grupo.

Quando o desejo é manifesto por alguém, as pessoas no grupo assumem posições a respeito e, conforme a intersubjetividade acontece, as posições

vão se manifestando (a favor, contra, ou até mesmo indiferença). Quando alguns membros assumem uma determinada posição diante do Projeto em pauta, forma-se então uma Unidade, que é fruto da intersubjetividade ocorrida no grupo após alguém ter expressado um desejo, uma intenção que se transformou em Projeto. Dessa forma, no Grupo, a Posição se transformam em Unidade, e o Desejo em projeto. A unidade, portanto, é a representante da Posição no plano do coletivo, enquanto a Posição constitui a expressão no plano individual, mas somente após um Desejo ter se transformado em Projeto (p.134-135).

Sendo assim, o Projeto e a Unidade são os elementos centrais da Estrutura do grupo. O facilitador grupal deve, portanto, ficar atento aos movimentos das estruturas do grupo para que possa atuar de forma a permitir a autonomia do processo grupal, ou seja, que o grupo consiga ser autogestivo.

Aspectos Éticos

O presente projeto compromete-se a atender às exigências éticas e científicas fundamentais descritas na Resolução n.º 196, de 10 de outubro de 1996, que são: 1) A pesquisa será realizada após assinatura, por parte dos participantes, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1), que contém os seguintes aspectos: garantia de que serão esclarecidos, a qualquer momento do estudo sobre os procedimentos, os riscos e benefícios do mesmo, que terão a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízo algum e a segurança do sigilo e do caráter confidencial das informações obtidas. 2) Será esclarecido, no início da pesquisa, à instituição escolar, aos professores, alunos e seus respectivos pais, os benefícios, tanto atuais como potenciais, individuais ou coletivos do estudo, comprometendo-se ao máximo com eles. 3) Serão assegurados aos participantes da pesquisa os benefícios resultantes do projeto, em termos do retorno educacional, acesso aos procedimentos e aos seus resultados do trabalho.

RESULTADOS

1. Análise quantitativa das avaliações pré e pós-intervenção na Prova de Consciência Fonológica e no Teste de Desempenho Escolar dos alunos do Grupo 1 (primeiro semestre) e do Grupo 2 (segundo semestre), com seus subgrupos: GI.1; GCb.1 e GCa.1.

1.1 Grupos 1 - Primeiro Semestre

1.1.1 Análise comparativa entre o Pré-Teste e o Pós-Teste para os Grupos de Intervenção (GI.1) e os Grupos de Controle (GCb.1 e GCa.1)

A seguir, serão apresentadas nove Tabelas através das quais se pretende mostrar o resultado das análises estatísticas efetuadas com o Pacote Estatístico SPSS nos dados resultantes das aplicações, antes (Pré-teste) e depois (Pós-teste) da intervenção, da Prova de Consciência Fonológica e do Teste de Desempenho Escolar.

Tabela 5: GRUPO DE INTERVENÇÃO 1 – MANHÃ (GI.1-M)

Nomes	PCF fev/06	PCF jun/06	Diferença	TDE fev/06	TDE jun/06	Diferença
1.M.04	27	38	-11,00	50	80	-30,00
1-M.11	14	39	-25,00	71	100	-29,00
1-M.12	25	40	-15,00	57	82	-25,00
Total	66,00	117,00	-51,00	178,00	262,00	-84,00
Mediana	25,00	39,00	-15,00	57,00	82,00	-29,00
Média	22,00	39,00	-17,00	59,33	87,33	-28,00
Desvio-Padrão	7,00	1,00	7,21	10,69	11,02	2,65
Prova T de WILCOXON		Z= -1,604	p=0,109ns		Z= -1,604	p=0,109ns
Prova dos SINAIS			p=0,250ns			p=0,250ns

ns: diferença não significativa

Na Tabela 5, referente aos dados do primeiro subgrupo de intervenção (GI.1-M), pode-se observar que, apesar de ter sido encontrada uma diferença numérica, tanto em termos da mediana (-15,00 na PCF e -29,00 no TDE), quanto da média (-17,00 na PCF e -28,00 no TDE), na direção esperada, ou seja, o pós-teste maior que o pré-teste, ao se submeter os dados aos testes estatísticos adequados (Prova T de Wilcoxon e Prova dos Sinais, ambas não-paramétricas), provavelmente, devido ao pequeno número de alunos, esta diferença não se revelou estatisticamente significativa.

Na Tabela 6, referente aos dados do Grupo de Controle pareado ao subgrupo de intervenção da Tabela anterior, ou seja, composto por alunos da mesma classe que eles e que apresentaram no pré-teste, como eles, um desempenho também abaixo da média, pode-se observar que não ocorreu nem mesmo uma diferença numérica entre pré e pós-teste em relação à PCF (Média e Mediana iguais a zero), enquanto, no TDE, a diferença numérica encontrada não se mostrou estatisticamente significativa, ainda que seus valores tenham sido na direção esperada.

Tabela 6: GRUPO DE CONTROLE ABAIXO DA MÉDIA/MEDIANA 1 - MANHÃ (Gcb.1-M)

Nomes	PCF fev/06	PCF Jun/06	Diferença	TDE fev/06	TDE jun/06	Diferença
1-M.02	23	23	0	81	82	-1
1-M.03	27	24	3	41	48	-7
1-M.09	26	29	-3	66	78	-12
Total	76,00	76,00	0,00	188,00	208,00	-20,00
Mediana	26,00	24,00	0,00	66,00	78,00	-7,00
Média	25,33	25,33	0,00	62,67	69,33	-6,00
Desvio-Padrão	2,08	3,21	3,00	20,21	18,58	6,56
Prova T de WILCOXON		Z= 0,00	P=1,00ns		Z= -1,604	p=0,109ns
Prova dos SINAIS			P=1,00ns			p=0,250ns

ns: diferença não significativa

Na Tabela 7, referente aos dados do Grupo de Controle, composto por alunos da mesma classe, mas com desempenho no pré-teste acima da média e/ou mediana, pode-se observar que, na PCF, a diferença entre pré e pós-teste, ainda que numérica, foi muito próxima de zero (mediana= -0,50 e média=-0,33), revelando-se no teste estatístico como não-significante, enquanto, no TDE, tal como no grupo da Tabela anterior, a diferença numérica encontrada não se mostrou estatisticamente significativa, ainda que seus valores tenham sido na direção esperada.

Tabela 7: GRUPO DE CONTROLE ACIMA DA MÉDIA/MEDIANA (GCa1-M)

Nomes	PCF fev/06	PCF jun/06	Diferença	TDE fev/06	TDE jun/06	Diferença
1-M.01	28	21	7	101	63	38
1-M.05	30	31	-1	89	100	-11
1-M.06	31	31	0	95	112	-17
1-M.07	26	33	-7	99	100	-1
1-M.08	33	38	-5	90	105	-15
1-M.10	30	28	2	57	69	-12
Total	178,00	182,00	-4,00	531,00	549,00	-18,00
Mediana	30,00	31,00	-0,50	92,50	100,00	-11,50
Média	29,67	30,33	-0,33	88,50	91,50	-3,00
Desvio-Padrão	2,42	5,65	5,05	16,15	20,32	20,83
Prova T de WILCOXON		Z= -0,271	p=0,786ns		Z= -0,943	P=0,345ns
Prova dos SINAIS			p=1,00ns			P=0,219ns

ns: diferença não significativa

Na Tabela 8, referente aos dados do segundo subgrupo de intervenção (GI.1-T), pode-se observar que, tal como para o primeiro subgrupo, apesar de ter sido encontrada uma diferença numérica, tanto em termos da mediana (-16,00 na PCF e -28,00 no TDE), quanto da média (-15,75 na PCF e -29,25 no TDE), na direção esperada, ou seja, o pós-teste maior que o pré-teste, ao se submeterem os dados aos testes estatísticos adequados, provavelmente devido ao pequeno número de alunos, esta diferença não se revelou estatisticamente significativa.

Tabela 8: GRUPO DE INTERVENÇÃO 1 – TARDE (GI.1-T)

Nomes	PCF Fev/06	PCF jun/06	Diferença	TDE fev/06	TDE jun/06	Diferença
1-T.04	19	36	-17,00	21	72	-51,00
1-T.11	19	34	-15,00	30	54	-24,00
1-T.12	18	39	-21,00	64	96	-32,00
1-T.15	8	18	-10,00	1	11	-10,00
Total	64,00	127,00	-63,00	116,00	233,00	-117,00
Mediana	18,50	35,00	-16,00	25,50	63,00	-28,00
Média	16,00	31,75	-15,75	29,00	58,25	-29,25
Desvio-Padrão	5,35	9,39	4,57	26,29	35,89	17,11
Prova T de WILCOXON		Z= -1,826	p=0,068ns		Z= -1,826	p=0,068ns
Prova dos SINAIS			p=0,125ns			p=0,125ns

ns: diferença não significativa

Na Tabela 9, referente aos dados do Grupo de Controle pareado ao subgrupo de intervenção da Tabela anterior, ou seja, composto por alunos da mesma classe que eles e que apresentaram no pré-teste, como eles, um desempenho também abaixo da média, pode-se observar que, na PCF, a diferença entre pré e pós-teste, ainda que numérica (mediana= -3,00 e média=-4,20), revelou-se no teste estatístico como não-significante, enquanto, no TDE, a diferença numérica encontrada (mediana= -38,00 e média= -29,80) não se mostrou estatisticamente significativa, ainda que seus valores tenham sido na direção esperada.

Tabela 9: GRUPO DE CONTROLE ABAIXO DA MÉDIA / MEDIANA (GCB.1-T)

Nomes	PCF fev/06	PCF jun/06	Diferença	TDE fev/06	TDE jun/06	Diferença
1-T. 03	16	27	-11	86	106	-20
1-T.05	20	20	0	11	53	-42
1-T.08	16	19	-3	23	61	-38
1-T.13	3	8	-5	0	0	0
1-T.16	15	17	-2	14	63	-49
Total	70,00	91,00	-21,00	134,00	283,00	-149,00
Mediana	16,00	19,00	-3,00	14,00	61,00	-38,00
Média	14,00	18,20	-4,20	26,80	56,60	-29,80
Desvio-Padrão	6,44	6,83	4,21	34,10	37,81	19,80
Prova T de WILCOXON		Z= -1,826	p=0,068ns		Z= -1,826	p=0,068ns
Prova dos SINAIS			p=0,125ns			p=0,125ns

ns: diferença não significativa

Na Tabela 10, referente aos dados do Grupo de Controle composto por alunos da mesma classe, mas com desempenho no pré-teste acima da média e/ou mediana, pode-se observar que, na PCF, a diferença entre pré e pós-teste (mediana=-3,00 e média=-3,13) revelou-se estatisticamente significativa ($p=0,05$). Vale destacar que os valores numéricos destas diferenças são muito próximos das da Tabela anterior; no entanto, como aqui, a amostra compôs-se de oito alunos, enquanto, na anterior, era de cinco. Esse fato poderia explicar o surgimento da significância estatística para essas diferenças. Para o TDE, as diferenças (mediana= -29,00 e média= -29,88) revelaram-se significativas até mesmo ao nível de 0,01. Provavelmente, esse fato também se deva ao maior número de alunos, uma vez que os valores dessas diferenças são muito próximos daqueles encontrados nas Tabelas 5; 8 e 9.

Tabela 10: GRUPO DE CONTROLE ACIMA DA MÉDIA/MEDIANA (GCa.1-T)

Nomes	PCF fev/06	PCF jun/06	Diferença	TDE fev/06	TDE jun/06	Diferença
1-T.01	24	29	-5,00	56	101	-45,00
1-T.02	25	25	0,00	66	95	-29,00
1-T.06	19	25	-6,00	46	94	-48,00
1-T.07	23	26	-3,00	36	78	-42,00
1-T.09	24	27	-3,00	83	98	-15,00
1-T.12	21	28	-7,00	76	87	-11,00
1-T.14	33	33	0,00	87	107	-20,00
1-T.17	21	22	-1,00	56	85	-29,00
Total	190,00	215,00	-25,00	506,00	745,00	-239,00
Mediana	23,50	26,50	-3,00	61,00	94,50	-29,00
Média	23,75	26,88	-3,13	63,25	93,13	-29,88
Desvio-Padrão	4,23	3,27	2,70	18,01	9,37	14,05
Prova T de WILCOXON		Z= -2,207	p=0,027*		Z= -2,524	p=0,012*
Prova dos SINAIS			p=0,031*			p=0,008**

*: diferença significativa ao nível de 0,05

**: diferença significativa ao nível de 0,01

As Tabelas 11; 12 e 13 apresentam a totalização dos resultados dos dois subgrupos (M e T). Assim, na Tabela 11, nos resultados totais do Grupo de Intervenção 1, realizada no primeiro semestre, podem-se observar as diferenças entre pré e pós-teste, tanto para a PCF (mediana= -15,00 e média= -16,29), quanto para o TDE (mediana=-29,00 e média= -28,71), que se revelaram estatisticamente significativas ($p= 0,05$). Neste caso, o número de alunos, agora igual a sete, pode ter contribuído para a expressão estatística das diferenças numéricas já anteriormente encontradas nos dois subgrupos (cf. Tabelas 5 e 8).

Tabela 11: GRUPO DE INTERVENÇÃO TOTAL (GI.1 (M e T))

Nomes	PCF fev/06	PCF jun/06	Diferença	TDE fev/06	TDE jun/06	Diferença
1.M.04	27	38	-11,00	50	80	-30,00
1-M.11	14	39	-25,00	71	100	-29,00
1-M.12	25	40	-15,00	57	82	-25,00
1-T.04	19	36	-17,00	21	72	-51,00
1-T.11	19	34	-15,00	30	54	-24,00
1-T.12	18	39	-21,00	64	96	-32,00
1-T.15	8	18	-10,00	1	11	-10,00
Total	130	244	-114,00	294	495	-201,00
Mediana	19,00	38,00	-15,00	50,00	80,00	-29,00
Média	18,57	34,86	-16,29	42,00	70,71	-28,71
Desvio-Padrão	6,40	7,71	5,31	25,43	30,43	12,22
Prova T de WILCOXON		Z= -2,371	p=0,016*		Z= -2,366	p=0,016*
Prova dos SINAIS			p=0,016*			p=0,016*

* Diferença significativa ao nível de 0,05.

Na Tabela 12, referente aos dados do Grupo de Controle total (GCb.1-M e GCb.1-T), composto por alunos da mesma classe que os dos subgrupos de intervenção que apresentaram no pré-teste, como eles, um desempenho também abaixo da média, pode-se observar que, na PCF, a diferença entre pré e pós-teste, ainda que numérica (mediana= -2,50 e média=-2,63), revelou-se no teste estatístico como não-significante, enquanto, no TDE, a diferença encontrada (mediana= -16,00 e média= -20,88) mostrou-se estatisticamente significativa ($p=0,05$), na direção esperada. Apesar de valores numéricos inferiores aos da Tabela 7, essa expressão de significância estatística pode dever-se ao número maior de alunos.

Tabela 12: GRUPO DE CONTROLE ABAIXO DA MÉDIA/MEDIANA TOTAL (GCb.1)

Nomes	PCF fev/06	PCF jun/06	Diferença	TDE fev/06	TDE Jun/06	Diferença
1-M.02	23	23	0	81	82	-1
1-M.03	27	24	3	41	48	-7
1-M.09	26	29	-3	66	78	-12
1-T.03	16	27	-11	86	106	-20
1-T.05	20	20	0	11	53	-42
1-T.08	16	19	-3	23	61	-38
1-T.13	3	8	-5	0	0	0
1-T.16	15	17	-2	14	63	-49
Total	146,00	167,00	-21,00	322,00	491,00	-169,00
Mediana	18,00	21,50	-2,50	32,00	62,00	-16,00
Média	18,25	20,88	-2,63	40,25	61,38	-20,88
Desvio-Padrão	7,70	6,58	4,17	33,55	30,97	19,70
Prova de WILCOXON		Z= -1,590	p=0,112ns		Z= -2,366	p=0,018*
Prova dos SINAIS			p=0,219ns			p=0,016*

ns: diferença não significativa

*: diferença significativa ao nível de 0,05

Na Tabela 13, referente aos dados do Grupo de Controle total (GCa.1-M e GCa.1-T), composto por alunos da mesma classe que os dos subgrupos de intervenção, mas com desempenho no pré-teste acima da média e/ou mediana, pode-se observar que, na PCF, a diferença entre pré e pós-teste, ainda que numérica (mediana= -2,00 e média=-1,93), revelou-se no teste estatístico como não-significante, enquanto, no TDE, a diferença encontrada (mediana= -16,00 e média= -18,36) mostrou-se estatisticamente significativa ($p=0,05$), na direção esperada. Apesar de valores numéricos inferiores aos da Tabela 10, esta expressão de significância estatística pode dever-se ao número maior de alunos.

Tabela 13: GRUPO DE CONTROLE ACIMA DA MÉDIA/MEDIANA TOTAL (GCa.1)

Nomes	PCF fev/06	PCF jun/06	Diferença	TDE fev/06	TDE jun/06	Diferença
1-M.01	28	21	7,00	101	63	38,00
1-M.05	30	31	-1,00	89	100	-11,00
1-M.06	31	31	0,00	95	112	-17,00
1-M.07	26	33	-7,00	99	100	-1,00
1-M.08	33	38	-5,00	90	105	-15,00
1-M.10	30	28	2,00	57	69	-12,00
1-T.01	24	29	-5,00	56	101	-45,00
1-T.02	25	25	0,00	66	95	-29,00
1-T.06	19	25	-6,00	46	94	-48,00
1-T.07	23	26	-3,00	36	78	-42,00
1-T.09	24	27	-3,00	83	98	-15,00
1-T.12	21	28	-7,00	76	87	-11,00
1-T.14	33	33	0,00	87	107	-20,00
1-T.17	21	22	-1,00	56	85	-29,00
Total	368,00	397,00	-29,00	1037,00	1294,00	-257,00
Mediana	25,50	28,00	-2,00	79,50	96,50	-16,00
Média	26,29	28,36	-1,93	74,07	92,43	-18,36
Desvio-Padrão	4,60	4,60	3,97	21,05	14,38	21,53
Prova de WILCOXON		Z= -1,784	p=0,074ns		Z= -2,607	P=0,009**
Prova dos SINAIS			p=0,065ns			P=0,002**

ns: diferença não significativa

** : diferença significativa ao nível de 0,01

1.1.2 Análise Estatística das diferenças entre os Grupos de Intervenção (GI.1) e os Grupos de Controle (GCB.1 e GCA.1)

A seguir, serão apresentadas doze tabelas, através das quais, se pretende mostrar o resultado das análises estatísticas efetuadas com o Pacote Estatístico SPSS nos dados resultantes das aplicações, comparando-se o Grupo de Intervenção com os dois Grupos de Controle, antes (Pré-teste) e depois (Pós-teste) da intervenção, da Prova de Consciência Fonológica e do Testes de Desempenho Escolar.

Tabela 14: DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DE INTERVENÇÃO E O GRUPO DE CONTROLE ABAIXO DA MEDIANA / MÉDIA 1- MANHÃ (GI.1-M x GCB.1-M) NO PRÉ-TESTE:

Grupo de Intervenção (GI)	PCF	PCF		TDE	TDE		Grupo de Controle (GCB)
	fev/06	fev/06	Diferença	fev/06	fev/06	Diferença	
1.M.04	27	23	4,00	50	81	-31,00	1-M.02
1-M.11	14	27	-13,00	71	41	-34,00	1-M.03
1-M.12.	25	26	-1,00	57	66	-9,00	1-M.09
Total:	66,00	76,00	-10,00	178,00	188,00	-74,00	
Mediana:	26,00	24,50	1,50	53,50	73,50	-20,00	
Média:	26,00	24,50	1,50	53,50	73,50	-20,00	
Desvio-Padrão:	7,00	2,08		10,69	20,21		
Prova T de WILCOXON		Z=-0,535	p=0,593ns		Z=-0,535	p=0,593ns	
Prova dos SINAIS			p=1,00ns			p=1,00ns	

ns: diferença não significativa

Na Tabela 14, acima, referente aos dados do primeiro subgrupo de intervenção (GI.1-M) comparado com o primeiro subgrupo de controle (GCB.1-M), no **PRÉ-TESTE**, pode-se observar que, para a PCF e para o TDE, as diferenças numéricas não se mostraram significativas. Essa inexistência de diferença entre os dois grupos, especialmente em relação à PCF, demonstra que se tratava de dois grupos de alunos que podem ser considerados como equiparados quanto a essa avaliação. Lembrando que essa era mesmo a intenção ao se comporem os dois grupos.

Tabela 15: DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DE INTERVENÇÃO E O GRUPO DE CONTROLE ABAIXO DA MEDIANA / MÉDIA 1- MANHÃ (GI.1-M x GCb.1-M) NO PÓS-TESTE:

Grupo de Intervenção (GI)	PCF	PCF	Diferença	TDE	TDE	Diferença	Grupo de Controle (GCb)
	jun/06	jun/06		jun/06	jun/06		
1-M.04	38	23	15,00	80	82	-2,00	1-M.02
1-M.11	39	24	15,00	100	48	52,00	1-M.03
1-M.12	40	29	11,00	82	78	4,00	1-M.09
Total:	117,00	76,00	41,00	262,00	208,00	54,00	
Mediana:	39,00	26,00	13,00	82,00	80,00	2,00	
Média:	39,00	26,00	13,00	81,00	80,00	1,00	
Desvio-Padrão:	1,00	3,21		11,02	18,58		
Prova T de WILCOXON		Z=-1,633	p=0,102ns		Z=-1,069	p=0,285ns	
Prova dos SINAIS			p=0,250ns			p=1,00ns	

ns: diferença não significativa

Na Tabela 15, referente aos dados do primeiro subgrupo de intervenção (GI.1-M), comparado com o primeiro subGrupo de Controle (GCb.1-M), no **PÓS-TESTE**, pode-se observar que, para a PCF, apesar da expressiva diferença numérica entre os dois grupos (Me=Média=13,00), o teste estatístico não revelou diferença significativa, muito provavelmente devido ao pequeno número de alunos em cada grupo. Em relação ao TDE, as diferenças numéricas foram pequenas (Me=2,00 e Média=1,00), não tendo sido, por isso mesmo, identificadas no teste estatístico. Em termos de nossas hipóteses, era esperado que a diferença se mostrasse significativa e positiva (GI>GCb) no Pós-teste, tal como os valores numéricos identificaram.

Na Tabela 16, referente aos dados do primeiro subgrupo de intervenção (GI.1-M), comparado com o subGrupo de Controle acima da média / mediana (GCa.1-M), no **PRÉ-TESTE**, pode-se observar que, para a PCF, a diferença numérica (Mediana=-5,00 e Média=-7,67) não se mostrou significativa, e para o TDE, até mesmo a diferença numérica muito mais expressiva (Mediana=-35,50 e Média=-62,50) também não se mostrou significativa, provavelmente devido ao pequeno número de alunos.

Tabela 16: DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DE INTERVENÇÃO E O GRUPO DE CONTROLE ACIMA DA MEDIANA / MÉDIA 1- MANHÃ (GI.1-M x GCa.1-M) NO PRÉ-TESTE:

Grupo de Intervenção (GI)	PCF	PCF		TDE	TDE		Grupo de Controle (GCb)
	fev/06	fev/06	Diferença	fev/06	fev/06	Diferença	
1-M.04	27	28	--	50	101	--	1-M.01
1-M.11	14	30	--	71	89	--	1-M.05
1-M.12	25	31	--	57	95	--	1-M.06
		26	--		99	--	1-M.07
		33	--		90	--	1-M.08
		30	--		57	--	1-M.10
Mediana:	25,00	30,00	-5,00	57,00	92,50	-35,50	
Média:	22,00	29,67	-7,67	25,83	88,50	-62,50	
Desvio-Padrão:	7,00	2,42		10,69	16,15		
Prova T de WILCOXON		Z=-1,604	p=0,109ns		Z=-1,604	p=0,109ns	
Prova dos SINAIS			p=0,250ns			p=0,250ns	

ns: diferença não significativa

Na Tabela 17, referente aos dados do primeiro subgrupo de intervenção (GI.1-M), comparado com o subGrupo de Controle acima da média / mediana (GCa.1-M), no **PÓS-TESTE**, pode-se observar que, para a PCF, apesar da diferença numérica entre os dois grupos (Me=8,00 e Média=8,57) o teste estatístico não revelou diferença significativa, mesmo para o TDE, com diferenças numericamente maiores (Me=-18,00 e Média=-11,71); isto se manteve, muito provavelmente, devido ao pequeno número de alunos em cada grupo. Mas, para efeito de nossas hipóteses, é interessante destacar que o GI, que, em relação a PCF, no Pré-teste, apresentara resultados numericamente inferiores ao GCa (vide Tabela 16), no Pós-teste, teve suas médias e mediana numericamente superiores a ele, ou seja, $GI > GCa$, ainda que estatisticamente, talvez devido ao pequeno número de alunos do grupo GI, isto não tenha se confirmado.

Tabela 17: DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DE INTERVENÇÃO E O GRUPO DE CONTROLE ACIMA DA MEDIANA / MÉDIA 1- MANHÃ (GI.1-M x GCa.1-M) NO PÓS-TESTE:

Grupo de Intervenção (GI)	PCF	PCF	Diferença	TDE	TDE	Diferença	Grupo de Controle (GCa)
	jun/06	jun/06		jun/06	jun/06		
1.M.04	38	21	--	80	63	--	1-M.01
1-M.11	39	31	--	100	100	--	1-M.05
1-M.12	40	31	--	82	112	--	1-M.06
		33	--		100	--	1-M.07
		38	--		105	--	1-M.08
		28	--		69	--	1-M.10
Mediana:	39,00	31,00	8,00	82,00	100,00	-18,00	
Média:	39,00	30,43	8,57	81,00	92,71	-11,71	
Desvio-Padrão:	1,00	5,65		11,02	20,32		
Prova T de WILCOXON		Z=-1,604	p=0,109ns		Z=-0,447	p=0,655ns	
Prova dos SINAIS			p=0,250ns			p=1,00ns	

ns: diferença não significativa

Na Tabela 18, referente aos dados do subgrupo de intervenção (GI.1-T), comparado com o subGrupo de Controle abaixo da média/mediana do turno da Tarde (GCb.1-T), no **PRÉ-TESTE**, pode-se observar que, tanto para a PCF quanto para o TDE, as diferenças numéricas não se mostraram significativas, provavelmente devido ao pequeno número de alunos. Essa inexistência de diferença entre os dois grupos, especialmente em relação à PCF, demonstra que se tratava de dois grupos de alunos que podem ser considerados como equiparados quanto a esta avaliação. Lembrando que essa era mesmo a intenção ao se comporem os dois grupos.

Tabela 18: DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DE INTERVENÇÃO E O GRUPO DE CONTROLE ABAIXO DA MEDIANA / MÉDIA 1- TARDE (GI.1-T x GCb.1-T) NO PRÉ-TESTE:

Grupo de Intervenção	PCF	PCF	Diferença	TDE	TDE	Diferença	Grupo de Controle (GCb)
	fev/06	fev/06		fev/06	fev/06		
1-T.04	19	16	--	21	86	--	1-T.03
1-T.10	19	20	--	30	11	--	1-T.05
1-T.11	18	16	--	64	23	--	1-T.08
1-T.15	8	3	--	1	0	--	1-T.13
		15	--		14	--	1-T.16
Mediana:	18,50	16,00	2,50	25,50	14,00	11,50	
Média:	16,00	14,00	2,00	29,00	26,80	2,20	
Desvio-Padrão:	5,35	6,44		26,29	34,10		
Prova T de WILCOXON		Z=-1,461	p=0,144ns		Z=-0,365	p=0,715ns	
Prova dos SINAIS			p=0,625ns			p=0,625ns	

ns: diferença não significativa

Na Tabela 19, referente aos dados do subgrupo de intervenção (GI.1-T), comparado com o subGrupo de Controle abaixo da média/mediana (GCb.1-T), ambos do turno da Tarde, no **PÓS-TESTE**, pode-se observar que, para a PCF, apesar da expressiva diferença numérica expressiva entre os dois grupos (16,00 para mediana e 13,55 para a média), o teste estatístico não revelou diferença significativa, muito provavelmente devido ao pequeno número de alunos em cada grupo. Em relação ao TDE, as diferenças numérica mostraram-se pequenas (Mediana=2,00 e Média=1,65), não tendo sido, por isso mesmo, identificadas no teste estatístico. Em termos de nossas hipóteses, era esperado que a diferença se mostrasse significativa e positiva ($GI > GCb$) no Pós-teste, tal como os valores numéricos identificaram.

Tabela 19: DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DE INTERVENÇÃO E O GRUPO DE CONTROLE ABAIXO DA MEDIANA / MÉDIA 1- TARDE (GI.1-T x GCb.1-T) NO PÓS-TESTE:

Nomes	PCF	PCF	Diferença	TDE	TDE	Diferença	Grupo de Controle (GCb)
	jun/06	jun/06		jun/06	jun/06		
1-T.04	36	27	- -	72	106	- -	1-T.03
1-T.10	34	20	- -	54	53	- -	1-T.05
1-T.11	39	19	- -	96	61	- -	1-T.08
1-T.15	18	8	- -	11	0	- -	1-T.13
		17	- -		63	- -	1-T.16
Mediana:	35,00	19,00	16,00	63,00	61,00	2,00	
Média:	31,75	18,20	13,55	58,25	56,60	1,65	
Desvio-Padrão:	9,39	6,83		35,89	37,81		
Prova T de WILCOXON		Z=-1,826	p=0,068ns		Z=-0,730	p=0,465ns	
Prova dos SINAIS			p=0,125ns			p=0,625ns	

ns: diferença não significativa

Na Tabela 20, referente aos dados do subgrupo de intervenção (GI.1-T), comparado com o subgrupo de controle acima da média / mediana (GCa.1-T), ambos do turno da tarde, no **PRÉ-TESTE**, pode observar que, tanto para a PCF (Mediana=-5,00 e Média=-7,75), quanto para o TDE (Mediana=-35,50 e Média=-34,25), as diferenças numéricas não se mostraram significativas.

Tabela 20: DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DE INTERVENÇÃO E O GRUPO DE CONTROLE ACIMA DA MEDIANA / MÉDIA 1- TARDE (GI.1-T x GCa.1-T) NO PRÉ-TESTE:

Grupo de Intervenção	PCF	PCF		TDE	TDE		Grupo de Controle (GCa)
	fev/06	fev/06	Diferença	fev/06	fev/06	Diferença	
1-T.04	19	24	--	21	56	--	1-T.01
1-T.10	19	25	--	30	66	--	1-T.02
1-T.11	18	19	--	64	46	--	1-T.06
1-T.15	8	23	--	1	36	--	1-T.07
		24	--		83	--	1-T.09
		21	--		76	--	1-T.12
		33	--		87	--	1-T.14
		21	--		56	--	1-T.17
Mediana:	18,50	23,50	-5,00	25,50	61,00	-35,50	
Média:	16,00	23,75	-7,75	29,00	63,25	-34,25	
Desvio-Padrão:	5,35	4,23		26,29	18,01		
Prova T de WILCOXON		Z=-1,826	p=0,068ns		Z=-1,473	p=0,141ns	
Prova dos SINAIS			p=0,125ns			p=0,625ns	

ns: diferença não significativa.

Na Tabela 21, referente aos dados do subgrupo de intervenção (GI.1-T), comparado com o subGrupo de Controle acima da média / mediana (GCa.1-T), ambos do turno da tarde, no **PÓS-TESTE**, pode-se observar que, para a PCF, apesar da diferença numérica entre os dois grupos (Me=8,00 e Média=4,87), o teste estatístico não revelou diferença significativa, mesmo para o TDE, com diferenças numericamente maiores (Me=-31,00 e Média=-34,88); isso se manteve, muito provavelmente, devido ao pequeno número de alunos em cada grupo. Mas, para efeito de nossas hipóteses, é interessante destacar que o GI, que, em relação à PCF, no Pré-teste apresentara resultados numericamente inferiores ao GCa (vide Tabela 20), no Pós-teste teve suas médias e mediana numericamente superiores a ele, ou seja, $GI > GCa$, ainda que estatisticamente, talvez devido ao pequeno número de alunos do grupo GI, isto não tenha se confirmado.

Tabela 21: DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DE INTERVENÇÃO E O GRUPO DE CONTROLE ACIMA DA MEDIANA / MÉDIA 1- TARDE (GI.1-T x GCa.1-T) NO PÓS-TESTE:

Grupo de Intervenção	PCF	PCF		TDE	TDE		Grupo de Controle (GCa)
	jun/06	jun/06	Diferença	jun/06	jun/06	Diferença	
1-T.04	36	29	--	72	101	--	1-T.01
1-T.10	34	25	--	54	95	--	1-T.02
1-T.11	39	25	--	96	94	--	1-T.06
1-T.15	18	26	--	11	78	--	1-T.07
		27	--		98	--	1-T.09
		28	--		87	--	1-T.12
		33	--		107	--	1-T.14
		22	--		85	--	1-T.17
Mediana:	35,00	26,50	8,50	63,00	94,50	-31,50	
Média:	31,75	26,88	4,87	58,25	93,13	-34,88	
Desvio-Padrão:	9,39	3,27		35,89	9,37		
Prova T de WILCOXON		Z=-1,095	p=0,273ns		Z=-1,461	p=0,144ns	
Prova dos SINAIS			p=0,625ns			p=0,625ns	

ns: diferença não significativa

Na Tabela 22, referente aos dados do subgrupo de intervenção total (GI.1), comparado com o subGrupo de Controle abaixo da média/mediana total (GCb.1), no **PRÉ-TESTE**, pode-se observar que, tanto para a PCF quanto para o TDE, as diferenças numéricas não se mostraram significativas. Essa inexistência de diferença entre os dois grupos, especialmente em relação à PCF, demonstra que se tratava de dois grupos de alunos que podem ser considerados como equiparados quanto a essa avaliação. Lembrando que essa era mesmo a intenção ao se comporem os dois grupos.

Tabela 22: DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DE INTERVENÇÃO TOTAL (MANHÃ E TARDE) E O GRUPO DE CONTROLE ABAIXO DA MEDIANA / MÉDIA 1- TOTAL (MANHÃ E TARDE) (GI.1 x GCb.1) NO PRÉ-TESTE:

Grupo de Intervenção	PCF	PCF	Diferença	TDE	TDE	Diferença	Grupo de Controle (GCb)
	fev/06	fev/06		fev/06	fev/06		
1-M.04	27	23	--	50	81	--	1-M.02
1-M.11	14	27	--	71	41	--	1-M.03
1-M.12	25	26	--	57	66	--	1-M.09
1-T.04	19	16	--	21	86	--	1-M.03
1-T.10	19	20	--	30	11	--	1-M.05
1-T.11	18	16	--	64	23	--	1-M.08
1-T.15	8	3	--	1	0	--	1-M.13
		15	--		14	--	1-M.16
Mediana:	19,00	18,00	1,00	50,00	32,00	18,00	
Média:	18,57	18,25	0,32	42,00	40,25	1,75	
Desvio-Padrão:	6,40	7,70		25,43	33,55		
Prova T de WILCOXON		Z=-0,677	p=0,498ns		Z=0,000	p=1,000ns	
Prova dos SINAIS			p=1,000ns			p=1,000ns	

ns: diferença não significativa

Na Tabela 23, referente aos dados do subgrupo de intervenção total (GI.1), comparado com o subGrupo de Controle abaixo da média/mediana total (GCb.1), no **PÓS-TESTE**, em relação à PCF, foi encontrada diferença significativa positiva ($GI > GCb$), ao nível de significância de 0,05, nos dois testes (Wilcoxon e dos Sinais), tal como era esperado por nossas hipóteses iniciais de que a intervenção elevaria o desempenho dos alunos do grupo de intervenção a valores superiores aos alunos do Grupo de Controle a eles equiparados. Em relação ao TDE, ainda que se tenham observado valores numéricos (18,00 para mediana e 9,33 para a média) em relação às diferenças, esses não se mostraram estatisticamente significativos.

Tabela 23: DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DE INTERVENÇÃO TOTAL E O GRUPO DE CONTROLE ABAIXO DA MEDIANA / MÉDIA 1- TOTAL (GI.1 x GCb.1) NO PÓS-TESTE:

Nomes	PCF	PCF	Diferença	TDE	TDE	Diferença	Grupo de Controle (GCb)
	jun/06	jun/06		jun/06	jun/06		
1-M.04	38	23	--	80	82	--	1-M.02
1-M.11	39	24	--	100	48	--	1-M.03
1-M.12	40	29	--	82	78	--	1-M.09
1-T.04	36	27	--	72	106	--	1-M.03
1-T.10	34	20	--	54	53	--	1-M.05
1-T.11	39	19	--	96	61	--	1-M.08
1-T.15	18	8	--	11	0	--	1-M.13
		17	--		63	--	1-M.16
Mediana:	38,00	21,50	16,50	80,00	62,00	18,00	
Média:	34,86	20,88	13,97	70,71	61,38	9,33	
Desvio-Padrão:	7,71	6,58		30,43	30,97		
Prova T de WILCOXON		Z=-2,371	p=0,018*		Z=-1,183	p=0,237ns	
Prova dos SINAIS			p=0,016*			p=0,453ns	

*Significante ao nível de 0,05 ($GI > GCb$).

Na Tabela 24, referente aos dados do subgrupo de intervenção total (GI.1), comparado com o subGrupo de Controle acima da média/mediana total (GCa.1), no **PRÉ-TESTE**, em relação à PCF e ao TDE, foram encontradas diferenças significativas negativas ($GI < GCa$), ao nível de significância de 0,05. Esses resultados eram esperados a partir da forma como os grupos foram compostos.

Tabela 24: DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DE INTERVENÇÃO TOTAL E O GRUPO DE CONTROLE ACIMA DA MEDIANA / MÉDIA 1- TOTAL (GI.1 x GCa.1) NO PRÉ-TESTE:

Grupo de Intervenção	PCF	PCF	Diferença	TDE	TDE	Diferença	Grupo de Controle (GCa)
	fev/06	fev/06		fev/06	fev/06		
1-M.04	27	28	--	50	101	--	1-M.01
1-M.11	14	30	--	71	89	--	1-M.05
1-M.12	25	31	--	57	95	--	1-M.06
1-T.04	19	26	--	21	99	--	1-M.07
1-T.10	19	33	--	30	90	--	1-M.08
1-T.11	18	30	--	64	57	--	1-M.10
1-T.15	8	24	--	1	56	--	1-T.01
		25	--		66	--	1-T.02
		19	--		46	--	1-T.06
		23	--		36	--	1-T.07
		24	--		83	--	1-T.09
		21	--		76	--	1-T.12
		33	--		87	--	1-T.14
		21	--		56	--	1-T.17
Mediana	19,00	25,50	-6,50	50,00	79,50	-29,50	
Média	18,57	26,29	-7,72	42,00	74,07	-32,07	
Desvio-Padrão	6,40	4,60		25,43	21,05		
P. T de WILCOXON		Z=-2,371	p=0,018*		Z=-2,197	p=0,028*	
Prova dos SINAIS			p=0,016*			p=0,125ns	

*Significante ao nível de 0,05 ($GI < GCa$).

Tabela 25: DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DE INTERVENÇÃO TOTAL E O GRUPO DE CONTROLE ACIMA DA MEDIANA / MÉDIA 1- TOTAL (GI.1 x GCa.1) NO PÓS-TESTE:

Grupo de Intervenção	PCF jun/06	PCF jun/06	Diferença	TDE jun/06	TDE jun/06	Diferença	Grupo de Controle (GCb)
1-M.04	38	28	--	80	63	--	1-M.01
1-M.11	39	30	--	100	100	--	1-M.05
1-M.12	40	31	--	82	112	--	1-M.06
1-T.04	36	26	--	72	100	--	1-M.07
1-T.10	34	33	--	54	105	--	1-M.08
1-T.11	39	30	--	96	69	--	1-M.10
1-T.15	18	24	--	11	101	--	1-T.01
		25	--		95	--	1-T.02
		19	--		94	--	1-T.06
		23	--		78	--	1-T.07
		24	--		98	--	1-T.09
		21	--		87	--	1-T.12
		33	--		107	--	1-T.14
		21	--		85	--	1-T.17
Mediana	38,00	25,50	12,50	80,00	96,50	-16,50	
Média	34,86	26,29	8,66	70,71	92,43	-21,72	
Desvio-Padrão	7,71	4,60		30,43	14,38		
Prova T de WILCOXON		Z=-2,047	P=0,041*		Z=-1,572	p=0,116	
Prova dos SINAIS			P=0,125ns			p=0,688ns	

*Significante ao nível de 0,05 (GI>GCa).

ns: Diferença não significativa.

Na Tabela 25 acima, referente aos dados do subgrupo de intervenção total (GI.1), comparado com o subGrupo de Controle acima da média/mediana total (GCa.1), no **PÓS-TESTE**, em relação à PCF, foi encontrada diferença significativa positiva (GI>GCa), ao nível de significância de 0,05, na Prova T de Wilcoxon. Em nossas hipóteses iniciais, esperávamos que o grupo de intervenção alcançasse, em termos médios, o nível de desempenho do Grupo de Controle acima da média; no entanto, esses dados revelam que ele o superou, indicando assim um efeito ainda mais intenso do que o esperado por nossas hipóteses iniciais, para o grupo que passou pela intervenção. No entanto, essas elevações no desempenho, na PCF, parece não terem sido suficientes para se refletirem também no TDE,

uma vez que ele revelou diferenças numéricas expressivas a favor do Grupo de Controle (GI<GCa), ainda que estatisticamente não tenham sido significativas. Esses resultados podem indicar também que, de uma forma imediata, já que as avaliações do Pós-teste se deram logo após o encerramento da intervenção, um melhor desempenho na PCF não vem acompanhado de um melhor desempenho no TDE, lembrando ainda que, no caso desta pesquisa, utilizamos o TDE completo, incluindo as provas de aritmética, o que pode também ter contribuído para este “mascaramento” dos efeitos, caso eles existam. Pesquisas longitudinais poderiam responder a esta questão.

1.2 Grupos 2 - Segundo Semestre

1.2.1 Análise comparativa entre o Pré-Teste e o Pós-Teste para os Grupos de Intervenção (GI.2) e os Grupos de Controle (GCa.2 e GCb.2)

A seguir, serão apresentadas nove Tabelas através das quais se pretende mostrar o resultado das análises estatísticas efetuadas com o Pacote Estatístico SPSS nos dados resultantes das aplicações, antes (Pré-teste) e depois (Pós-teste) da intervenção, da Prova de Consciência Fonológica e do Testes de Desempenho Escolar.

Na Tabela 26, referente aos dados do primeiro subgrupo de intervenção (GI.2-M), pode-se observar que, apesar de ter sido encontrada uma diferença numérica, tanto em termos da mediana (-16,00 na PCF e -32,50 no TDE), quanto da média (-14,00 na PCF e -22,00 no TDE), na direção esperada, ou seja, o pós-teste maior que o pré-teste, ao se submeterem os dados aos testes estatísticos adequados (Prova T de Wilcoxon e Prova dos Sinais, ambas não-paramétricas), provavelmente devido ao pequeno número de alunos, essa diferença não se revelou estatisticamente significativa.

Tabela 26: GRUPO DE INTERVENÇÃO 2 – MANHÃ (GI.2-M)

Nomes	PCF jun/06	PCF dez/06	Diferença	TDE jun/06	TDE dez/06	Diferença
2-M.02	21	38	-17,00	63	100	-37,00
2-M.03	26	37	-11,00	30	70	-40,00
2-M.12	17	28	-11,00	26	30	-4,00
2-M.15	22	39	-17,00	82	89	-7,00
Total	86,00	142,00	-56,00	201,00	289,00	-88,00
Mediana	21,50	37,50	-16,00	46,50	79,50	-32,50
Média	21,50	35,50	-14,00	50,25	72,25	-22,00
Desvio-Padrão	3,70	5,07		26,89	30,77	
Prova T de WILCOXON		Z=-1,857	p=0,063ns		Z=-1,826	p=0,068ns
Prova dos SINAIS			p=0,125ns			P=-0,125ns

ns: diferença não significativa

Na Tabela 27, referente aos dados do Grupo de Controle, pareado ao subgrupo de intervenção da Tabela anterior, ou seja, composto por alunos da mesma classe que eles e que apresentaram no pré-teste, como eles, um desempenho também abaixo da média, pode-se observar que não ocorreu nem mesmo uma diferença numérica entre pré e pós-teste em relação à PCF (Mediana igual a zero e Média igual a 0,20), enquanto, no TDE, a diferença numérica encontrada mostrou-se estatisticamente significativa, indicando que houve progresso no rendimento escolar (Pré<Pós).

Tabela 27: GRUPO DE CONTROLE ABAIXO DA MÉDIA/MEDIANA 2 - MANHÃ (Gcb.2-M)

Nomes	PCF jun/06	PCF dez/06	Diferença	TDE jun/06	TDE dez/06	Diferença
2-M.05	24	23	1,00	94	100	-6,00
2-M.06	13	13	0,00	10	60	-50,00
2-M.11	19	19	0,00	86	88	-2,00
2-M.13	23	22	1,00	58	62	-4,00
2-M.16	15	16	-1,00	12	30	-18,00
Total	94,00	93,00	1,00	260,00	340,00	-80,00
Mediana	19,00	19,00	0,00	58,00	62,00	-4,00
Média	18,80	18,60	0,20	52,00	68,00	-16,00
Desvio-Padrão	4,82	4,16		39,75	27,24	
Prova T de WILCOXON		Z=-0,577	p=0,564ns		Z=-2,023	p-0,043*
Prova dos SINAIS			p=1,00ns			p-0,063ns

*Pré<Pós

Na Tabela 28, referente aos dados do Grupo de Controle, composto por alunos da mesma classe, mas com desempenho no pré-teste acima da média e/ou mediana, pode-se observar que, na PCF, as diferenças entre pré e pós-teste, ainda que numéricas, (mediana = 3,00 e média = 1,00), revelaram-se, no teste estatístico, como não-significantes, enquanto, no TDE, tal como no grupo da Tabela anterior, a diferença numérica encontrada mostrou-se estatisticamente significativa, indicando que houve progresso no rendimento escolar (Pré<Pós).

Tabela 28: GRUPO DE CONTROLE ACIMA DA MÉDIA/MEDIANA (GCa2-M)

Nomes	PCF Jun/06	PCF dez/06	Diferença	TDE jun/06	TDE dez/06	Diferença
2-M.01	26	22	4,00	75	80	-5,00
2-M.04	24	23	1,00	95	100	-5,00
2-M.07	26	27	-1,00	79	85	-6,00
2-M.08	23	22	1,00	76	79	-3,00
2-M.10	26	25	1,00	82	90	-8,00
2-M.14	17	18	-1,00	30	52	-22,00
2-M.17	27	25	2,00	97	100	-3,00
Total	169,00	162,00	7,00	534,00	586,00	-52,00
Mediana	26,00	23,00	3,00	79,00	85,00	-6,00
Média	24,14	23,14	1,00	76,29	83,71	-7,43
Desvio-Padrão	3,44	2,91		22,22	16,40	
Prova T de WILCOXON		Z=-1,403	p=0,161ns		Z=-2,375	p=0,018*
Prova dos SINAIS			p=0,435ns			p=0,016*

*Pré<Pós

Na Tabela 29, referente aos dados do segundo subgrupo de intervenção (GI.2-T), pode-se observar que, para a PCF, foi encontrada diferença significativa pela Prova T de Wilcoxon (diferença média igual a -11,00 e mediana igual a -11,20). Assim, pode ser comprovada a hipótese de que o treinamento produziu aprendizagem. Também foi encontrada diferença significativa para o TDE, indicando progresso no rendimento escolar.

Tabela 29: GRUPO DE INTERVENÇÃO 2– TARDE (GI.2-T)

Nomes	PCF jun/06	PCF dez/06	Diferença	TDE jun/06	TDE dez/06	Diferença
2-T.02	16	28	-12,00	8	31	-23,00
2-T.07	17	25	-8,00	4	5	-1,00
2-T.10	18	36	-18,00	48	68	-20,00
2-T.14	20	35	-15,00	49	85	-36,00
2-T.16	13	16	-3,00	5	8	-3,00
Total	84,00	140,00	-56,00	114,00	197,00	-83,00
Mediana	17,00	28,00	-11,00	8,00	31,00	-23,00
Média	16,80	28,00	-11,20	22,80	39,40	-16,60
Desvio-Padrão	2,59	8,15		23,51	35,84	
Prova T de WILCOXON		Z=-2,023	p=0,043*		Z=-2,023	p=0,043*
Prova dos SINAIS			p-0,063ns			p-0,063ns

*Pré<Pós

Na Tabela 30, referente aos dados do Grupo de Controle, pareado ao subgrupo de intervenção da Tabela anterior, ou seja, composto por alunos da mesma classe que eles e que apresentaram no pré-teste, como eles, um desempenho também abaixo da média, pode-se observar que, na PCF, as diferenças entre pré e pós-teste (mediana= 2,00 e média= 1,80) revelaram-se significantes ao nível $p=(0,05)$, na Prova T de Wilcoxon, enquanto, no TDE, a diferença numérica encontrada (mediana= -18,00 e média= -17,20) não se mostrou estatisticamente significativa. É de se destacar que as diferenças estatisticamente significativas encontradas na PCF foram num sentido, a princípio, inesperado, ou seja, Pré>Pós, que poderia sugerir uma “perda” no conhecimento, mas cabe considerar aqui o pequeno número de sujeitos e prováveis fatores devidos ao acaso, uma vez que o desempenho dos alunos era muito baixo na referida prova.

Tabela 30: GRUPO DE CONTROLE ABAIXO DA MÉDIA / MEDIANA (GCb.2-T)

Nomes	PCF jun/06	PCF dez/06	Diferença	TDE jun/06	TDE dez/06	Diferença
2-T.02	15	14	1,00	14	74	-60,00
2-T.03	15	13	2,00	4	4	0,00
2-T.08	19	16	3,00	78	94	-16,00
2-T.09	19	18	1,00	18	15	3,00
2-T.13	18	16	2,00	23	36	-13,00
Total	86,00	77,00	9,00	137,00	223,00	-86,00
Mediana	18,00	16,00	2,00	18,00	36,00	-18,00
Média	17,20	15,40	1,80	27,40	44,60	-17,20
Desvio-Padrão	2,05	1,95		29,13	38,42	
Prova T de WILCOXON		Z=-2,041	p=0,041*		Z=-1,461	p=0,144ns
Prova dos SINAIS			p=0,063ns			p=0,625ns

*Pré>Pós

Na Tabela 31, referente aos dados do Grupo de Controle, composto por alunos da mesma classe, mas com desempenho no pré-teste acima da média e/ou mediana, pode-se observar que, na PCF, as diferenças entre pré e pós-teste (mediana=-0,50 e média =1,00) não se mostraram significativas. Para o TDE, as diferenças (mediana= -28,00 e média= -26,50) revelaram-se significativas ao nível de 0,05, indicando progresso no rendimento escolar.

Tabela 31: GRUPO DE CONTROLE ACIMA DA MÉDIA/MEDIANA (GCa.2-T)

Nomes	PCF Jun/06	PCF dez/06	Diferença	TDE jun/06	TDE dez/06	Diferença
2-T.04	25	26	-1,00	77	90	-13,00
2-T.05	17	15	2,00	43	72	-29,00
2-T.11	24	26	-2,00	32	91	-59,00
2-T.12	28	25	3,00	90	100	-10,00
2-T.15	23	21	2,00	48	78	-30,00
2-T.17	27	25	2,00	80	98	-18,00
Total	144,00	138,00	6,00	370,00	529,00	-159,00
Mediana	24,50	25,00	-0,50	62,50	90,50	-28,00
Média	24,00	23,00	1,00	61,67	88,17	-26,50
Desvio-Padrão	3,90	4,34		23,62	11,07	
Prova T de WILCOXON		Z=-1,294	p=0,196ns		Z=-2,201	p=0,028*
Prova dos SINAIS			p=0,688ns			p=0,031*

*Pré<Pós

As Tabelas 32; 33 e 34 apresentam a totalização dos resultados dos dois subgrupos (M e T). Assim, na Tabela 32, dos resultados totais dos Grupos de Intervenção 2, realizados no segundo semestre, pode-se observar que as diferenças entre pré e pós-teste, tanto para a PCF (mediana= -17,00 e média= -12,44), quanto para o TDE (mediana=-38,00 e média= -19,00), revelaram-se estatisticamente significativas até mesmo ao nível de $p=0,01$. Neste caso, o número de alunos, agora igual a nove, permitiu a expressão estatística das diferenças numéricas já anteriormente encontradas nos dois subgrupos (cf. Tabelas 26 e 29). Esse resultado confirma a nossa expectativa de que o treinamento realizado gerou aprendizagem em Consciência Fonológica e até, possivelmente, se refletiu no rendimento escolar.

Tabela 32: GRUPO DE INTERVENÇÃO TOTAL (GI.2 (M e T))

Nomes	PCF jun/06	PCF dez/06	Diferença	TDE jun/06	TDE dez/06	Diferença
2-M.02	21	38	-17,00	63	100	-37,00
2-M.03	26	37	-11,00	30	70	-40,00
2-M.12	17	28	-11,00	26	30	-4,00
2-M.15	22	39	-17,00	82	89	-7,00
2-T.02	16	28	-12,00	8	31	-23,00
2-T.07	17	25	-8,00	4	5	-1,00
2-T.10	18	36	-18,00	48	68	-20,00
2-T.14	20	35	-15,00	49	85	-36,00
2-T.16	13	16	-3,00	5	8	-3,00
Total	170,00	282,00	-112,00	315,00	486,00	-171,00
Mediana	18,00	35,00	-17,00	30,00	68,00	-38,00
Média	18,89	31,33	-12,44	35,00	54,00	-19,00
Desvio-Padrão	3,82	7,65		27,51	36,01	
Prova T de WILCOXON		Z=-2,670	p=0,008**		Z=-2,666	p=0,008**
Prova dos SINAIS			p=0,004**			p=0,004**

**Pré<Pós

Na Tabela 33, referente aos dados totais dos Grupos de Controle (GCb.2-M e GCb.2-T), compostos por alunos das mesmas classes que as dos grupos de Intervenção, que apresentaram no pré-teste, como eles, um desempenho também abaixo da média, pode-se observar que, na PCF, as diferenças entre pré e pós-teste (mediana= 2,50 e média= 1,00) revelaram-se no teste estatístico como significativas; no TDE, a diferença encontrada (mediana= -40,50 e média= -16,60) mostrou-se estatisticamente significativa ($p=0,05$). No entanto, enquanto para o TDE, a diferença se deu no sentido esperado (Pós>Pré), para a PCF, o sentido foi contrário (Pós<Pré), fato inesperado, mas, como já anteriormente cogitado, provavelmente devido a fatores aleatórios, devido ao desempenho muito inferior na prova.

Tabela 33: GRUPO DE CONTROLE ABAIXO DA MÉDIA/MEDIANA TOTAL (GCb.2)

Nomes	PCF	PCF	Diferença	TDE	TDE	Diferença
	jun/06	dez/06		jun/06	dez/06	
2-M.05	24	23	1,00	94	100	-6,00
2-M.06	13	13	0,00	10	60	-50,00
2-M.11	19	19	0,00	86	88	-2,00
2-M.13	23	22	1,00	58	62	-4,00
2-M.16	15	16	-1,00	12	30	-18,00
2-T.01	15	14	1,00	14	74	-60,00
2-T.03	15	13	2,00	4	4	0,00
2-T.08	19	16	3,00	78	94	-16,00
2-T.09	19	18	1,00	18	15	3,00
2-T.13	18	16	2,00	23	36	-13,00
Total	180,00	170,00	10,00	397,00	563,00	-166,00
Mediana	18,50	16,00	2,50	20,50	61,00	-40,50
Média	18,00	17,00	1,00	39,70	56,30	-16,60
Desvio-Padrão	3,59	3,50		35,32	33,73	
		Z=-2,157	P=0,031*		Z=-2,429	p=0,015*
Prova dos SINAIS			p=0,070ns			p=0,039*

*Pré>Pós

*Pré<Pós

Na Tabela 34, referente aos dados totais dos Grupos de Controle (GCa-2M e GCa-2T), compostos por alunos das mesmas classes que as dos grupos de Intervenção, mas com desempenho no pré-teste acima da média e/ou mediana, pode-se observar que, na PCF, as diferenças entre pré e pós-teste (mediana= 0,00 e média= 1,00) revelaram-se no teste estatístico como não-significativas, enquanto, no TDE, a diferença encontrada (mediana= -13,00 e média= -16,23) mostrou-se estatisticamente significativa ($p=0,01$), na direção esperada.

Tabela 34: GRUPO DE CONTROLE ACIMA DA MÉDIA/MEDIANA TOTAL (GCa.2)

Nomes	PCF	PCF	Diferença	TDE	TDE	Diferença
	jun/06	dez/06		jun/06	dez/06	
2-M.01	26	22	4,00	75	80	-5,00
2-M.04	24	23	1,00	95	100	-5,00
2-M.07	26	27	-1,00	79	85	-6,00
2-M.08	23	22	1,00	76	79	-3,00
2-M.10	26	25	1,00	82	90	-8,00
2-M.14	17	18	-1,00	30	52	-22,00
2-M.17	27	25	2,00	97	100	-3,00
2-T.04	25	26	-1,00	77	90	-13,00
2-T.05	17	15	2,00	43	72	-29,00
2-T.11	24	26	-2,00	32	91	-59,00
2-T.12	28	25	3,00	90	100	-10,00
2-T.15	23	21	2,00	48	78	-30,00
2-T.17	27	25	2,00	80	98	-18,00
Total	313,00	300,00	13,00	904,00	1115,00	-211,00
Mediana	25,00	25,00	0,00	77,00	90,00	-13,00
Média	24,08	23,08	1,00	69,54	85,77	-16,23
Desvio-Padrão	3,50	3,48		23,17	13,82	
Prova T de WILCOXON		Z=-1,848	p=0,065ns		Z=-3,182	p=0,001**
Prova dos SINAIS			p=0,267ns			p=0,00**

**Pré<Pós

1.2.2 Análise Estatística das diferenças entre os Grupos de Intervenção (GI.2) e os Grupos de Controle (GCb.2 e GCa.2)

A seguir, serão apresentadas doze tabelas através das quais se pretende mostrar o resultado das análises estatísticas efetuadas com o Pacote Estatístico SPSS nos dados resultantes das aplicações, comparando-se o Grupo de Intervenção com os dois Grupos de Controle, antes (Pré-teste) e depois (Pós-teste) da intervenção, da Prova de Consciência Fonológica e do Testes de Desempenho Escolar.

Tabela 35: DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DE INTERVENÇÃO E O GRUPO DE CONTROLE ABAIXO DA MEDIANA / MÉDIA 2- MANHÃ (GI.2-M x GCb.2-M) NO PRÉ-TESTE:

Grupo de Intervenção (GI)	PCF	PCF		TDE	TDE		Grupo de Controle (GCb)
	Jun/06	Jun/06	Diferença	Jun/06	Jun/06	Diferença	
2-M.02	21	24	--	63	94	--	2-M.05
2-M.03	26	13	--	30	10	--	2-M.06
2-M.12	17	19	--	26	86	--	2-M.11
2-M.15	22	23	--	82	58	--	2-M.13
		15	--		12	--	2-M.16
Mediana:	21,50	19,00	2,50	46,50	58,00	-11,50	
Média:	21,50	18,80	2,70	50,25	52,00	-1,75	
Desvio-Padrão:	3,70	4,82		26,89	39,75		
Prova T de WILCOXON		Z=-0,365	p=0,715ns		Z=-0,730	p=0,465ns	
Prova dos SINAIS			p=0,625ns			p=1,000ns	

ns: diferença não significativa

Na Tabela 35, acima, referente aos dados do primeiro Grupo de Intervenção (GI.2-M), comparado com o primeiro Grupo de Controle (GCb.2-M), no **PRÉ-TESTE**, pode-se observar que, para a PCF, a pequena diferença numérica não se mostrou significativa, enquanto, para o TDE, as diferenças numéricas não se mostraram significativas. Essa inexistência de diferença entre os dois grupos, especialmente em relação à PCF, demonstra que se tratava de dois grupos de alunos que podem ser considerados como equiparados

quanto a essa avaliação. Lembrando que essa era mesmo a intenção ao se comporem os dois grupos.

Na Tabela 36, referente aos dados do primeiro subgrupo de intervenção (GI.2-M), comparado com o primeiro subGrupo de Controle (GCb.2-M), no **PÓS-TESTE**, pode-se observar que, para a PCF, apesar da expressiva diferença numérica entre os dois grupos (Mediana = 18,50 e Média = 16,90), o teste estatístico não revelou diferença significativa, muito provavelmente devido ao pequeno número de alunos em cada grupo, enquanto, para o TDE (Mediana = 17,50 e Média = 4,25), as diferenças numéricas não se mostraram significativas. Em termos de nossas hipóteses, era esperado que a diferença se mostrasse significativa e positiva (GI>GCb) no Pós-teste, tal como os valores numéricos identificaram.

Tabela 36: DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DE INTERVENÇÃO E O GRUPO DE CONTROLE ABAIXO DA MEDIANA / MÉDIA 2- MANHÃ (GI.2-M x GCb.2-M) NO PÓS-TESTE:

Grupo de Intervenção (GI)	PCF	PCF		TDE	TDE		Grupo de Controle (GCb)
	Dez/06	Dez/06	Diferença	Dez/06	Dez/06	Diferença	
2-M.02	38	23	--	100	100	--	2-M.05
2-M.03	37	13	--	70	60	--	2-M.06
2-M.12	28	19	--	30	88	--	2-M.11
2-M.15	39	22	--	89	62	--	2-M.13
		16	--		30	--	2-M.16
Mediana:	37,50	19,00	18,50	79,50	62,00	17,50	
Média:	35,50	18,60	16,90	72,25	68,00	4,25	
Desvio-Padrão:	5,07	4,16		30,77	27,24		
Prova T de WILCOXON		Z=-1,826	p=0,068ns		Z=0,00	p=1,000ns	
Prova dos SINAIS			p=0,125ns			p=1,000ns	

ns: diferença não significativa

Na Tabela 37, referente aos dados do primeiro subgrupo de intervenção (GI.2-M), comparado com o subGrupo de Controle acima da média / mediana (GCa.2-M), no **PRÉ-TESTE**, pode-se observar que, para a PCF, a diferença numérica (Mediana=-4,50 e Média=-2,64) não se mostrou significativa, e para o TDE, até mesmo a diferença numérica muito mais expressiva (Mediana=-35,50 e Média=-26,04) também não se mostrou significativa, provavelmente devido ao pequeno número de alunos, muito provavelmente devido ao pequeno número de participantes do grupo de intervenção.

Tabela 37: DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DE INTERVENÇÃO E O GRUPO DE CONTROLE ACIMA DA MEDIANA / MÉDIA 2- MANHÃ (GI.2-M x GCa2-M) NO PRÉ-TESTE:

Grupo de Intervenção (GI)	PCF	PCF		TDE	TDE		Grupo de Controle (GCa)
	jun/06	jun/06	Diferença	jun/06	jun/06	Diferença	
2-M.02	21	26	--	63	75	--	2-M.01
2-M.03	26	24	--	30	95	--	2-M.04
2-M.12	17	26	--	26	79	--	2-M.07
2-M.15	22	23	--	82	76	--	2-M.08
		26	--		82	--	2-M.10
		17	--		30	--	2-M.14
		27	--		97	--	2-M.17
Mediana:	21,50	26,00	-4,50	46,50	79,00	-32,50	
Média:	21,50	24,14	-2,64	50,25	76,29	-26,04	
Desvio-Padrão:	3,70	3,44		26,89	22,22		
Prova T de WILCOXON		Z=-1,095	p=0,273ns		Z=-1,461	p=0,144ns	
Prova dos SINAIS			p=0,625ns			p=0,625ns	

ns: diferença não significativa

Na Tabela 38, referente aos dados do primeiro subgrupo de intervenção (GI.2-M), comparado com o subGrupo de Controle acima da média / mediana (GCa.2-M), no **PÓS-TESTE**, pode-se observar que, para a PCF, apesar da diferença numérica expressiva entre os dois grupos (Mediana = 14,50 e Média =12,36); o teste estatístico não revelou diferença significativa, mesmo para o TDE (Me=-5,50 e Média=-11,46), isto se manteve, muito provavelmente, devido ao pequeno número de alunos em cada grupo. Mas, para efeito de nossas hipóteses, é interessante destacar que o GI.2, que, em relação a PCF, no Pré-teste, apresentara resultados numericamente inferiores ao GCa.2 (vide Tabela 37), no Pós-teste, teve suas médias e mediana numericamente superiores a ele, ou seja, $GI > GCa$, ainda que, estatisticamente, talvez devido ao pequeno número de alunos do grupo GI, isto não tenha se confirmado.

Tabela 38: DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DE INTERVENÇÃO E O GRUPO DE CONTROLE ACIMA DA MEDIANA / MÉDIA 2- MANHÃ (GI.2-M x GCa.2-M) NO PÓS-TESTE:

Grupo de Intervenção (GI)	PCF	PCF	Diferença	TDE	TDE	Diferença	Grupo de Controle (GCa)
	Dez/06	Dez/06		Dez/06	Dez/06		
2-M.02	38	22	--	100	80	--	2-M.01
2-M.03	37	23	--	70	100	--	2-M.04
2-M.12	28	27	--	30	85	--	2-M.07
2-M.15	39	22	--	89	79	--	2-M.08
		25	--		90	--	2-M.10
		18	--		52	--	2-M.14
		25			100		2-M.17
Mediana:	37,50	23,00	14,50	79,50	85,00	-5,50	
Média:	35,50	23,14	12,36	72,25	83,71	-11,46	
Desvio-Padrão:	5,07	2,91		30,77	16,40		
Prova T de WILCOXON		Z=-1,826	p=0,068ns		Z=-0,730	p=0,465ns	
Prova dos SINAIS			p=0,125ns			p=1,000ns	

ns: diferença não significativa

Na Tabela 39, referente aos dados do subgrupo de intervenção (GI.2-T), comparado com o subGrupo de Controle abaixo da média/mediana do turno da Tarde (GCB.2-T), no **PRÉ-TESTE**, pode-se observar que, tanto para a PCF quanto para o TDE as diferenças numéricas não se mostraram significativas.

Tabela 39: DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DE INTERVENÇÃO E O GRUPO DE CONTROLE ABAIXO DA MEDIANA / MÉDIA 2- TARDE (GI.2-T x GCB.2-T) NO PRÉ-TESTE:

Grupo de Intervenção	PCF	PCF	Diferença	TDE	TDE	Diferença	Grupo de Controle (GCB)
	Jun/06	Jun/06		Jun/06	Jun/06		
2-T.02	16	15	1,00	08	14	-6,00	2-T.01
2-T.07	17	15	2,00	04	04	0,00	2-T.03
2-T.10	18	19	-1,00	48	78	-30,00	2-T.08
2-T.14	20	19	1,00	49	18	31,00	2-T.09
2-T.16	13	18	-5,00	05	23	-18,00	2-T.13
Total	84,00	86,00	-2,00	114,00	137,00	-23,00	
Mediana:	17,00	18,00	-1,00	8,00	18,00	-10,00	
Média:	16,80	17,20	-0,40	22,80	27,40	-4,60	
Desvio-Padrão:	2,59	2,05		23,51	29,13		
Prova T de WILCOXON		Z=-0,137	p=0,891ns		Z=-0,365	p=0,715ns	
Prova dos SINAIS			p=1,000ns			p=0,625ns	

ns: diferença não significativa

Na Tabela 40, a seguir, referente aos dados do subgrupo de intervenção (GI.2-T), comparado com o subGrupo de Controle abaixo da média/mediana (GCb.2-T), ambos do turno da Tarde, no **PÓS-TESTE**, pode-se observar que, para a PCF, apesar da expressiva diferença numérica expressiva entre os dois grupos (12,00 para mediana e 12,60 para a média), o teste estatístico não revelou diferença significativa, muito provavelmente devido ao pequeno número de alunos em cada grupo. Em relação ao TDE, as diferenças numéricas (Mediana = -5,00 e Média = -5,20) não foram identificadas no teste estatístico.

Tabela 40: DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DE INTERVENÇÃO E O GRUPO DE CONTROLE ABAIXO DA MEDIANA / MÉDIA 2- TARDE (GI.2-T x GCb.2-T) NO PÓS-TESTE:

Nomes	PCF	PCF	Diferença	TDE	TDE	Diferença	Grupo de Controle (GCb)
	Dez/06	Dez/06		Dez/06	Dez/06		
2-T.02	28	14	14	31	74	-43	2-T.01
2-T.07	25	13	12	05	04	1	2-T.03
2-T.10	36	16	20	68	94	-26	2-T.08
2-T.14	35	18	17	85	15	70	2-T.09
2-T.16	16	16	00	08	36	-28	2-T.13
Total	140,00	77,00	63,00	197,00	223,00	-26,00	
Mediana:	28,00	16,00	12,00	31,00	36,00	-5,00	
Média:	28,00	15,40	12,60	39,40	44,60	-5,20	
Desvio-Padrão:	8,15	1,95		35,84	38,42		
Prova T de WILCOXON		Z=-1,826	p=0,068ns		Z=-0,405	p=0,686ns	
Prova dos SINAIS			p=0,125ns			p=1,000ns	

ns: diferença não significativa

Na Tabela 41, referente aos dados do subgrupo de intervenção (GI.2-T), comparado com o subGrupo de Controle acima da média / mediana (GCa.2-T), ambos do turno da tarde, no **PRÉ-TESTE**, pode-se observar que, para a PCF, a diferença numérica (Mediana=-7,50 e Média=-7,20) não se mostrou significativa, e para o TDE, até mesmo a diferença numérica muito mais expressiva (Mediana=-54,50 e Média=-38,87) também não se mostrou significativa, provavelmente devido ao pequeno número de alunos.

Tabela 41: DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DE INTERVENÇÃO E O GRUPO DE CONTROLE ACIMA DA MEDIANA / MÉDIA 1- TARDE (GI.1-T x GCa.1-T) NO PRÉ-TESTE:

Grupo de Intervenção	PCF	PCF		TDE	TDE		Grupo de Controle (GCa)
	Jun/06	Jun/06	Diferença	Jun/06	Jun/06	Diferença	
2-T.02	16	25	--	08	77	--	2-T.04
2-T.07	17	17	--	04	43	--	2-T.05
2-T.10	18	24	--	48	32	--	2-T.11
2-T.14	20	28	--	49	90	--	2-T.12
2-T.16	13	23	--	05	48	--	2-T.15
		27	--		80	--	2-T.17
Mediana:	17,00	24,50	-7,50	8,00	62,50	-54,50	
Média:	16,80	24,00	-7,20	22,80	61,67	-38,87	
Desvio-Padrão:	2,59	3,90		23,51	23,62		
Prova T de WILCOXON		Z=-1,826	p=0,068ns		Z=-1,753	p=0,080ns	
Prova dos SINAIS			p=0,125ns			p=0,375ns	

ns: diferença não significativa.

Na Tabela 42, referente aos dados do subgrupo de intervenção (GI.2-T), comparado com o subGrupo de Controle acima da média / mediana (GCa.2-T), ambos do turno da tarde, no **PÓS-TESTE**, pode-se observar que, para a PCF, apesar da diferença numérica entre os dois grupos (Mediana = 3,00 e Média = 5,00), o teste estatístico não revelou diferença significativa, enquanto, para o TDE, as diferenças (Mediana=-59,50 e Média= -48,77) mostraram-se significativas na Prova de Wilcoxon. É interessante destacar que o GI.2, que, em relação à PCF, no Pré-teste, apresentara resultados numericamente inferiores ao GCa.2 (vide Tabela 41), no Pós-teste, teve suas médias e mediana numericamente superiores a ele, ou seja, $GI.2 > GCa.2$, ainda que, estatisticamente, talvez devido ao pequeno número de alunos do grupo GI.2, isso não tenha se confirmado.

Tabela 42: DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DE INTERVENÇÃO E O GRUPO DE CONTROLE ACIMA DA MEDIANA / MÉDIA 2- TARDE (GI.2-T x GCa.2-T) NO PÓS-TESTE:

Grupo de Intervenção	PCF	PCF	Diferença	TDE	TDE	Diferença	Grupo de Controle (GCa)
	Dez/06	Dez/06		Dez/06	Dez/06		
2-T.02	28	26	--	31	90	--	2-T.04
2-T.07	25	15	--	05	72	--	2-T.05
2-T.10	36	26	--	68	91	--	2-T.11
2-T.14	35	25	--	85	100	--	2-T.12
2-T.16	16	21	--	08	78	--	2-T.15
		25	--		98	--	2-T.17
Mediana:	28,00	25,00	3,00	31,00	90,50	-59,50	
Média:	28,00	23,00	5,00	39,40	88,17	-48,77	
Desvio-Padrão:	8,15	4,34		35,84	11,07		
Prova T de WILCOXON		Z=-1,511	p=0,131ns		Z=-2,023	p=0,043*	
Prova dos SINAIS			p=0,375ns			p=0,063ns	

*: $GI < GCa$

Na Tabela 43, referente aos dados do subgrupo de intervenção total (GI.2), comparado com o subGrupo de Controle abaixo da média/mediana total (GCb.2), no **PRÉ-TESTE**, pode-se observar que, tanto para a PCF quanto para o TDE, as diferenças numéricas não se mostraram significativas. Essa inexistência de diferença entre os dois grupos, especialmente em relação à PCF, demonstra que se tratava de dois grupos de alunos que podem ser considerados como equiparados quanto a esta avaliação. Lembrando que essa era mesmo a intenção ao se comporem os dois grupos.

Tabela 43: DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DE INTERVENÇÃO TOTAL (MANHÃ E TARDE) E O GRUPO DE CONTROLE ABAIXO DA MEDIANA / MÉDIA 2- TOTAL (MANHÃ E TARDE) (GI.2 x GCb.2) NO PRÉ-TESTE:

Grupo de Intervenção	PCF	PCF		TDE	TDE		Grupo de Controle (GCb)
	Jun/06	Jun/06	Diferença	Jun/06	Jun/06	Diferença	
2-M.02	21	24	--	63	94	--	2-M.05
2-M.03	26	13	--	30	10	--	2-M.06
2-M.12	17	19	--	26	86	--	2-M.11
2-M.15	22	23	--	82	58	--	2-M.13
2-T.02	16	15	--	08	12	--	2-M.16
2-T.07	17	15	--	04	14	--	2-T.01
2-T.10	18	15	--	48	04	--	2-T.03
2-T.14	20	19	--	49	78	--	2-T.08
2-T.16	13	19	--	05	18	--	2-T.09
		18	--		23	--	2-T.13
Mediana:	18,00	18,50	-0,50	30,00	20,50	9,50	
Média:	18,89	18,00	0,89	35,00	39,70	-4,70	
Desvio-Padrão:	3,82	3,59		27,51	35,32		
Prova T de WILCOXON		Z=-0,179	p=0,858ns		Z=-0,652	p=0,515ns	
Prova dos SINAIS			p=1,000ns			p=0,508ns	

ns: diferença não significativa

Na Tabela 44, referente aos dados do subgrupo de intervenção total (GI.2), comparado com o subGrupo de Controle abaixo da média/mediana total (GCB.2), no **PÓS-TESTE**, em relação à PCF, foi encontrada diferença significativa positiva ($GI.2 > GCB.2$), ao nível de significância de 0,05, nos dois testes (Wilcoxon e dos Sinais), tal como era esperado por nossas hipóteses iniciais de que a intervenção elevaria o desempenho dos alunos do grupo de intervenção quando comparados com os alunos do Grupo de Controle. Em relação ao TDE, ainda que se tenham observado valores numéricos (7,00 para mediana e -2,30 para a média) em relação às diferenças, estes não se mostraram estatisticamente significativos.

Tabela 44: DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DE INTERVENÇÃO TOTAL E O GRUPO DE CONTROLE ABAIXO DA MEDIANA / MÉDIA 2- TOTAL (GI.2 x GCB.2) NO PÓS-TESTE:

Nomes	PCF	PCF	Diferença	TDE	TDE	Diferença	Grupo de Controle (GCB)
	Dez/06	Dez/06		Dez/06	Dez/06		
2-M.02	38	23	--	100	100	--	2-M.05
2-M.03	37	13	--	70	60	--	2-M.06
2-M.12	28	19	--	30	88	--	2-M.11
2-M.15	39	22	--	89	62	--	2-M.13
2-T.02	28	16	--	31	30	--	2-M.16
2-T.07	25	14	--	05	74	--	2-T.01
2-T.10	36	13	--	68	04	--	2-T.03
2-T.14	35	16	--	85	94	--	2-T.08
2-T.16	16	18	--	08	15	--	2-T.09
		16	--		36	--	2-T.13
Mediana:	35,00	16,00	19,00	68,00	61,00	7,00	
Média:	31,33	17,00	14,33	54,00	56,30	-2,30	
Desvio-Padrão:	7,65	3,50		36,01	33,73		
Prova T de WILCOXON		Z=-2,547	p=0,011*		Z=-0,140	p=0,889ns	
Prova dos SINAIS			p=0,039*			p=1,000ns	

*Significante ao nível de 0,05 ($GI > GCB$).

Na Tabela 45, referente aos dados do subgrupo de intervenção total (GI.2), comparado com o subGrupo de Controle acima da média/mediana total (GCa.2), no **PRÉ-TESTE**, em relação à PCF e ao TDE, foram encontradas diferenças significativas negativas ($GI.2 < GCa.2$), ao nível de significância de 0,05. Essa diferença era esperada já na composição dos grupos.

Tabela 45: DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DE INTERVENÇÃO TOTAL E O GRUPO DE CONTROLE ACIMA DA MEDIANA / MÉDIA 2- TOTAL (GI.2 x GCa2) NO PRÉ-TESTE:

Grupo de Intervenção	PCF	PCF	Diferença	TDE	TDE	Diferença	Grupo de Controle (GCa)
	Jun/06	Jun/06		Jun/06	Jun/06		
2-M.02	21	26	--	63	75	--	2-M.01
2-M.03	26	24	--	30	95	--	2-M.04
2-M.12	17	26	--	26	79	--	2-M.07
2-M.15	22	23	--	82	76	--	2-M.08
2-T.02	16	26	--	08	82	--	2-M.10
2-T.07	17	17	--	04	30	--	2-M.14
2-T.10	18	27	--	48	97	--	2-M.17
2-T.14	20	25	--	49	77	--	2-T.04
2-T.16	13	17	--	05	43	--	2-T.05
		24	--		32	--	2-T.11
		28	--		90	--	2-T.12
		23	--		48	--	2-T.15
		27	--		80	--	2-T.17
Mediana	18,00	25,00	-7,00	30,00	77,00	-47,00	
Média	18,89	24,08	-5,19	35,00	69,54	-34,54	
Desvio-Padrão	3,82	3,50		27,51	23,17		
Prova T de WILCOXON		Z=-2,246	p=0,025*		Z=-2,547	p=0,011*	
Prova dos SINAIS			p=0,070ns			p=0,039*	

*Significante ao nível de 0,05 ($GI < GCa$).

Tabela 46: DIFERENÇAS ENTRE O GRUPO DE INTERVENÇÃO TOTAL E O GRUPO DE CONTROLE ACIMA DA MEDIANA / MÉDIA 2- TOTAL (GI.2 x GCa2) NO PÓS-TESTE:

Grupo de Intervenção	PCF	PCF	Diferença	TDE	TDE	Diferença	Grupo de Controle (GCa)
	Dez/06	Dez/06		Dez/06	Dez/06		
2-M.02	38	22	--	100	80	--	2-M.01
2-M.03	37	23	--	70	100	--	2-M.04
2-M.12	28	27	--	30	85	--	2-M.07
2-M.15	39	22	--	89	79	--	2-M.08
2-T.02	28	25	--	31	90	--	2-M.10
2-T.07	25	18	--	05	52	--	2-M.14
2-T.10	36	25	--	68	100	--	2-M.17
2-T.14	35	26	--	85	90	--	2-T.04
2-T.16	16	15	--	08	72	--	2-T.05
		26	--		91	--	2-T.11
		25	--		100	--	2-T.12
		21	--		78	--	2-T.15
		25	--		98	--	2-T.17
Mediana	35,00	25,00	10,00	68,00	90,00	-22,00	
Média	31,33	23,08	8,26	54,00	85,77	-31,77	
Desvio-Padrão	7,65	3,48		36,01	13,82		
Prova T de WILCOXON		Z=-2,668	p=0,008**		Z=-2,073	p=0,038*	
Prova dos SINAIS			p=0,004**			p=0,18ns	

**Significante ao nível de 0,01 (GI.2>GCa.2).

* Significante ao nível de 0,05 (GI.2<GCa.2).

Na Tabela 46, acima, referente aos dados do subgrupo de intervenção total (GI.2), comparado com o subGrupo de Controle acima da média/mediana total (GCa.2), no **PÓS-TESTE**, em relação à PCF, foi encontrada diferença significativa positiva (GI.2>GCa.2), ao nível de significância de 0,01. Em nossas hipóteses iniciais, esperávamos que o grupo de intervenção alcançasse, em termos médios, o nível de desempenho do Grupo de Controle acima da média; no entanto, tal como ocorreu em relação ao Grupo 1, do primeiro semestre, estes dados revelam que ele o superou, indicando assim um efeito ainda mais intenso do que o esperado por nossas hipóteses iniciais, para o grupo que passou pela intervenção. Mas essas elevações no desempenho na PCF, parece não terem sido suficientes para se refletirem

também no TDE, uma vez que ele revelou diferenças estatisticamente significativas a favor do Grupo de Controle ($GI.1 < GCa.2$). Esses resultados podem indicar também que, de uma forma imediata, já que as avaliações do Pós-teste se deram logo após o encerramento da intervenção, um melhor desempenho na PCF não vem acompanhado de um melhor desempenho no TDE, lembrando ainda que, no caso desta pesquisa, utilizamos o TDE completo, incluindo as provas de aritmética, o que pode também ter contribuído para este “mascaramento” dos efeitos, caso eles existam. Pesquisas longitudinais poderiam responder a esta questão.

2. Análise do processo grupal

A seguir, serão apresentados os resultados obtidos a partir de uma análise das transcrições das sessões dos grupos de intervenção. Nessa análise, foram buscados tanto os temas e as atividades desenvolvidas pelos alunos, quanto a relação entre eles, entendida como os tipos de agrupamentos que formavam, ou seja, a sociometria do grupo. Assim, as transcrições foram submetidas a uma análise sociométrica, produzindo “diagramas sociométricos” que, depois, foram traduzidos na forma destas “diferenciações sociométricas” que se seguem. Na apresentação a seguir, procuramos trocar os termos mais técnicos, como “projetos”, por exemplo, por termos mais usuais, como “propostas de atividade”. Os relatos, em cada grupo, estão organizados na ordem crescente das reuniões, ou seja, do primeiro ao último encontro.

Após as análises dos quatro grupos, verificamos uma grande repetição, tanto em relação às atividades, quanto às estruturas sociométricas mais comuns, e por essa razão, optamos por apresentar, a seguir, apenas os resultados de dois dos quatro grupos, aqueles que mais se diferenciaram, ou seja, o Grupo 1 – Manhã, e o Grupo 2 – Tarde.

2.1. Grupo 1 – manhã (1-M): descrição esquemática dos momentos grupais

A presente pesquisa foi realizada com quatro grupos: Grupo 1 – MANHÃ (GI.1-M; GCb.1- M e GCa.1- M) – TARDE (GI.1-T; GCb.1- T e GCa.1- T) e Grupo 2 - MANHÃ (GI.2-M; GCb.2- M e GCa.2- M) – TARDE (GI.2-T; GCb.2- T e GCa.2- T).

No entanto, podemos constatar que os três grupo (GI.1-M; GI.1-T e GI.2-M) apresentaram o mesmo tipo de desenvolvimento, a forma como eles se distribuíram, a forma como aderiam às propostas, na integração e coesão dos grupos, na organização das histórias e das brincadeiras, na cooperatividade entre eles, na diversidade de brincadeiras e histórias clássicas e inventadas e na organização do tempo, diferentemente do grupo GI.2-T, que apresentou uma singularidade muito grande.

Pelos motivos citados acima, escolhemos apresentar o grupo GI.1-M e o grupo GI.2-T.

Os resultados apresentados, a seguir, tratam-se dos relatos esquemáticos dos acontecimentos de cada reunião. Buscou-se destacar os momentos essenciais para a dinâmica grupal. No total, foram realizadas 40 reuniões grupais, com duração média de uma hora a uma hora e meia. Os trechos apresentados foram retirados das transcrições em áudio de cada encontro. As transcrições foram submetidas a uma análise sociométrica, tal como previsto na metodologia, produzindo “diagramas sociométricos” que, depois, foram traduzidos na forma destas “diferenciações sociométricas” que se seguem. Os relatos estão organizados na ordem crescente das reuniões, ou seja, do primeiro ao último encontro.

2.1.1. As diferenciações sociométricas da 1ª reunião do grupo de alunos

2.1.1.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na sala de recuperação de ciclo, e todos dirigiram-se para sala de leitura. Estavam presentes nessa reunião: 1-M.04; 1-M.06; 1-M.11 e 1-M.12.

Este grupo foi formado com apenas quatro alunos, para completar os 10 alunos do Grupo de Intervenção com desempenho abaixo da média e/ou mediana, tal como previsto na metodologia.

A pesquisadora abriu a reunião solicitando que todos se sentassem e explicou a presença do gravador nos encontros. Combinou como seriam os encontros, quais seriam os dias da semana em que estariam se reunindo e os horários. Ficou combinado, também, que as reuniões não aconteceriam no horário de Educação Física ou no horário da aula de Educação Artística. A pesquisadora pediu para que não faltassem, explicou a importância de cada um, no grupo, e que a ausência de um desfalaria o grupo. Dessa forma, ficou claro que o grupo estaria se reunindo na sala de leitura três vezes por semana; quando acontecesse algum imprevisto, como reuniões ou feriados, seria mudado o dia do encontro.

O grupo reunir-se-á para fazer atividades diferentes: atividades livres (brincadeiras), sugeridas pelos participantes; atividades de dramatização (de histórias), sugeridas por todos, e, num terceiro momento, a pesquisadora direcionaria atividades mais específicas ou dirigidas. A pesquisadora explicou que, durante as reuniões, ninguém seria obrigado a participar de uma das três atividades se não quisesse, ou seja, poderiam ficar apenas assistindo aos demais, e que a reunião duraria, em média, de uma hora a uma hora e meia.

Após a abertura, todos se apresentaram (cada um falou seu nome).

Por fim, a pesquisadora pediu sugestões de brincadeiras, confirmando a primeira proposta de atividade grupal.

2.1.1.2) 1º Momento

A aluna 1-M.04 propõe, inicialmente, que se brinque de CORRE-COTIA. Em seguida, os alunos 1-M.11 e 1-M.12 formaram uma dupla que se opôs verbalmente à proposta inicial. O aluno 1-M.11 sugeriu, então, brincar de BATATA-QUENTE, e 1-M.12 concordou. Então,

1-M.04 propôs que primeiro se brincasse de BATATA-QUENTE e, depois, de CORRECOTIA. Enquanto isto, o aluno 1-M.06, por outro lado, embora não tenha sugerido brincadeiras, permaneceu sentado na roda, ouvindo os demais e esperando a definição da primeira brincadeira do grupo.

2.1.1.3) 2º Momento

Os alunos 1-M.06, 1-M.11 e 1-M.12 formaram um trio que aderiu expressamente à proposta feita por 1-M.04 de, primeiro, brincar de BATATA-QUENTE e, depois, de CORRECOTIA. Todos se envolveram na brincadeira. Inicialmente, ocorreu uma disputa para escolher aquele que começaria a atividade, com a almofada na mão. Para resolver o impasse, o grupo realizou a brincadeira do COPO DE VENENO (vide anexo 3). 1-M.06 ganhou a disputa e iniciaram a brincadeira. Durante a atividade, todos se envolveram com a brincadeira, jogando rapidamente a almofada (representando a batata-quente); mal pegavam e já jogavam para outro.

2.1.1.4) 3º Momento

O aluno 1-M.11 propõe verbalmente mudar de brincadeira e brincar de CORRECOTIA. Os alunos 1-M.04, 1-M.06 e 1-M.12 aderiram à proposta. Todos brincaram animadamente. Eles colocavam o lenço só na pesquisadora, fazendo com que ela, em cada rodada, colocasse em uma criança diferente, para que todos participassem. A pesquisadora sugeriu, após um tempo da brincadeira, encerrá-la e mudar de brincadeira, brincando de contar histórias.

2.1.1.5) 4º Momento

O grupo não aderiu à proposta da pesquisadora. Todos os alunos fizeram uma oposição silenciosa à sua proposta. Inicialmente, a pesquisadora perguntara se alguém sabia

contar estória. Os alunos 1-M.11 e 1-M.04 disseram que não sabiam. Enquanto isso, 1-M.06 e 1-M.12 permaneceram em silêncio. Desta forma, ninguém aderiu à proposta.

2.1.1.6) 5º Momento

A pesquisadora propôs, então, que os alunos contassem o que sabiam. Diante desta nova proposta, todos os alunos se uniram na participação de forma expressa. 1-M.04 falou sobre um capítulo de uma novela; 1-M.11 sobre um filme de terror; 1-M.12 falou sobre o Programa do Ratinho, e 1-M.06 sobre um desenho infantil. Todos falaram com euforia, principalmente 1-M.11, que demonstrou seu fascínio e medo pelos filmes de terror, tanto que, ao relatar sobre filme de terror, lágrimas escorreram pelo seu rosto, mas ele não interrompia a estória, contando o filme praticamente inteiro. Todos falavam ao mesmo tempo, não deixavam o amigo contar sua estória, interferiam dizendo que não era daquele jeito, que era de outro, e 1-M.06 e 1-M.12 demonstraram mais esse tipo de interrupção.

2.1.1.7) 6º Momento

A pesquisadora propõe, então, fazer uma avaliação da reunião. Todos comentaram e expressaram, verbalmente, opiniões e sentimentos em relação às experiências vivenciadas durante a reunião. Os alunos expressaram satisfação em terem participado do encontro, pediram para permanecerem mais tempo (a manhã toda) reunidos com a pesquisadora. Além disso, 1-M.11 sugeriu montar uma estória de terror no próximo encontro.

2.1.1.8) Fechamento

Após a conversa com os alunos, a pesquisadora encerrou a reunião e conduziu-os de volta à sala de aula.

2.1.1.9) Considerações gerais sobre a 1ª reunião do grupo de alunos

No geral, foi uma reunião de adesão dos alunos a todas as atividades propostas. No início do encontro, 1-M.06 mostrou-se inibido, aderindo silenciosamente às primeiras propostas, 1-M.11, 1-M.12 e 1-M.06 demonstraram iniciativa e tranquilidade para se expressarem verbalmente desde a primeira atividade. Na maioria das atividades, 1-M.12 demonstrou-se bem falante e empolgava-se rapidamente contagiando os demais.

Dos diversos momentos descritos acima, em apenas dois, formaram-se três subgrupos, mas nos demais formaram-se apenas dois, um da pesquisadora e outro dos alunos, mostrando coesão e integração entre os membros do grupo. Por fim, na última proposta, todos os alunos estavam seguros em manifestarem suas opiniões e sentimentos em relação às experiências vivenciadas durante o encontro grupal.

2.1.2 As diferenciações sociométricas da 2ª reunião do grupo de alunos

2.1.2.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Eles estavam eufóricos, especialmente o 1-M.11, que foi logo perguntando se era naquela reunião que iriam fazer a estória de terror. Dirigiram-se todos para a sala de leitura. O grupo teve início com os quatro participantes.

Ao entrar na sala, as crianças se jogaram nas almofadas no chão; a pesquisadora solicitou que todos sentassem na roda, e todos sentaram abraçando almofadas.

Recordaram o que haviam combinado com relação à montagem da estória, o que estariam encenando. A pesquisadora propõe aos alunos brincar de fazer estória. 1-M.11 propôs montar uma estória de terror.

2.1.2.2) 1º Momento

Os alunos 1-M.06 e 1-M.12 formaram um trio que aderiu silenciosamente à proposta feita por 1-M.11, ou seja, os três ouviam a instrução da brincadeira em silêncio, não se manifestando. A pesquisadora propôs aos alunos que escolhessem as suas personagens. 1-M.11 sugeriu uma personagem para cada participante do grupo.

2.1.2.3) 2º Momento

1-M.12 não concordou com a personagem que 1-M.11 escolheu para ele. E disse que queria ser herói; 1-M.11 concordou, mas disse que sua personagem não podia morrer. 1-M.04 e 1-M.06 formaram uma dupla que aderiu à proposta de 1-M.11. Eles concordaram com os papéis atribuídos por 1-M.11, e aguardaram em silêncio o início da dramatização.

2.1.2.4) 3º Momento

A proposta consistia na escolha do nome das personagens. Todos aderiram à proposta e foram logo falando o nome das personagens. 1-M.04: “eu vou ser a Júlia”; 1-M.11: “eu, o Monstro”; 1-M.06: “eu, o Rafael”, e o 1-M.12: “eu vou ser o Batman”. 1-M.11 diz que não tinha Batman na estória. 1-M.12: “mas nessa estória, agora tem”. E 1-M.11 concordou.

2.1.2.5) 4º Momento

A pesquisadora perguntou quem iria começar falando na estória. 1-M.11 propõe que 1-M.04. 1-M.04, que iniciasse. 1-M.04 aderiu à proposta feita por 1-M.11, perguntando o que iria dizer. 1-M.11 instruiu 1-M.04 sobre como falar. Enquanto isso, 1-M.06 e 1-M.12 aguardaram o início da estória em silêncio. A pesquisadora lembrou-os de que, na estória, precisava usar rima. Todos se envolveram na estória, principalmente 1-M.11, que falava por ele e pelos amigos.

2.1.2.6) 5º Momento

A pesquisadora propõe o encerramento da reunião, mas 1-M.04 sugere ouvir um pouco a gravação da estória, com o que a pesquisadora concordou. 1-M.06, 1-M.11 e 1-M.12 vibraram com a proposta de 1-M.04 e, mais ainda, quando a pesquisadora reproduziu a gravação. Eles ouviram a gravação da estória empolgadíssimos, e 1-M.11 pediu para os amigos pararem de rir e falar, para que ele pudesse ouvir a gravação. 1-M.12 elogia 1-M.04, porque havia representado direitinho. 1-M.06 só ria dos amigos, mas no momento em que ouviu a sua voz, ficou quietinho, prestando atenção.

2.1.2.6) Fechamento

Após o término da estória, a pesquisadora encerrou a reunião e acompanhou os alunos de volta à sala de aula.

2.1.2.7) Considerações gerais sobre a 2ª reunião do grupo de alunos

Foi uma reunião em que se configuraram cinco propostas, ou seja, cinco momentos grupais. Até a proposta quatro, que antecedeu o desenvolvimento da estória, o grupo dividiu-se em aderir à proposta de forma expressa verbal ou silenciosamente. Na proposta um, 1-M.11 aderiu de forma expressa verbalmente. Enquanto isso, 1-M.04; 1-M.06 e 1-M.12 aderiram silenciosamente. Na Proposta dois, 1-M.11 aderiu a proposta da pesquisadora expressamente, 1-M.12 opôs-se silenciosamente, e 1-M.04 e 1-M.06 aderiram silenciosamente. Na proposta três, todos se uniram para desenvolver a atividade. Na proposta quatro, 1-M.11 aderiu expressamente, enquanto 1-M.06 e 1-M.12 aderiram silenciosamente. Na proposta cinco, todos aderiram à proposta da pesquisadora. Assim, podemos afirmar que o grupo parecia estar mostrando-se cada vez mais integrado, pois, em todas as propostas, os alunos se uniram para desenvolverem, juntos, uma mesma atividade, demonstrando o início de uma possível coesão entre os participantes.

2.1.3 Considerações sobre as diferenciações sociométricas da 3ª reunião do grupo de alunos

2.1.3.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na fila do recreio. A professora da sala de aula pediu à pesquisadora que conversasse com 1-M.04, pois ela estava chorando muito. A pesquisadora e os três alunos (1-M.04, 1-M.06 e 1-M.11) dirigiram-se para sala de leitura, porque 1-M.12 havia faltado da escola naquele encontro.

Ao entrar na sala, o 1-M.11 se jogou nas almofadas no chão, e enquanto a pesquisadora tentava conter um pouco o choro da 1-M.04, o 1-M.06 ficou o tempo todo solícito. Após 1-M.04 ter-se acalmado iniciou-se a reunião.

Relembaram o que eles haviam feito na sessão anterior. Então a pesquisadora lembrou-os do combinado, de que em cada reunião, estaria acontecendo uma atividade diferente, sendo que, em uma reunião, seriam realizadas brincadeiras lúdicas livres, em outra dramatização (teatrinho) e outras atividades dirigidas diversificadas, e que, naquela reunião estariam brincando de outra forma.

2.1.3.2) 1º Momento

A pesquisadora propõe aos alunos para brincarem de congelar. 1-M.11, após a pesquisadora ter proposto a brincadeira, logo se manifestou verbalmente, perguntando como era a brincadeira, enquanto 1-M.06 e 1-M.04 aguardavam a instrução da pesquisadora em silêncio. A pesquisadora explicou que iria colocar a gravação da estória para rodar duas frases ou falas deles, e depois de ouvirem as duas frases, congelaria o som, e os alunos deveriam identificar se houve rima ou não, só descongelando o som após a identificação da rima. Todos brincaram animadíssimos, e a pesquisadora precisou colocar várias vezes as mesmas frases para que pudessem identificar as rimas.

2.1.3.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs brincar de procurar figuras que rimavam. Espalhou vários cartões com figuras pelo chão, mostrou a carta com a sílaba /ão/ e pediu que cada criança achasse um cartão com figura que terminasse com /ão/. Todos aderiram à proposta da pesquisadora e manifestaram-se verbalmente. A pesquisadora propôs que 1-M.11 iniciasse a brincadeira. Eles identificavam as figuras de formas diferentes. Por exemplo: a figura de um pedreiro construindo um muro, eles diziam o que ela representava: tijolo, homem, construção; até que 1-M.04 disse pedreiro. Eles ficavam o tempo todo silabando para identificar o som da figura com o som da sílaba solicitada (ÃO). 1-M.04 usou o recurso ortográfico, o reconhecimento do som. Eles demoraram um bom tempo nessa brincadeira.

2.1.3.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de jogo da memória. Espalhou vários cartões pelo chão com figuras para cima, para que as crianças identificassem as figuras que terminassem com o mesmo som. Todos aderiram à proposta da pesquisadora formando uma única unidade grupal.

Os alunos disputaram para saber quem começaria a brincadeira. O 1-M.11 estava eufórico para começar, e a todo momento pedia para ser o primeiro. Para decidir quem começaria, recorreu-se ao COPO DE VENENO. 1-M.04 começou a brincadeira. E depois, a brincadeira seguiu o sentido horário na roda que se formara. Eles tiveram um pouco de dificuldade para identificar dois cartões com figuras que terminassem com o mesmo som, principalmente o 1-M.04 e o 1-M.06; já o 1-M.11 rapidamente achava seus pares e queria ir de novo.

2.1.3.6) Fechamento

Após o término da atividade, a pesquisadora encerrou a reunião e acompanhou os alunos de volta à sala de aula.

2.1.3.7) Considerações gerais sobre a 3ª reunião do grupo de alunos

Foi uma reunião em que a pesquisadora sugeriu apenas três propostas, ou seja, três momentos grupais. Todos aderiram às três propostas feitas pela pesquisadora. Assim, podemos afirmar que o grupo estava bem integrado, demonstrando o início de uma possível coesão entre os participantes.

2.1.4 As diferenciações sociométricas da 4ª reunião do grupo de alunos

2.1.4.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na sala, e todos (os quatro) dirigiram-se para sala de leitura.

Ao entrar na sala, as crianças se jogaram nas almofadas no chão. A pesquisadora sentou na roda para dizer qual era a atividade a ser desenvolvida.

2.1.4.2) 1º Momento

1-M.06 sugeriu à pesquisadora brincar de achar pares que rimavam, porque o 1-M.12 havia faltado à reunião anterior. 1-M.04; 1-M.11 e 1-M.12 concordaram com 1-M.06, mas a pesquisadora não aderiu à proposta de 1-M.06 e explicou que a proposta daquele dia era brincadeira livre.

2.1.4.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs que todos sugerissem brincadeiras. 1-M.04, 1-M.06, 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta da pesquisadora e começaram a dar várias sugestões de brincadeira. 1-M.06 propôs brincar de PEGA-PEGA, 1-M.04 propôs brincar de CORRE-COTIA, 1-M.11 de BATATA-QUENTE e 1-M.12 propôs brincar da DANÇA-DAS- CADEIRAS.

2.1.4.4) 3º Momento

1-M.12 propôs brincar da DANÇA-DAS-CADEIRAS, e todos os demais aderiram à proposta feita por 1-M.12. Todos participaram animadamente da brincadeira. Quando a pesquisadora parava a música, eles “quase se matavam” para sentar, se possível até empurravam os amigos; repetiram essa brincadeira umas quatro vezes. Até que 1-M.11, já se demonstrando cansado, pediu para mudar de brincadeira.

2.1.4.5) 4º Momento

1-M.11 sugeriu mudar de brincadeiras, brincar de BATATA-QUENTE; 1-M.06, 1-M.04 e 1-M.11 não concordaram e manifestaram-se dizendo de quais brincadeiras gostariam de brincar. 1-M.06 PEGA-PEGA, 1-M.04 de CORRE-COTIA e 1-M.12 de COBRA-CEGA. Como ninguém chegava a um acordo, 1-M.04 propôs brincar de MORTO-VIVO.

2.1.4.6) 5º Momento

1-M.04 propôs aos demais brincar de morto-vivo. 1-M.06, 1-M.11 e 1-M.12 concordaram com a proposta feita por 1-M.04. Organizaram-se um ao lado do outro, a pesquisadora começou a dirigir a brincadeira, ordenando-os (MORTO-VIVO). Os alunos pareciam incansáveis, apenas o 1-M.11 parecia não agüentar mais, até que pediu para mudar de brincadeira. Então 1-M.12 diz: “você não está agüentando porque é muito gordo”. A Pesquisadora chamou-os para roda, pois eles estavam ofegantes e cansados. A pesquisadora propôs outra brincadeira: CANTAR ou CONTAR PIADA.

2.1.4.7) 6º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que escolhessem brincar de CANTAR ou CONTAR PIADA. 1-M.04, 1-M.06, 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta feita pela pesquisadora. 1-

M.04 iniciou cantando uma música dos Rebeldes. 1-M.06 e 1-M.12 cantaram a música do Zezé de Camargo e Luciano, e 1-M.04 contou uma piada: “bêbado tomou todas no bar, e passou um ônibus e buzinou: bibi; e o bêbado falou pro ônibus: ‘e daí, eu também bibi’...”. Pesquisadora propõe brincar de PASSAR ANEL.

2.1.4.8) 7º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos brincar de passar anel. Todos aderiram à proposta da pesquisadora. Todos brincaram ansiosos, esperando que os amigos colocassem o anel em suas mãos.

2.1.4.9) Fechamento

Após a conversa com os alunos, a pesquisadora encerrou a reunião e conduziu-os de volta à sala de aula.

2.1.4.10) Considerações gerais sobre a 4ª reunião do grupo de alunos

No geral, foi uma reunião de adesão dos alunos a todas as propostas estabelecidas pela pesquisadora ou pelos alunos. 1-M.11 demonstrou gostar das brincadeiras que têm bastante movimento, mas se cansa facilmente e acaba pedindo ao grupo para mudar de brincadeira. Por sua vez, o grupo não se opõe e acolhe a proposta de 1-M.11. Podemos perceber, na proposta quatro, que cada um havia escolhido uma brincadeira diferente, mas, em seguida, 1-M.04 propôs brincar de morto-vivo, e todos aderiram à brincadeira sem protestar. O grupo demonstrou integração em relação às propostas de mudanças de brincadeira, aderindo a todas as propostas e participando de forma intensiva.

2.1.5 As diferenciações sociométricas da 5ª reunião do grupo de alunos

2.1.5.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na sala de aula. Estavam presentes nessa reunião 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 (1-M.06 havia faltado da escola nessa reunião). Todos dirigiram-se para sala de leitura.

Ao entrar na sala, as crianças se jogaram nas almofadas no chão. A pesquisadora sentou-se na roda e propôs às crianças para contarem sobre o final de semana

2.1.5.2) 1º Momento

Todos aderiram à proposta feita pela pesquisadora para falarem sobre o final de semana. O 1-M.11 disse que o final de semana não tinha sido muito bom, porque sua mãe não tinha deixado ele brincar na rua, nem no sábado nem no domingo. O 1-M.12 falou que a mãe de 1-M.11 não havia deixado 1-M.11 brincar na rua porque era perigoso. 1-M.11 disse que lá na rua há um amigo que o protege. 1-M.12 disse que o final de semana só é legal na rua quando há bastante gente. 1-M.04 disse que, no domingo, não fez nada, só ficou dentro de casa. 1-M.12 disse que também só ficou dentro de casa assistindo a filmes.

2.1.5.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de fazer estória. 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta feita pela pesquisadora e foram logo dizendo algumas estórias: 1-M.11 propôs aos amigos para fazerem o teatro do Chuck, mas 1-M.12 não concordou, dizendo ser uma estória muito chata. 1-M.04 não se manifestou e aguardou em silêncio a decisão dos amigos.

2.1.5.4) 3º Momento

1-M.12 propôs ao grupo que montassem uma peça de comédia, e 1-M.04 aderiu à proposta feita por 1-M.12, sugerindo que fizessem a estória das Branqueelas ou dos Três Porquinhos. Porém 1-M.11 não concordou com os amigos, mas não se manifestou verbalmente, apenas aguardou a decisão da estória, fazendo cara de quem não concordava.

2.1.5.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs que montassem uma estória que não existia. 1-M.11 não concordou, propondo que inventassem uma estória bem antiga, mas 1-M.04 e 1-M.12 não se manifestaram e aguardaram em silêncio a decisão da estória.

De repente, a psicóloga da Instituição entrou e disse que precisava usar a sala de leitura. Então precisaram trocar de sala. A pesquisadora e os alunos dirigiram-se para a sala de vídeo. E foi preciso retomar o que estava sendo trabalhado.

2.1.5.6) 5º Momento

1-M.11 propôs ao grupo para montarem a estória do Gato Zappa. 1-M.04 e 1-M.12 aderiram à proposta de 1-M.11, e começaram a organizar a estória e definir as personagens de cada um. 1-M.04 disse que seria uma cachorra, cujo nome seria Xuxa. 1-M.11 disse que seria o gato Zappa, enquanto 1-M.12 disse que seria o gato Garfield.

A coordenadora da escola entrou na sala e interrompeu a sessão, dizendo: “Ah! Vocês estão aqui hoje”? A pesquisadora respondeu, a coordenadora da escola foi embora e os alunos deram sequência à atividade.

2.1.5.7) 6º Momento

A pesquisadora perguntou quem iria iniciar as falas da estória, e 1-M.04 sugeriu que fosse o gato Garfield. 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta feita por 1-M.04, mas antes que comessem a estória, a pesquisadora lembrou-os de incluir rimas na estória.

2.1.5.8) 7º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para incluírem rimas na estória. Todos aderiram à proposta e participaram animadamente do desenvolvimento da estória. 1-M.04 sugeriu que 1-M.11 trocasse de personagem com 1-M.12, porque ele estava dizendo para 1-M.11 tudo o que ele precisava dizer. 1-M.11 concordou e eles trocaram de papéis e reiniciaram toda a estória, animadamente.

2.1.5.9) Fechamento

A pesquisadora sugeriu o encerramento da reunião após o término da estória. Mas os alunos pediram para escutar a gravação. Após ouvirem, a pesquisadora encerrou a reunião e combinaram o próximo encontro.

2.1.5.10) Considerações gerais sobre a 5ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, na maioria das propostas, o grupo dividiu-se, sendo que alguns concordavam com a proposta e outros não. Na proposta um, o grupo integrou-se totalmente, e todos concordaram em brincar de montar uma estória. Nas Propostas dois, três e quatro, o grupo dividiu-se, pois, oscilando entre aderir expressamente ou silenciosamente a uma proposta feita pela pesquisadora ou pelos alunos do grupo. Mas, de modo geral, todos participaram animadamente da elaboração da estória. As crianças demoraram um pouco para decidir qual estória iriam encenar. 1-M.11 sugeriu aos amigos que montassem a estória do Gato Zappa. Definiram os papéis e começaram a dramatizar. Quase no final da dramatização, 1-M.04 sugeriu a troca de personagem entre 1-M.11 e 1-M.12, porque 1-M.12 estava se empenhando mais ou instruindo melhor o amigo. A mudança foi feita e eles reiniciam a encenação por causa da troca de personagem. A participação de 1-M.12 nessa estória foi surpreendente, destacou-se bastante, até montou uma música com rimas para a apresentação do Gato Zappa.

2.1.6 As diferenciações sociométricas da 6ª reunião do grupo de alunos

2.1.6.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na sala de aula e todos dirigiram-se para sala de leitura.

Participaram dessa reunião: 1-M.04; 1-M.11 e 1-M.12 (o 1-M.06 faltou novamente da escola).

Ao entrar na sala, as crianças jogaram-se nas almofadas no chão. A pesquisadora sentou-se na roda para dizer qual era a atividade a ser desenvolvida naquela reunião.

2.1.6.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de congelar as falas da estória e identificarem as rimas. Todos aderiram à proposta feita, participando animadamente da brincadeira. Quando a pesquisadora perguntava sobre a rima, às vezes eles pediam para repetir porque não haviam identificado.

2.1.6.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para que brincassem de achar figuras que terminavam com o mesmo som. A brincadeira consistia em que todos ficassem em pé. A Pesquisadora espalhou pelo chão vários cartões com figuras que rimavam com diferentes sons no final, eles andavam em volta dos cartões e, quando a pesquisadora parava a música, eles pegavam um par de figuras que rimavam. Ganhava a brincadeira quem achasse mais pares que rimavam. Todos aderiram à proposta da pesquisadora.

Disputaram para ver quem pegava mais par. Um ficava apressando o outro a ir mais rápido, tanto para andar em volta das figuras, como para procurá-las. 1-M.11 propôs a todos que contassem os pares para saber quem havia ganhado.

2.1.6.4) 3º Momento

1-M.04 e 1-M.12 aderiram à proposta de 1-M.11 e foram logo dizendo quantos pares haviam encontrado. 1-M.11 achou mais pares e ganhou a brincadeira, demonstrando estar todo orgulhoso.

2.1.6.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs o encerramento da reunião e todos aderiram à proposta.

2.1.6.6) Fechamento

Após a conversa com os alunos, a pesquisadora encerrou a reunião e conduziu-os de volta à sala de aula.

2.1.6.7) Considerações gerais sobre a 6ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, em todas as Propostas vivenciadas pelos alunos, eles aderiram expressamente à vontade de brincar, ou seja, todos eles alunos participaram ativamente das atividades e dos momentos grupais de forma integrada e coesa.

2.1.7 As diferenciações sociométricas da 7ª reunião do grupo de alunos

2.1.7.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na sala de aula e dirigiram-se para sala de leitura. Participaram desta reunião os quatro alunos da 4ª série de recuperação de ciclo (1-M.04, 1-M.06, 1-M.11 e 1-M.12).

A pesquisadora sentou-se com todas as crianças na roda no tapete, explicando a proposta do dia: brincadeira livre.

2.1.7.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para darem sugestões sobre as brincadeiras. Todos aderiram à proposta. 1-M.06 foi logo propondo brincar de BATATA-QUENTE, 1-M.12 propôs brincar da DANÇA-DAS-CADEIRAS, mas 1-M.11 não concordou com os amigos, dizendo que eram brincadeiras chatas, e propôs brincar de VIRAR CAMBALHOTAS. Enquanto isso, 1-M.04 permaneceu em silêncio aguardando a decisão dos amigos.

2.1.7.3) 2º Momento

1-M.11 propôs aos demais a brincadeira de VIRAR CAMBALHOTAS. 1-M.04, 1-M.06 e 1-M.12 aderiram à proposta feita e todos começaram a VIRAR CAMBALHOTAS, um por cima do outro, convidando a pesquisadora para virar cambalhotas! 1-M.11, discordou da proposta dos amigos, pois não acreditou que a pesquisadora fosse aceitar. Mas a pesquisadora aceitou e brincou com eles. Até que 1-M.12 propôs brincar da DANÇA-DAS- CADEIRAS.

2.1.7.4) 3º Momento

1-M.12 propôs brincar da DANÇA-DAS- CADEIRAS. 1-M.04 e 1-M.06 aderiram à proposta feita por 1-M.12, mas 1-M.11 não concordou, ficando deitado assistindo aos amigos brincar.

2.1.7.5) 4º Momento

1-M.11 propôs aos amigos que brincassem de PIQUE-GELO, todos aderiram à proposta feita. Para definir quem iniciaria pegando os colegas, eles usaram a estratégia do TOQUINHO (vide anexo 3). 1-M.11 foi quem iniciou, pegando os colegas.

Todos participaram com empolgação. Quando não estava mais com 1-M.11, ele ficava no pique provocando os amigos para pegá-lo, dançando funck. Depois dançava colocando a mão no bumbum, dizendo aos amigos que eles não o pegavam. Ele também não se importava

em ir descongelar os amigos, procurando só se salvar. E quando ficava congelado, mudava de lugar para ficar mais próximo dos participantes, para que eles o salvassem. 1-M.04 e 1-M.06 combinaram estratégias para salvar o amigo que estava congelado. Muito interessante a estratégia que eles usaram. Eles combinaram de um sair correndo para que o pegador fosse atrás dele enquanto o outro descongelava o amigo e corriam para o outro pique. Outra estratégia foi quando todos já haviam sido pegos e só faltava um congelamento para ficar com ele. 1-M.04 e 1-M.06 combinaram que para deixariam ser pegos para que a brincadeira começasse de novo, só que com um deles. Essa brincadeira tomou grande parte da reunião.

2.1.7.6) Fechamento

A pesquisadora pediu para que os alunos sentassem na roda. Todos se sentaram. Após a conversa com os alunos, ela encerrou a reunião e conduziu-os de volta à sala de aula.

2.1.7.7) Considerações gerais sobre a 7ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, todos os alunos participaram, aderindo à proposta expressamente ou silenciosamente. Na proposta três, 1-M.11 recusou-se a participar da brincadeira da DANÇAS- CADEIRAS, mas depois integrou-se novamente no grupo e participou da proposta. 1-M.11 propôs ao grupo mudar de brincadeira; brincar de PIQUE-GELO, e todos brincaram de forma descontraída. 1-M.11, a todo o momento da brincadeira, ficava provocando os demais participantes para pegá-lo, mas só fazia as provocações perto do pique.

2.1.8 As diferenciações sociométricas da 8ª reunião do grupo de alunos

2.1.8.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na sala de aula. Estavam presentes nessa reunião apenas 1-M.06 e 1-M.11 (1-M.04 e 1-M.12 haviam faltado da escola). Todos dirigiram-se

para sala de balé, pois a sala de leitura estava sendo ocupada pela psicóloga da escola. A sala de balé é uma sala usada pelo “Programa Escola da Família” (O objetivo do Programa é a abertura, nos finais de semana, das escolas da Rede Estadual de Ensino, transformando-as em Centro de Convivência, com atividades voltadas às áreas esportiva, cultural, de saúde e de qualificação para o trabalho), onde as crianças aprendem a dançar vários ritmos de músicas. A sala é exatamente igual à sala de leitura, no sentido de localização da porta e das janelas, mas não é tão bem iluminada quanto a outra sala por causa das árvores. Tem apenas um armário vazio e mais nada. As crianças não gostaram muito da sala. A pesquisadora sentou-se no chão e perguntou, primeiramente, sobre o final de semana de todos.

2.1.8.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que contassem como passaram o final de semana. 1-M.06 e 1-M.11 aderiram à proposta e contaram o que fizeram no final de semana. 1-M.06 contou que jogou bola, que foi a uma festa de Rip Rop na escola de um primo, e que havia bastante gente. 1-M.11 contou que no sábado, foi a uma quadra ver o primo jogar, que havia ido à casa da avó, que andou de bicicleta e no domingo brincou de namorar.

2.1.8.3) 2º Momento

A pesquisadora sugeriu que os alunos montassem uma estória. 1-M.11 não aderiu à proposta feita, alegando que não havia ninguém para montar a estória. Entretanto 1-M.06 aderiu à proposta feita pela pesquisadora e falou para o colega ter calma e pensar um pouco sobre uma estória que os dois poderiam fazer. Depois de muitos prós e contra chegaram a um acordo. Começaram a sugerir algumas estórias. 1-M.11 sugeriu montar o aniversário do Pan. 1-M.06 perguntou: “aniversário de quem?” 1-M.11 não lembrou o nome certo da estória. 1-M.06 perguntou se era o Peter Pan. 1-M.11 concordou. A pesquisadora então lembrou-os de que era para inventar uma estória que não existisse. E os dois concordaram.

2.1.8.4) 3º Momento

Como 1-M.06 queria montar estória e 1-M.11 não queria, a pesquisadora propôs a 1-M.06 e 1-M.11 que voltassem para sala e que, no próximo encontro, todos montariam juntos uma estória. 1-M.06 e 1-M.11 não concordaram com a pesquisadora de voltar para sala de aula e pediram ajuda na escolha de uma estória.

2.1.8.5) 4º Momento

A Pesquisadora propôs aos alunos que montassem uma estória sobre um domingo legal! 1-M.06 e 1-M.11 aderiram à proposta e foram logo organizando a estória e as personagens. Decidiram montar uma estória sobre “As aventuras de 1-M.06 e 1-M.11”. E os dois se envolveram no desenvolvimento da estória de forma intensa e integrada.

2.1.8.6) 5º Momento

Por conta do tempo, a pesquisadora propôs o encerramento da reunião e pediu que os alunos terminassem a estória no próximo encontro. 1-M.06 e 1-M.11 não concordaram com o encerramento e pois queriam ficar no recreio para terminar a estória e, depois até, quem sabe, brincar um pouco de brincadeira livre, mas a pesquisadora encerrou a reunião e conduziu-os até o pátio.

2.1.8.7) Fechamento

Após o bater o sinal, a pesquisadora encerrou a reunião e conduziu os alunos até o pátio da escola.

2.1.8.8) Considerações gerais sobre a 8ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, só estavam presentes 1-M.06 e 1-M.11. No início, 1-M.11 não queria

montar estória, queria brincadeira livre, enquanto 1-M.06 insistia com 1-M.11 para que pensassem em alguma estória; mas depois que aderiu à proposta feita pela pesquisadora, animou-se e não queria mais parar, até terminar a estória. Todavia, o sinal do recreio soou e a pesquisadora precisou encerrar a atividade. A reunião nesse dia não teve um bom início, mas teve um encerramento surpreendente, principalmente porque 1-M.11 não se envolvia em nenhuma proposta, mas, quando se envolveu, só queria parar quando a estória terminasse.

2.1.9 As diferenciações sociométricas da 9ª reunião do grupo de alunos

2.1.9.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na sala de aula e dirigiram-se para sala de balé, pois a sala de leitura estava sendo ocupada. Nesse dia, estavam presentes apenas 1-M.04, 1-M.06 e 1-M.11 (1-M.12 faltou da escola). 1-M.11 não gostava muito dessa sala. A Pesquisadora iniciou a reunião cumprimentando a todos e convidou 1-M.04 para que participasse da estória que 1-M.06 e 1-M.11 haviam começado no último encontro. Mas 1-M.11 propôs que primeiro brincassem de virar cambalhotas

2.1.9.2) 1º Momento

1-M.11 propôs a 1-M.04 e 1-M.06 para brincarem de virar cambalhotas. 1-M.04 e 1-M.06 não aderiram à proposta de 1-M.11, justificando que não queriam brincar de virar cambalhotas porque, naquela sala, não havia tapete no chão.

2.1.9.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs que os alunos terminassem a estória e que convidassem 1-M.04 para participar. 1-M.04 e 1-M.06 aderiram à proposta feita pela pesquisadora. 1-M.04

concordou em participar da estória, e 1-M.06 achou legal a participação de 1-M.04. Entretanto, 1-M.11 não concordou com a proposta da pesquisadora, dizendo que a estória estava na metade e não tinha mais jeito, e que 1-M.04 podia ficar assistindo. Mas a pesquisadora não concordou com a proposta de 1-M.11 e combinou com os três alunos que terminassem a estória juntos.

2.1.9.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs a 1-M.06 e 1-M.11 que incluíssem 1-M.04 na estória. 1-M.06 e 1-M.11 aderiram à proposta feita pela pesquisadora. Agora, então, 1-M.11 concordou, e os dois criaram uma personagem para 1-M.04. Enquanto isso, 1-M.04 aguardava em silêncio a decisão dos colegas.

2.1.9.5) 4º Momento

A Pesquisadora propôs aos alunos que se organizassem e terminassem a estória sobre “As aventuras de 1-M.04 e 1-M.06”. Todos aderiram à proposta e envolveram-se na estória, participando com entusiasmo até o fim. Ao terminar, 1-M.11 propôs ouvir a gravação da estória.

2.1.9.6) 5º Momento

1-M.11 propôs que todos ouvissem a gravação da estória. 1-M.04 e 1-M.11 aderiram à proposta feita e todos ouviram a estória, fazendo comentários sobre as falas, e rindo um do outro.

2.1.9.7) 6º Momento

A Pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de congelar frases da estória e para identificarem as rimas. Todos aderiram à sua proposta.

1-M.11, antes mesmo de a pesquisadora congelar as falas, identificava as rimas que apareciam no texto. Percebeu-se que ele memorizara as rimas no dia em que a estória foi montada.

2.1.9.8) 7º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que brincassem de formar palavras usando formas geométricas. Todos aderiram à proposta feita. No início, eles não estavam entendendo muito bem, mas depois foram fazendo sem muita dificuldade.

2.1.9.9) Fechamento

A Pesquisadora comunicou o grupo que o tempo da reunião havia esgotado e que todos precisavam voltar para sala de aula. Todos demonstraram frustração pelo término da reunião.

2.1.9.10) Considerações gerais sobre a 9ª reunião do grupo de alunos

No início dessa reunião, 1-M.11 não queria que 1-M.04 participasse da estória que ele e 1-M.06 haviam começado na reunião anterior. Mas depois que concordou com a participação de 1-M.04 na estória, todos se envolveram animadamente e finalizaram-na sem mais problemas. A partir da proposta três, todos aderiram às atividades de forma integrada e coesa.

2.1.10 As diferenciações sociométricas da 10ª reunião do grupo de alunos

2.1.10.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na sala de aula e verificou que estavam presentes apenas 1-M.04 e 1-M.11 e todos dirigiram-se à sala de leitura.

A pesquisadora sentou-se no chão e perguntou primeiramente aos dois alunos que estavam presentes se eles sabiam porque 1-M.06 e 1-M.12 estavam faltando tanto. 1-M.11 disse que 1-M.12 estava com dengue e que, provavelmente, 1-M.06 também estivesse. E logo em seguida, a pesquisadora propôs que os alunos dessem sugestões de brincadeiras.

2.1.10.2) 1º Momento

Como a pesquisadora tivesse pedido aos alunos que dessem sugestões de brincadeira, 1-M.04 e 1-M.11 não concordaram com ela, alegando que não dava para brincar de nada apenas os dois. Ela pediu, então, que eles dissessem o que queriam fazer.

2.1.10.3) 2º Momento

1-M.11 propôs brincar de virar cambalhotas, já virando, quase em cima da pesquisadora e de 1-M.04. Mas 1-M.04 não aceitou a proposta de 1-M.11, pois estava sem vontade de brincar. 1-M.11 ficou emburrado com 1-M.04, porque ela não queria brincar de virar cambalhotas, e ficou virando cambalhotas sozinho.

2.1.10.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs a 1-M.06 e 1-M.11 para brincarem de montar estória. A proposta da pesquisadora gerou um desacordo entre os dois, pois 1-M.04 concordou e 1-M.11 não. A pesquisadora tentou convencer 1-M.11 a brincar de montar estória, dizendo sobre a estória que ele e 1-M.06 haviam montado sozinhos e que tinha ficado superlegal. 1-M.11 continuou irredutível quanto à proposta, mas a pesquisadora continuou insistindo para que ele, pelo menos, pensasse um pouco sobre a estória. Então, ela deixou livre o tema para que os dois escolhessem o que quisessem. Podia ser contos de fadas, filmes, desenhos, porém 1-M.11 sugeriu brincar de esconde-esconde.

2.1.10.5) 4º Movimento

1-M.11 propôs a 1-M.04 para brincarem de esconde-esconde. 1-M.04 aderiu à proposta de 1-M.11. A pesquisadora perguntou a eles: “mas aqui dá para brincar de esconde-esconde?” Então, 1-M.04 respondeu que iriam colocar almofadas nas cadeiras e 1-M.11 concordou, dizendo que, se colocassem as almofadas na frente das cadeiras, dava certo. E os dois começaram a encher os vãos das cadeiras com almofadas, para brincarem de esconde-esconde. Fizeram algumas tentativas e depois viram que não dava certo. Desistiram e começaram a brincar com as almofadas.

2.1.10.6) 5º Momento

1-M.11 propôs a 1-M.04 que brincassem de um enterrar o outro nas almofadas. 1-M.04 aderiu à proposta feita e enterrou primeiro o 1-M.11, colocando todas as almofadas em cima dele. 1-M.11 lembrou 1-M.04 que ele precisava de espaço para respirar. 1-M.04 concordou e pediu para que 1-M.11 ficasse. 1-M.04 comentou com a pesquisadora que nem parecia que 1-M.11 estava escondido embaixo daquelas almofadas. Eles brincaram animadamente. 1-M.04 enterrou 1-M.11 e depois 1-M.11 enterrou 1-M.04, enquanto estavam brincando, 1-M.11 propôs a 1-M.04 para brincarem de múmia.

2.1.10.7) 6º Movimento

1-M.04 aderiu à proposta de 1-M.11 de brincar de múmia. Eles pareciam ter soltado a imaginação nessa brincadeira. Primeiro 1-M.04 escondeu o 1-M.11 entre as almofadas, enquanto isso, ela o escondia, colocando almofadas uma sobre as outras, não deixando nenhuma parte do corpo descoberto. Quando o 1-M.11 saiu das almofadas para procurar 1-M.04, saiu engatinhando e a 1-M.04 fugia dele também engatinhando e ficava um dizendo para o outro: “cuty... cuty...” e assim foi até pegá-la. Houve um momento em que o 1-M.11 tentou alcançá-la,

passando entre as carteiras, mas 1-M.04 disse a ele que assim não valia. Depois de um tempo, 1-M.04 convidou 1-M.11 para brincarem de mímica.

2.1.10.8) 7º Momento

1-M.11 aderiu à proposta feita por 1-M.04, dizendo: “eu primeiro”. 1-M.04 concordou, e assim começaram a brincar. 1-M.04 tentava adivinhar a mímica de 1-M.11, dizendo que ele estava imitando um índio, cachorro, japonês e 1-M.11 disse que era a dança do índio. Assim, brincaram por alguns minutos até que 1-M.04 propôs que brincassem de jogar almofadas.

2.1.10.9) 8º Momento

1-M.11 aderiu à proposta feita por 1-M.04 e os dois brincaram por alguns minutos, um jogando almofadas no outro. 1-M.04 sugeriu mudar de brincadeira e brincar de múmia que pega (pega- pega de múmia). 1-M.11 aceitou brincar de pega-pega de múmia. Brincaram por alguns minutos, alterando a vez de pegar. Em todas as brincadeiras, divertiram-se e riram muito. A pesquisadora convidou os dois para sentarem na roda e darem sugestões de estória.

2.1.10.10) 9º Momento

Assim que a pesquisadora pediu as sugestões de histórias, imediatamente 1-M.11 se manifestou contrário à proposta, alegando que aquele dia era dia de brincar. 1-M.04 disse que era, mas, como estavam apenas os dois e eles já haviam brincado bastante, propunha montar a história da Emília.

2.1.10.11) 10º Momento

1-M.11 então aderiu à proposta de 1-M.04, dizendo que não queria ser o Rabicó. 1-M.04 concordou, dizendo que ele podia ser o Pedrinho. 1-M.11 concordou, e os dois começaram a organizar a história da Emília.

2.1.10.12) 11º Momento

A pesquisadora lembrou os dois que, na estória daquela reunião, não precisava ter mais rimas e, sim, aliteração. Explicou o que era aliteração. E os dois aderiram à proposta da pesquisadora e começaram a desenvolver a estória com entusiasmo e envolvimento.

2.1.10.13) Fechamento

Infelizmente, a pesquisadora precisou comunicar a 1-M.04 e 1-M.11 que o tempo da reunião havia se esgotado e que todos precisavam voltar para sala de aula. Todos demonstraram frustração pelo término da reunião e combinaram terminar a estória no próximo encontro.

2.1.10.14) Considerações gerais sobre a 10ª reunião do grupo de alunos

Foi uma reunião com várias propostas: no total foram onze propostas. De todas elas, propostas, apenas na proposta dois, na três e na nove, 1-M.04 e 1-M.06 divergiram um pouco, pois um queria fazer uma coisa e o outro não. Mas nas propostas um, quatro, cinco, seis, sete, oito, dez e onze, todos aderiram de comum acordo. 1-M.11 e 1-M.04, no início na reunião, demonstraram certo desânimo, por conta de estarem apenas os dois alunos, mas depois da primeira brincadeira, animaram-se e participaram de toda as propostas.

2.1.11 As diferenciações sociométricas da 11ª reunião do grupo de alunos

11.2.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na sala de aula e verificou que estavam presentes 1-M.04, 1-M.06 e 1-M.11. Todos dirigiram-se para sala de vídeo, pois a sala de leitura e a sala de balé estavam ocupadas. A pesquisadora iniciou a reunião cumprimentando os alunos e pediu para que eles falassem sobre o final de semana.

2.1.11.2) 1º Momento

A pesquisadora pediu aos alunos que falassem como havia sido o final de semana de todos. 1-M.04, 1-M.06 e 1-M.11 aderiram à proposta feita pela pesquisadora e começaram a contar como foi. 1-M.04 disse que o seu final de semana foi bom e que ficou na casa de um primo jogando videogame. 1-M.06 disse que jogou videogame e bola na rua. 1-M.11 disse que não tinha feito nada.

2.1.11.3) 2º Momento

Após terem contado sobre o final de semana, a pesquisadora propôs aos alunos que terminassem a história do encontro anterior. 1-M.04, 1-M.06 e 1-M.11 aderiram à proposta de terminar a história. 1-M.04 e 1-M.11 começaram a contar para 1-M.06 sobre o que era a história.

2.1.11.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs a 1-M.04, 1-M.06 e 1-M.11 que sugerissem uma personagem para 1-M.06. Os três aderiram à ideia da pesquisadora. 1-M.11 sugeriu que 1-M.06 poderia ser o pesadelo e 1-M.04 discordou, dizendo que ele podia ser o Visconde. 1-M.06 concordou em ser o Visconde. Todos se envolveram na proposta de criar uma personagem para 1-M.06, até mesmo o próprio 1-M.06.

2.1.11.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que retomassem a história do ponto onde tinham parado no encontro anterior. 1-M.04 e 1-M.11 concordaram com a pesquisadora e 1-M.11 foi logo dizendo que sabia onde haviam parado a história, contando o momento e 1-M.04 confirmou. 1-M.06 aguardou em silêncio enquanto 1-M.04 e 1-M.11 lembravam a história.

2.1.11.6) 5º Momento

A pesquisadora lembrou a todos de continuarem incluindo aliteração e explicou a 1-M.06 a nova proposta, pois ele havia faltado no encontro anterior. 1-M.04 e 1-M.11 aderiram à proposta da pesquisadora. 1-M.11 e 1-M.04 auxiliaram a pesquisadora na explicação de aliteração para 1-M.06, que ouviu em silêncio a explicação da pesquisadora e dos colegas.

2.1.11.7) 6º Momento

Após a explicação, a pesquisadora convidou a todos para continuarem desenvolvendo a estória com o novo integrante. Todos aderiram à proposta e participaram com entusiasmo do término da estória.

2.1.11.8) Fechamento

Assim que os alunos terminaram a estória, a pesquisadora encerrou a reunião, combinando o próximo encontro. Todos voltaram para sala de aula.

2.1.11.9) Considerações gerais sobre a 11ª reunião do grupo de alunos

Foi uma reunião com poucas propostas; no total foram seis. 1-M.04 e 1-M.11 estavam bem integrados. Só não houve uma integração maior do grupo nas propostas por conta de o 1-M.06 ter faltado ao encontro anterior. Pois a maior parte das propostas eram explicações às quais aderiu de forma silenciosa, apenas aguardando as instruções para poder brincar com os colegas. Depois de sua integração ao grupo, participou com entusiasmo e dedicação.

2.1.12 As diferenciações sociométricas da 12ª reunião do grupo de alunos

2.1.12.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na sala de aula. Estavam presentes, para esta reunião, 1-M.04, 1-M.06, 1-M.11 e 1-M.12, e todos dirigiram-se para a sala de leitura.

A pesquisadora iniciou a reunião cumprimentando-os. Depois lembrou-os de que, naquela reunião, numa primeira etapa, seria brincadeira livre e, numa segunda, seria brincar de montar estória.

2.1.12.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs que os alunos sugerissem brincadeiras livres. 1-M.04, 1-M.06 e 1-M.12 não aderiram à proposta feita pela pesquisadora e sugeriram que primeiro montassem a estória e depois brincassem. 1-M.11 aderiu à proposta da pesquisadora de brincar e zangou-se com a sugestão dos colegas, lembrando-os de que o combinado era primeiro brincar e depois montar estória.

2.1.12.3) 2º Momento

1-M.04, 1-M.06 e 1-M.12 propuseram primeiro montar o teatro e depois brincar. 1-M.11 aderiu à proposta feitas pelos colegas, mas um pouco emburrado.

2.1.12.4) 3º Movimento

1-M.04 propôs aos colegas para montarem a estória dos Três Porquinhos, e todos aderiram à sua proposta e foram logo decidindo qual papel cada um iria desempenhar.

1-M.11, no início, não queria participar, mas depois participou como os outros, bem animado. Todos se envolveram com a estória do início ao fim.

2.1.12.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs que os alunos sugerissem brincadeiras, e todos aderiram à proposta, e, assim que todos aderiram, 1-M.11 foi logo sugerindo brincar de PIQUE-GELO e todos concordaram.

2.1.12.6) 5º Momento

Nessa brincadeira, todos participaram ativamente. 1-M.11 foi o que mais insistiu para brincar do início da reunião até o momento da brincadeira, mas não participou com os demais, só ficou no pique. Não usou nenhuma estratégia para não ser pego, e também não se integrou na estratégia adotada por 1-M.12.

2.1.12.7) Fechamento

A pesquisadora convidou a todos para sentarem na roda e encerrou a reunião. Todos sentaram-se na roda, manifestando o desejo de brincar mais. A pesquisadora desejou um bom feriado, e todos voltaram para sala de aula.

2.1.12.8) Considerações gerais sobre a 12ª reunião do grupo de alunos

Foi uma reunião com poucas propostas: no total foram cinco. 1-M.04, 1-M.06 e 1-M.12 estavam bem integrados do início ao fim da reunião, aderiram a todos as propostas e na brincadeira de PIQUE-GELO formaram estratégias para se salvar e para pegar. O 1-M.11 demonstrou integração ao grupo apenas no momento da estória.

2.1.13 As diferenciações sociométricas da 13ª reunião do grupo de alunos

2.1.13.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na sala de aula. Estavam presentes nessa reunião 1-M.04 e 1-M.11, e todos dirigiram-se para sala de balé.

A pesquisadora iniciou a reunião com todos sentados na roda, cumprimentando-os, e pediu que 1-M.04 e 1-M.11 contassem sobre o final de semana.

2.1.13.2) 1º Momento

1-M.04 e 1-M.11 aderiram à proposta feita pela pesquisadora e contaram sobre o final de semana, sobre os ovos de páscoa que ganharam e sobre tudo que brincaram no final de semana.

2.1.13.3) 2º Momento

A pesquisadora convida-os para brincarem de Congelar. 1-M.04 e 1-M.11 aderiram à proposta da pesquisadora, dizendo que essa brincadeira era legal. Tanto 1-M.11 como 1-M.04 conseguiram identificar todas as palavras que começavam com o mesmo som, e em quase todas as palavras, eles falavam juntos. Até mesmo quanto havia mais de uma palavra na fala que começava com o mesmo som, e não só a última palavra de cada fala.

No final da estória, 1-M.04 falou: “professora, a palavra (**bobão – bolão**) começa com o mesmo som e termina com rima que tem o mesmo som no final”. A pesquisadora respondeu: “isso mesmo, 1-M.04, as duas últimas palavras começam e terminam com o mesmo som”.

E, desta forma, identificaram todas as palavras da estória, sem dificuldade, os dois demonstrando, nessa atividade, estarem bem integrados.

2.1.13.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de achar figuras que rimavam (jogo da memória). 1-M.04 e 1-M.11 aderiram à sua proposta. 1-M.04 e 1-M.11 disputaram para ver quem foram mais pares. 1-M.11, a todo o momento, queria saber quantos pares 1-M.04 já havia achado para comparar com os seus. Toda vez que 1-M.04 pegava um cartão, 1-M.11 dizia que era o cartão que ele iria pegar. 1-M.11 disse que 1-M.04 pegava todos os cartões que ele pensava em pegar.

2.1.13.5) 4º Movimento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de dizer e montar palavras que começassem com o mesmo som. 1-M.04 e 1-M.11 aderiram à proposta feita por ela.

1-M.04 e 1-M.11 participaram com muita atenção, e quando não lembravam de alguma palavra, pediam para esperar mais um pouco para dizer a próxima.

2.1.13.6) Fechamento

A pesquisadora encerrou reunião, combinando o próximo encontro.

2.1.13.7) Considerações gerais sobre a 13ª reunião do grupo de alunos

Essa foi uma reunião com quatro propostas. 1-M.04 e 1-M.11 aderiram a todas as propostas feitas pela pesquisadora. Eles estavam totalmente integrados do início ao fim da reunião e participaram com muita alegria e entusiasmo.

2.1.14 As diferenciações sociométricas da 14ª reunião do grupo de alunos

2.1.14.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Estavam presentes, para essa reunião, 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12. A professora da sala informou que 1-M.06 mudou de escola. Todos dirigiram-se para sala de leitura.

Os alunos se jogaram nas almofadas no chão assim que entraram na sala de leitura. A pesquisadora sentou-se na roda e começou a conversar com eles. Primeiro contou-lhes sobre a mudança de escola de 1-M.10. 1-M.12 sugeriu que outra criança entrasse para o grupo. A pesquisadora explicou que o grupo já estava formado e ninguém mais poderia entrar. A pesquisadora lembrou-os de que a atividade proposta naquele encontro seria, na 1ª etapa,

brincadeira livre e, na 2ª, brincar de montar estória. 1-M.11, imediatamente, propôs brincar primeiro, interrompendo a fala da pesquisadora.

2.1.14.2) 1º Momento

1-M.11 propôs ao grupo para que brincassem primeiro e depois montassem a estória. 1-M.12 não aderiu à proposta de 1-M.11, dizendo que eles poderiam montar a estória e depois brincar. Mas 1-M.11 não concordou, dizendo que não era isso que eles tinham combinado. 1-M.04, permaneceu indiferente, enquanto os dois decidiam qual atividade seria a primeira, pois, para 1-M.04 tanto fazia primeiro um como o outro.

2.1.14.3) 2º Momento

A pesquisadora interferiu, concordando com 1-M.11 que o combinado era primeiro brincar e depois montar estória e pediu que todos sugerissem brincadeiras. Todos aderiram à sua proposta. 1-M.12 sugeriu brincar da DANÇA-DAS-CADEIRAS.

2.1.14.4) 3º Momento

1-M.04 e 1-M.11 aderiram à proposta de 1-M.12. 1-M.11 sugeriu que todos organizassem as cadeiras e todos ajudaram. Todos participaram animadamente da brincadeira até que 1-M.04 sugeriu mudar de brincadeira e brincar de BALANÇA-CAIXÃO.

2.1.14.5) 4º Momento

1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta feita por 1-M.04. Todos riram muito nessa brincadeira, por conta da forma como a pesquisadora pedia aos alunos para trazê-los do esconderijo. A pesquisadora pediu para 1-M.11 trazer 1-M.04 pela ponta do nariz, 1-M.12 pelo dedão do pé, etc.

2.1.14.6) 5º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que dessem sugestões de histórias. Todos aderiram à proposta feita por ela. 1-M.04 sugeriu fazer uma história sobre o índio e 1-M.12 propôs fazer a história do passarinho, mas 1-M.11 não concordou com nenhuma das duas opções de história.

2.1.14.7) 6º Momento

1-M.12 propôs a 1-M.11 para montarem a história do índio, pois 1-M.04 também queria a mesma história. Mas 1-M.11 não concordou em fazer a história sobre os índios. 1-M.04 disse que ele não tinha outra opção.

2.1.14.8) 7º Momento

A pesquisadora interferiu, propondo a todos para desenvolverem a história do índio. Todos aderiram à sua proposta. Todos concordaram, já dizendo as suas personagens: 1-M.11 foi o primeiro a dizer que seria o Índio Lelê, 1-M.12 disse que seria o índio Caíque e 1-M.04 disse que seria a índia Amanda, e que essa história seria de dois índios e uma índia.

2.1.14.9) 8º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que incluíssem rimas e aliterações na história, e todos aderiram à proposta feita por ela. 1-M.04 foi quem se empolgou mais com a proposta, porque, em outras reuniões, já havia sugerido montar história com rima e aliteração. Todos participaram da história animados e integrados e desenvolveram a história com mais movimentos e danças do que com falas.

2.1.14.10) Fechamento

Ao término da história, a pesquisadora propôs que todos sentassem na roda e combinaram o próximo encontro. E todos foram para o recreio.

2.1.14.11) Considerações gerais sobre a 14ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, 1-M.11 se opôs a diversas propostas feitas pela pesquisadora ou pelos colegas. No primeiro momento, queria brincar e não montar a estória, então a pesquisadora interferiu, pedindo para que todos sugerissem brincadeira. 1-M.12 sugeriu brincar da DANÇA-DAS-CADEIRAS e todos concordaram. Depois 1-M.04 sugeriu mudar de brincadeira e brincar de BALANÇA-CAIXÃO e todos também concordaram. E quando a pesquisadora propôs a eles que dessem sugestões de estória, 1-M.11 não concordava com a estória sugerida pelos colegas. Novamente a pesquisadora interferiu e propôs que todos desenvolvessem a estória sugerida por 1-M.04, já que 1-M.12 havia concordado. 1-M.11 aceitou e foi o primeiro que disse qual seria a sua personagem. E todos se envolveram na estória com animação.

2.1.15 As diferenciações sociométricas da 15ª reunião do grupo de alunos

2.1.15.1) Abertura

Quando a pesquisadora foi buscar os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo, estavam presentes, para essa reunião, 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12. Todos dirigiram-se para sala de balé.

Assim que os alunos e a pesquisadora entraram na sala, sentaram no chão e começaram a relembrar a estória do dia anterior. Ela explicou sobre as atividades que iriam desenvolver naquele dia.

2.1.15.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo para que brincassem de congelar as frases da estória. Todos aderiram à sua proposta e foram identificando as palavras que apresentavam rima ou

aliteração. A pesquisadora congelava as falas e de imediato 1-M.04 e 1-M.11 já falavam as duas palavras. A pesquisadora então perguntava: “é rima ou é aliteração nessas duas palavras?” E eles respondiam rapidamente o que era.

2.1.15.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de montar palavras que começam e terminam com o mesmo som, usando formas geométricas, e todos aderiram à sua proposta. 1-M.04 perguntou se a brincadeira era igual à de outro dia. 1-M.12 também queria saber se era. 1-M.11 confirmou a resposta da pesquisadora e ainda completou dizendo que a diferença era de montar uma palavra que rimava e outra que começava com o mesmo som. Todos participaram da atividade com atenção. Eles demonstraram um envolvimento grande com essa atividade. A pesquisadora, primeiro, pediu aos alunos que formassem palavras que comessem com o mesmo som e depois pediu-lhes que formassem palavras que terminassem com o mesmo som.

2.1.15.4) Fechamento

Ao comunicar o final da reunião aos alunos, 1-M.11 levantou rapidamente e dirigiu-se para a porta, enquanto 1-M.04 e 1-M.12 ajudaram a pesquisadora a guardar todo o material usado.

2.1.15.5) Considerações gerais sobre a 15ª reunião do grupo de alunos

Essa foi uma reunião com poucas propostas: apenas duas. A última atividade tomou a maior parte do tempo da reunião. Mas, nas duas propostas, 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta da pesquisadora e pareciam estar totalmente integrados. Participaram com muita alegria e entusiasmo.

2.1.16 As diferenciações sociométricas da 16ª reunião do grupo de alunos

2.1.16.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Todos estavam presentes para essa reunião: 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12. Eles dirigiram-se para sala de vídeo, pois tanto a sala de leitura como a sala de balé estavam ocupadas.

Assim que os alunos e a pesquisadora entraram na sala, 1-M.11 disse: "aqui não dá para brincar", mas 1-M.04 disse: "dá sim..." Todos sentaram na roda no chão e assim iniciou-se mais uma reunião. A pesquisadora cumprimentou a todos e pediu que falassem sobre o final de semana. Ela lembrou-os de que a atividade proposta nessa reunião seria, na primeira parte, brincadeira livre e, na segunda, brincar de montar estória.

16.2.2) 1º Momento

1-M.04 propôs ao grupo para que montassem estória primeiro e depois brincassem. 1-M.12 aderiu à proposta de 1-M.04. 1-M.12 começou a convencer 1-M.11 de que, naquela sala, não dava para brincar de nada, pois poderiam quebrar alguma coisa, e quem pagaria pelo estrago, seriam a professora e eles. Mas 1-M.11 manteve-se irredutível para que primeiro brincassem e depois montassem uma estória. 1-M.11 sugeriu brincar de BATATA-QUENTE.

2.1.16.3) 2º Momento

1-M.04 e 1-M.12 aderiram à proposta de 1-M.11 e todos se animaram e brincaram. Depois de algumas rodadas, 1-M.04 propôs mudar de brincadeira e brincar de ESCONDER O LENÇO.

2.1.16.4) 3º Momento

1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta de 1-M.04. 1-M.04 e 1-M.12 persistiam sempre em achar o lenço, mas 1-M.11, sempre que estava difícil encontrar o lenço, desistia de ficar procurando.

2.1.16.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs que o grupo sugerisse histórias para montar. Todos aderiram à sua proposta e todos começaram a sugerir várias histórias: 1-M.04 sugeriu a do Mickey e Pato Donald; 1-M.11, a de Mickey, Piu-Piu, dos Três Mosqueteiros; 1-M.12 disse: “vamos montar os Três Mosqueteiros”.

2.1.16.6) 5º Momento

1-M.12 propôs ao grupo que montassem a história dos Três Mosqueteiros. 1-M.04 e 1-M.11 aderiram à proposta de 1-M.12 e começaram a organizar a história. 1-M.11 disse: “a história começa assim: era uma vez três homens treinados pelos Três Mosqueteiros”. 1-M.11 e 1-M.12 começaram a organizar a história, mas no momento em que eles estavam desenvolvendo o contexto, 1-M.04 disse que a história estava confusa e chata.

2.1.16.7) 6º Momento

1-M.12 propôs ao grupo para mudarem de história, e 1-M.04 e 1-M.11 aderiram à proposta de 1-M.12, começando a sugerir outras histórias: 1-M.04 sugeriu ao grupo para montar a história do Pato Donald. 1-M.11 não concordou, dizendo que aquela história era muito chata. 1-M.04 então propôs a história do Gato e o Rato. 1-M.04 concordou. Enquanto os colegas estavam sugerindo histórias, 1-M.11 tentava lembrar o nome de uma história que queria

sugerir. Após alguns minutos, ele lembrou o nome da estória, dizendo ao grupo: “vamos montar a estória do Jack Chan”.

2.1.16.8) 7º Momento

1-M.11 propôs ao grupo para montar a estória do Jack Chan. 1-M.04 e 1-M.12 aderiram à proposta de 1-M.11. Todos concordaram e foram logo dizendo: “quem seria quem” na estória. 1-M.04 disse que seria a Cheidy. 1-M.12 disse que seria o Jack e que 1-M.11 seria o Tourus. Todos começaram a organizar e representar a estória. Por ser uma estória de luta, as falas foram reduzidas, enquanto os movimentos corporais tiveram destaque.

2.1.16.9) Fechamento

Após o término da estória, a pesquisadora encerrou a reunião e todos voltaram para sala de aula.

2.1.16.10) Considerações gerais sobre a 16ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, quase todas as propostas vivenciadas contaram com a aceitação de todos, mesmo que, para isso, 1-M.04 e 1-M.12 tenham tentado convencer 1-M.11 a mudar de idéia. Mas todos os alunos acabaram participando ativamente de todas as atividades e momentos grupais de forma integrada e coesa. A primeira proposta foi a que gerou mais conflito, pois a pesquisadora, em reuniões anteriores, havia combinado com eles que seria sempre brincadeira livre e depois estória. 1-M.11 internalizou a idéia e, por conta disso, não aceitava montar estória no primeiro momento, se o combinado fora brincadeira livre, gerando, assim, um atrito entre o grupo.

2.1.17 As diferenciações sociométricas da 17ª reunião do grupo de alunos

2.1.17.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Estavam presentes para essa reunião apenas 1-M.04 e 1-M.11. Eles dirigiram-se para sala de vídeo, pois tanto a sala de leitura como a sala de balé estavam ocupadas novamente.

A pesquisadora cumprimentou 1-M.04 e 1-M.11 e perguntou-lhes 1-M.12, que havia faltado. Ela explicou aos alunos que iriam trabalhar consciência de palavras e de frases.

2.1.17.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo para brincarem de medir os tamanhos. 1-M.04 e 1-M.11 aderiram à proposta feita por ela. A pesquisadora pediu, então, que 1-M.04 e 1-M.11 ficassem em pé. A pesquisadora perguntou quem era mais alto: 1-M.11 ou 1-M.04. Eles responderam que 1-M.11. Depois a pesquisadora pediu a eles que medissem as mãos, os braços e os pés. E explicou: “assim como existem crianças da mesma idade, mas com tamanhos diferentes, com mãos e pés maiores e menores, assim são também as palavras, maiores e menores”.

2.1.17.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que brincassem de identificar as frases maiores e menores da história do Jack Chan, colocando as frases retiradas da história uma embaixo da outra e pediu para os participantes identificarem a maior e a menor.

1-M.04 e 1-M.11 aderiram à proposta feita pela pesquisadora e todos participaram com atenção.

2.1.17.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo para que brincassem de dividir frases da estória, palavra por palavra. Colocou as frases retiradas da estória uma embaixo da outra e pediu para os participantes dizerem palavra por palavra da frase (com duração de uma palavra por segundo).

1-M.04 e 1-M.11 aderiram à proposta feita pela pesquisadora, e os dois participaram com muita atenção.

2.1.17.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo a brincadeira de identificar palavras maiores e menores que apareceram na estória do Jack Chan. A pesquisadora colocou para cada participante duas palavras e pediu a eles que identificassem a maior e a menor.

1-M.04 e 1-M.11 aderiram à proposta feita pela pesquisadora e todos participaram com muita atenção da brincadeira.

2.1.17.6) 5º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo para que brincassem de dizer uma nova palavra no final de cada frase que aparecesse na estória do Jack Chan. Colocou as frases retiradas da estória uma embaixo da outra e pediu para os participantes trocarem a última palavra da frase.

1-M.04 e 1-M.11 aderiram à proposta feita pela pesquisadora e todos participaram com muita atenção da brincadeira.

2.1.17.7) 6º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que brincassem de inventar frases curtas e longas. Todos deveriam dizer uma frase curta e depois uma frase longa. 1-M.04 e 1-M.11 aderiram à

proposta feita pela pesquisadora e todos participaram com muita atenção da brincadeira. Eles foram dirigindo a brincadeira, e quando um dizia uma frase, o outro perguntava: “essa é a frase grande ou a pequena?”

2.1.17.8) 7º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo a brincadeira de dizer palavras grandes e pequenas. Todos deveriam dizer uma palavra grande e uma palavra pequena. 1-M.04 e 1-M.11 aderiram à proposta feita e todos participaram com muita atenção da brincadeira. Nessa brincadeira, eles também foram dirigindo, e quando um dizia uma palavra, o outro perguntava: “essa é a palavra grande ou a pequena?”

2.1.17.9) Fechamento

A pesquisadora, antes de encerrar a reunião, perguntou aos alunos se eles sabiam que cada letra possuía um som. E qual é o som da letra /P/.

Crianças: Pe. E assim a pesquisadora encerrou a sessão, mostrando o som de cada letra da palavra paralelepípedo. Explicou que as vogais é que dão força para o som de cada letra, mas sem as vogais as letras possuem sons próprios.

2.1.17.10) Considerações gerais sobre a 17ª reunião do grupo de alunos

Como na reunião anterior, quase todas as propostas vivenciadas pelo grupo contaram com a adesão dos participantes de forma expressa verbalmente, ou seja, todos os alunos participaram ativamente de todas as atividades e momentos grupais de forma integrada e coesa. A proposta um foi a única na qual o grupo aceitou a brincadeira de forma silenciosa. Mas mesmo assim, 1-M.04 e 1-M.11 aderiram à proposta feita pela pesquisadora, e como não entenderam direito o que foi proposto, aguardaram as instruções em silêncio.

2.1.18 As diferenciações sociométricas da 18ª reunião do grupo de alunos

2.1.18.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Estavam presentes para essa reunião: 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12. Todos dirigiram-se para sala de leitura.

A pesquisadora cumprimentou 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12, explicou-lhes que iriam brincar de várias brincadeiras e começou instruindo sobre a primeira.

2.1.18.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que brincassem com o jogo das palavras. A brincadeira começou com todos os participantes em pé ou sentados em uma roda, com uma das mãos virada para cima e a outra mão virada para baixo (ou seja, a palma de uma virada para cima e a da outra para baixo), um dos participantes inicia a brincadeira dizendo uma palavra e bate na palma da mão do seguinte. O participante da esquerda do que iniciou, diz outra palavra começando com a sílaba que a palavra do anterior terminou e bate na palma da mão do próximo e, assim, continua a brincadeira até alguém errar. Por exemplo: cama – mala – laranja – janela – lama – macaco – coco – comida – dama e assim por diante).

1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta feita pela pesquisadora. Todos participaram com muita atenção e animados, principalmente nos tapas!

2.1.18.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo a brincadeira de abaixar em cada frase, depois em cada palavra e depois em cada sílaba da música “Atirei o pau no gato”. 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta feita e todos participaram da brincadeira animados, com atenção e rindo muito por levantar e abaixar.

2.1.18.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs que o grupo sugerisse histórias. 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta da pesquisadora e foram logo sugerindo várias histórias: 1-M.12: bicharada; 1-M.11: Aracnofobia, das formigas; 1-M.04: meninas superpoderosas; 1-M.12: Power Ranger. Eles sugeriram várias histórias e não decidiam. E 1-M.12 insistiu: “vamos montar Power Ranger”.

2.1.18.5) 4º Momento

1-M.12 propôs ao grupo montar a história do Power Ranger. 1-M.04 e 1-M.11 aderiram à proposta feita por 1-M.12. Logo no início, 1-M.11 disse que seria o Power Ranger Vermelho Cool; em seguida, 1-M.04 disse que seria a Power Ranger Branca Alice; 1-M.11: Power Ranger Vermelho, e 1-M.12: Power Ranger Cinza Eric. Até o momento, havia sido a definição de papéis mais rápidos de todas as histórias já dramatizadas. Todos participaram animados do desenvolvimento da história. Mais uma vez apareceram, mais movimentos e gestos, empobrecendo, assim, as falas de cada personagem.

2.1.18.6) Fechamento

Após o término da história, a pesquisadora encerrou a reunião e combinou com os alunos o próximo encontro.

2.1.18.7) Considerações gerais sobre a 18ª reunião do grupo de alunos

Durante a presente reunião, ocorreram quatro propostas, sendo todas vivenciadas e contando com a adesão expressa de todos. Ou seja, todos os alunos participaram ativamente das atividades e dos momentos grupais de forma integrada e coesa.

2.1.19 As diferenciações sociométricas da 19ª reunião do grupo de alunos

2.1.19.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Estavam presentes nessa reunião: 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12. Todos dirigiram-se à sala de leitura.

A pesquisadora cumprimentou 1-M.04 e 1-M.11, que estavam “esparramados” pelo chão; apenas 1-M.12 estava sentado. Ela perguntou o que estava acontecendo e 1-M.04 disse que era preguiça. A pesquisadora conduziu a reunião relembrando os alunos sobre a estória que fizeram na reunião anterior e explicou as brincadeiras que seriam desenvolvidas naquele dia.

2.1.19.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que brincassem de bater palma a cada sílaba das músicas “Atirei um pau no gato” e “Borboletinha”. 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta feita e foram logo cantando. Todos participaram com muita atenção e animados, principalmente nas palmas, que foram bem intensas.

2.1.19.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo a brincadeira de dizer o número de sílabas das palavras e foi dizendo várias palavras, e os alunos foram dizendo o número de sílabas. Primeiro todos juntos e depois uma palavra para cada um.

1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta feita pela pesquisadora participando com bastante atenção e um querendo dizer mais rápido que o outro o número de sílabas.

2.1.19.4) 3º Momento

Foi proposto ao grupo brincar de identificar palavras maiores e menores. A pesquisadora colocou as palavras que apareceram na estória espalhadas pelo chão e perguntou às crianças a maior palavra que apareceu na estória e a menor.

1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta feita e participaram com muito entusiasmo. Foram pegando as palavras e separando-as em número de sílabas sem que a pesquisadora pedisse.

2.1.19.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo brincar de inverter as sílabas, dizendo uma palavra para cada participante, e eles deveriam dizer a palavra, invertendo as sílabas.

1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta feita pela pesquisadora. Todos participaram com muita atenção da brincadeira, e quando o colega não sabia inverter, eles ajudavam ou queriam falar por ele.

2.1.19.6) 5º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo a brincadeira de adicionar sílabas nas palavras. Ela pesquisadora diz uma palavra e depois uma sílaba para adicionar no começo, no meio ou no final das palavras, formando assim novas palavras.

1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta feita pela pesquisadora, e todos participaram com muita atenção da brincadeira

2.1.19.7) 6º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que brincassem de subtrair sílabas nas palavras. Ela pesquisadora diz uma palavra e depois uma sílaba para subtrair no começo, no meio ou no

final das palavras, formando assim novas palavras.

1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta feita pela pesquisadora, e todos participaram com muita atenção da brincadeira

2.1.19.8) Fechamento

A pesquisadora encerrou a reunião e desejou um ótimo final de semana a todos.

2.1.19.9) Considerações gerais sobre a 19ª reunião do grupo de alunos

Durante a presente reunião, ocorreram seis propostas, sendo que todas elas, vivenciadas, contaram com adesão expressa. Ou seja, todos os alunos participaram ativamente de todas as atividades e momentos grupais de forma integrada e coesa.

2.1.20 As diferenciações sociométricas da 20ª reunião do grupo de alunos

2.1.20.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Estavam presentes nessa reunião: 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12. Todos dirigiram-se para sala de leitura.

A pesquisadora cumprimentou 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 e explicou a atividade daquele dia.

2.1.20.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo contar sobre o final de semana. 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta feita pela pesquisadora e foram logo contando. 1-M.12 contou que brincou muito e jogou bolinha de gude na rua. 1-M.04 contou que fez a lição no sábado e no domingo, e que na segunda-feira ficou brincando com os primos. 1-M.11 disse que não fez nada, só ficou assistindo à TV.

2.1.20.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs que o grupo desse sugestões de brincadeiras. 1-M.04, 1-M.11 e

1-M.12 aderiram à proposta feita por ela e foram logo sugerindo:

1-M.12: “vamos brincar da DANÇA-DAS-CADEIRAS”?

1-M.11: “ah! Não, de novo não”...

1-M.12: “vamos brincar do que então”?

1-M.11: “de Batman, eu já tenho minha capa”.

1-M.04: “todo mundo tem, só que está frio”.

1-M.11: “só que a minha é preta”.

1-M.12: “vamos brincar da DANÇA-DAS-CADEIRAS.

2.1.20.4) 3º Momento

1-M.12 e 1-M.11 aderiram à proposta feita por 1-M.12. Todos organizaram as cadeiras e participaram com muito entusiasmo.

2.1.20.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs que o grupo desse sugestões de histórias. 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta feita pela e foram logo sugerindo:

1-M.11: “o homem-aranha, Floresta condenada”.

1-M.04: “vamos montar do Saci-Pererê”?

1-M.12: “da era do gelo. O mamute cuida do molequinho até no fim do filme, ou melhor, vamos fazer do Rei Leão”?

2.1.20.6) 5º Momento

1-M.12 propôs ao grupo montar a história do Rei Leão. 1-M.04 e 1-M.11 aderiram à proposta feita por 1-M.12. 1-M.11 disse que ia ser o pai do Rei Leão, aquele que morre na história. 1-M.04 disse que seria a Kiara, amiga e namorada do Simba, e 1-M.12 disse que ia ser o Rei Leão.

2.1.20.7) 6º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo montar e desenvolver a estória. 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta feita pela pesquisadora. 1-M.04 sugeriu aos colegas fazerem várias personagens. 1-M.04: “Sarabe (mãe do Simba), Kiara (amiga e namoradinha do Simbá)”; 1-M.11: “Mufasa”; 1-M.12: “Rafiki, Rei Leão (Simbá), Zcar”; pesquisadora: “Zazu, Hienas”. Todos participaram animados do desenvolvimento da estória. 1-M.12 estava totalmente envolvido com a estória e acabou dirigindo o desempenho de cada personagem.

2.1.20.8) Fechamento

Após o término da estória, a pesquisadora encerrou a reunião e combinou o próximo encontro. Todos voltaram para sala de aula.

2.1.20.9) Considerações gerais sobre a 20ª reunião do grupo de alunos

Durante a presente reunião, ocorreram seis propostas, sendo que todas elas, vivenciadas, contaram com adesão expressa. Ou seja, todos os alunos participaram ativamente de todas as atividades e momentos grupais de forma integrada e coesa. O grupo está cada vez mais unido. 1-M.11 demonstra, em quase todas as reuniões, que a proposta é montar estória. Seu querer é exagerado em montar estórias de terror, pois estas lhe dão medo, a ponto de chorar ao contar pequenos trechos. Mas sempre acaba aderindo à proposta dos amigos.

2.1.21 As diferenciações sociométricas da 21ª reunião do grupo de alunos

2.1.21.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Estavam presentes nessa reunião 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12. Todos dirigiram-se para sala de leitura.

A pesquisadora cumprimentou 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12, pediu para que os alunos contassem um pouco sobre o final de semana. Ela explicou sobre a atividade daquele dia: a primeira parte seria brincadeira livre e a segunda parte seria brincar de montar estória.

2.1.21.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que brincassem de montar palavras usando formas geométricas. 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta feita por ela.

Primeiro todos montaram a mesma palavra e depois a pesquisadora pediu a cada aluno que montasse uma palavra diferente. Em seguida, ela propôs que identificassem a palavra maior e a menor que apareceu nessas duas atividades.

1-M.11: “a maior foi a minha ‘desobedeceu’ – cinco sílabas”.

1-M.04: “a menor foi ‘rei’.

Todos participaram da brincadeira com muita atenção.

2.1.21.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo a brincadeira de montar palavras e inverter as sílabas. Ela diz uma palavra, os participantes montam a palavra usando as formas geométricas. Depois se pede aos participantes que invertam as sílabas. 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta, e todos participaram com muita animação da brincadeira.

2.1.21.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo para brincarem de adicionar e subtrair sílabas nas palavras. Ela diz uma palavra para os participantes montarem, usando as figuras geométricas. Depois pede para adicionar ou subtrair uma sílaba do começo, do meio ou do final das palavras, formando, assim, novas palavras. 1-M.12, 1-M.04 e 1-M.11 aderiram à proposta feita pela pesquisadora. Todos participaram com muito entusiasmo.

2.1.21.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo para brincar de teia de aranha com sílabas. Todos devem estar sentados no chão, formando um círculo. Ela segura um novelo de barbante, diz uma palavra dividida em duas partes (com um segundo de intervalo). Por exemplo: /MA/ /CACO/. Diz então as duas partes juntas e uma nova palavra é formada. Depois a pesquisadora diz outro conjunto de sílaba e palavra. Passa então o novelo para uma criança em qualquer ponto do círculo, mas continua segurando a ponta da linha. A criança repete as duas partes e forma a palavra. O novelo é então passado para outra criança. Forma-se, assim, uma teia com o barbante. Ao final, todos erguem a teia sobre suas cabeças e cantam a música da Dona Aranha, recolhendo o barbante de criança a criança.

Música: “A dona aranha subiu pela parede, veio a chuva forte e a derrubou. A chuva já passou e o sol já vem surgindo, e a dona aranha na parede vai subindo, sobe... sobe....sobe....nunca está contente, ela é teimosa e desobediente”.

1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta feita pela pesquisadora, participando com muita atenção da brincadeira, e quando o colega não sabia inverter, eles ajudavam ou queriam falar por ele.

2.1.21.6) 5º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que brincassem de inverter palavras. Ela diz uma palavra e as crianças invertem as sílabas. 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta feita e elas participaram com muita atenção da brincadeira.

2.1.21.7) Fechamento

A pesquisadora encerrou a reunião e combinou o próximo encontro. Todos voltaram para sala de aula.

2.1.21.8) Considerações gerais sobre a 21ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, ocorreram cinco propostas, sendo que todas as vivenciadas contaram com adesão expressa. Ou seja, todos os alunos participaram ativamente das atividades e dos momentos grupais de forma integrada e coesa. O grupo está cada vez mais unido, um ajudando o outro.

2.1.22 As diferenciações sociométricas da 22ª reunião do grupo de alunos

2.1.22.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Estavam presentes nessa reunião: 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12. Todos dirigiram-se à sala de leitura que, neste encontro, estava desocupada, e todos se animaram, pois a sala estava quentinha e fora estava bem frio.

A pesquisadora cumprimentou 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 e explicou a atividade daquele dia; no primeiro momento, brincadeira livre e, no segundo momento, brincar de montar estória. Assim que a pesquisadora terminou de falar, 1-M.11 disse que queria brincar primeiro e depois montar estória. 1-M.12 propõe brincar de uma brincadeira que a pesquisadora havia combinado com eles, mas ninguém se lembrou qual era a brincadeira. 1-M.11 sugere brincar de passar anel. E depois decidiram montar uma estória sobre um menino que tinha medo de tudo.

2.1.22.2) 1º Momento

1-M.12 propôs ao grupo para brincarem de passar anel. 1-M.04 e 1-M.11 aderiram à proposta feita por 1-M.12.

Todos participaram da brincadeira.

2.1.22.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs que o grupo desse sugestões de histórias. 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta feita e foram logo sugerindo várias histórias.

1-M.04: “vamos inventar uma história diferente”.

1-M.12: “é...”

1-M.11: “de um menino que tem medo de tudo”.

Todos participaram com muita animação da brincadeira.

2.1.22.4) Fechamento

Após o término da atividade, a pesquisadora encerrou a reunião, combinou o próximo encontro e se despediram. Todos voltaram para sala de aula.

2.1.22.5) Considerações gerais sobre a 22ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, houve apenas duas propostas, mostrando que os alunos se comportaram de maneira integrada nas atividades, com poucas propostas de histórias e mais envolvimento na brincadeira, sendo que todas as propostas vivenciadas contaram com adesão expressa. Ou seja, todos os alunos participaram ativamente das atividades e dos momentos grupais de forma integrada e coesa. O grupo está cada vez mais unido.

2.1.23 As diferenciações sociométricas da 23ª reunião do grupo de alunos

2.1.23.1) Abertura

A pesquisadora, após o recreio, foi buscar os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Estavam presentes nessa reunião: 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12. Todos dirigiram-se para sala de leitura.

A pesquisadora cumprimentou 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12. Relembaram a estória do encontro anterior, suas respectivas personagens e o desenvolvimento da estória. A Pesquisadora lembrou com os alunos os conteúdos que eles já haviam visto nas reuniões.

1-M.04: “foi rima e literação.

Pesquisadora: “isso, rima e aliteração, depois vocês analisaram as frases, as palavras e as sílabas, quanto ao tamanho (maior e menor) e número (sílabas). Agora vocês vão ver que cada letra tem um som”.

2.1.23.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo a brincadeira de identificar os sons (letras) da estória.

1-M.04, 1-M.12 e 1-M.11 aderiram à proposta dela.

Primeiro, todos ouviram atentamente a estória e foram falando os sons das letras com a pesquisadora e, depois, sozinhos.

2.1.23.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que brincassem de falar palavras que começam com o som de /fff/.

1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta feita pela pesquisadora.

Todos participaram com muita animação da brincadeira.

2.1.23.4) 3º Movimento

A pesquisadora propôs ao grupo brincar do jogo das palavras que começam com o mesmo som. 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta feita e todos participaram com muita animação da brincadeira. Pegavam uma figura, diziam o som de cada letra e, depois, colocavam as letras na pilha indicada.

2.1.23.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo a brincadeira de dizer o número de sílabas, letras e o som de cada palavra. 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à sua proposta. Todos participaram com muita animação da brincadeira. Pegavam uma figura diziam o som de cada letra, o número de sílabas e letras. Quando necessário, a pesquisadora ajudava, e 1-M.11 também ajudou os amigos.

2.1.23.6) Fechamento

A pesquisadora encerrou a reunião mais cedo, pois a professora da 2ª série tinha interrompido a reunião requerendo a sala de leitura para seus alunos. Ela fez o seguinte comentário: “eu também queria estar aí, olha só a folga do 1-M.11, esparramado pelo chão”. As crianças riram, mas ela olhou para a pesquisadora, com olhar de surpresa e reprovação com a situação.

2.1.23.7) Considerações gerais sobre a 23ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, houve apenas quatro propostas, sendo que todas as propostas vivenciadas contaram com adesão expressa. Ou seja, todos os alunos participaram ativamente de todas as atividades e momentos grupais de forma integrada e coesa. O grupo está cada vez mais unido.

2.1.24 As diferenciações sociométricas da 24ª reunião do grupo de alunos

2.1.24.1) Abertura

Quando a pesquisadora estava indo buscar os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo, eles estavam descendo para ir à quadra montar um relógio de sol. A pesquisadora aguardou que a professora da sala terminasse seu trabalho. Assim que terminou, a pesquisadora, a 1-M.04 e o 1-M.12 foram para sala de balé.

Ela colocou novamente a cortina no chão para que todos pudessem sentar sobre ela, pois estava muito frio. Todos se sentaram e tiraram os sapatos, e a pesquisadora cumprimentou 1-M.04 e 1-M.12. Ela explicou que, naquele dia, eles não iriam montar estória, pois estariam realizando brincadeiras dirigidas.

2.1.24.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo brincar de dizer o número de sílabas, letras e o som de cada palavra. Cada um dos participantes deve pegar uma figura que vai estar empilhada sobre a outra, dizer o nome da figura e montar essa palavra na frente da figura, usando as letras do alfabeto e, depois, dizer quantas sílabas e letras tem a palavra e o som de cada letra. 1-M.04, 1-M.12 e 1-M.11 aderiram à proposta feita pela pesquisadora. 1-M.04 e 1-M.12 participaram da brincadeira com muita atenção, um ajudando o outro quando necessário.

2.1.24.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que todos brincassem de dizer o som que começa cada palavra. Ela mostrava uma figura, e os participantes deviam dizer com que som ela iniciava. 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta feita pela pesquisadora. 1-M.04 e 1-M.12 participaram da brincadeira com muita atenção, falando o som juntos. Não competiam para ver quem falava mais rápido, mas, sim, um ajudando o outro.

2.1.24.4) Fechamento

A pesquisadora encerrou a reunião, concluindo o que foi trabalhado.

Ela comentou: “vocês viram que existem palavras diferentes que começam com o mesmo som”.

1-M.04: “foi legal né fessora” (sic).

1-M.04 e 1-M.12 voltaram para sala de aula.

2.1.24.5) Considerações gerais sobre a 24ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, houve apenas duas propostas, sendo que as duas foram vivenciadas contando com adesão expressa. Ou seja, todos os alunos participaram ativamente das atividades e dos momentos grupais de forma integrada e coesa. O grupo está cada vez mais unido.

2.1.25 As diferenciações sociométricas da 25ª reunião do grupo de alunos

2.1.25.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Estavam presentes nessa reunião: 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12. Todos dirigiram-se à sala de leitura.

A pesquisadora cumprimentou 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12. Ela pediu para que eles contassem como foi o final de semana e, depois, explicou sobre a atividade daquele dia: no primeiro momento, brincadeira livre e, no segundo momento, brincar de montar estória.

2.1.25.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que contassem sobre o final de semana. Todos aderiram à proposta e começaram a contar o que haviam feito no final de semana.

1-M.12: “o meu foi muito ótimo, eu brinquei bastante, fiz toda a minha lição na sexta-feira e, no sábado e no domingo eu só brinquei”.

1-M.04: “meu irmão se mudou, mas ele tá morando aqui perto de casa”.

1-M.11: “sozinho?”

1-M.04: “não.”

1-M.11: “eu não fiz nada, só fiquei em casa. Eu viajei onde mora minha vó e fiquei só dentro de casa, assistindo à TV.”

2.1.25.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que dessem sugestões de brincadeiras.

1-M.04: “vamos brincar de CANTAR.”
1-M.12: “vamos brincar da DANÇA-DAS-CADEIRAS.”
1-M.11: “nossa!”
1-M.12: “você só sabe brincar da DANÇA-DAS-CADEIRAS!”
1-M.11: “vamos brincar de PIQUE-GELO.”
Todos: “vamos!”

Todos concordaram e participaram da brincadeira com muita animação. 1-M.06 e 1-M.12 voltaram a desenvolver a estratégia de como pegar e como se salvar.

2.1.25.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que encerrassem a brincadeira e sentassem na roda. Todos concordaram com ela sentaram-se na roda, aguardando a instrução para a nova brincadeira.

2.1.25.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que dessem sugestões de histórias. 1-M.11 sugeriu pânico no mar. 1-M.12 sugeriu brincar de ler história e 1-M.04 sugeriu fazer da Bela e a Fera. 1-M.11 e 1-M.12 concordaram com 1-M.04 em desenvolver a história da Bela e a Fera.

2.1.25.6) 5º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que falassem quem iria ser “quem” na história. E todos começaram a falar ao mesmo tempo quem seria suas personagens.

1-M.04: “eu vou ser a Bela.”
1-M.12: “eu, o pai da Bela.”
1-M.11: “eu vou ser a Fera.”

1-M.04 sugeriu que 1-M.12 ou 1-M.11 também fizesse o papel de Gastão. 1-M.12 aceitou representar dois papéis. 1-M.04 sugeriu que a pesquisadora fosse a Bruxa e a Chaleira. Todos aceitaram suas personagens.

2.1.25.7) 6º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que organizasse a estória e começasse. E todos aderiram à proposta da pesquisadora e começaram:

1-M.12: “eu sei a estória do começo ao fim.”

Pesquisadora: “então vamos começar.”

1-M.11: “A fera, no início, começa como rei, e a bruxa joga um feitiço nele e ele vira fera.”

1-M.04: “Era uma vez um príncipe muito encantado.”

1-M.12: “Não é assim!”

Pesquisadora: “Vamos fazer do nosso jeito, eu vou ser a bruxa que vai até o castelo da fera, ele era um príncipe muito mau.”

1-M.11: “eu?”

Pesquisadora: “É por isso que você vira fera, e será a Bela que vai ajudar você a ser bonzinho.”

Pesquisadora: “Vamos começar: Toc...toc...toc....”

1-M.11: “Quem é?”

Pesquisadora: “Olá, meu belo príncipe, sou apenas uma vendedora de flores, estou aqui para oferecê-las para vocês.”

Todos aceitaram suas personagens e, em seguida, dramatizaram a estória, com muita animação.

2.1.25.8) Fechamento

Após o término da estória, a pesquisadora encerrou a reunião e combinou o próximo encontro. E todos voltaram para sala de aula.

2.1.25.9) Considerações gerais sobre a 25ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, a pesquisadora fez cinco propostas aos alunos, e todos aderiram de forma participativa. A escolha da estória foi bem rápida, 1-M.11 sugeriu uma estória, e 1-

M.04 outra, e todos aderiram à proposta de 1-M.04 e desenvolveram uma estória bem legal, pois estavam todos bem integrados. Ou seja, todos os alunos participaram ativamente das atividades e dos momentos grupais de forma integrada e coesa. O grupo está cada vez mais unido.

2.1.26 As diferenciações sociométricas da 26ª reunião do grupo de alunos

2.1.26.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Estavam presentes 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12. Todos dirigiram-se à sala de leitura.

A pesquisadora cumprimentou 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12. Relembaram a estória representada na reunião anterior. E, depois de todos os comentários, a pesquisadora apresentou a proposta daquele dia: brincar de dominó de figuras.

2.1.26.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que brincassem de dominó com figuras. Todos aderiram à proposta. 1-M.11 pediu para começar. 1-M.06 e 1-M.12 sugeriram que todos tirassem “dois ou um” para definir quem começaria a brincadeira. 1-M.11 iniciou.

Todos participaram da brincadeira com muita atenção e um ajudava o outro quando necessário.

1-M.11: “PASTA-RODA.”

Pesquisadora: “Fala o som de cada uma das letras de cada palavra.”

1-M.11: “P-A-S-T-A e R-O-D-A.”

1-M.11: “Vou por na figura PASTA a figura PANELA.”

Pesquisadora: “Então, 1-M.04, você pode pôr uma figura que comece tanto com PP como com RR.”

Pesquisadora: “Qual é a peça que você vai colocar?”

1-M.04: “ROSA e LIVRO”

Pesquisadora: “Fala o som de cada uma das letras de cada palavra.”

1-M.04: “R-O-S-A e L-I-VR-O.”

1-M.04: “Eu vou colocar a figura ROSA na figura RODA.”

Pesquisadora: “Agora o 1-M.12 pode pôr uma figura que comece tanto com RR como com PP.”

Pesquisadora: “Qual é a peça que você vai colocar?”

1-M.12: “LANCHE e VASO.”

Pesquisadora: “Fala o som de cada uma das letras de cada palavra.”

1-M.12: “L-A-N-CH-E e V-A-S-O.”

2.1.26.3) Fechamento

A pesquisadora encerra a reunião, concluindo o que foi trabalhado: “Vocês viram que existem palavras que começaram com o mesmo som. Nesse jogo, vocês juntaram as palavras que começavam da mesma forma. Vocês viram, então, que muitas palavras diferentes podem começar com o mesmo som”.

A pesquisadora despediu-se dos alunos, e eles voltaram para sala de aula

2.1.26.4) Considerações gerais sobre a 26ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, a pesquisadora fez apenas uma proposta, a que os alunos aderiram de forma participativa. Os alunos ficaram a reunião toda em uma só atividade. Ou seja, todos os alunos participaram ativamente da atividade proposta de forma cooperativa.

2.1.27 As diferenciações sociométricas da 27ª reunião do grupo de alunos

2.1.27.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Estavam presentes nessa reunião: 1-M.11 e 1-M.12. Todos dirigiram-se à sala de balé.

A pesquisadora cumprimentou 1-M.11 e 1-M.12. Pediu para que eles contassem sobre o final de semana e depois explicou sobre a atividade daquele dia. No primeiro momento, brincadeira seria livre e, no segundo momento, brincar de montar estória.

2.1.27.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs a 1-M.11 e 1-M.12 que contassem sobre o final de semana. Os dois aderiram à proposta da pesquisadora e começaram a contar:

1-M.11: “Eu fui à casa da minha avó e comi pernil. Só isso.”

1-M.12: “Eu fiz um monte de coisas: eu fui à minha tia, e o meu tio tinha um monte de pneu velho, aí meu tio falou assim:

Tio de 1-M.12: “1-M.12, vem me ajudar pôr fora esses pneus velhos fora.”

1-M.12: Eu disse: “Vamos.”

“Ele catou todos os pneus e colocou no carro assim, sabe tia, todos empilhados, e quando ele andou com a perua, os pneus fez assim; blam....blam.... e de repente abriu a porta e caiu tudo para baixo, tia (risos).” (sic).

1-M.12: “O tio, os pneus caiu.” (sic)

Tio de 1-M.12: “É, 1-M.11,vamos lá catar tudo.”

1-M.12: “Eu não, eu vou ficar aqui, não vou passar vergonha. (risos) (sic)

2.1.27.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs a 1-M.11 e 1-M.12 que sugerissem brincadeiras. Os dois aderiram à proposta da pesquisadora e começaram a sugerir brincadeiras:

1-M.11: “Vamos brincar de street figther....”

1-M.12: “Se louco! Vamos brincar de pique - rela, aqui tem bastante espaço.”

1-M.11: “É mesmo.”

1-M.12: “Então vamos, tia, nós três.”

Pesquisadora: “Eu começo, está comigo.”

Todos participaram da brincadeira animadamente. O 1-M.12 corre pra caramba, é super-difícil para pegá-lo, e 1-M.11 ficava bravo toda hora por conta de não conseguir pegar 1-M.12.

2.1.27.4) 3º Momento

1-M.11 propôs mudar de brincadeira e brincar de pular (salto a distância). A pesquisadora e 1-M.12 aderiram à proposta de 1-M.11. Todos participaram da brincadeira animadamente. Houve na brincadeira muita disputa, mas também muita risada. 1-M.12 tem bastante agilidade e foi quem saltou mais distante.

2.1.27.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que sugerissem histórias para que eles pudessem dramatizar. Todos aderiram à proposta da pesquisadora. 1-M.11 sugeriu fazer a história dos camundongos Aventureiros e 1-M.12 concordou.

1-M.12: “Era uma vez dois camundongos que viviam em um buraco no túnel.”

Pesquisadora: “O que vocês estavam fazendo lá?”

1-M.12: “Nóis estávamos escondendo um tesouro.” (sic)

1-M.11: “Nós mora lá.” (sic)

Pesquisadora: “Então vocês têm que conversar um com o outro. Vamos começar...”

Crianças: “Vamos.”

2.1.27.6) 5º Momento

A pesquisadora propôs a 1-M.11 e 1-M.12 que sugerissem nomes para as personagens.

1-M.11: “Eu vou ser o Alessander.”

Pesquisadora: “E o sua, 1-M.12?”

1-M.12: “Eu não sei.”

Pesquisadora: “Inventa um qualquer.”

1-M.11: “Rafael que não vai ser, né?” (sic)

1-M.12: “Vai Rafael mesmo!”

1-M.11: “De novo? Pensa outro.”

1-M.12: “Felipe.”

2.1.27.7) 6º Momento

A pesquisadora propôs a 1-M.11 e 1-M.12 que comesçassem a história. Aderiram à proposta da pesquisadora e começaram.

Pesquisadora: “Então essa é a história de dois camundongos: Alessander e Felipe. Como começa?”

1-M.12: “Assim: olha Alessander, roubaram os nossos tesouros do túnel!”

1-M.11: “É memo, o que nós vamos fazer?” (sic)

1-M.12: “Vamos atrás deles.”

1-M.11: “É, vamos procurar eles.” (sic)

1-M.12: “Então vamos...”

1-M.12: “Eu acho que eu sei quem roubou nosso tesouro.”

1-M.11: “Quem?”

2.1.27.8) Fechamento

A pesquisadora encerra a reunião e combina o próximo encontro. E os dois voltaram para sala de aula.

2.1.27.9) Considerações gerais sobre a 27ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, a pesquisadora fez apenas duas propostas, a que os alunos aderiram de forma participativa e integrada. Os alunos ficaram por alguns minutos na primeira proposta e a maior parte da reunião desenvolvendo a estória. Os dois alunos desenvolveram uma estória criativa e divertida. Houve uma sintonia entre os dois, e a estória fluíu muito bem. Na representação, apareceram gestos, movimentos e fala.

2.1.28 As diferenciações sociométricas da 28ª reunião do grupo de alunos

2.1.28.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Estavam todos presentes: 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12. E todos dirigiram-se para sala de leitura.

A pesquisadora cumprimentou 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12, e perguntou por que 1-M.04 havia faltado no dia da reunião anterior. 1-M.04 disse que tinha ido ao médico. Os alunos relembaram a atividade do dia anterior. 1-M.11 reclamou da brincadeira de pique-rela, quase chorando, porque não havia conseguido pegar 1-M.12. A pesquisadora acalmou 1-M.11 e explicou a proposta daquela reunião, que a brincadeira daquela reunião era um teatrinho de fantoche, e disse: “O fantoche vai falar palavras bobas, palavras erradas, trocando o som de cada letra (fantoche do Chapeuzinho Vermelho), pois ela não sabe falar direito, e quando ela falar errado, vocês devem corrigi-la...”

2.1.28.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo para brincar de teatro de fantoche. Os alunos aderiram à proposta da pesquisadora e aguardaram ansiosos a instrução da brincadeira. Queriam pegar e manipular os fantoches. A pesquisadora mudou a voz para interagir com os alunos. Todos participaram da brincadeira com muita atenção e empolgação diante da proposta. Interagiram com o fantoche como se a pesquisadora não existisse.

2.1.28.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que brincassem de cantar trocando as vogais da música do Sapo. Os alunos aderiram à proposta da pesquisadora. A pesquisadora mudou a voz para interagir com os alunos. Todos participaram da brincadeira com muita atenção e empolgação diante da proposta. Interagiram com o fantoche tentando trocar as vogais na hora de cantar, mas quase que não conseguiam.

2.1.28.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de falar o som de cada letra. Os alunos aderiram à proposta da pesquisadora. Todos mudaram a voz para falarem o som de cada letra. Todos participaram da brincadeira com muita atenção e empolgação diante da proposta.

2.1.28.5) Fechamento

A pesquisadora encerra a reunião, destacando o que foi trabalho: “Vocês viram que vocês falaram as palavras trocando alguns sons, e fica estranho, mas na música ficou legal. Então vocês podem trocar os sons das palavras, colocando um som no lugar do outro. Por exemplo, como foi na música do /sapo/, vocês trocaram /sapo/ por /sapa/, por /sepe/, por /sipi/, por /sopo/ e por /supu/, deixaram alguns sons como antes e trocaram outros. Depois vocês brincaram de falar os sons de cada letra”.

Depois da conclusão, todos voltaram para sala de aula.

2.1.28.6) Considerações gerais sobre a 28ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, a pesquisadora fez várias propostas, a que os alunos aderiram de forma participativa e integrada. Os alunos envolveram-se muito na apresentação do fantoche, despertando a curiosidade de todos. Eles conversaram com o fantoche como se a pesquisadora não estivesse naquela sala. Foi muito interessante. 1-M.06, no início da sessão, estava triste e indiferente com a proposta, mas quando a atividade iniciou, foi envolvendo-se na brincadeira e encerrou a reunião demonstrando um comportamento mais leve e feliz. Até sugeriu ao grupo para ouvir a fita.

2.1.29 As diferenciações sociométricas da 29ª reunião do grupo de alunos

2.1.29.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Estavam presentes nessa reunião 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12. Todos dirigiram-se à sala de leitura, mas a ela estava ocupada, então todos dirigiram-se à sala de balé.

A pesquisadora cumprimentou 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12. Quando ela perguntou se eles sabiam qual era a proposta daquele dia, 1-M.11 disse que iam fazer balé. Todos riram, e 1-M.04 disse que, naquele dia, eles iriam montar um teatro.

2.1.29.2) 1º Momento

A pesquisadora propõe a eles que sugerissem brincadeiras antes da 2ª parte, que seria montar estória. 1-M.11 sugere brincar de pega-pega, e todos aceitaram a proposta de 1-M.11. Todos participaram da brincadeira animadamente. O 1-M.12 e 1-M.04 são muito velozes, sendo difícil pegá-los.

2.1.29.3) 2º Momento

Após alguns minutos, a pesquisadora propôs aos alunos que encerrassem a brincadeira e sentassem na roda. Os alunos aderiram à proposta da pesquisadora, sentaram na roda e foram logo falando, qual estória cada um queria dramatizar.

- 1-M.11: “Nossa, que calor!”
 1-M.11: “Mamãe virou um peixe!”
 1-M.04: “Ah não! Vamos fazer do Boitatá.”
 1-M.11: “Eu não sei essa estória.”
 1-M.04: “Nóis inventa.” (sic)
 1-M.04: “Para 1-M.12: Você concorda em fazer a do Boitatá?”
 1-M.12: “É difícil.”
 1-M.11: “Vamos fazer a do Chapeuzinho Vermelho.”

2.1.29.4) 3º Momento

1-M.11 propôs aos alunos montar a estória do Chapeuzinho Vermelho. Os alunos aderiram à proposta feita por 1-M.11. 1-M.04 e 1-M.06 disseram: “Vamos!” E começaram a falar sobre a estória.

2.1.29.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que decidissem quem seria quem na estória. Os alunos aderiram à proposta feita pela pesquisadora e foram dizendo as suas personagens. 1-M.04 disse que ia ser o Chapeuzinho Vermelho, 1-M.11 o lobo mau, 1-M.12 o caçador e a pesquisadora a mamãe do Chapeuzinho Vermelho e a vovozinha.

2.1.29.6) 5º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que comesçassem a estória, pois todas as personagens já estavam definidas. Os alunos aderiram à proposta feita pela pesquisadora. 1-M.04 disse que era a mamãe que começava falando e assim iniciaram a estória. Todos se

envolveram no desenvolvimento da estória. Na representação, apareceram gestos, movimentos e falas.

Pesquisadora: “Chapeuzinho Vermelho!!! Chapeuzinho Vermelho!!!”

1-M.04: “O que é, mamãe!!!”

Pesquisadora: “Você pode levar esses doces para a vovozinha???”

1-M.04: “Posso, mamãe.”

Pesquisadora: “Mas preste atenção, vá pelo caminho do bosque e não vá pela floresta. Ah!!! E tome cuidado com o lobo mau, ele está à solta por aí....Não se esqueça.....”

1-M.04: “Está bem, mamãe eu vou pelo rio...”

Pesquisadora: “Não, minha filha, é pelo bosque...”

1-M.04: “Ah!!! É mesmo, mamãe, pelo bosque.”

Pesquisadora: “Então pode ir...”

2.1.29.7) Fechamento

A pesquisadora encerra a reunião, combina o próximo encontro. E os três voltaram para sala de aula.

2.1.29.8) Considerações gerais sobre a 29ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, a pesquisadora fez 4 propostas, às quais os alunos aderiram de forma participativa e integrada. Na brincadeira do pega-pega, 1-M.12 e 1-M.04 são bem ágeis, e 1-M.11 não consegue pegá-los, deixando-o irritado, mas ele sempre propõe esse tipo de brincadeira, mesmo sabendo que não consegue pegar os amigos. Todos participaram na escolha da estória e no seu desenvolvimento. Os alunos participaram ativamente de todas as propostas e dos momentos grupais de forma integrada e coesa.

2.1.30 As diferenciações sociométricas da 30ª reunião do grupo de alunos

2.1.30.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Estavam presentes 1-M.11 e 1-M.12. Ela e os dois alunos dirigiram-se para sala de leitura.

A pesquisadora cumprimentou 1-M.11 e 1-M.12, e perguntou se alguém sabia por que 1-M.04 havia faltado! 1-M.11 disse que tinha ido viajar. A pesquisadora pediu para que eles contassem sobre o final de semana e depois explicou a proposta daquela reunião.

2.1.30.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs a 1-M.11 e 1-M.12 que contassem sobre o final de semana. Eles aderiram à proposta e contaram sobre o final de semana. 1-M.11 disse que o final de semana, passou muito rápido e não deu para fazer nada. 1-M.12 disse que o final de semana dele havia sido “legal”. Contou que soltou pipa e que tinha andado: “pra caramba,” (sic)

2.1.30.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem do jogo das palavras. Os dois alunos aderiram. A pesquisadora mostrou que as palavras têm partes menores ainda. Mostrou as letras /a/ e /i/ e disse: “essas letras formam a palavra /ai/. Tem duas partes: /aaa-iii./”. Pediu para que os alunos repetissem: /aaa-iii/. Disse, em seguida, que cada parte é uma letra. Todos participaram com muita atenção.

2.1.30.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem do jogo de montar palavras ou pseudopalavras (incluindo letras no início). Os dois alunos aderiram à proposta. A pesquisadora falou uma parte da palavra e pediu para os alunos inventarem o resto. Por exemplo, o triângulo representando a letra /a/ e o quadrado representado a letra /s/. E pediu para os alunos colocarem outra forma geométrica no início para formar uma palavra nova. 1-M.11 disse “paz, só que termina com /z/, mas o som é igual”. Todos participaram com muita atenção. Depois, a pesquisadora pediu aos alunos que colocassem formas geométricas no meio das palavras.

2.1.30.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que brincassem do jogo de montar palavras ou pseudopalavras (incluindo letras no meio). Os dois alunos aderiram à proposta. A pesquisadora disse uma parte da palavra, e os alunos colocaram um som no meio, para formar uma palavra de verdade. Lembrou-os que as letras estavam sendo representadas pelas figuras geométricas, mas poderiam usar também as letras sobre as figuras. E deu um exemplo: o círculo representa o M, e o coração, a letra U, vocês deverão colocar um som (letra) no meio.

2.1.30.6) Fechamento

A pesquisadora encerrou a reunião, concluindo o que foi trabalhado: montaram palavras incluindo letra no início e no meio das palavras, formando palavras novas”. Explicou que, como já havia o sinal para o recreio, eles terminariam a atividade no próximo encontro. E os dois foram para o recreio.

2.1.30.7) Considerações gerais sobre a 30ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, a pesquisadora fez as quatro propostas, a que os alunos aderiram de forma participativa e integrada. Os dois prestaram muita atenção nas atividades. Um ajudava o outro quando ele não sabia responder. Não houve competição e, sim, cooperação. Os alunos participaram ativamente de todas as propostas e dos momentos grupais de forma integrada e coesa.

2.1.31 As diferenciações sociométricas da 31ª reunião do grupo de alunos

2.1.31.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Estavam presentes apenas 1-M.11e 1-M.12. A pesquisadora e os dois alunos dirigiram-se para sala de leitura.

A pesquisadora cumprimentou 1-M.11 e 1-M.12 e, em seguida, falou sobre 1-M.04, pois a pesquisadora havia encontrado a mãe de 1-M.04. E depois explicou sobre a proposta daquela reunião.

2.1.31.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs a eles que sugerissem brincadeiras antes da 2ª parte, que era montar estória. 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta. 1-M.11 sugeriu brincar primeiro de PASSAR ANEL e depois de ESCONDER TAMPINHA.

2.1.31.3) 2º Momento

1-M.12 aderiu à proposta de 1-M.11. Como só estavam presentes nessa reunião 1-M.11 e 1-M.12 e a pesquisadora, a brincadeira ficou monótona. 1-M.11 sugeriu mudar de brincadeira.

2.1.31.4) 3º Momento

1-M.11 propôs para 1-M.12 e a pesquisadora brincarem de esconder tampinha. A pesquisadora e 1-M.12 aderiram à proposta de 1-M.11. Todos participaram da brincadeira animados, e cada um queria esconder a tampinha em um lugar mais difícil de achar.

2.1.31.5) 4º Momento

Após o término da brincadeira, a pesquisadora propôs aos alunos que sentassem na roda e sugerissem histórias. Os dois alunos aderiram à proposta. 1-M.11 sugeriu a história do “Shrek sai da casa dele”. 1-M.12 propôs ser o Shrek, mas 1-M.11 também queria ser o Shrek. A pesquisadora propôs que tirassem par ou ímpar para definir quem representaria o papel de

Shrek. 1-M.11 ganhou. 1-M.12 disse que seria o burro e propôs à pesquisadora ser a princesa Fiona.

2.1.31.6) 5º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para começarem a estória. Os dois alunos aderiram à proposta. 1-M.11 disse que a estória começava com a venda do burrinho. E 1-M.12 falou que a pesquisadora podia fazer também o papel da dona do burro e orientou-a no que deveria falar. Todos se envolveram no desenvolvimento da estória. Na representação, apareceram gestos, movimentos e fala. A estória foi bem divertida. 1-M.12 dirigiu a estória e orientou a fala de cada personagem.

2.1.31.7) Fechamento

Após o término da estória, a pesquisadora encerrou a reunião, combinou o próximo encontro e os dois voltaram para sala de aula.

2.1.31.8) Considerações gerais sobre a 31ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, como na reunião anterior, a pesquisadora fez quatro propostas, a que os alunos aderiram de forma participativa e integrada. Só surgiu um impasse: no momento de definir quem representaria o papel de Shrek, pois tanto 1-M.11 como a 1-M.12 queriam o mesmo papel. E mesmo a pesquisadora tendo proposto que definissem no par ou ímpar, eles não conseguiam chegar a um acordo, ora por conta de o colega ter colocado os dedos depois da ordem do “já”, ora porque um teimava que um determinado número não era par ou ímpar, e assim prosseguiram até a pesquisadora explicar como identificar e saber quais números são pares e quais ímpares. Os dois prestaram muita atenção na explicação e entenderam. Os dois participaram ativamente de todas as propostas e dos momentos grupais de forma integrada e coesa.

2.1.32 As diferenciações sociométricas da 32ª reunião do grupo de alunos

2.1.32.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Todos estavam presentes: 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12. A pesquisadora e os alunos dirigiram-se para sala de leitura.

A pesquisadora cumprimentou 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12. Os alunos lembraram a atividade do dia anterior, e ela explicou a proposta daquela reunião. A brincadeira daquele dia era um jogo diferente, a pesquisadora diria uma palavra e os alunos formariam palavras usando somente as formas geométricas, para representar cada som dessa palavra.

2.1.32.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de montar palavras usando formas geométricas e depois dizerem os fonemas de cada palavra separadamente. Os alunos aderiram à proposta. Todos participaram da brincadeira com muita atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro.

2.1.32.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que brincassem de montar pseudopalavras usando formas geométricas. Os alunos aderiram à proposta. Primeiro acharam estranho as palavras que foram pronunciadas pela pesquisadora, mas, depois, todos participaram da brincadeira com muita atenção e ajudando o colega, quando necessário.

2.1.32.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de falar palavras que rimavam. Os alunos aderiram à proposta. A pesquisadora mostrou uma figura, e os alunos formavam outra

palavra que rimava com a figura. Depois da palavra formada e rimada, os alunos falaram o som de cada letra. Todos participaram da brincadeira com muita atenção e ajudando o colega, quando necessário.

2.1.32.5) Fechamento

A Pesquisadora encerrou a reunião concluindo o que foi trabalhado: “você viram que se podem representar as palavras com formas geométricas, sendo que cada forma geométrica representava um som. Então, as palavras podem ser divididas em sons, que são as menores partes das palavras”.

E todos voltaram para sala de aula.

2.1.32.6) Considerações gerais sobre a 32ª reunião do grupo de alunos

A pesquisadora fez apenas três propostas nessa reunião. E todos os alunos aderiram às propostas de forma participativa e integrada. Os alunos estão a cada reunião mais cooperativos uns com os outros, sempre auxiliando os amigos nas dúvidas. E esses comportamentos estão tornando o grupo mais ativo em todas as propostas e mais integrado nos momentos grupais.

2.1.33 As diferenciações sociométricas da 33ª reunião do grupo de alunos

2.1.33.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Estavam todos presentes. A pesquisadora e os alunos dirigiram-se para sala de leitura.

A pesquisadora cumprimentou 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12, e pediu para que eles contassem um pouco sobre o final de semana. Em seguida, explicou a proposta daquela reunião.

2.1.33.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para contarem sobre o final de semana. Todos aderiram à proposta da pesquisadora e contaram sobre o final de semana. 1-M.04 contou que o seu final de semana havia sido “legal”, pois tinha viajado para Serrana na casa da avó, com a mãe dele. 1-M.11 falou que não fizera nada de diferente e 1-M.12 contou sobre uma tragédia que havia acontecido na sua família naquele final de semana, na qual um tio matou seu próprio filho de 18 anos, por causa de uma briga.

2.1.33.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que brincassem de dizer palavras. Os alunos aderiram à proposta. A brincadeira consistia de a pesquisadora dizer os sons de cada letra das palavras, e os alunos adivinharem que palavra a pesquisadora estava falando. Todos participaram da brincadeira com muita atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro.

2.1.33.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de dizer pseudopalavras. Os alunos aderiram à proposta. A brincadeira consistia de a pesquisadora dizer os sons de cada letra das pseudopalavras (palavras que não existem), e os alunos adivinharem que pseudopalavra a pesquisadora estava falando.

Todos participaram da brincadeira com muita atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro. 1-M.12 ficou admirado com seus amigos, por adivinharem as palavras tão rapidamente.

2.1.33.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos a brincadeira da teia de aranha (com fonemas). Os alunos aderiram à proposta da pesquisadora. Todos participaram da brincadeira com muita atenção.

2.1.33.6) Fechamento

A Pesquisadora encerrou a reunião concluindo o que foi trabalhado. “Vocês viram que se pode juntar um som com outros sons e formar uma palavra. Palavras que existem ou palavras que não existem (pseudopalavras)”.

Depois de encerrada a reunião, os alunos voltaram para sala de aula.

2.1.33.7) Considerações gerais sobre a 33ª reunião do grupo de alunos

A pesquisadora fez quatro propostas nessa reunião, e todos os alunos aderiram de forma participativa e integrada. Eles estão a cada reunião mais cooperativos uns com os outros, sempre auxiliando os amigos nas dúvidas. E esses comportamentos estão tornando o grupo mais ativo em todas as propostas e mais integrado nos momentos grupais.

2.1.34 As diferenciações sociométricas da 34ª reunião do grupo de alunos

2.1.34.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Todos estavam presentes. Ela e os alunos dirigiram-se para a sala de leitura.

A pesquisadora cumprimentou 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12, explicando sobre a proposta daquela reunião.

2.1.34.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que sugerissem brincadeiras. Todos aderiram à proposta. 1-M.11 foi logo sugerindo brincar de PEGA-PEGA. E 1-M.04 e 1-M.12 concordaram imediatamente. Brincaram animadamente por alguns minutos. 1-M.11 ficou o tempo todo no pique para não ser pego, e 1-M.04 e 1-M.12 não reclamavam. E quando a

brincadeira estava com 1-M.11, assim que os colegas chegavam no pique, ele já reclamava, dizendo que não valia ficar no pique.

2.1.34.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que sugerissem histórias. Os alunos aderiram à proposta e foram logo sugerindo várias histórias. 1-M.04 sugeriu Castelo Ratimbum, e 1-M.12 concordou, mas 1-M.11 sugeriu fazer um teatro de palavras mágicas e, logo em seguida, sugeriu a história “Mamãe virou um peixe”. 1-M.11 e 1-M.12 não concordaram. Então 1-M.12 sugeriu fazer a história do Peter Pan.

2.1.34.4) 3º Momento

Os alunos 1-M.04 e 1-M.11 aderiram à proposta de 1-M.12 de fazer a história do Peter Pan. E mais uma vez 1-M.11 e 1-M.12 queriam fazer a mesma personagem. A pesquisadora propôs que tirassem par ou ímpar para decidir quem faria o papel. 1-M.12 ganhou. 1-M.04 disse que iria ser a Sininho e 1-M.11 que iria ser o menino Felipe.

2.1.34.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que organizassem a história e comessem. Eles aderiram à proposta da pesquisadora e começaram. Todos se envolveram no desenvolvimento da história. Na representação, apareceram gestos, movimentos e fala.

1-M.12: “Nossa, que dia bonito, vou chamar a Sininho e o Felipe para brincar...Vou lá, então!!!”

1-M.12: “Sininho, vamos brincar???”

1-M.04: “Vamos, deixa eu me trocar antes, cadê o Felipe???”

1-M.12: “Vamos chamar ele...” (sic)

1-M.04: “Vamos até a casa dele....”

1-M.12: “Felipe????”

1-M.04: “Felipe???”

1-M.11: “O que vocês querem???”

1-M.12: “Vamos brincar...”

1-M.11: “Vamos!!!! Deixa eu me trocar e vamos soltar pipa???”

2.1.34.6) Fechamento

Após o término da estória, a pesquisadora encerrou a reunião, combinou o próximo encontro e os três voltaram para sala de aula.

2.1.34.7) Considerações gerais sobre a 34ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, a pesquisadora fez quatro propostas e todos os alunos aderiram. Na brincadeira de PEGA-PEGA, 1-M.11 demonstrou o mesmo comportamento das brincadeiras anteriores, passando a maior parte do tempo da brincadeira no pique e reclamando quando os amigos paravam por um segundo no pique. Na elaboração da estória, houve uma integração de todos, com sugestões e mudanças. Mais uma vez 1-M.11 e 1-M.12 disputaram o mesmo papel, que foi resolvido no par ou ímpar. Todos os alunos participaram do desenvolvimento da estória animadamente.

2.1.35 As diferenciações sociométricas da 35ª reunião do grupo de alunos

2.1.35.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Estavam presentes apenas 1-M.11 e 1-M.12. Ela e os alunos dirigiram-se para sala de balé, porque a sala de leitura estava ocupada.

A pesquisadora cumprimentou 1-M.11 e 1-M.12, conversaram sobre a falta de 1-M.04. Depois explicou a proposta daquela reunião.

2.1.35.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de juntar os sons (fonemas) das palavras. 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta feita por ela. A pesquisadora falava os

fonemas de uma palavra, e os alunos uniam os fonemas falados e diziam que palavra foi formada. Todos participaram da brincadeira com muita atenção.

2.1.35.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que brincassem de juntar os sons (fonemas) de pseudopalavras. 1-M.11 e 1-M.12 aderiram à proposta feita por ela. 1-M.11 e 1-M.12 participaram da brincadeira com muita atenção e, sempre que necessário, 1-M.11 ajudava 1-M.12. 1-M.12 ficou admirando como 1-M.11 adivinhava rápido as palavras.

2.1.35.4) Fechamento

A Pesquisadora encerrou a reunião concluindo o que foi trabalhado. “Vocês viram que se podem juntar vários sons e formar uma palavra e pseudopalavras.”

Depois de encerrada a reunião, os alunos voltaram para sala de aula.

2.1.35.5) Considerações gerais sobre a 35ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, a pesquisadora fez apenas três propostas, a que os alunos aderiram, participando animadamente e com muita atenção e cooperação. 1-M.11 está sempre ajudando seus amigos nas atividades dirigidas.

2.1.36 As diferenciações sociométricas da 36ª reunião do grupo de alunos

2.1.36.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Todos estavam presentes. Todos dirigiram-se para a sala de leitura.

A pesquisadora cumprimentou 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12, e explicou sobre a proposta daquela reunião.

2.1.36.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que sugerissem brincadeiras. Todos aderiram à proposta feita. 1-M.11 gritou: “vamos brincar de PEGA-PEGA.” 1-M.04 e 1-M.12 concordaram. Todos participaram da brincadeira euroficamente. 1-M.04 e 1-M.12 usaram estratégias para pegar os amigos ou para se salvar, enquanto 1-M.11 passou a maior parte da brincadeira no pique.

2.1.36.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que sentassem na roda e dessem sugestões de histórias. Todos aderiram à proposta feita e começaram a sugerir várias histórias. 1-M.04 sugeriu fazer do castelo Ratibum. 1-M.11 não concordou, dizendo que era chato. 1-M.04 sugeriu fazer a dos Rebeldes. 1-M.11 e 1-M.12 discordaram.

1-M.04 : “Tá bom, gente, então vamos fazer do quê?”

1-M.11 e 1-M.12: “1-M.11, não sei.”

1-M.12: “Vamos fazer uma bem legal!”

1-M.04: “Qual?”

1-M.12: “Vamos fazer... Do circo!”

1-M.04: “É, legal a do circo!”

1-M.11: “É chato...”

1-M.04: “Eu e o 1-M.12 queremos, somos a maioria.”

2.1.36.4) 3º Momento

1-M.12 propôs montar a história do circo. 1-M.04 e 1-M.11 aderiram à proposta feita por 1-M.12. 1-M.11 perguntou: “como vai ser esta história?” 1-M.12 explicou que os três trabalhavam no circo. 1-M.04 falou que ela era a bailarina e 1-M.12 o apresentador, e 1-M.11 falou: “então eu sou o mágico.” 1-M.04 falou para o 1-M.11: “viu que legal?”

2.1.36.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que comessem a história e eles aderiram à proposta e começaram a história. Todos se envolveram no desenvolvimento da história. Na

representação, apareceram muitos gestos e movimentos, e poucas falas. A estória foi interessante e engraçada, e apesar de não ter muitas falas, eles foram improvisando novas personagens no meio da estória.

2.1.36.6) Fechamento

Após o término da estória, a pesquisadora encerrou a reunião e combinou o próximo encontro, e todos voltaram para sala de aula.

2.1.36.7) Considerações gerais sobre a 36ª reunião do grupo de alunos

A pesquisadora, nessa reunião, fez quatro propostas, e todos os alunos aderiram, participando animadamente. 1-M.11 demonstrou, no primeiro momento, não querer aderir à proposta feita por 1-M.12 de encenar o teatro do circo, mas depois se envolveu e participou ativamente.

2.1.37 As diferenciações sociométricas da 37ª reunião do grupo de alunos

2.1.37.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Todos estavam presentes. Ela e os alunos dirigiram-se para sala de leitura.

A pesquisadora cumprimentou 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12, depois explicou a proposta daquela reunião.

2.1.37.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem do jogo dos cartões. (Tirar sílabas ou letras). Jogo em que as crianças usam cartões para representar sílabas e figuras geométricas

para representar fonemas dentro das sílabas e manipulá-las, a partir de palavras que existem. A pesquisadora mostra aos alunos as palavras separadas nas suas partes maiores, as sílabas, e nas suas partes menores, os sons. Então pede que tirem um pedacinho e digam como ficou a palavra.

Todos aderiram à proposta feita pela pesquisadora. Todos participaram da brincadeira com muita atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro.

2.1.37.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que brincassem do jogo dos cartões (com pseudopalavras - Tirar sílabas ou letras). Jogo em que as crianças usam cartões para representar sílabas, e figuras geométricas para representar fonemas dentro das sílabas e manipulá-las a partir de pseudopalavras. Todos aderiram à proposta feita pela pesquisadora. Todos participaram da brincadeira com muita atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro.

2.1.37.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem do jogo dos cartões (Colocar sílabas ou letras). Jogo em que as crianças usam cartões para representar sílabas, e figuras geométricas para representar fonemas dentro das sílabas e manipulá-las a partir de palavras que existem. Ela mostra aos alunos as palavras separadas nas suas partes maiores, as sílabas, e nas suas partes menores, os sons. Então pede que coloquem um pedacinho e digam como ficou a palavra.

Todos aderiram à proposta feita pela pesquisadora e participaram da brincadeira com muita atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro.

2.1.37.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que brincassem do jogo dos cartões (com pseudopalavras – colocar sílabas ou letras). Nesse jogo, as crianças usam cartões para representar sílabas e figuras geométricas para representar fonemas dentro das sílabas e manipulá-las a partir de pseudopalavras. Todos aderiram à proposta feita pela pesquisadora. Todos participaram da brincadeira com muita atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro.

2.1.37.6) 5º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de inverter as sílabas das palavras. A brincadeira consistia de a pesquisadora dizer uma palavra, e os alunos dizerem a palavras invertendo todas as letras (de trás para frente). Todos aderiram à proposta feita e participaram da brincadeira com muita atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro.

2.1.37.7) Fechamento

A pesquisadora encerrou a reunião, concluindo o trabalho. Todos viram, nessa atividade, que se podem colocar e tirar sons das palavras que existem e das que são inventadas. E que, invertendo os sons das palavras, se formam palavras novas ou pseudopalavras novas. A pesquisadora despediu-se desejando um ótimo feriado para todos.

2.1.37.8) Considerações gerais sobre a 37ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, aconteceram seis propostas feitas pela pesquisadora, e todos os alunos aderiram, participando da brincadeira com muita atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro. Todos estavam bem integrados e sintonizados. Nessa reunião, o fator de destaque foi a cooperação entre eles.

2.1.38 As diferenciações sociométricas da 38ª reunião do grupo de alunos

2.1.38.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Todos estavam presentes. Ela e os alunos dirigiram-se para sala de leitura.

A pesquisadora cumprimentou 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12, explicando sobre a proposta daquela reunião, e falou que as reuniões estavam terminando e que ainda, naquela semana, se encerrariam. Todos ficaram tristes. A pesquisadora propôs a eles que sugerissem brincadeiras e depois, na 2º parte, montassem a estória.

2.1.38.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que sugerissem brincadeiras. Os alunos não aderiram à proposta feita pela pesquisadora. 1-M.04 sugeriu montar estória, pois seria a última, 1-M.12 e 1-M.11 concordaram.

2.1.38.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos, então, que sugerissem estórias. Todos aderiram à proposta feita e foram logo sugerindo: 1-M.04 sugeriu uma sobre o Brasil, 1-M.12 concordou, mas 1-M.11 não. 1-M.04 e 1-M.12 tentaram convencê-lo, mas ele sugeriu a estória do Pinóquio. E 1-M.04 e 1-M.12 aderiram à proposta feita por 1-M.11.

2.1.38.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que decidissem qual personagem cada um representaria. Todos aderiram à proposta da pesquisadora, dizendo suas personagens. 1-M.04 falou que seria a fada, 1-M.12 o Pinóquio, 1-M.04 o pai do Pinóquio (Gepeto) e a pesquisadora, Dona Mambembe.

2.1.38.5) 4º Momento

Após a definição das personagens, a pesquisadora propôs aos alunos que comesçassem a estória. Todos aderiram à proposta feita e começaram. Os alunos envolveram-se no desenvolvimento da estória. Na representação, apareceram muitos gestos e muitas falas. A estória foi muito interessante e engraçada.

Pesquisadora: “Então, vamos começar. Quem começa falando?”

1-M.12: “É o Gepeto.”

E assim começa a nossa estória...

1-M.11: “Ah! eu vou construir um Pinóquio, eu vou construir um boneco de madeira, vou pegar minha caixa de chave, onde está a minha chave de fenda.” (Faz gesto de quem está montando um boneco, aperta aqui, mexe ali no próprio 1-M.11.)

1-M.11: “Nossa, meu Pinóquio está ficando bonito, só falta pintar.... Estou quase acabando...(começou cantarolar enquanto fazia que estava pintando).

1-M.11: “Pronto, acabei!”

1-M.12: “Agora ele joga uma mágica no boneco e ele vira gente.....”

1-M.04: “Não é ele que joga a mágica....”

Pesquisadora: “Quem é???”

1-M.04: “É a fada.”

2.1.38.6) Fechamento

Após o término da estória, a pesquisadora encerrou a reunião, combinou o próximo encontro e todos voltaram para sala de aula.

2.1.38.7) Considerações gerais sobre a 38ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, aconteceram quatro propostas feitas pela pesquisadora. À primeira, os alunos não aderiram, porque 1-M.04 sugeriu montar a estória em vez de brincar, pois seria a última. 1-M.12 e 1-M.11 concordaram. Às demais propostas feitas pela pesquisadora, todos aderiram de forma extremamente expressa. E todos os alunos participaram, com exceção da primeira proposta, animadamente, e envolveram-se do início ao fim da montagem da estória. Todos estavam bem integrados e sintonizados.

2.1.39 As diferenciações sociométricas da 39ª reunião do grupo de alunos

2.1.39.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Todos estavam presentes. Ela e os alunos dirigiram-se para sala de leitura.

A pesquisadora cumprimentou 1-M.04, 1-M.11 e 1-M.12 e depois explicou a proposta daquela reunião.

2.1.39.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de dizer o som de cada letra das palavras. Nesse jogo, a pesquisadora diz uma palavra (som por som), e as crianças devem dizer qual palavra é, dizer o número de sílabas e letras, e repetir o som de cada letra da palavra, e depois inverter as sílabas. Todos participaram da brincadeira com muita atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro.

2.1.39.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que brincassem de falar as palavras invertendo todas as letras. Todos aderiram à proposta feita. Nesse jogo, a pesquisadora diz uma palavra (som por som), e as crianças devem dizer qual é palavra, e depois dizer de trás para frente (invertendo todas as letras). Todos participaram da brincadeira com muita atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro.

2.1.39.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos a brincadeira do jogo dos cartões (com pseudopalavras). Todos aderiram à proposta. Nesse jogo, as crianças usam cartões para

representar sílabas, e figuras geométricas para representar fonemas dentro das sílabas, manipulando-as a partir de pseudopalavras. Todos participaram da brincadeira com muita atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro.

2.1.39.5) Fechamento

A pesquisadora encerra a reunião, combinando a última reunião, e todos os alunos voltaram para sala de aula.

2.1.39.6) Considerações gerais sobre a 39ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, aconteceram apenas três propostas feitas pela pesquisadora. Todos os alunos aderiram a todas elas e participaram das propostas com muita atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro. Nessa reunião, o que também prevaleceu, foi a cooperação entre eles. Todos estavam bem integrados e sintonizados.

2.1.40 As diferenciações sociométricas da 40ª reunião do grupo de alunos

2.1.40.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos na sala da 4ª série de recuperação de ciclo. Estavam presentes 1-M.04 e 1-M.11. A pesquisadora e os alunos dirigiram-se para sala de leitura.

A pesquisadora cumprimentou 1-M.04 e 1-M.11 e explicou a proposta da última reunião, que estariam lembrando todos os conteúdos trabalhados: rima, aliteração, consciência de frases, consciência de palavras, adição, subtração e inversão de sílabas e letras, e consciência fonêmica.

2.1.40.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de rima. Nesse jogo, a pesquisadora diz três palavras, duas terminam com o mesmo som, e uma termina com um som diferente. Pede que a criança diga quais são as duas palavras que terminam com o mesmo som. Todos participaram da brincadeira com muita atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro.

2.1.40.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que brincassem de aliteração. Nesse jogo, a pesquisadora diz três palavras: duas começam com o mesmo som, e uma começa com um som diferente. Ela pede que a criança diga quais são as duas palavras que começam com o mesmo som.

Todos aderiram à proposta feita pela pesquisadora e participaram da brincadeira com muita atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro.

2.1.40.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos a brincadeira de juntar os fonemas das palavras. Todos aderiram à proposta. Nesse jogo, a pesquisadora diz uma palavra (dizendo o som de cada letra), e as crianças devem adivinhar que palavra ela falou. Todos participaram da brincadeira com muita atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro.

2.1.40.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de adicionar ou subtrair sílabas das palavras. Todos aderiram à proposta. Nesse jogo, a pesquisadora pede para que as crianças adicionem (coloquem) ou subtraíam (tirem) sílabas ou fonemas das palavras, de modo a formar novas palavras. Todos participaram da brincadeira com muita atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro.

2.1.40.6) 5º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que brincassem de inverter as sílabas. Todos aderiram à proposta. Nesse jogo, a pesquisadora diz uma palavra, e a criança deve inverter as sílabas, dizendo qual a palavra formada. Todos participaram da brincadeira com muita atenção, ajudando um ao outro, sempre que necessário.

2.1.40.7) 6º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de inverter os fonemas (os sons). Todos aderiram à proposta. Nesse jogo, a pesquisadora diz uma palavra, e a criança deve inverter os fonemas (sons) da palavra, dizendo qual a palavra formada. Todos participaram da brincadeira com muita atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro.

2.1.40.8) Fechamento

A pesquisadora encerrou a reunião, agradecendo a participação de todos. 1-M.04 e 1-M.11 ficaram tristes com o encerramento, até mesmo a pesquisadora, que acabou apegando-se bastante às crianças.

2.1.40.9) Considerações gerais sobre a 40ª reunião do grupo de alunos

Nessa última reunião aconteceram seis propostas feitas pela pesquisadora. Todos os alunos aderiram a todas as propostas, e participando com muita atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro. Todos estavam bem integrados e sintonizados.

2.2. Grupo 2– tarde (2-T): descrição esquemática dos momentos grupais

Os resultados apresentados a seguir tratam-se dos relatos esquemáticos dos acontecimentos de cada reunião. Buscou-se destacar os momentos essenciais para a movimentação da dinâmica grupal. No total, foram realizadas 40 reuniões grupais, com duração média de uma hora a uma hora e meia. Os trechos apresentados foram retirados das transcrições em áudio de cada encontro. As transcrições foram submetidas a uma análise sociométrica, tal como prevista na metodologia, produzindo “diagramas sociométricos” que, depois, foram traduzidos na forma destas “diferenciações sociométricas” que se seguem. Os relatos estão organizados na ordem crescente das reuniões, ou seja, do primeiro ao último encontro.

2.2.1 As diferenciações sociométricas da 1ª reunião do grupo de alunos

2.2.1.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos na sala de recuperação de ciclo, e todos dirigiram-se para uma sala de aula, que fica desocupada no período da tarde. Estavam presentes nessa reunião: 2-T.06; 2-T.07; 2-T.10; 2-T.14 e 2-T.16 (2-T.02 nessa reunião, havia faltado da escola). Este grupo foi formado com seis alunos, para completar os 10 alunos do Grupo de Intervenção com desempenho abaixo da média e/ou mediana, tal como previsto na metodologia.

A pesquisadora abriu a reunião solicitando que todos se sentassem na roda e explicou a presença do gravador nos encontros. Combinou como seriam os encontros, quais seriam os dias da semana em que estariam se reunindo e os horários. Ficou combinado, também, que as reuniões não aconteceriam no horário de Educação Física ou no horário da aula de Arte. A

pesquisadora pediu para que não faltassem, explicou a importância de cada um, no grupo, e que a ausência de um desfalaria o grupo. Dessa forma, ficou claro que o grupo estaria se reunindo naquela sala de aula, três vezes por semana, e quando acontecesse algum imprevisto, como reuniões ou feriados, seria mudado o dia do encontro.

O grupo reunir-se-á para fazer atividades diferentes: atividades livres (brincadeiras), sugeridas pelos participantes; atividades de dramatização (de histórias), sugeridas por todos, e, num terceiro momento, a pesquisadora direcionaria atividades mais específicas ou dirigidas. Ela explicou que, durante as reuniões, ninguém seria obrigado a participar de uma das três atividades se não quisesse, ou seja, poderiam ficar apenas assistindo aos demais, e que a reunião duraria, em média, de uma hora a uma hora e meia.

Após a abertura, todos se apresentaram (cada um falou seu nome).

Por fim, a pesquisadora pediu sugestões de brincadeiras, confirmando a primeira proposta de atividade grupal.

2.2.1.2) 1º Momento

A aluna 2-T.06 propôs ao grupo que brincassem de MORTO-VIVO. Todos os demais alunos, de início, foram contra a proposta, pois estavam extremamente empolgados, e de certa forma, mal entenderam a proposta da amiga. Então a pesquisadora mediou a proposta de 2-T.06 e todos aderiram, participando da brincadeira descontraídos e animados.

2.2.1.3) 2º Momento

O 2-T-16 sugeriu ao grupo que mudassem de brincadeira. Todos estavam envolvidos na brincadeira e eufóricos demais; e mais uma vez, a pesquisadora mediou a proposta de 2-T-16. E todos, um pouco mais calmos, aceitaram. Ele sugeriu brincar de BALANÇA-CAIXÃO. Todos participaram da brincadeira com muita empolgação.

2.2.1.4) Fechamento

Após a conversa com os alunos, a pesquisadora encerrou a reunião e conduziu-os de volta à sala de aula.

2.2.1.5) Considerações gerais sobre a 1ª reunião do grupo de alunos

No geral, foi uma reunião de adesão dos alunos às duas atividades propostas. Todos se demonstraram bem falantes e empolgavam-se rapidamente com todas as propostas. Talvez, por ser a primeira reunião, estavam bem dispersos e agitados, pois foi preciso a mediação da pesquisadora, para que se acalmassem e escutassem a proposta dos colegas. Mas, mesmo assim, dos diversos momentos, descritos acima, todos aderiram às propostas da pesquisadora ou de algum membro do grupo, mostrando o início de uma coesão e integração entre os seus membros.

2.2.2 As diferenciações sociométricas da 2ª reunião do grupo de alunos

2.2.2.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola (pois, assim, havia combinado com a professora da classe, no dia anterior). 2-T.10 estava eufórica e foi logo perguntando o que iriam fazer naquela sessão. Ela foi conversando com os alunos, e todos dirigiram-se para sala de aula que foi disponibilizada pela escola. O grupo teve início com todos os seis participantes. 2-T.02; 2-T.06; 2-T.07; 2-T.10; 2-T.14 e 2-T.16 .

2.2.2.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que brincassem de fazer estória. 2-T.10 propôs montar a estória do Chapeuzinho Vermelho. 2-T.14 sugeriu montar a estória da Branca de

Neve, comentando que só havia um problema: que, na estória original, havia apenas uma bruxa, e ali na sala havia duas, apontando o dedo para as colegas. Todos os demais riram, com exceção das garotas a quem ele apontou o dedo. 2-T.02 disse: “tia vou bater nele”. Foi preciso que a pesquisadora mudasse de lugar, para encerrar o bate-boca. Enquanto a pesquisadora perguntava para cada aluno qual a estória que cada um gostaria de encenar, o 2-T.14 respondia no lugar, fazendo piadinhas com os colegas.

2.2.2.3) 2º Momento

2-T.10 sugeriu que montassem a estória do Chapeuzinho Vermelho, dizendo: “Vai essa memo, fessora!” “Deixa eles pra lá”, “ninguém decide nada, fica só fazendo graça...”. Nesse momento, todos concordaram com a 2-T.10 e decidiram desenvolver a estória. A pesquisadora, então, propôs aos alunos que escolhessem as suas personagens.

2.2.2.4) 3º Momento

2-T.07 foi logo dizendo: “Eu vou ser o lobo, nem vem!”
 2-T.10: “Eu vou ser a Chapeuzinho Vermelho.”
 2-T.07: “Ah! Vou ser o caçador.”
 2-T.10 perguntou ao 2-T.07 se ele ia ser as duas personagens.
 2-T.07: “Não, só o caçador.”
 2-T.14: “Não, o caçador vai ser eu”.
 A pesquisadora perguntou quem iria representar o papel de mãe da Chapeuzinho e da Vovozinha.
 2-T.06 disse: “Eu vou ser a mãe da Chapeuzinho e 2-T.02 a vovozinha”.
 Todos riram.
 2-T.02 reclamou: “Eu não, credo!”
 2-T.16 disse que iria ser uma árvore.
 A pesquisadora sugeriu que 2-T.16 fosse também outro caçador. Ele aceitou.

2.2.2.5) 4º Momento

A pesquisadora perguntou quem iria começar falando na estória. 2-T.10 propôs que 2-T.06 iniciasse, porque ela era a mãe da Chapeuzinho. 2-T.06 aderiu à proposta feita por 2-T.10; enquanto, 2-T.10 instruía a 2-T.06 como iniciar a estória, 2-T.07 desistiu de seu papel

de lobo e discutiu com 2-T.14, dizendo que queria ser o caçador. Depois de uma pequena pausa para resolver esse impasse, a 2-T.14 passou a representar o lobo na estória, e 2-T.07, um dos caçadores.

2.2.2.6) 5º Momento

A pesquisadora explicou que, na estória, eles teriam de incluir rima no final de cada frase. Explicou o que era rima (rima são palavras que terminam com o mesmo som, por exemplo, cola – bola, carinho – caminho...). Pediu para cada um dar um exemplo. Lembrou-os de que toda estória tem começo, meio e fim. E propôs que comesçassem. Todos aderiram à proposta.

2.2.2.7) Fechamento

Após o término da estória, a pesquisadora encerrou a reunião e acompanhou-os de volta à sala de aula.

2.2.2.8) Considerações gerais sobre a 2ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, a pesquisadora pôde analisar o comportamento e a participação de todos na estória. 2-T.10 participou de todas as propostas animadamente e zangou-se com os colegas, que brincavam o tempo todo. Foi preciso parar várias vezes a estória, conversar com eles e retomar do ponto em que haviam parado. No desenvolvimento da estória, eles se distraem quando não é a sua vez de falar, chegam a atrapalhar os colegas que estão encenando, principalmente o 2-T.14. Com certeza, por ser uma das primeiras reuniões, o grupo ainda não está integrado, e por conta disso, há uma falta de interesse e envolvimento de todos no grupo.

2.2.3 As diferenciações sociométricas da 3ª reunião do grupo de alunos

2.2.3.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola. Todos os seis alunos estavam presentes nessa reunião. Todos dirigiram-se para sala de aula cedida pela escola.

A pesquisadora começou a reunião, explicando o que iriam fazer. 2-T.06 interrompeu sugerindo que brincássemos de montar estória, como na última reunião. Então, a pesquisadora lembrou-os do combinado, de que em cada reunião estaria acontecendo uma atividade diferente, sendo que, em uma reunião, seriam realizadas brincadeiras lúdicas livres, em outra de dramatização (de teatrinho), em outra de atividades dirigidas diversificadas, e que, naquela reunião, estariam brincando de outra forma. A pesquisadora explicou que iria colocar a gravação da estória para rodar duas frases das falas de deles. Depois de ouvirem as duas frases, congelaria o som, e os alunos deveriam identificar se houve rima ou não, só descongelando o som após a identificação da rima.

2.2.3.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de congelar. Todos aderiram à proposta e participaram da atividade descontraídos; estavam tão empolgados com a gravação que foi preciso colocar várias vezes a mesma frase, pois falavam ao mesmo tempo e não conseguiam identificar a rima.

2.2.3.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs a brincadeira de procurar figuras que rimavam. Espalhou vários cartões com figuras pelo chão, mostrou a carta com a sílaba /ço/ e pediu que cada criança achasse um cartão com figura que terminasse com /ço/. Todos aderiram à proposta da pesquisadora e manifestaram-se verbalmente. Ela propôs que 2-T.06 iniciasse a brincadeira,

porque eles estavam discutindo para começar, e ela estava quietinha, esperando a sua vez. Eles demoram um bom tempo nessa brincadeira, pois não conseguiam identificar as rimas. E a todo o momento, um tentava atrapalhar o outro.

2.2.3.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de jogo da memória. Espalhou vários cartões pelo chão com figuras viradas para cima, para que as crianças identificassem as figuras que terminassem com o mesmo som. Todos aderiram à proposta e participaram da brincadeira com muita dificuldade para achar os pares que terminavam com o mesmo som.

2.2.3.5) Fechamento

A pesquisadora encerrou a reunião, combinou o próximo encontro e acompanhou os alunos de volta à sala de aula.

2.2.3.6) Considerações gerais sobre a 3ª reunião do grupo de alunos

Foi uma reunião em que a pesquisadora sugeriu apenas três propostas, ou seja, três momentos grupais, devido à dificuldade de realizarem cada tarefa. Todos aderiram às três propostas. Apesar de o grupo ter aderido a todas as propostas, ainda demonstraram um desacordo entre eles muito grande, pois estão o tempo todo atrapalhando o desempenho dos membros do grupo e dificultando a integração do mesmo.

2.2.4 As diferenciações sociométricas da 4ª reunião do grupo de alunos

2.2.4.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola, e estavam presentes cinco alunos (2-T.02; 2-T.06; 2-T.07; 2-T.10 e 2-T.14 (2-T.16, nessa reunião, havia faltado da escola)).

Ao entrar na sala, todos demonstravam comportamentos diferentes. 2-T.10 sempre explorava o ambiente; 2-T.14 rolava pelo chão ou brincava de escorregar com os tapetes para sentar na roda e ainda pegava os chinelos dos colegas ou escondia ou jogava para fora da classe. 2-T.06 sempre deitava na roda, pegava o tapetes dos amigos e deitava em cima, enquanto 2-T.02 e 2-T.07 assistiam, rindo de cada coisa que 2-T.14 fazia.

A pesquisadora sentou na roda para dizer qual era atividade a ser desenvolvida naquela reunião.

2.2.4.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs que todos contassem como havia sido o final de semana de cada um. Todos aderiram à proposta feita pela pesquisadora.

2-T.07 contou que o seu final de semana tinha sido legal e contou o que havia feito. 2-T.06, no momento em que 2-T.07 começou a contar, ela disse que iria dormir, porque ele só terminaria no outro dia! E todos começaram a criticar o colega.

2-T.06 disse que seu final de semana havia sido mais ou menos, porque seu tio que ia sair da cadeia, não saiu. E ela ficou triste.

2-T.14 contou que havia ido a um aniversário e que havia aprontado muito com os outros (contava e ria ao mesmo tempo).

2-T.02 não quis contar sobre o seu final de semana.

2-T.10 contou detalhadamente sobre cada coisa que fez no final de semana.

(Todos contaram sobre o final de semana, mas não na sequência sexta, sábado e domingo.)

2.2.4.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs que todos sugerissem brincadeiras. Todos aderiram à proposta feita. 2-T.07 propôs brincar de CAMINHÃO DE LARANJA. Ninguém concordou. 2-T.10 propôs que todos brincassem de DETETIVE E LADRÃO. Todos aderiram à proposta. Essa brincadeira durou até que todos tivessem participado. 2-T.06 totalmente distraída na brincadeira, e todos se irritavam com ela.

2.2.4.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs que os alunos sugerissem histórias para desenvolverem. Todos recusaram a proposta e queriam continuar brincando. Mas a pesquisadora explicou que o 1º momento é brincadeira livre, e que escolheriam a brincadeira, e no 2º momento, era brincar de fazer história. 2-T.14 disse que seria legal a história do Batman. 2-T.07 concordou. Mas 2-T.10 queria a Branca de Neve e 2-T.06 concordou com 2-T.10, enquanto a 2-T.02 permanecia em silêncio. Então, 2-T.06 e 2-T.10 convenceram 2-T.02 de escolher a mesma história.

Depois de muita discussão, todos chegaram ao mesmo acordo: encenar a história da Branca de Neve.

2.2.4.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs que eles sugerissem os papéis que iriam representar. Novamente conflito, pois ninguém conseguia chegar a um acordo, e outra vez a pesquisadora precisou mediar a relação. Primeiro porque não escolhem as personagens para eles e, sim, para os outros, e quando um diz o que irá representar, todos também querem ser. Após todo esse impasse, ficou definido que: 2-T.10 seria a Branca de Neve; 2-T.06 a Rainha (Bruxa); 2-T.02 uma anã e também o Espelho Mágico; 2-T.14 o Príncipe, e 2-T.07 o caçador. O desenrolar da história foi bem confusa, pois, quando a pesquisadora os interrompia para lembrá-los da rima, voltava à estaca zero, queriam mudar de personagem, queriam brincar de outra coisa.

2.2.4.6) 5º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que sentassem na roda para conversar sobre as atividades desenvolvidas. 2-T.02 e 2-T.07 sentaram na roda logo após o pedido, enquanto com os demais, era preciso que a pesquisadora ficasse insistindo para que eles sentassem.

2.2.4.7) Fechamento

Após a conversa com os alunos, a pesquisadora encerrou a reunião e conduziu-os de volta à sala de aula.

2.2.4.8) Considerações gerais sobre a 4ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, apenas uma das propostas foi aceita por todos; no 2º momento, todos aceitaram brincar de DETETIVE E LADRÃO. Nas demais propostas não conseguiam chegar a um acordo. O grupo demonstrou certo desacertamento nas propostas de mudanças de brincadeira.

2.2.5 As diferenciações sociométricas da 5ª reunião do grupo de alunos

2.2.5.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola. Todos os seis alunos estavam presentes nessa reunião, e todos dirigiram-se para sala de reunião.

Ao entrar na sala, 2-T.02; 2-T.07 e 2-T.10 correram para sentar no tapete ao lado da pesquisadora e começaram a discutir e disputar o espaço, um empurrando o outro. Enquanto 2-T.06, deitada no chão, ria dos colegas, 2-T.14 brincava de escorregar pela sala, usando o tapete. Neste momento de organização da roda, 2-T.16 ainda não havia chegado, ele sempre chega atrasado. A pesquisadora sentou na roda, cumprimentou a todos, acalmou-os e explicou o que estariam fazendo naquela reunião.

2.2.5.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de congelar as falas da estória e identificarem as rimas. Todos aderiram à proposta feita pela pesquisadora. 2-T.10 e 2-T.14

participaram animadamente da brincadeira, enquanto 2-T.02; 2-T.06; 2-T.07 e 1-T.16 demonstraram certo desinteresse pela atividade, ouviam a gravação, riam de algumas falas, mas logo se envolviam. Talvez, por causa do comportamento de 2-T.10 e 2-T.14, que falam as rimas antes dos colegas e não os deixam nem pensar.

A pesquisadora precisou voltar várias vezes às mesmas falas para que a maioria dos participantes identificasse a rima.

2.2.5.3) 2º Momento

Todos aderiram à proposta feita pela pesquisadora.

2-T.06 disse: “Eu começo” com bola e cola.”

2-T.14: “Bolo e lobo.”

2-T.16 não conseguiu falar, mas 2-T.14 falou uma rima para ele dizer.

2-T.07 teve dificuldade para dizer duas palavras que rimassem, e 2-T.16; 2-T.14 e 2-T.02 ficavam “tirando o sarro” cada vez que ele errava.

2-T.02 não conseguiu acertar duas palavras que rimavam, e os demais ficavam rindo dos erros cometidos por ela

2.2.5.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs às crianças que falassem sobre a atividade daquele dia. Todos aderiram à proposta. Após a conversa, ela sugeriu encerrar a reunião e todos aderiram à proposta.

2.2.5.5) Fechamento

Após, a pesquisadora encerrou a reunião, combinando o próximo encontro, e todos os alunos voltaram para a sala de aula.

2.2.5.6) Considerações gerais sobre a 5ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, os alunos aderiram a todas as propostas, oscilando entre adesão expressa ou silenciosa. 2-T.10 e 2-T.14 participaram de todas as atividades propostas, com

muito entusiasmo. O entusiasmo era tanto que mal deixavam seus colegas falarem. Esse pode ser um fator que acabou inibindo ou desmotivando os demais a participarem.

2.2.6 As diferenciações sociométricas da 6ª reunião do grupo de alunos

2.2.6.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola. Só estavam presentes, naquela reunião, 2.T-06 e 2.T-10, pois os demais haviam faltado da escola. Ao entrar na sala, as crianças sentaram na roda e aguardaram a pesquisadora. Ela chegou e sentou na roda para dizer qual era atividade a ser desenvolvida naquele dia.

2.2.6.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs às alunas para brincarem de montar palavras que rimavam, usando o alfabeto móvel. Elas aderiram à proposta feita. 2-T.06, com muita dificuldade, montou a palavra /caminhão/ e depois não conseguia lembrar outra palavra que terminava com o mesmo som. Então, 2-T.10 sugeriu que ela montasse a palavra /coração/. 2-T.06 concordou em montar a palavra e pediu ajuda para 2-T.10, que montou /teto/ e /sapato/ e assim estendeu-se a brincadeira até o final da reunião.

2.2.6.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs o encerramento da reunião, e as alunas aderiram à proposta feita.

2.2.6.4) Fechamento

Após a conversa com as alunas, a pesquisadora encerrou, combinou o próximo encontro e elas voltaram para sala de aula.

2.2.6.5) Considerações gerais sobre a 6ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, aconteceu apenas uma proposta de atividade, à qual as duas alunas aderiram de forma expressa. Ou seja, aceitaram participar de forma integrada e coesa. A pesquisadora observou que as duas alunas estavam bem cooperativas uma com a outra. A única proposta ocupou todo o tempo da reunião, de certa forma, devido à dificuldade em formar as palavras usando o alfabeto móvel. 2-T.10, às vezes, desistia de montar uma palavra que rimava por não saber formá-la corretamente, então começava a pensar novamente em uma mais fácil para montar. 2-T.06 também apresentou muita dificuldade em montar as palavras, como também em formar palavras que rimavam, mas, sempre que não sabia, perguntava para a pesquisadora ou para 2-T.10. Foi uma reunião bem produtiva.

2.2.7 As diferenciações sociométricas da 7ª reunião do grupo de alunos

2.2.7.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola. E só estavam 2-T.06 e 2-T.07. Todos dirigiram-se para sala de reunião. Ao entrar na sala, a pesquisadora sentou-se com as crianças na roda no chão. E depois de alguns minutos, chegaram 2-T.10 e 2-T.14. (2-T.02 e 2-T.16 faltaram da escola). A pesquisadora explicou a proposta do dia: no primeiro momento, brincadeira livre e, no segundo estória. Mas primeiro eles iriam contar sobre o final de semana.

2.2.7.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que contassem o que haviam feito no final de semana. Todos aderiram à proposta e foram logo contando. 2-T.07 contou sobre os acontecimentos do seu final de semana sem muita coerência. 2-T.06 contou detalhadamente sobre tudo fez no final de semana, mas sem uma sequência lógica dos dias. 2-T.10 contou tudo o que fez no final de semana sem muita empolgação e 2-T.14 contou, resumidamente, o que havia feito no seu final de semana.

2.2.7.3) 2º Momento

Após o relato do final de semana, a pesquisadora propôs que os alunos sugerissem brincadeiras para o primeiro momento da reunião. Todos aderiram à proposta. E foram logo gritando: “DETETIVE E LADRÃO”. Foi unânime a escolha!

Todos participaram da brincadeira, mas zangavam-se caso não saíam com o Detetive ou com o Ladrão, tentavam trapacear na hora de embaralhar as cartas e ficavam o tempo todo querendo saber com que carta os colegas estavam. 2-T.06 não se envolveu muito com a atividade, estava sempre distraída, cantarolando e falando de namoricos.

2.2.7.4) 3º Momento

Após o término da brincadeira, a pesquisadora sugeriu aos alunos que escolhessem uma história para dramatizarem. Todos queriam continuar brincando de DETETIVE E LADRÃO. Mas a pesquisadora explicou que não era mais hora de brincadeira livre e, sim, de brincar de dramatizar. Depois da explicação, todos aderiram à proposta e começaram a sugerir histórias. 2-T.10 sugeriu a história da “Bela e da Fera”; 2-T.07 sugeriu a história da “Chapeuzinho Vermelho”, mas 2-T.10 lembrou-o de que essa história eles já haviam feito. 2-T.07 então disse que poderia ser a história da “Bela e da Fera” mesmo. 2-T.14 concordou com

a escolha de 2-T.06 e 2-T.07. E 2-T.10 escolheu a estória da “Branca de Neve”. Mas como a estória da “Bela e da Fera” foi uma escolha de quase todos, eles decidiram dramatizá-la.

2.2.7.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs que cada um escolhesse suas personagens. Todos aderiram à proposta. Depois de muito impasse e troca de personagens, ficou definido assim:

2-T.14 - Fera;
2-T.10 - Bela;
2-T.06 – Mãe de Bela;
2-T.07 – Gastão.

A pesquisadora não conseguiu que os alunos trabalhassem a rima na estória, porque cada vez que tentava introduzi-la, eles se dispersavam e não queriam mais brincar ou representar aquela personagem. Sem contar que enquanto estava acontecendo a apresentação de um dos membros do grupo, os outros ficavam desintegrados da atividade, ou atrapalhando a encenação com piadinhas ou simplesmente rolando pelo chão.

2.2.7.6) Fechamento

A pesquisadora pediu para que os alunos sentassem na roda. Depois de muita insistência, todos se sentaram. Ela explicou a importância da estória e da participação de cada um. Após a conversa com os alunos, ela encerrou a reunião e conduziu os alunos de volta à sala de aula.

2.2.7.7) Considerações gerais sobre a 7ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, todos os alunos participaram, aderindo à proposta expressamente ou silenciosamente. Na brincadeira do DETETIVE E LADRÃO, eles estavam integrados e

participaram de forma espontânea. Na dramatização eles envolvem-se pouco, distraem-se facilmente, perdem o interesse, atrapalham os amigos.

Talvez, a atividade por ser mais solta e pouco dirigida, tanto com relação ao espaço físico como com as regras, eles se perdem um pouco, necessitando a todo o momento de limites e regras, mas, de certa forma, isso limita a espontaneidade de cada um, que vai contra a proposta da pesquisadora.

2.2.8 As diferenciações sociométricas da 8ª reunião do grupo de alunos

2.2.8.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola. Estavam presentes nessa reunião 2-T.06; 2-T.07; 2-T.10 e 2-T.14 (2-T.02 e 2-T.16 faltaram novamente da escola). E todos dirigiram-se para a sala de reunião.

2.2.8.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de encontrar figuras que rimavam. Todos aderiram à proposta feita. A pesquisadora espalhou várias figuras pelo chão, pediu que todos levantassem e andassem em volta das figuras, colocou uma música e explicou que, quando a música parasse, eles teriam de pegar um par de figuras que rimassem. Foi uma atividade bem divertida. 2-T.06 e 2-T.07 ficavam apavorados com o término da música e esqueciam-se de procurar as figuras. 2-T.10 e 2-T.14 rapidamente as encontravam, e queriam pegar mais.

2.2.8.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que todos sentassem na roda para encerrar a atividade. A maioria queria continuar a brincadeira, mas ela explicou que o horário já havia

terminado. Todos sentaram e conversaram sobre a atividade, com relação aos erros e acertos, e também sobre o número de pares que cada um achou.

2.2.8.4) Fechamento

Após a conversa, a pesquisadora encerrou a reunião, combinou o próximo encontro e conduziu os alunos até a sala de aula.

2.2.8.5) Considerações gerais sobre a 8ª reunião do grupo de alunos

Essa foi uma reunião com apenas um momento grupal, onde todos demonstraram um comportamento mais autêntico e individualista, porque era uma proposta competitiva e, de certa forma, trabalharam por si sós. Por ser uma brincadeira de disputa, 2-T.10 e 2-T.14 batalharam e se envolveram bastante, enquanto 2-T.06 e 2-T.07, por terem dificuldade em encontrar as figuras que rimam, desanimavam um pouco a cada rodada.

2.2.9 As diferenciações sociométricas da 9ª reunião do grupo de alunos

2.2.9.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola e todos dirigiram-se para sala de reunião. Neste dia, todos estavam presentes. Ao abrir a porta da sala, todos entraram correndo, mas apenas 2-T.02 e 2-T.07 sentaram na roda, os demais exploraram o ambiente, 2-T.14 escorregou com o tapete e irritou 2-T.10 que saiu correndo atrás dele. 2-T.16 falta bastante e, quando vem, chega sempre atrasado; dessa forma, demora para entrar em sintonia com o grupo.

A pesquisadora iniciou a reunião convidando-os para se sentarem na roda e se acalmarem, cumprimentando a todos. Ela explicou a proposta daquela reunião: no primeiro momento, brincadeira livre e, no segundo momento, brincar de montar estória.

2.2.9.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que escolhessem uma brincadeira. Todos aderiram à proposta feita por ela. E, novamente, todos escolheram DETETIVE E LADRÃO. Todos participaram da brincadeira, animadamente, principalmente quando saíam com a carta do Ladrão ou do Detetive. Na hora de embaralhar, todos tentavam trapacear.

2.2.9.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de montar histórias. Mais uma vez, eles não queriam mudar de proposta, queriam brincar mais de DETETIVE E LADRÃO, e começaram a reclamar. 2-T.10 disse: “deixa chegar de novo até a minha vez, para acabar”. A pesquisadora, então, explicou novamente a proposta do dia. E todos acabaram aderindo por adesão silenciosa, sem muito entusiasmo.

2.2.9.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que sugerissem histórias para eles montarem. Todos aderiram à proposta. 2-T.10 e 2-T.02 foram logo dizendo: “Rebeldes, tia”. Quando a pesquisadora perguntou para 2-T.06 qual história ela gostaria de dramatizar, ela perguntou para 2-T.10, qual história era para ela escolher. 2-T.07 concordou com as meninas em dramatizar a história das Rebeldes. 2-T.16 escolheu Dog Kong, mas ninguém concordou, até riram dele, e 2-T.14 escolheu rebeldes também.

2.2.9.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que escolhessem a sua personagem. Todos aderiram à proposta. Para decidir quem seria quem, foi a maior confusão, ou todos queriam fazer o mesmo papel ou não queriam fazer papel nenhum. Depois de muita discussão, conseguiram chegar a um consenso, e as personagens ficaram definidas assim:

2-T.02: Roberta;
2-T.06: Lupita;
2-T.10: Mia;
2-T.07: Diego;
2-T.14: Giovane;
2-T.16: Miguel.

A pesquisadora decidiu não mais interromper as histórias para incluir rimas, pois a dificuldade de organizá-los, para iniciar a história, era enorme, e quando ela os lembrava, eles não queriam mais desenvolver aquela história ou representar aquele papel. Após o teste, todos participaram com mais entusiasmo da história. Apesar de ter sido uma história curta, todos se envolveram. 2-T.07 incorporou a personagem e a representou direitinho. 2-T.16 ficou o tempo todo cantando e dançando.

2.2.9.6) Fechamento

Após o término da história, a pesquisadora comunicou ao grupo que o tempo da reunião havia esgotado e que todos precisavam voltar para sala de aula.

2.2.9.7) Considerações gerais sobre a 9ª reunião do grupo de alunos

Em todas as propostas feitas pela pesquisadora nessa reunião, observou-se que os alunos aderiram expressamente ou silenciosamente. Essa foi uma das primeiras reuniões, e, apesar dos conflitos e das confusões, o grupo demonstrou estar mais integrado e participativo.

2.2.10 As diferenciações sociométricas da 10ª reunião do grupo de alunos

2.2.10.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola. Estavam presentes cinco alunos (2-T.16 havia faltado da escola). E todos dirigiram-se para sala de reunião.

A pesquisadora sentou no chão, convidou-os para se sentarem e se acalmarem, cumprimentou a todos e explicou a atividade daquela reunião.

2.2.10.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que brincassem de achar figuras que apareceram na estória e que rimassem. Todos aderiram à proposta. A pesquisadora foi apresentando as figuras e espalhando-as pelo chão. Ela sugeriu que, para decidir quem iniciaria a brincadeira, fizessem COPO DE VENENO. 2-T.10 pediu para dirigir a escolha, cantando.

2.2.10.3) 2º Momento

2-T.02 foi a escolhida para iniciar a brincadeira. E teve muita dificuldade para encontrar duas figuras que terminassem com rima. 2-T.14 ficou o tempo todo tirando o sarro dos colegas que não conseguiam encontrar um par correto. 2-T.07 e 2-T.06 também demonstraram dificuldade para encontrar seus pares, enquanto 2-T.10 e 2-T.14 rapidamente os encontravam.

2.2.10.4) 3º Momento

A pesquisadora, após já terem encontrado todos os pares, sugeriu que mudassem de brincadeira. Todos aderiram à proposta. Ela explicou a brincadeira, entregando um cartão com figuras para cada criança e várias letras do alfabeto, e pediu que eles montassem primeiro o nome da figura do cartão e, depois, formassem outra palavra que terminasse com o mesmo som da figura. Em quase todas as palavras formadas, eles apresentaram muita dificuldade para formá-las, principalmente 2-T.02; 2-T.06 e 2-T.07. Essa foi uma atividade que tomou a maior parte da reunião.

2.2.10.5) 6º Movimento

Após o término da atividade, a pesquisadora pediu para que os alunos ajudassem a guardar o material utilizado, mas poucos ajudaram. Ela comentou sobre a atividade e 2-T.07

disse que precisava melhorar e 2-T.14 disse que nunca iria melhorar porque era burro! Todos riram! A pesquisadora interferiu e disse que todos melhorariam, mas que era preciso prestar mais atenção e não faltar às reuniões. Através dessa atividade, a pesquisadora observou que 2-T.07 não identifica as letras do alfabeto.

2.2.10.6) Fechamento

A pesquisadora encerrou a reunião, combinou o próximo encontro, desejando um excelente final de semana e todos voltaram para sala de aula.

2.2.10.7) Considerações gerais sobre a 10ª reunião do grupo de alunos

Foi uma reunião com dois momentos grupais. Os alunos aderiram a todas as propostas feitas pela pesquisadora de forma expressa. O grupo estava um pouco mais integrado e todos participaram das atividades. 2-T.10 demonstrou um comportamento cooperativo para com seus colegas de grupo, auxiliando-os nas dificuldades, tanto para encontrar os pares, como para ajudá-los a formar as palavras. 2-T.14, pelo contrário, o tempo todo está ridicularizando-os, ou pelo comportamento ou pelas dificuldades. Ele fala sem parar, o que, de certa forma, acaba prejudicando os demais.

2.2.11 As diferenciações sociométricas da 11ª reunião do grupo de alunos

2.2.11.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola. Todos estavam presentes e dirigiram-se para sala de reunião. Depois da agitação diária do primeiro momento de entrada na sala, a pesquisadora convidou-os para sentar na roda, aclamou-os e explicou-lhes a proposta do dia. No primeiro momento, seria brincadeira livre e, no segundo, brincar de montar estória.

2.2.11.2) 1º Momento

A pesquisadora pediu aos alunos que falassem como havia sido o final de semana deles. Quase todos aderiram à proposta feita, apenas 2-T.02 se recusou a contar sobre o seu final de semana. Os demais contaram, sem muita empolgação, o que haviam feito. Enquanto os colegas contavam, 2-T.06 ficou escrevendo pelo corpo: “Amor é só de mãe”, e estava totalmente dispersa da conversa.

2.2.11.3) 2º Momento

Após terem contado sobre o final de semana, a pesquisadora propôs aos alunos que sugerissem brincadeiras. Todos aderiram à proposta e, mais uma vez, escolheram a mesma brincadeira: DETETIVE E LADRÃO. Todos participaram com empolgação da atividade, mas sempre reclamando quando saíam com a carta da /vítima/ ou quando os colegas estavam embaralhando errado, ou mesmo anunciando o ladrão, antes do detetive. Apesar de todo esse comportamento, eles adoraram essa brincadeira.

2.2.11.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos o encerramento da brincadeira para dar início ao segundo momento: brincar de montar estória. No início, ninguém concordou com a proposta. Mas, depois, todos concordaram.

2.2.11.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que sugerissem histórias para dramatizar. 2-T.02 sugeriu Rebeldes; os meninos não concordaram; 2-T.14 sugeriu Branca de Neve; 2-T.10 disse: “Nós já fizemos”; 2-T.10 sugeriu montar a história da Jajá e do Juju e todos concordaram.

2.2.11.6) 5º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que escolhessem suas personagens. Todos aderiram à proposta, que deu início a uma nova confusão, pois todos queriam representar o mesmo papel. E quando ficava tudo certo e combinado, no meio da dramatização, desistiam do papel, precisando que novamente todos recomeçassem.

2.2.11.7) Fechamento

Assim que a história terminou, a pesquisadora chamou todos para sentarem na roda e conversou com eles sobre a história e as trocas de papéis. E, em seguida, encerrou a reunião, combinando o próximo encontro. Todos voltaram para sala de aula.

2.2.11.8) Considerações gerais sobre a 11ª reunião do grupo de alunos

A reunião iniciou-se com todos contando sobre o final de semana. Somente 2-T.02 não quis contar o que havia feito no final de semana. Mas depois participou dos momentos com entusiasmo. É incrível como todos os dias de brincadeira livre, eles não mudam a brincadeira, sempre querem brincar de DETETIVE E LADRÃO. E esse talvez seja o momento de maior integração do grupo. A história dessa reunião foi bem confusa e sem pé nem cabeça, pois eles riam e faziam gestos de que estavam quebrando tudo! Não dava para entender absolutamente nada, mas, de certa forma, estavam integrados.

2.2.12 As diferenciações sociométricas da 12ª reunião do grupo de alunos

2.2.12.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola. Todos os seis alunos estavam presentes. E todos dirigiram-se para sala de reunião.

Ao entrarem na sala, a rotina é a mesma diariamente, alguns exploram, andando de um lado para o outro; 2-T.14 sempre brinca de escorregar com o seu tapete, jogando as coisas dos seus colegas de um lado para o outro. O tempo todo um fica tirando o sarro no outro, por conta da roupa rasgada ou suja. Ficam enrolando para entrar na sala, às vezes ficam entrando e saindo. Então, a pesquisadora tenta acalmá-los, acabar com as ofensas, convidando-os para se sentarem. Depois de todos sentados e calmos, ela explicou a atividade a ser desenvolvida naquela reunião. Ela disse que não estariam mais brincando de rimar. Agora eles iriam brincar de aliteração. 2-T.10 perguntou: “que isso, tia?”. A pesquisadora explicou, que há aliteração nas palavras quando elas começam com o mesmo som, por exemplo: /bala e baleia/; /casa e cadeira/; mala e madeira/. E após todos terem entendido a proposta, iniciaram a brincadeira.

2.2.12.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos brincar de encontrar figuras que começassem com o mesmo som. Todos aderiram à proposta feita por ela. Ela espalhou cartões com figuras que iniciavam com o mesmo som pelo chão e, um de cada vez, procurou-as. Todos participaram, mas sem deixar de tirar sarro nos colegas quando eles erravam ou quando ficavam fazendo gracinhas inoportunas.

2.2.12.3) 2º Movimento

Após o término da brincadeira, a pesquisadora propôs aos alunos que a encerrassem e pediu que todos ajudassem a guardar os cartões. Somente 2-T.06 ajudou, os demais levantaram e dirigiram-se para a porta.

2.2.12.4) Fechamento

A pesquisadora chamou-os para a roda. Todos alegaram que a reunião já havia acabado. Mas ela insistiu, e eles sentaram na roda. Ela conversou sobre o comportamento de todos nessa reunião, fizeram o combinado (respeito, valor e amizade), e todos voltaram para sala de aula.

2.2.12.5) Considerações gerais sobre a 12ª reunião do grupo de alunos

Esta foi uma reunião com apenas uma proposta, devido ao comportamento difícil que todos apresentaram, pois estavam agressivos uns com os outros. A todo o momento, a pesquisadora precisava interromper o que estava falando para separar alguém ou para acabar com uma discussão. Essa foi uma reunião pesada, o clima estava tenso. Mas a proposta apresentada foi entendida sem muita dificuldade. Às vezes, confundiam e acabavam pegando palavras para que rimassem e não que apresentassem aliteração.

2.2.13 As diferenciações sociométricas da 13ª reunião do grupo de alunos

2.2.13.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola. Todos os seis alunos estavam presentes nessa reunião (de certa forma, vão chegando aos poucos, eles estão sempre atrasados). E todos dirigiram-se para sala de reunião.

A pesquisadora iniciou a reunião cumprimentando-os. Depois explicou a atividade a ser desenvolvida naquele dia. No primeiro momento, seria brincadeira livre e, no segundo, seria brincar de montar estória.

2.2.13.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs que os alunos sugerissem brincadeiras livres. Todos aderiram à proposta e foram logo dizendo: “DETETIVE E LADRÃO”. Ela pediu que mudassem de

brincadeira, mas eles não concordaram. Todos participaram com entusiasmo.

2.2.13.3) 2º Momento

Após o término da brincadeira, a pesquisadora propôs ao grupo para brincarem de montar estória. Todos queriam continuar brincando de DETETIVE E LADRÃO, mas depois acabaram aderindo à proposta.

2.2.13.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs que os alunos brincassem de achar figuras que começassem com o mesmo som (jogo da memória). Todos aderiram à proposta feita e participaram da brincadeira com muita atenção. 2-T.10 e 2-T.14 estavam afiadíssimos. 2-T.06 confundiu alguns pares, e 2-T.16 só conseguiu achar corretamente um par, mas ficou feliz por isso.

2.2.13.5) 4º Movimento

2-T.02 sugeriu a estória da “Rebeldes”; 2-T.14 disse a ela que essa estória já tinham feito. 2-T.02 disse: “então vamos fazer Florisbela.” 2-T.10 disse que essa estória era legal, e todos poderiam gostar de fazer, e eles concordaram.

2.2.13.6) 5º Movimento

A pesquisadora sugeriu que eles escolhessem suas personagens. 2-T.10 foi designando um papel para cada membro do grupo, alguns concordavam, outros não. Mas, de certa forma, foi tranqüila a escolha dos papéis.

2.2.13.7) 6º Movimento

A pesquisadora sugeriu a eles que iniciassem a dramatização. Todos aderiram à

proposta e iniciaram. A estória foi bem curta, iniciaram cantando a música de abertura da novela. Dramatizaram um episódio e encerram a estória. Devido ao pequeno tempo de dramatização, envolveram-se com uma participação maior de todos.

2.2.13.8) Fechamento

A pesquisadora encerrou a reunião, conversando sobre a estória. Combinou o próximo encontro e todos voltaram para sala de aula.

2.2.13.9) Considerações gerais sobre a 13ª reunião do grupo de alunos

Esta foi uma reunião bem mais tranqüila, comparada à do encontro anterior. 2-T.07 chegou até a dizer que iria ficar quietinho e, de certa forma, todos estavam. A brincadeira livre continua sendo a mesma do primeiro encontro, não concordam de brincar de outras coisas. A estória, apesar de curta, teve a participação de todos. Finalmente, nessa reunião, estavam mais integrados e interessados nas atividades. O grupo demonstrou nela, um início de coesão nos momentos grupais.

2.2.14 As diferenciações sociométricas da 14ª reunião do grupo de alunos

2.2.14.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola. Estavam presentes cinco alunos (2-T.16 havia faltado da escola) e todos dirigiram-se para a sala de reunião. Assim que entraram na sala, sentaram no chão (apenas 2-T.14 ainda faz gracinhas inoportunas, os demais estão mais tranqüilos), a pesquisadora cumprimentou a todos e explicou sobre a atividade daquele dia.

2.2.14.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo para brincarem de montar palavras que começassem com o mesmo som, usando formas geométricas. Todos aderiram à proposta feita por ela. Todos participaram da atividade, que tomou conta de todo o tempo da reunião, pois eles apresentaram muita dificuldade no desenvolvimento da atividade, tanto para fazer a correspondência grafo-fonêmica como para utilizar as figuras geométricas. Os alunos usaram tanto as formas geométricas como as letras do alfabeto, só assim aqueles que ainda estavam em dúvida de como representar as palavras usando as formas geométricas, começaram a entenderam a proposta, colocando as letras sobre as figuras. Mas 2-T.07 e 2-T.02 tiveram mais dificuldades ainda, pois não conseguiram identificar as letras do alfabeto.

2.2.14.3) Fechamento

A pesquisadora após o término da proposta, conversou com eles sobre a atividade, sobre as dúvidas, e eles falaram oralmente algumas palavras que começavam com o mesmo som. E depois, combinaram o próximo encontro. E todos foram para sala de aula.

2.2.14.4) Considerações gerais sobre a 14ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, todos participaram da única proposta. O grupo demonstrou uma participação ora silenciosa, ora cooperativa, pois, de modo geral, todos apresentaram dificuldades no desenvolvimento da atividade. 2-T.07 e 2-T.16 apresentaram dificuldades gritantes, pois não identificam as letras do alfabeto, o que dificultou o desenvolvimento da atividade. 2-T.10 demonstrou comportamento de cooperação, pois estava sempre auxiliando 2-T.07 ou 2-T.16.

2.2.15 As diferenciações sociométricas da 15ª reunião do grupo de alunos

2.2.15.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola. Estavam presentes nessa reunião cinco alunos (2-T.16 havia faltado da escola). Todos dirigiram-se para a sala de reunião.

Assim que os alunos e a pesquisadora entraram na sala, sentaram no chão e começaram a relembrar a atividade do dia anterior. 2-T.14 foi logo falando sobre os erros dos colegas. A pesquisadora explicou que as atividades iriam desenvolver naquela reunião. No primeiro momento, brincadeira livre e, depois, montar estória.

2.2.15.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs que o grupo sugerisse brincadeiras. Todos aderiram à proposta e foram logo dizendo em coro: “DETETIVE E LADRÃO!” Todos participaram da brincadeira animadamente até que a pesquisadora interrompeu a brincadeira e sugeriu que escolhessem uma estória para dramatizar.

2.2.15.3) 2º Momento

Para variar, na hora em que a pesquisadora anunciou o término da brincadeira, não queriam encerrar. Mas, logo depois, todos acabaram aderindo à proposta e foram fazendo sugestões: 2-T.10 sugeriu “Shrek” e 2-T.02 sugeriu “A Bela Adormecida”. Todos escolheram dramatizar a estória do “Shrek”.

2.2.15.4) 3º Momento

Após terem decidido sobre a história que iriam dramatizar, a pesquisadora sugeriu que escolhessem suas personagens, o que gerou a maior confusão, pois todos queriam representar o mesmo papel, sendo necessário a intervenção da pesquisadora, que os auxiliou na escolha.

2-T.02: Fiona;
2-T.06: Soldado e Espelho – Dragão e rei;
2-T.10: Shrek (no meio da história desistiu do papel);
2-T.07: Rei e Dragão (após a mudança, Burro Falante);
2-T.14: Shrek.

2.2.15.5) Fechamento

Ao terminarem a dramatização, a pesquisadora combinou o próximo encontro, e todos voltaram para sala de aula.

2.2.15.6) Considerações gerais sobre a 15ª reunião do grupo de alunos

Essa foi uma reunião com apenas duas propostas que tomou todo o tempo. A primeira brincadeira foi livre, e eles não a mudaram, sempre é DETETIVE E LADRÃO. O segundo momento foi dramatização. No meio da história, eles quiseram mudar de personagem. 2-T.10 desistiu da sua personagem e não quis mais representar; depois ficou andando pela sala, mexendo nos armários e direcionando a história. 2-T.06 queria ficar deitada no chão, sem vontade de representar seu papel. 2-T.14, por nada, ficava ofendendo os colegas do grupo. Esse é o momento da reunião mais trabalhoso, porque eles não se envolvem, ou quando parecem estar desenvolvendo-se, alguém quer mudar alguma coisa, e eles perdem o interesse.

2.2.16 As diferenciações sociométricas da 16ª reunião do grupo de alunos

2.2.16.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola. Estavam presentes nessa reunião cinco alunos (2-T.02 havia faltado da escola). Todos dirigiram-se para a sala de

reunião (menos 2-T.16, que chegou atrasado).

Assim que os alunos e a pesquisadora entraram na sala, sentaram no chão e começaram a relembrar a atividade do dia anterior. 2-T.14 foi logo falando sobre os erros dos colegas. A pesquisadora explicou que atividades iriam desenvolver naquela reunião. No primeiro momento, brincadeira livre e, depois, montar estória.

2.2.16.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que brincassem de montar palavras que começassem com o mesmo som e depois com palavras que terminassem com o mesmo, usando as letras do alfabeto. Todos aderiram à proposta feita pela pesquisadora e participaram da atividade. Essa atividade tomou conta de todo o tempo da reunião, pois, ora montavam palavras que começavam, ora outras que terminavam com o mesmo som. Os alunos confundiram um pouco. 2-T.07 estava mais atento e interessado, e isso ajudou bastante. De certa forma, todos estavam mais abertos às correções, pois, normalmente, desmancham as palavras e não querem mais formar nenhuma, para não expor o erro novamente.

2.2.16.3) Fechamento

Após o término da atividade, a pesquisadora conversou com os alunos sobre os progressos de cada um, encerrou a reunião e todos voltaram para sala de aula.

2.2.16.4) Considerações gerais sobre a 16ª reunião do grupo de alunos

Essa foi mais reunião com apenas uma proposta. Todos os alunos participaram com mais atenção e estavam abertos para serem corrigidos sem desistir de formar novas palavras. O grupo estava mais integrado e coeso. Apenas 2-T.14 ficou a todo o momento ridicularizando os colegas.

2.2.17 As diferenciações sociométricas da 17ª reunião do grupo de alunos

2.2.17.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio. Todos estavam presentes nessa reunião.

Eles dirigiram-se para a sala de aula com a pesquisadora (2-T.16 chegou quase meia hora depois do início da reunião).

Ela cumprimentou-os, pediu para que todos sentassem na roda e explicou a atividade daquela reunião. Iriam brincar com frases e palavras (consciência de frases e palavras).

2.2.17.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo para brincarem de medir. Todos ficaram curiosos com a proposta e, de imediato, aderiram. Ela pediu para que todos ficassem em pé um de costas para o outro e medissem o tamanho. Depois, a pesquisadora pediu-lhes que medissem as mãos, os braços e os pés. E explicou: “assim como existem crianças da mesma idade ou de idades diferentes com o mesmo tamanho ou com tamanhos diferentes, com mãos e pés maiores e menores, assim também são as frases e as palavras, maiores e menores”.

2.2.17.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo para que brincassem de dividir frases da estória palavra por palavra. Colocou as frases retiradas da estória do “Shrek”, uma embaixo da outra e pediu para os participantes dizerem palavra por palavra da frase (com o tempo de uma palavra por segundo).

Todos aderiram à proposta feita pela pesquisadora e participaram sem muita atenção. Quando a pesquisadora apresentou as frases, 2-T.10 foi dizendo quem tinha dito aquela frase na estória.

2.2.17.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo a brincadeira de identificar palavras maiores e menores que apareceram na estória. Ela colocou para cada participante duas palavras e pediu a eles que identificassem a maior e a menor.

Todos aderiram à proposta feita pela pesquisadora e participaram sem muita atenção da brincadeira. Eles se dispersaram muito e atrapalhavam os colegas quando iam responder, principalmente 2-T.14.

2.2.17.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo para que brincassem de dizer uma nova palavra no final de cada frase que apareceu na estória do Shrek. Colocou as frases retiradas da estória uma embaixo da outra, e pediu para os participantes trocarem a última palavra da frase.

Todos aderiram à proposta feita pela pesquisadora e participaram sem muita atenção da brincadeira.

2.2.17.6) 5º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo a brincadeira de inventar frases curtas e longas. Todos deveriam dizer uma frase curta e depois uma frase longa. Todos aderiram à proposta e participaram sem muita atenção da brincadeira. Eles foram dirigindo a brincadeira, e quando um dizia uma frase, o outro perguntava se era é uma frase grande ou uma frase pequena, principalmente 2-T.10.

2.2.17.7) 6º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que brincassem de dizer palavras grandes e pequenas. Todos deveriam dizer uma palavra grande e uma palavra pequena. Eles aderiram à proposta

feita pela pesquisadora, e participaram sem muita atenção. Nessa brincadeira, eles também foram dirigindo, e quando um dizia uma palavra, o outro perguntava se a palavra era grande ou pequena.

2.2.17.8) Fechamento

A pesquisadora, antes de encerrar a reunião, perguntou aos alunos se eles sabiam que cada letra possuía um som. E qual era o som da letra /P/.

Crianças: “Pe.”

E assim a pesquisadora encerrou a sessão, mostrando o som de cada letra da palavra paralelepípedo. Explicou que as vogais é que dão força para o som de cada letra, mas, sem as vogais, as letras possuem sons próprios.

2.2.17.9) Considerações gerais sobre a 17ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, todas as propostas vivenciadas pelo grupo contaram com a adesão dos participantes de forma silenciosa, com exceção da primeira proposta, que ficaram supercuriosos. O grupo, nessa reunião, demonstrou mais flexibilidade com relação às propostas. 2-T.10 auxiliou e dirigiu bastante o grupo, seu comportamento está cada vez melhor para com os colegas.

2.2.18 As diferenciações sociométricas da 18ª reunião do grupo de alunos

2.2.18.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola. Só estavam presentes nessa reunião 2-T.06; 2-T.07; 2-T.10 e 2-T.14 (2-T.02 e 2-T.16 haviam faltado da escola). Todos dirigiram-se para a sala de reunião. A pesquisadora cumprimentou-os, perguntou sobre os

colegas que faltaram e explicou-lhes que iriam realizar várias brincadeiras e começou instruindo sobre a primeira.

2.2.18.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que brincassem com o jogo das palavras. A brincadeira começou com todos os participantes em pé ou sentados em uma roda, com uma das mãos virada para cima e a outra virada para baixo (ou seja, a palma de uma virada para cima e a da outra para baixo), e um dos participantes iniciaria a brincadeira, dizendo uma palavra e batendo na palma da mão do seguinte. O participante da esquerda, que iniciou, diz outra palavra começando com a sílaba que a palavra do anterior terminou e bate na palma da mão do próximo e, assim, continua a brincadeira até alguém errar. Por exemplo: DADO – DOMINÓ – NOVELA – LARANJA e assim por diante).

Todos aderiram à proposta feita pela pesquisadora e participaram sem muita atenção, mas se animaram com os tapas nas mãos.

2.2.18.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo a brincadeira de abaixar em cada frase, depois em cada palavra e depois em cada sílaba da música “Atirei o pau no gato”. Todos aderiram à proposta e participaram da brincadeira rindo um do outro.

2.2.18.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que brincassem de dizer o número de sílabas das palavras e foi dizendo várias palavras, e os alunos foram dizendo o número de sílabas. Primeiro, todos juntos e, depois, uma palavra para cada um.

2-T.10 e 2-T.14 participaram com muita atenção, mal deixavam o outro falar ou falavam ao mesmo tempo, enquanto 2-T.06 e 2-T.07 pouco participaram, deixavam que os colegas falassem por eles, estavam o tempo todo distraídos, e dessa forma, envolveram-se pouco com a atividade.

2.2.18.5) 4º Momento

Foi proposto ao grupo que brincassem de identificar palavras maiores e menores. A pesquisadora colocou as palavras que apareceram na estória espalhadas pelo chão e perguntou às crianças a maior palavra que apareceu na estória e a menor. Todos aderiram à proposta feita e participaram da atividade. 2-T.10 e 2-T.14 pegavam as palavras e diziam o número de sílabas e até mesmo o de letras. 2-T.06 e 2-T.07 tentavam identificar pelo tamanho da palavra, sem contar as sílabas. Então a pesquisadora questionava: “qual é a palavra maior e a menor? Por quê?”

2.2.18.6) Fechamento

Após o término da atividade, a pesquisadora encerrou a reunião, combinando o próximo encontro e eles voltaram para sala de aula.

2.2.18.7) Considerações gerais sobre a 18ª reunião do grupo de alunos

Durante a presente reunião, ocorreram quatro propostas, sendo todas elas vivenciadas pelo grupo, que participou com adesão expressa. Ou seja, todos os alunos participaram de todas as atividades e momentos grupais de forma integrada e coesa. 2-T.10 e 2-T.14 tiveram uma participação surpreendente em todas as atividades e estavam bem soltos e integrados ao grupo. Esse comportamento ora facilitava, ora ajudava a participação dos outros, pois, quando 2-T.06 e 2-T.07 não sabiam a atividade, eles auxiliavam.

2.2.19 As diferenciações sociométricas da 19ª reunião do grupo de alunos

2.2.19.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola. Estavam presentes nessa reunião: 2-T.02; 2-T.06; 2-T.07; 2-T.10 e 2-T.14 (2-T.16 havia faltado novamente da escola). Todos dirigiram-se para a sala de reunião.

A pesquisadora cumprimentou os cinco alunos, convidou-os para se sentarem na roda (pois, só para variar, em todas as reuniões, eles demoram um pouco para se sentarem). Ela pediu que contassem sobre o final de semana

2.2.19.2) 1º Momento

Todos aderiram à proposta feita pela pesquisadora e começaram a contar sobre o final de semana. 2-T.06 começou a contar sobre o seu final de semana, 2-T.07 a interrompeu, dizendo que a viu no parque. 2-T.06 imediatamente mandou-o calar a boca, e os dois começaram a discutir. A pesquisadora interferiu na discussão e pediu para que 2-T.06 continuasse contando sobre o que havia feito no final de semana. E um após o outro, foram relatando o que haviam feito e, no meio dos relatos, sempre acontecia uma briguinha paralela entre eles, ou porque zombavam dos acontecimentos ou simplesmente um ficava insultando o outro.

2.2.19.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs que o grupo sugerisse brincadeiras. 2-T.10 sugeriu que brincassem de DETETIVE E LADRÃO e imediatamente todos concordaram. Eles brincaram até o momento em que a pesquisadora lhe propôs mudar de atividade. Insistiram para continuar brincando mais um pouco, mas, em seguida, acabaram cedendo e aceitando a nova proposta de montar estória.

2.2.19.4) 3º Momento

2-T.14 propôs aos colegas que montassem uma estória de terror. 2-T.06 e 2-T.10 concordaram (mas estavam mais preocupadas com todos que passavam no pátio, pois estavam penduradas na janela, mexendo com eles). A pesquisadora precisou conversar com elas e sugerir que auxiliassem 2-T.14 a desenvolver a estória. Dessa forma, começaram a dar idéias sem muito interesse.

2.2.19.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs que definissem os papéis de cada um na estória. 2-T.14 distribuiu os papéis a 2-T.06 e 2-T.10, explicou o que cada uma deveria fazer e começaram a dramatizar a estória. 2-T.06 convidou a pesquisadora para participar da estória. Todos participaram animados do desenvolvimento da estória, que era de Zumbi atacando um asilo.

2.2.19.6) Fechamento

Após o término da estória, a pesquisadora encerrou a reunião e combinou o próximo encontro. E todos voltaram para sala de aula.

2.2.19.7) Considerações gerais sobre a 19ª reunião do grupo de alunos

Durante a presente reunião, ocorreram duas propostas, sendo todas vivenciadas, e contaram com a adesão expressa de todos. Ou seja, todos os alunos participaram de todas as atividades e momentos grupais de forma integrada. No início da reunião, 2-T.06 e 2-T.10 estavam dispersas, queriam saber o que estava acontecendo no pátio da escola, e, por isso, ficavam chamando as crianças que passavam perto da janela para saber o que eles estavam fazendo. 2-T.14 estava bem animado e interessado na proposta e acabou contaminando 2-T.06

e 2-T.10 e, dessa forma, elaboraram uma estória sem muito enredo, mas todos participaram até o fim. O grupo estava mais unido.

2.2.20 As diferenciações sociométricas da 20ª reunião do grupo de alunos

2.2.20.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola. Só estavam presentes nessa reunião: 2-T.06; 2-T.07; 2-T.10 e 2-T.14 (2-T.02 e 2-T.16 haviam faltado da escola). Todos dirigiram-se para a sala de reunião. A pesquisadora cumprimentou, convidou-os para se sentarem na roda, perguntou sobre os colegas que faltaram, explicou-lhes que iriam realizar várias brincadeiras e começou instruindo sobre a primeira.

2.2.20.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo para brincarem de bater palma a cada sílaba da música “Borboletinha”. Todos aderiram à proposta feita e foram logo cantando. Eles participaram animados, principalmente nas palmas, que foram bem intensas.

2.2.20.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs ao que grupo brincassem de identificar palavras maiores e menores. Ela colocou as palavras que apareceram na estória espalhadas pelo chão e perguntou às crianças qual tinha sido a maior palavra que apareceu na estória e a menor.

Todos aderiram à proposta feita pela pesquisadora, participando com um pouco mais de atenção e companheirismo.

2.2.20.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo a brincadeira de dizer o número de sílabas das palavras. Ela foi dizendo uma palavra para cada aluno e eles foram dizendo o número de sílabas e letras.

2-T.10 e 2-T.14 estavam bem afiados. 2-T.06 e 2-T.07 estavam bem melhor, demonstraram um pouco de dificuldade no desenvolver da atividade, apesar de serem as palavra mais difíceis.

2.2.20.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo para brincarem de inverter as sílabas, dizendo uma palavra para cada participante, e eles deviam dizer a palavra, invertendo as sílabas.

Oralmente, eles não conseguiram entender a proposta, e dessa forma, a pesquisadora pediu que eles montassem uma palavra, um de cada vez, para que todos pudessem observar e depois invertissem as sílabas.

Todos apresentaram muita dificuldade em desenvolver essa atividade, sendo necessário o auxílio da pesquisadora a cada palavra montada e invertida.

2.2.20.6) Fechamento

A pesquisadora encerrou a reunião, combinou o próximo encontro e todos voltaram para sala de aula.

2.2.20.7) Considerações gerais sobre a 20ª reunião do grupo de alunos

Durante a presente reunião, ocorreram quatro propostas, sendo que todas elas, vivenciadas, contaram com adesão expressa. Ou seja, os alunos participaram de todas as atividades e momentos grupais de forma integrada e coesa. Nessa reunião, nas três primeiras

propostas, todos demonstraram estar bem afiados, até mesmo 2-T.06 e 2-T.07 que, na reunião anterior, apresentaram muita dificuldade. Já na quarta proposta, todos apresentaram muita dificuldade para desenvolver a atividade, sendo necessária a ajuda da pesquisadora tanto na montagem das palavras como para a inversão das sílabas.

2.2.21 As diferenciações sociométricas da 21ª reunião do grupo de alunos

2.2.21.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola. Todos estavam presentes nessa reunião e, juntos, dirigiram-se para a sala de reunião.

A pesquisadora cumprimentou-os, convidou-os para se sentarem na roda, acalmou-os e explicou-lhes a atividade daquela reunião. No primeiro momento, brincadeira livre e, no segundo momento, brincar de montar estória.

2.2.21.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs que o grupo sugerisse brincadeiras. Todos aderiram à proposta feita e foram logo dizendo em coro: DETETIVE E LADRÃO. Mais uma vez a pesquisadora propôs que eles escolhessem outra brincadeira, pois todos os dias de brincadeira livre sempre escolhiam a mesma. Não concordaram, todos decidiram brincar de DETETIVE E LADRÃO.

Eles participaram da brincadeira com animação, mas sem deixar que as briguinhas e ofensas acontecessem, sendo necessária a intervenção da pesquisadora para harmonizar o grupo.

2.2.21.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que dessem sugestões de histórias. Todos aderiram à proposta feita. 2-T.16 sugeriu Matrix. 2-T.07 e 2-T.14 concordaram, mas 2-T.02; 2-T.06 e 2-T.10 não concordaram, pois queriam montar a história da Múmia. Neste momento, aconteceu a maior confusão e discussão. A pesquisadora sugeriu que 2-T.16 e 2-T.10 tirassem par ou ímpar para decidir qual história eles montariam. 2-T.16 ganhou. A pesquisadora sugeriu a eles que definissem as personagens. Todos aderiram, criando novamente uma discussão, pois todos queriam representar o mesmo papel. Foi preciso decidir no DOIS OU UM quem faria cada papel.

2.2.21.4) 3º Momento

Depois de todos os papéis definidos, a pesquisadora sugeriu que iniciassem a história. Todos aderiram à proposta feita e iniciaram. Quase todos participaram do desenvolvimento da história, suas 2-T.02 praticamente não se manifestou, ficou apenas observando quando alguém do grupo dizia algo a ela ou ria ou fazia o que estavam pedindo ou simplesmente ficava indiferente ao pedido do grupo.

2.2.21.5) Fechamento

Após a história, a pesquisadora encerrou a reunião e combinou o próximo encontro. E todos voltaram para sala de aula.

2.2.21.6) Considerações gerais sobre a 21ª reunião do grupo de alunos

Essa foi uma reunião de muita discussão para se chegar a um acordo. No momento da dramatização, os movimentos de lutas, às vezes, acabavam sendo reais e machucando os participantes, sendo preciso muita intervenção da pesquisadora nos movimentos mais bruscos.

A estória foi pobre de enredo, mas rica em movimentos. Apesar de 2-T.02 não ter se integrado ao grupo, os demais estavam bem integrados e até não queriam encerrar a estória.

2.2.22 As diferenciações sociométricas da 22ª reunião do grupo de alunos

2.2.22.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola. Todos estavam presentes nessa reunião e, juntos, dirigiram-se para a sala de reunião.

A pesquisadora cumprimentou-os, convidou-os para se sentarem na roda, acalmou-os e explicou-lhes a atividade daquela reunião.

2.2.22.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que brincassem de montar palavras, usando formas geométricas. Todos aderiram à proposta feita, e a pesquisadora explicou que iria dizer uma palavra que apareceu na estória para cada um. E que eles deveriam bater palma, a cada sílabas, da palavra e dizer o número de sílabas e depois montar a palavra usando formas geométricas e letras. Todos apresentaram muita dificuldade nessa atividade, principalmente 2-T.02; 2-T.07 e 2-T.16. 2-T.07 e 2-T.16 não identificam as letras do alfabeto, e quando a pesquisadora perguntava que letra era aquela, 2-T.07 começava a dizer o alfabeto inteiro, olhando na lousa até chegar naquela letra.

2.2.22.3) Fechamento

A pesquisadora encerrou a reunião e combinou o próximo encontro. Desejou um excelente final de semana e todos voltaram para sala de aula.

2.2.22.4) Considerações gerais sobre a 22ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, ocorreu apenas uma proposta, que foi vivenciada por todos. Ou seja, todos os alunos participaram da atividade e do momento grupal de forma integrada, pois uniam-se tanto para auxiliarem os colegas, quanto para criticá-los. Essa foi uma reunião bem difícil, pois, ora eles queriam montar as palavras, ora se irritam por não saber e começaram atrapalhar os outros. 2-T.16 é bem esperto na oralidade, sua comunicação é clara, mas tem muita dificuldade para formar as palavras, por não reconhecer as letras do alfabeto, e, para complicar, ele falta muito e, quando vem para as reuniões, chega sempre atrasado.

2.2.23 As diferenciações sociométricas da 23ª reunião do grupo de alunos

2.2.23.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola. Todos estavam presentes nessa reunião e, juntos, dirigiram-se para a sala de reunião.

A pesquisadora cumprimentou-os, convidou-os para sentarem na roda, acalmou-os e explicou-lhes a atividade que iriam desenvolver, relembrando os conteúdos que eles já haviam visto nas reuniões anteriores.

2.2.23.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que brincassem de dizer palavras que rimassem. Todos aderiram à proposta feita e disseram:

- 2-T.07: “Sabão e mamão;”
- 2-T.06: “Mão e mamão;”
- 2-T.14: “Ratoeira e cadeira,”
- 2-T.10: “Casa e mesa;”
- 2-T.02: “Bola e cola” (depois de ter pensado um tempão);
- 2-T.16: “Cama e dama” (o 2-T.14 ajudou a lembrar a atividade).

2.2.23.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que brincassem de dizer palavras que começassem com o mesmo som. Todos aderiram à proposta feita e disseram:

2-T.10: “Camisa e caneca;”
 2-T.14: “Vassoura e varal;”
 2-T.06: “Mala e macaco;”
 2-T.07: “Mesa e meia;”
 2-T.02: “Bola e bolo;”
 2-T.16: “faca e fada.”

2.2.23.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que brincassem de dizer frases pequenas e frases grandes. Todos aderiram à proposta feita e disseram:

2-T.10: “O garoto chorou;”
 2-T.14: “Ela é feia” (disse apontando o dedo para 2-T.02);
 2-T.06: “Ele dorme;”
 2-T.07: “O menino come;”
 2-T.02: “Ele fala;”
 2-T.16: “A menina é gostosa” (todos riram).

2.2.23.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que brincassem de montar palavras pequenas com apenas duas sílabas. E depois invertissem as sílabas das palavras formadas Todos aderiram à proposta feita e disseram:

2-T.10: “Bala – laba;”
 2-T.14: “Bolo – lobo;”
 2-T.06: “Cama – maca;”
 2-T.07: “Dedo - dode” (montaram com auxílio da pesquisadora);
 2-T.02: “Faca – cafa;”
 2-T.16: “Medo - dome” (montaram com auxílio da pesquisadora).

2.2.23.6) Fechamento

A pesquisadora encerrou a reunião, combinou o próximo encontro e todos voltaram para sala de aula.

2.2.23.7) Considerações gerais sobre a 23ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, houve quatro propostas, a que todos aderiram expressamente. O grupo permaneceu na reunião com uma participação intensiva jamais presenciada, todos estavam mais atentos e mais participativos. 2-T.14 continua fazer piadinha desagradáveis a respeito dos colegas do grupo, que acabam gerando pequenos desentendimentos, mas que não conseguiram quebrar o clima de participação de todos.

2-T.07 e 42-T.16 continuam ainda com muita dificuldade, mas 2-T.07 tem demonstrado muito interesse, fazendo com se esforce mais e tenha melhores resultados do que 2-T.16, que falta muito e não se envolve tanto quanto 2-T.07. No geral, essa foi uma ótima reunião, e antes de voltarem para sala de aula, todos guardaram as letras do alfabeto e os tapetes que usaram.

2.2.24 As diferenciações sociométricas da 24ª reunião do grupo de alunos

2.2.24.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola. Todos estavam presentes e, juntos, dirigiram-se para a sala de reunião.

A pesquisadora cumprimentou-os, convidou-os para sentarem na roda, acalmou-os e explicou-lhes que, no primeiro momento, seria brincadeira livre e, no segundo momento, montar estória.

2.2.24.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs que o grupo sugerisse brincadeiras. Todos aderiram à proposta feita e, todos juntos, disseram: “DETETIVE E LADRÃO”. A pesquisadora novamente sugeriu novas brincadeiras, mas eles não concordaram. Todos participaram com animação, fazendo as mesmas trapaças no jogo e as mesmas críticas aos colegas do grupo, sendo necessária a intervenção da pesquisadora.

2.2.24.3) 2º Momento

Depois de algum tempo, a pesquisadora propôs ao grupo que sugerisse histórias. Todos aderiram à proposta feita. 2-T.10 sugeriu a história do Pânico. Todos concordaram em montar a história, mas todos queriam representar o mesmo papel, dando início a mais uma discussão. Após a intervenção da pesquisadora, decidiram, no DOIS OU UM, que seria o Pânico. 2-T.14 ganhou o direito de fazer o papel disputado.

2.2.24.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que escolhessem as personagens. Todos os demais disseram que eram apenas vítimas que estavam na escola, na festa, no banho, etc. O grupo não se envolveu muito na história, pois estavam muito dispersos.

2.2.24.5) Fechamento

A pesquisadora encerrou a reunião, combinou o próximo encontro e todos voltaram para sala.

2.2.24.6) Considerações gerais sobre a 24ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, houve apenas duas propostas, sendo que as duas foram vivenciadas, contando com a adesão expressa de todos. Na primeira proposta, todos participaram com muita empolgação, apesar das trapaças e das discussões. No momento da dramatização, o grupo estava totalmente distante, e 2-T.14 e 2-T.07 foram os que se envolveram mais. 2-T.02 pouco participou, na verdade, estava sempre indiferente com a proposta de dramatizar. 2-T.10 fez pequenas participações na história e ficou o tempo todo da dramatização passeando pela sala e mexendo nos armários. 2-T.16 ficou o tempo todo agarrando as meninas, com

brincadeiras bobas. 2-T.06 queria ficar só deitada. Essa foi uma reunião com pouca integração do grupo no momento da dramatização.

2.2.25 As diferenciações sociométricas da 25ª reunião do grupo de alunos

2.2.25.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola. Estavam presentes nessa reunião: 2-T.07; 2-T.10 e 2-T.14 (2-T.02; 2-T.06 e 2-T.16 faltaram da escola). Todos dirigiram-se para a sala de reunião.

A pesquisadora cumprimentou a todos e explicou-lhes a atividade daquele dia.

2.2.25.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo a brincadeira de montar palavras e inverter as sílabas. Ela dizia uma palavra, os participantes montavam e depois invertiam as sílabas da palavra montada. Todos aderiram à proposta feita e formaram várias palavras.

2.2.25.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo para brincarem de adicionar e subtrair sílabas nas palavras. Ela dizia uma palavra para os participantes montarem, usando as letras do alfabeto móvel. Depois, pedia para adicionar ou subtrair uma sílaba do começo, do meio ou do final das palavras, formando, assim, novas palavras. Todos aderiram à proposta feita e formaram várias palavras.

Pesquisadora: /ir/ + /ca/ (no começo);

2-T.10: “cair;”

Pesquisadora: /chá/ + /péu/ (no fim);

2-T.07: “chapéu;”

Pesquisadora: /verde/ + /da/ (no meio).

2-T.14: “verdade”

2.2.25.4) Fechamento

Após o término da brincadeira, a pesquisadora encerrou a reunião e combinou o próximo encontro. E todos voltaram para sala de aula.

2.2.25.5) Considerações gerais sobre a 25ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, a pesquisadora fez apenas duas propostas aos alunos, as quais tomaram todo o tempo da reunião. Todos aderiram às propostas de forma participativa e expressa, envolvendo-se de formas participativa, cooperativa e com atenção. Ou seja, todos os alunos participaram ativamente das atividades de forma integrada e coesa. O grupo estava bem integrado nessa reunião.

2.2.26 As diferenciações sociométricas da 26ª reunião do grupo de alunos

2.2.26.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos no pátio da escola. Todos os seis alunos estavam presentes e, juntos, dirigiram-se para a sala de reunião.

A pesquisadora cumprimentou-os, convidou-os para sentarem na roda e acalmou-os. Em seguida pediu que os alunos contassem sobre o final de semana.

2.2.26.2) 1º Momento

Todos aderiram à proposta feita pela pesquisadora e contaram o que haviam feito no final de semana. Até mesmo nesses relatos, acontecem as discussões, porque um se intromete no que o outro está contando ou, simplesmente, desmente o colega, crítica ou caçoa do seu final de semana, da sua roupa, etc.

2.2.26.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que, primeiro, escolhessem brincadeiras e, depois, montassem uma história. Antes que ela terminasse de falar, eles disseram: “DETETIVE E LADRÃO” e todos concordaram em brincar, já com as cartinhas na mão. O comportamento de cada um na brincadeira não mudou no decorrer das reuniões, sempre querendo trapacear, ser o ladrão ou o detetive, e os insultos não cessam nem mesmo na hora do jogo.

2.2.26.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que sugerissem as histórias. Todos aderiram à proposta feita. 2-T.14 sugeriu Boneco Assassino e eles concordaram de imediato. Novamente todos queriam ser o Boneco Assassino, e começaram a discutir. A pesquisadora interveio, pedindo-lhes que tirassem DOIS OU UM. 2-T.16 ganhou o direito de representar o papel, e os demais ficaram indignados, pois, ele saiu na primeira rodada.

2.2.26.5) 4º Momento

A pesquisadora sugeriu que todos definissem as personagens e eles aderiram à proposta. Novamente disseram que seriam as vítimas da história. 2-T.10 disse que só tinha sido vítima na brincadeira livre e agora também estaria sendo vítima. Todos riram. 2-T.10 disse que seria a noiva do Boneco Assassino. Todos riram. 2-T.16 concordou com ela e começaram a desenvolver a história. Novamente a história foi cheia de ação, mas vazia em enredo. 2-T.02 não se envolveu na história, fez um pequeno papel e não entrou mais na história, enquanto os outros morriam e voltavam para história com outros papéis.

2.2.26.6) Fechamento

A pesquisadora encerrou a reunião, conversando com eles sobre a estória e a importância da participação de cada um. Ela se despediu e os alunos voltaram para sala de aula

2.2.26.7) Considerações gerais sobre a 26ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, a pesquisadora fez apenas duas propostas, a que os alunos aderiram de forma participativa. A primeira proposta, de brincadeira livre, eles não mudam, sempre é DETETIVE E LADRÃO, e não há ninguém que expresse o desejo de mudar. No segundo momento, que é a dramatização, somente 2-T.02 não se envolveu na estória, os demais estavam mais integrados. O desenvolvimento das estórias é sempre cheio de transtornos e discussões, mas no final elas acontecem, sem muita fala, mas com muita ação.

2.2.27 As diferenciações sociométricas da 27ª reunião do grupo de alunos

2.2.27.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola. Estavam presentes nessa reunião: 2-T.02; 2-T.10; 2-T.14 e 2-T.16 (2-T.07 faltou da escola e 2-T.06 mudou de cidade, por isso não participará mais do grupo). Todos dirigiram-se para a sala de reunião. A pesquisadora cumprimentou-os, convidou-os para sentarem na roda, acalmou-os e conversaram primeiramente sobre a mudança de 2-T.06, e ela explicou sobre a atividade daquele dia.

2.2.27.2) 1º Momento

A brincadeira dessa reunião é um teatrinho de fantoche. O fantoche vai falar palavras

bobas, palavras erradas, trocando o som de cada letra (fantoche do Chapeuzinho Vermelho), pois ela não sabe falar direito, e quando ela falar errado, vocês devem corrigi-la, disse a pesquisadora.

2.2.27.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que brincassem de teatro de fantoche. Os alunos aderiram à proposta feita e aguardaram ansiosos a instrução da brincadeira. Queriam pegar e manipular os fantoches. A pesquisadora mudou a voz para interagir com os alunos. Todos participaram da brincadeira com empolgação diante da proposta.

2.2.27.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que brincassem de cantar trocando as vogais da música do Sapo. Os alunos aderiram à proposta feita. Ela mudou a voz para interagir com os alunos. Todos participaram da brincadeira com empolgação e riam sem parar. Interagiram com o fantoche, tentando trocar as vogais na hora de cantar, mas não conseguiam.

2.2.27.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de falar o som de cada letra. Os alunos aderiram à proposta feita. Todos mudaram a voz para falarem o som de cada letra, participando da brincadeira animados.

2.2.27.6) Fechamento

A pesquisadora encerrou a reunião, destacando o que foi trabalhado: “vocês viram que falaram as palavras trocando alguns sons, e fica estranho, mas na música ficou legal. Então vocês podem trocar os sons das palavras, colocando um som no lugar do outro. Por exemplo,

como foi na música do /sapo/, vocês trocaram /sapo/ por /sapa/, por /sepe/, por /sipi/, por /sopo/ e por /supu/, deixaram alguns sons como antes e trocaram outros. Depois vocês brincaram de falar os sons de cada letra”. Depois da conclusão, todos voltaram para sala de aula.

2.2.27.7) Considerações gerais sobre a 27ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, a pesquisadora fez várias propostas, a que os alunos aderiram de forma participativa e integrada. Os alunos envolveram-se na apresentação do fantoche, despertando a curiosidade de todos. 2-T.16 ria dos colegas do grupo, por eles estarem falando com o fantoche, e quando ele falava com o fantoche, o grupo ria dele. São esses momentos, de um tirar o sarro do outro, que se iniciam as discussões.

2.2.28 As diferenciações sociométricas da 28ª reunião do grupo de alunos

2.2.28.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos no pátio da escola. Estavam presentes nessa reunião: 2-T.02; 2-T.10; 2-T.14 e 2-T.16 (2-T.07 faltou da escola). E todos dirigiram-se para a sala de reunião.

A pesquisadora cumprimentou-os, convidou-os para sentarem na roda e acalmou-os. Relembaram a atividade do dia anterior, e ela explicou a atividade daquela reunião. Primeiro momento, brincadeira livre e, segundo momento, estória.

2.2.28.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs que o grupo sugerisse brincadeiras. Todos aderiram à proposta feita. Só para variar, escolheram: DETETIVE E LADRÃO. Todos participaram da atividade

com animação. Os comportamentos ainda são os mesmos, querem ser apenas o Ladrão ou o Detetive e zangam-se quando saem com a carta Vítima. Trapaceiam e discutem o tempo todo da brincadeira. Mas não querem mudar de brincadeira nem por decreto!

2.2.28.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que escolhessem uma história para dramatizarem. Todos aderiram à proposta feita. 2-T.16 sugeriu que fizessem uma história muito louca, de uma fuga maluca. 2-T.10 perguntou por que e do que estariam fugindo, 2-T.16 respondeu que eles estariam fugindo da polícia, porque eles tinham assaltado um banco. Todos aderiram à idéia.

2.2.28.4) 3º Momento

A pesquisadora sugeriu que eles definissem as personagens. Os alunos aderiram à proposta feita e começaram a designar papéis um para o outro.

2-T.16: Ladrão (Chefe da Quadrilha). Ele escolhe o seu papel;
2-T.10: Polícia;
2-T.14: Banqueiro;
2-T.02: Cliente do Banco (não queria representar papel algum).

2.2.28.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que desenvolvessem a história. Eles aderiram à proposta feita e iniciaram. De certa forma, todos estavam integrados, e foi uma história rápida, sem muita fala, mas com muita ação. 2-T.16 estava realizado, envolveu-se bastante, não permitiu que a polícia o pegasse, e alegou que era bem mais esperto.

2.2.28.6) Fechamento

A pesquisadora encerrou a reunião, e após o término da história, combinaram o próximo encontro e voltaram para sala de aula.

2.2.28.7) Considerações gerais sobre a 28ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, a pesquisadora fez duas propostas, a que os alunos aderiram de forma participativa e integrada. Os alunos envolveram-se muito no desenvolvimento da estória, que e foi rápida, mas com muita ação e com a integração de todos. 2-T.02 não se envolve muito no momento de dramatização, pois gosta de ficar observando e rindo dos colegas do grupo.

2.2.29 As diferenciações sociométricas da 29ª reunião do grupo de alunos

2.2.29.1) Abertura

A pesquisadora foi buscar os alunos no pátio da escola. Estavam presentes nessa reunião: 2-T.07; 2-T.10 e 2-T.14 (2-T.02 e 2-T.16 faltaram da escola). Todos dirigiram-se para a sala de reunião.

A pesquisadora cumprimentou-os e convidou-os para sentarem na roda e pediu que contassem como foi o final de semana.

2.2.29.2) 1º Momento

Todos aderiram à proposta feita e relataram o final de semana, no mesmo nível de sempre, um criticando o outro, interrompendo o que os colegas do grupo estavam contando, desmentindo o que falavam. É nesse momento que os desentendimentos acontecem, e eles partem para a agressão, tanto verbal quanto física, sendo necessária a intervenção da pesquisadora.

2.2.29.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem do jogo das palavras. Eles aderiram à proposta feita. A pesquisadora mostrou que as palavras têm partes menores ainda. Mostrou

as letras /a e i/ e disse que essas letras formam a palavra /ai/. Tem duas partes: /aaa-iii./. Pediu para que os alunos repetissem: /aaa-iii/. Cada parte é uma letra. Todos participaram.

2.2.29.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que brincassem do jogo de montar palavras ou pseudopalavras (incluindo letras no início). Os alunos aderiram à proposta. A pesquisadora falou uma parte da palavra e pediu para os alunos inventarem o resto. Por exemplo, o triângulo representando a letra /a/ e o quadrado representando a letra /s/. E pediu para os alunos colocarem outra forma geométrica no início para formar uma palavra nova. 2-T.10 disse paz, só que termina com /z/, mas o som é igual. Todos participaram sem muita atenção. Depois, ela pediu aos alunos que colocassem formas geométricas no meio das palavras.

2.2.29.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que brincassem do jogo de montar palavras ou pseudopalavras (incluindo letras no meio). Os alunos aderiram à proposta feita. A pesquisadora disse uma parte da palavra, e colocaram um som no meio, para formar uma palavra de verdade. Lembrou-os de que as letras estavam sendo representadas pelas figuras geométricas, mas poderiam usar também as letras sobre as figuras. E deu um exemplo: o círculo representa o M e o coração a letra U, vocês deverão colocar um som (letra) no meio.

2.2.29.5) Fechamento

A pesquisadora encerrou a reunião, concluindo o que foi trabalhado: “vocês montaram palavras incluindo letra no início e no meio das palavras, formando palavras novas”. Explicou que, como já estava soando o sinal para o recreio, eles terminariam a atividade no próximo encontro. E os três voltaram para sala de aula.

2.2.29.6) Considerações gerais sobre a 29ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, a pesquisadora fez quatro propostas, as que os alunos aderiram de forma participativa. Os três não prestaram muita atenção nas atividades. Só prestavam quando era sua vez de montar. Enquanto o colega do grupo estava montando, distraía-se com outras coisas. Os alunos participaram de todas as propostas e dos momentos grupais.

2.2.30 As diferenciações sociométricas da 30ª reunião do grupo de alunos

2.2.30.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos no pátio da escola. Os cinco alunos estavam presentes nessa reunião. Todos dirigiram-se para a sala de reunião.

A pesquisadora cumprimentou-os, convidou-os para se sentarem na roda, acalmou-os e, em seguida, explicou que a primeira proposta era brincadeira livre e a segunda era montar estória.

2.2.30.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que sugerissem brincadeiras. Todos aderiram à proposta de brincar e foram logo distribuindo as cartas do Jogo DETETIVE E LADRÃO. Mais uma vez escolheram a mesma brincadeira. Já chegam e perguntam se é dia de brincadeira livre e pegam as cartas do jogo. Mas o comportamento no jogo é o mesmo, sempre estão trapaceando, não querem ser vítima no jogo, ficam implicando com os colegas da forma como embaralharam, como brincam, etc.

2.2.30.3) 2º Momento

Após o término da brincadeira, a pesquisadora sugeriu ao grupo que brincassem de

montar estória. Todos aderiram à proposta feita. 2-T.10 sugeriu a estória de Pinóquio. Ninguém concordou. 2-T.02 sugeriu a Bela Adormecida. Ninguém concordou. 2-T.16 sugeriu Blade, os Caça-Vampiros. Todos concordaram.

2.2.30.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que definissem as personagens. Todos aderiram à proposta feita, mas com uma grande confusão, pois todos queriam ser o Blade, e começaram a discutir. A pesquisadora mediou a disputa, propondo que eles tirassem DOIS OU UM. 2-T.14 ganhou o direito de fazer o papel disputado. Após a decisão, todos estavam dispersos, ninguém se envolvia na estória. 2-T.14 começou a contar a estória e a envolver os colegas, dizendo que eles seriam vítimas, mas eles não se integravam. A pesquisadora interveio, pedindo a participação dos demais membros do grupo. 2-T.10 disse que essa estória era muito chata e propôs mudar de estória. 2-T.02 concordou. 2-T.07; 2-T.14 e 2-T.16 não concordaram em mudar a estória e começaram discutir com 2-T.10. A pesquisadora acalmou-os e pediu para que recomeçassem. Recomeçaram, mas sem muita integração. Novamente houve muita ação e pouca fala.

2.2.30.5) Fechamento

Após o término da estória, a pesquisadora encerrou a reunião, combinando o próximo encontro. Todos voltaram para sala de aula.

2.2.30.6) Considerações gerais sobre a 30ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, a pesquisadora fez duas propostas. Na primeira proposta, aderiram rapidamente, pois era para brincar, e nunca sugeriram uma brincadeira diferente, era sempre DETETIVE E LADRÃO, mas o que importa é que, neste momento, todos participam de

forma integrada. No segundo momento, todos aderiram à proposta, mas participaram sem muita empolgação ou quase não participaram.

2.2.31 As diferenciações sociométricas da 31ª reunião do grupo de alunos

2.2.31.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos no pátio da escola. Estavam presentes: 2-T.02; 2-T.07; 2-T.10 e 2-T.14 (1-T.16 faltou da escola). Todos dirigiram-se para a sala de reunião.

A pesquisadora cumprimentou-os, convidou-os para sentar e depois explicou a proposta daquela reunião.

2.2.31.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que brincassem de formar palavras novas. Todos aderiram à proposta feita. Ela explicou que os alunos deveriam colocar uma figura geométrica no começo da palavra. Disse uma parte da palavra, e os alunos deveriam inventar o resto. Os alunos deveriam formar as palavras usando as formas geométricas, sendo que cada forma geométrica iria representar um som (uma letra). A pesquisadora explicou a atividade dando um exemplo: duas formas geométricas (triângulo e quadrado) o triângulo vai representar a letra A e o quadrado a letra O, os alunos deveriam colocar outra figura geométrica na frente para formar uma palavra que terminasse com AS. Explicou que, se os alunos colocassem o círculo representando a letra M, formariam a palavra /MAS/. E depois da palavra formada, eles deveriam dizer o som de cada letra MMM-AAA-SSS.

A pesquisadora pediu que os alunos usassem as figuras geométricas para formar as palavras. Todos deveriam formar a palavra ATA, usando formas geométricas para representar cada letra. Depois, todos deveriam colocar outra letra na frente de ATA e formar uma nova

palavra. 2-T.10 formou a palavra MATA, 2-T.14 formou CATA, 2-T.07 formou TATA (com muito auxílio para entender a brincadeira e para formar a palavra) e 2-T.02 formou PATA.

Todos participaram da brincadeira sem muita atenção e tiveram muita dificuldade para entender a proposta.

2.2.31.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que mudassem um pouco a brincadeira. Todos aderiram à proposta feita. Ela explicou que os alunos deveriam colocar uma figura geométrica no meio da palavra. E foi explicando a atividade e distribuindo outras formas geométricas: a figura quadrada iria representar a letra RRR, o círculo iria representar a letra OOO, e pediu aos alunos que deixassem um espaço entre a sílaba /RO/ e a letra /A/, e o triângulo iria representar a letra A. Vocês vão colocar uma figura que vai representar uma letra no meio da palavra RO A, e assim formarão outra palavra. Todos formaram palavras diferentes. 2-T.10 formou ROMA, 2-T.14 formou RODA, 2-T.07 formou ROLA e 2-T.02 formou ROTA. Todos participaram dessa atividade sem muita atenção e tiveram muita dificuldade para entender a proposta.

2.2.31.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo para mudarem novamente a brincadeira. Todos aderiram à proposta feita. Ela explicou que os alunos deveriam colocar uma figura geométrica no final da palavra. E foi explicando a atividade: o círculo vai representa /ppp/, o quadrado vai representar /aaa/, e pediu que os alunos colocassem uma letra no final de /PA/ e formassem novas palavras. 2-T.10 formou /PAI/, 2-T.14 formou /PAZ/, 2-T.02 formou /PAR/ e 2-T.07 formou /PAU/. Todos participaram dessa atividade sem muita atenção e tiveram muita dificuldade para entender a proposta.

2.2.31.5) Fechamento

Após o término da atividade, a pesquisadora concluiu o que foi trabalhado: “Vocês viram que, colocando alguns sons no começo, no meio ou no fim das palavras, vocês formaram novas palavras”. E assim encerrou a reunião, despedindo-se dos alunos. E todos voltaram para sala de aula.

2.2.31.6) Considerações gerais sobre a 31ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, a pesquisadora fez três propostas, a que os alunos aderiram. Eles não prestavam muita atenção na explicação, e assim, a pesquisadora precisou explicar várias vezes e, mesmo assim, eles tiveram bastante dificuldade, principalmente 2-T.02 e 2-T.07. 2-T.10, muitas vezes, nos momentos grupais, auxilia os colegas.

2.2.32 As diferenciações sociométricas da 32ª reunião do grupo de alunos

2.2.32.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos no pátio da escola. Os cinco estavam presentes e todos dirigiram-se para a sala de reunião.

A pesquisadora cumprimentou-os, convidou-os para se sentarem na roda, acalmou-os e explicou a proposta daquela reunião. A brincadeira daquele dia era um jogo diferente.

2.2.32.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que brincassem de montar palavras usando o alfabeto móvel e depois dizerem os fonemas (som) de cada palavra, separadamente. Eles aderiram à proposta feita. A pesquisadora disse os sons das palavras e pediu aos alunos que adivinhassem qual era a palavra pronunciada. Por exemplo, a pesquisadora disse o som de

cada letra da palavra: /o-ss-o/, e pediu aos alunos para juntarem os sons: /o-ss-o/, /osso/. Após a explicação, a pesquisadora pronunciou várias palavras diferentes para cada aluno. Todos participaram da brincadeira com muita atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro. 2-T.02; 2-T.07 e 2-T.16 tiveram muita dificuldade, motivo pelo qual desistiam de ter formar novas palavras.

2.2.32.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de montar pseudopalavras usando o alfabeto móvel. Os alunos aderiram à proposta feita. Primeiro, acharam estranhas as palavras que foram pronunciadas pela pesquisadora, mas, depois, todos participaram da brincadeira com muita atenção e ajudando o colega quando necessário. A pesquisadora precisou o tempo todo auxiliar 2-T.07 e 2-T.16, pois apresentaram muita dificuldade para formar as palavras.

2.2.32.4) Fechamento

Após o término da atividade, a pesquisadora concluiu o que foi trabalhado: “Vocês viram que, juntando vários sons, forma-se uma palavra. Quando vocês juntaram /e/ com /u/, formou /eu/. Quando vocês juntaram /j/, /o/, /g/ e /o/, formou /jogo/. Então, juntando os sons, formam-se palavras que existem e também palavras que não existem”.

E assim encerrou mais uma reunião, e todos os alunos voltaram para sala de aula.

2.2.32.5) Considerações gerais sobre a 32ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, a pesquisadora fez apenas duas propostas, que tomaram o tempo todo. Os alunos envolveram-se nas duas propostas e participaram com mais atenção e cooperação entre eles. 2-T.07 e 2-T.16 tiveram muita dificuldade, que fazia com que desistissem de formar novas palavras. Eles tentavam adivinhar os sons e as letras, mas não conseguiam dizer

como elas ficam juntando cada som e acabam dizendo outras palavras, sem se deter nos sons falados pela pesquisadora.

2.2.33 As diferenciações sociométricas da 33ª reunião do grupo de alunos

2.2.33.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos no pátio da escola. Todos os cinco alunos estavam presentes e, juntos, dirigiram-se para a sala de reunião.

A pesquisadora cumprimentou-os, convidou-os para se sentarem na roda, acalmou-os e explicou a proposta daquela reunião. A brincadeira daquele dia era um jogo diferente; a pesquisadora diria uma palavra e os alunos formariam palavras usando o alfabeto móvel para representar cada som dessa palavra.

2.2.33.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo para que brincassem de teia de aranha com fonemas (os sons de cada letra). Todos devem estar sentados no chão, formando um círculo. A pesquisadora segura um novelo de barbante, diz uma palavra dividida em fonemas com um segundo de intervalo). Por exemplo: /MMM/ /AAA/ /CCC/ /AAA/ /CCC/ /OOO/. Diz então todas as partes juntas e uma nova palavra é formada. Depois, a pesquisadora diz outro conjunto de fonemas e palavra. Passa então o novelo para uma criança em qualquer ponto do círculo, mas continua segurando a ponta da linha. A criança repete os fonemas e forma a palavra. O novelo é então passado para outra criança. Forma-se, assim, uma teia com o barbante. Ao final, todos erguem a teia sobre suas cabeças e cantam a música da Dona Aranha, recolhendo o barbante de criança em criança.

Música: “A dona aranha subiu pela parede, veio a chuva forte e a derrubou. A chuva já

passou e o sol já vem surgindo, e a dona aranha na parede vai subindo, sobe... sobe....sobe....nunca está contente, ela é teimosa e desobediente”.

Todos aderiram à proposta feita e participaram da brincadeira, e quando o colega não conseguia formar a palavra, eles ajudavam ou queriam falar por ele.

2.2.33.3) Fechamento

A pesquisadora encerrou a reunião, conversando sobre a proposta, combinou o próximo encontro e todos voltaram para sala de aula.

2.2.33.4) Considerações gerais sobre a 33ª reunião do grupo de alunos

A pesquisadora fez apenas uma proposta nessa reunião, pois a mesma tomou todo o tempo, e 2-T-06; 2-T-07 e 2-T-16 apresentaram muita dificuldade para formar as palavras, recebendo auxílio tanto da pesquisadora como dos demais colegas. Assim sendo, todos os alunos aderiram à proposta de forma participativa e integrada. Eles estavam mais unidos e mais cooperativos uns com os outros, sempre auxiliando os colegas nas dúvidas. E esse comportamento tornou o grupo mais ativo e mais integrado no momento grupal.

2.2.34 As diferenciações sociométricas da 34ª reunião do grupo de alunos

2.2.34.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos no pátio da escola. Todos os cinco alunos estavam presentes e, juntos, dirigiram-se para a sala de reunião.

A pesquisadora cumprimentou-os, convidou-os para se sentarem na roda, acalmou-os e pediu que contassem sobre o final de semana. Todos aderiram à proposta feita e contaram no mesmo nível de sempre, um interrompendo o outro, fazendo piadinhas sobre o final de

semana do colega, gerando discussões e desentendimentos, sendo necessária a intervenção da pesquisadora a todo momento do relato.

2.2.34.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs ao grupo que brincassem do jogo com cartões. Ela mostrou para os alunos as palavras separadas nas suas partes maiores, as sílabas, e nas suas partes menores, os sons. Então ela tirou um pedacinho e pediu que eles dissessem como ficou a palavra. Por exemplo: a palavra /bater/. São dois pedaços maiores /ba/ e /ter/. Mas cada pedaço desse tem pedaços ainda menores: os sons. Então, dentro de /ba/ existem dois sons: /bbb-aaa/. E a segunda parte da palavra é /ter/. Tem três pedaços, certo? /ttt-eee-rrr/.”A pesquisadora perguntou para os alunos como ficaria essa palavra /bater/ se eles tirassem o /rrr/? Todos aderiram à proposta feita e participaram da atividade sem muita atenção. Eles usaram nessa brincadeira cartões e letras do alfabeto móvel para montarem as palavras. 2-T-07 e 2-T-16 apresentaram muita dificuldade e, dessa forma, foram auxiliados pela pesquisadora e pelos colegas do grupo.

2.2.34.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos o jogo dos cartões e explicou que, na brincadeira anterior, eles tiraram pedaços menores: os sons do final das palavras e, agora, iriam colocar os pedaços menores: os sons no final das palavras. Os alunos aderiram à proposta feita e participaram da brincadeira sem muita animação.

2.2.34.4) Fechamento

Após o término da atividade, a pesquisadora encerrou a reunião, combinando o próximo encontro e todos voltaram para sala de aula.

2.2.34.5) Considerações gerais sobre a 34ª reunião do grupo de alunos

A pesquisadora fez duas propostas nessa reunião. Todos os alunos aderiram de forma participativa e integrada. 2-T-07 e 2-T-16 tiveram muita dificuldade nas duas propostas. 2-T.10 estava sempre auxiliando os colegas nas dificuldades.

A cooperação no grupo está tornando-os mais ativos em todas as propostas e mais integrados nos momentos grupais.

2.2.35 As diferenciações sociométricas da 35ª reunião do grupo de alunos

2.2.35.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos no pátio da escola. Estavam presentes 2-T.02; 2-T.10 e 2-T.14 (2-T.07 e 2-T.16 faltaram da escola). A pesquisadora e os alunos dirigiram-se para a reunião.

Ela cumprimentou-os, convidou-os para sentar-se na roda e explicou a proposta daquela reunião.

2.2.35.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de juntar os sons (fonemas) das palavras. Todos os alunos aderiram à proposta feita. Ela falava os fonemas de uma palavra, e os alunos uniam os fonemas falados e diziam que palavra havia formado. Todos participaram da brincadeira sem muita atenção.

2.2.35.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos brincarem de juntar os sons (fonemas) de pseudopalavras. Todos aderiram à proposta feita. 2-T.10 e 2-T.14 participaram da brincadeira

com muita atenção e, sempre que necessário, ajudavam 2-T.02, pois ela apresentou dificuldade em unir os fonemas e formar as palavras.

2.2.35.4) Fechamento

A pesquisadora encerrou a reunião, concluindo o que foi trabalhado: “Vocês viram que se podem juntar vários sons e formar uma palavra e pseudopalavras (palavras que não existem)”.

Depois de encerrada a reunião, os alunos voltaram para sala de aula.

2.2.35.5) Considerações gerais sobre a 35ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, a pesquisadora fez apenas duas propostas, a que todos os alunos aderiram. 2-T.10 e 2-T.14, participaram com atenção e cooperação. 2-T.02 demonstrou pouco interesse no desenvolver da atividade; seu desinteresse pode ser entendido devido a sua dificuldade.

2.2.36 As diferenciações sociométricas da 36ª reunião do grupo de alunos

2.2.36.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos no pátio da escola. Estavam presentes 2-T.02; 2-T.10 e 2-T.14 (2-T.07 e 2-T.16 faltaram da escola). Todos dirigiram-se para a sala de reunião.

A pesquisadora cumprimentou os três alunos e explicou a proposta daquela reunião.

2.2.36.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que sugerissem brincadeiras. Todos aderiram à proposta feita e foram logo pedindo para brincar de DETETIVE E LADRÃO, participando da brincadeira bem animados.

2.2.36.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que sugerissem histórias. 2-T.02 não aderiu à proposta, recusando-se a brincar. 2-T.10 e 2-T.07 aderiram, mas perguntaram se não poderiam fazer outra coisa, após a manifestação de 2-T.02. 2-T.10 sugeriu brincar de montar palavras. A pesquisadora interveio e explicou que aquela seria a penúltima história que estariam montando juntos. Dessa forma, todos concordaram.

2.2.36.4) 3º Momento

2-T.10 sugeriu que montassem a história de um quadro do programa Zorra Total: “Severino – Cara-Crachá”. Todos concordaram e distribuíram os papéis. A história foi curta, mas engraçada, apesar de não ter muitas falas. Eles foram improvisando novas personagens no meio da história, enriquecendo o conteúdo e a participação de todos.

2.2.36.5) Fechamento

Após o término da história, a pesquisadora encerrou a reunião, combinou o próximo encontro e todos voltaram para sala de aula.

2.2.36.6) Considerações gerais sobre a 36ª reunião do grupo de alunos

A pesquisadora, nessa reunião, fez duas propostas. Na primeira, todos aderiram prontamente o desejo de brincar de DETETIVE E LADRÃO. Na segunda proposta, não queriam montar uma história, mas depois 2-T.10 sugeriu um quadro do programa Zorra Total e todos aderiram a proposta de dramatizar, envolvendo-se na elaboração e no desenrolar da história. Como estavam em poucos alunos, foi necessário fazer vários papéis; com isso, foram improvisando e enriquecendo a dramatização. Dessa forma, todos participaram com entusiasmo e integração.

2.2.37 As diferenciações sociométricas da 37ª reunião do grupo de alunos

2.2.37.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos no pátio da escola. Todos os cinco alunos estavam presentes e, juntos, dirigiram-se para a sala de reunião.

A pesquisadora cumprimentou-os, convidou-os para se sentarem na roda, acalmou-os e explicou a proposta daquela reunião.

2.2.37.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem do jogo dos cartões (Tirar sílabas ou letras). Nesse jogo, as crianças usam cartões para representar sílabas, e figuras geométricas para representar fonemas dentro das sílabas e manipulá-las a partir de palavras que existem. A pesquisadora mostra aos alunos as palavras separadas nas suas partes maiores, as sílabas, e nas suas partes menores, os sons. Então, ela pede que tirem um pedacinho e digam como ficou a palavra.

Todos aderiram à proposta feita e participaram da brincadeira sem muita atenção, e 2-T-10 estava sempre auxiliando 2-T-02; 2-T-07 e 2-T-16.

2.2.37.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que brincassem do jogo dos cartões (com pseudopalavras - tirar sílabas ou letras). Nesse jogo, as crianças usam cartões para representar sílabas, e figuras geométricas para representar fonemas dentro das sílabas e manipulá-las a partir de pseudopalavras (palavras que não existem). Todos aderiram à proposta feita e participaram da brincadeira sem muita atenção. 2-T-07 e 2-T-16 ainda apresentam dificuldade ao desenvolverem a atividade, melhoram bastante, mas precisam de auxílio para formar as palavras.

2.2.37.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos a brincadeira do jogo dos cartões (Colocar sílabas ou letras). Nesse jogo, as crianças usam cartões para representar sílabas, e figuras geométricas para representar fonemas dentro das sílabas e manipulá-las a partir de palavras que existem. A pesquisadora mostra aos alunos as palavras separadas nas suas partes maiores, as sílabas, e nas suas partes menores, os sons. Então, ela pede que coloquem um pedacinho e digam como ficou a palavra.

Todos aderiram à proposta feita e participaram da brincadeira sem muita atenção.

2.2.37.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que brincassem do jogo dos cartões (com pseudopalavras – colocar sílabas ou letras). Nesse jogo, as crianças usam cartões para representar sílabas, e figuras geométricas para representar fonemas dentro das sílabas e manipulá-las a partir de pseudopalavras. Todos aderiram à proposta feita e participaram da brincadeira sem muita atenção.

2.2.37.6) 5º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos a brincadeira de inverter as sílabas das palavras. A brincadeira consistia de a pesquisadora dizer uma palavra, e os alunos dizerem a palavras invertendo todas as letras (de trás para frente). Todos aderiram à proposta feita e participaram da brincadeira sem muita atenção.

2.2.37.7) Fechamento

A pesquisadora encerrou a reunião, concluindo o trabalho. Todos viram, nessa atividade, que se podem colocar e tirar sons das palavras que existem e das que são inventadas

(pseudopalavras). E que, invertendo os sons das palavras, se formam palavras novas ou pseudopalavras novas. A pesquisadora despediu-se, desejando um ótimo dia.

2.2.37.8) Considerações gerais sobre a 37ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, aconteceram seis propostas feitas pela pesquisadora. E todos os alunos aderiram, participando da brincadeira sem muita atenção, pois, enquanto estavam montando a palavra se concentravam, mas, na vez dos colegas, distraíam-se, atrapalhavam quem estava montando, faziam insultos e crítica, principalmente 2-T-14. 2-T-10 demonstrou um comportamento mais cooperativo, estava sempre auxiliando alguém do grupo. 2-T-02 evoluiu no desempenho das atividades, está mais envolvida e interessada. 2-T-07 é bem esforçado, está sempre procurando melhorar, mas por não conseguir memorizar as letras, acaba não tendo tanto êxito. 2-T-16 também está melhor, mas não identifica as letras do alfabeto e falta demais, o que atrapalha o seu progresso. Nessa reunião o fator de destaque foi a cooperação entre eles.

2.2.38 As diferenciações sociométricas da 38ª reunião do grupo de alunos

2.2.38.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos no pátio da escola. Todos os cinco alunos estavam presentes e dirigiram-se para a sala de reunião.

A pesquisadora cumprimentou-os, convidou-os para se sentarem na roda, acalmou-os e explicou a proposta daquela reunião, dizendo que as reuniões estavam terminando e que ainda naquela semana se encerrariam. Todos ficaram chateados. A pesquisadora propôs a eles que sugerissem brincadeiras e depois, na 2ª parte, montassem a estória.

2.2.38.2) 1º Momento

Todos aderiram à proposta feita pela pesquisadora de brincar e não de sugerir brincadeiras, pois, todos juntos, gritaram: “DETETIVE E LADRÃO”, e foram logo distribuindo as cartas e começaram a jogar. Todos participaram da brincadeira animados, apesar de apresentarem o mesmo comportamento de sempre, discutindo por qualquer motivo no jogo.

2.2.38.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que sugerissem histórias. Nem todos aderiram à proposta feita. 2-T-02, antes que a pesquisadora encerrasse o primeiro momento, anunciou que não iria participar da história, porque era muito chata. 2-T-10 ajudou a pesquisadora animar os demais colegas, reforçando que era a última história, e que eles precisavam participar para ficar bem bonita. Aos poucos foram-se animando e decidindo qual história dramatizar.

2.2.38.4) 3º Momento

2-T.14 sugeriu que poderia ser uma história de medo. Todos concordaram, mas não conseguiam chegar a uma conclusão, e com isso surgiu o desentendimento. Até que 2-T-10 sugeriu a casa mal-assombrada, e todos concordaram. Ela distribuiu os papéis e começaram a dramatizar.

2.2.38.5) 4º Momento

Todos se envolveram no desenvolvimento da história. Na representação, apareceram muitos gestos e poucas falas. A história foi bem interessante, e 2-T.02, que não queria participar no início, acabou participando animadamente; talvez essa tenha sido sua melhor atuação dentre todas as histórias.

2.2.38.6) Fechamento

Após o término da estória, a pesquisadora encerrou a reunião, combinou o próximo encontro e todos voltaram para sala de aula.

2.2.38.7) Considerações gerais sobre a 38ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, aconteceram apenas duas propostas feitas pela pesquisadora. Todos aderiram à primeira proposta, não para sugerir brincadeiras, mas, sim, para brincar de DETETIVE E LADRÃO. Apesar de ter sido a brincadeira escolhida da primeira até essa reunião, eles nunca aceitaram mudar de brincadeira. O comportamento apresentado no desenvolver da brincadeira também permaneceu o mesmo que foi o de: discutir por tudo e com todos, trapacear, tentar ver as cartas dos demais, não aceitar ser vítima. Mesmo assim, todos esses comportamentos não impediram a integração do grupo. À segunda proposta, eles pouco se integravam, pois estavam sempre representando os seus papéis, mas de forma independente, sem uma participação coesa. E, de certa forma, essa individualidade acabou prejudicando o desenvolvimento da dramatização. Nessa última dramatização, finalmente acabou acontecendo o contrário, todos conseguiram integrar-se e participar de formar descontraída e harmoniosa, por um pequeno tempo, pois foi rápida a dramatização, mas, mesmo assim, a integração aconteceu.

2.2.39 As diferenciações sociométricas da 39ª reunião do grupo de alunos

2.2.39.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos no pátio da escola. Todos os cinco alunos estavam presentes e dirigiram-se para a sala de reunião.

A pesquisadora cumprimentou-os, convidou-os para se sentarem na roda, acalmou-os e

explicou a proposta daquela reunião. Todos estavam bem ansiosos e dispersos, estavam agressivos uns com os outros.

2.2.39.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem de dizer o som de cada letra das palavras. Nesse jogo, a pesquisadora diz uma palavra (som por som), e as crianças devem dizer qual palavra é, dizer o número de sílabas e letras e repetir o som de cada letra da palavra e, depois inverter as sílabas. Todos participaram da brincadeira sem muita atenção e o tempo todo ficavam discutindo.

2.2.39.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que brincassem de falar as palavras invertendo todas as letras. Todos aderiram à proposta feita. Nesse jogo, a pesquisadora diz uma palavra (som por som), e as crianças devem dizer qual é a palavra e, depois, dizem de trás para frente (invertendo todas as letras). Todos participaram da brincadeira sem muita atenção. Até mesmo não estavam solícitos para com os colegas.

2.2.39.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos para brincarem do jogo dos cartões (com pseudopalavras). Todos aderiram à proposta. Nesse jogo, as crianças usam cartões para representar sílabas, e figuras geométricas para representar fonemas dentro das sílabas e manipulá-las com pseudopalavras. Todos participaram da brincadeira sem muita atenção.

2.2.39.5) Fechamento

A pesquisadora encerra a reunião, combinando a última participação do grupo. E todos os alunos voltaram para sala de aula.

2.2.39.6) Considerações gerais sobre a 39ª reunião do grupo de alunos

Nessa reunião, aconteceram apenas Três propostas feitas pela pesquisadora e os alunos aderiram a todas as propostas. E todos eles participaram, sem muita atenção e pouco auxiliaram os colegas, pois estavam irritados e agressivos. Provavelmente, eles não estavam conseguindo trabalhar a finalização das reuniões. Mas não conseguiram falar sobre o término.

2.2.40 As diferenciações sociométricas da 40ª reunião do grupo de alunos

2.2.40.1) Abertura

A pesquisadora buscou os alunos no pátio da escola. Todos os cinco alunos estavam presentes e dirigiram-se para a sala de reunião.

A pesquisadora cumprimentou-os, convidou-os para se sentarem na roda, acalmou-os e explicou a proposta daquela reunião. Todos estavam bem ansiosos e dispersos, e continuavam agressivos uns com os outros, até mesmo com a pesquisadora.

Antes de explicar a proposta, conversaram bastante, ela agradeceu a cada um deles, eles falaram como foi a experiência para cada um, e conseguiram dizer o quanto estavam tristes porque estava acabando, apareceram com cara de choro. O clima tenso foi amenizado, e a reunião foi iniciada com a explicação de que estariam relembrando todos os conteúdos trabalhados. Rima, aliteração, consciência de frases e consciência de palavras: adição, subtração e inversão de sílabas e letras, e consciência fonêmica.

2.2.40.2) 1º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que brincassem de rimar. Nesse jogo a pesquisadora diz três palavras, duas terminam com o mesmo som, e uma termina com um som diferente. Pede-se que a criança diga, quais são as duas palavras que terminam com o mesmo som. Todos participaram da brincadeira com atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro.

2.2.40.3) 2º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos a brincadeira de aliteração. Nesse jogo a pesquisadora diz três palavras, duas começando com o mesmo som, e uma começando com um som diferente. Pede-se que a criança diga, quais são as duas palavras que começam com o mesmo som.

Todos aderiram à proposta feita e participaram da brincadeira com atenção e sempre que necessário, um ajudava o outro.

2.2.40.4) 3º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que brincassem de juntar os fonemas das palavras. Todos aderiram à proposta. Nesse jogo, a pesquisadora diz uma palavra (dizendo o som de cada letra), e as crianças devem adivinhar que palavra ela falou. Todos participaram da brincadeira com atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro.

2.2.40.5) 4º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que brincassem de adicionar ou subtrair sílabas das palavras. Todos aderiram à proposta. Nesse jogo, a pesquisadora pede para que as crianças adicionem (coloquem) ou subtraíam (tirem) sílabas ou fonemas das palavras, de modo a formar novas palavras.

Todos participaram da brincadeira com atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro.

2.2.40.6) 5º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos a brincadeira de inverter as sílabas. Todos aderiram à proposta. Nesse jogo, a pesquisadora diz uma palavra, e a criança deve inverter as sílabas, dizendo qual a palavra formada.

Todos participaram da brincadeira com atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro.

2.2.40.7) 6º Momento

A pesquisadora propôs aos alunos que brincassem de inverter os fonemas (os sons). Todos aderiram à proposta. Nesse jogo, a pesquisadora diz uma palavra, e a criança deve inverter os fonemas (sons) das palavras, dizendo qual a palavra formada.

Todos participaram da brincadeira com atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro.

2.2.40.8) Fechamento

A pesquisadora encerrou a reunião, agradecendo à participação de todos. 2-T.10 e 2-T.07 abraçaram a pesquisadora. Esse foi um momento muito triste, pois era nítido o desejo de não voltar para sala de aula. De repente 2-T.16 levantou e chamou os colegas para voltarem para sala de aula, alegando que a pesquisadora iria perder o ônibus. E todos foram saindo vagarosamente, o que nunca aconteceu antes, pois todos saíam da sala correndo.

2.2.40.9) Considerações gerais sobre a 40ª reunião do grupo de alunos

No início dessa reunião, o clima estava bem pesado, os alunos estavam agressivos uns com os outros e até mesmo com a pesquisadora, sendo necessário falar sobre as reuniões, sobre a importância de cada um no grupo, do crescimento, da aprendizagem, da amizade, das trocas e de cada conquista que realizaram juntos. Foi o momento mais harmonioso do grupo, no qual ninguém ofendeu ninguém, e quando um falava, o outro escutava. Foi um momento surpreendente, e foi nesse clima que a reunião foi iniciada.

Nessa última reunião, aconteceram seis propostas feitas pela pesquisadora. Todos os alunos aderiram e participaram com atenção e, sempre que necessário, um ajudava o outro. Todos estavam bem integrados e sintonizados, de forma que foi extremamente difícil encerrar a reunião.

DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo principal avaliar a eficácia de um programa de desenvolvimento de habilidades metafonológicas no ambiente de aprendizagem: ‘Realidade Suplementar’. Os resultados obtidos através das análises estatísticas revelaram que a participação no grupo sociodramático provocou mudanças significativas nas habilidades metafonológicas.

Uma primeira análise dos resultados, que permite chegar à conclusão acima, foi a que considerou a comparação entre os resultados das aplicações da Prova de Consciência Fonológica, antes e depois da intervenção. Ainda que, ao se considerar os grupos de intervenção com menos de cinco alunos, as diferenças numéricas, mesmo quando expressivas, não se revelassem significativas, devido provavelmente ao pequeno número de sujeitos. Um recurso de verificação desse fato consistiu em se agrupar os dados dos grupos dos dois turnos, manhã e tarde; assim, ao se analisarem os dados agrupados, o que dobrava, ou quase, o número de participantes dos grupos, as diferenças, antes apenas numéricas, agora se mostravam também estatisticamente significativas. Isto ficou particularmente evidente nos dois grupos do primeiro semestre, embora também com o grupo da manhã do segundo semestre isto ocorresse, só tendo sido encontrada uma correspondência entre a expressiva diferença numérica e a diferença estatisticamente significativa no grupo da tarde deste mesmo semestre, que era composto por cinco alunos, enquanto os outros três tinham três ou quatro componentes apenas. Também com os dois grupos deste semestre, ao terem os seus dados totalizados, foi encontrada diferença, não apenas numérica, mas também estatisticamente significativa. Ora, se for ressaltada a hipótese de que os pequenos grupos, com menos de cinco participantes, não puderam ter suas diferenças numéricas expressivas detectadas pelas provas estatísticas, e se confiarmos nas conclusões das totalizações dos dois grupos de

intervenção em cada um dos semestres, não restaria nenhuma dúvida de que o treinamento foi capaz de produzir diferenças significativas entre o Pré e o Pós-teste, o que foi afirmado no parágrafo acima.

Outro dado interessante a ser destacado, ainda na comparação do Pré e Pós-teste, refere-se ao fato de que, no geral, não foi encontrada diferença estatística entre as duas avaliações para os diversos Grupos de Controle, com algumas exceções consideradas a seguir. A primeira delas aconteceu com o GCa.1-T (Grupo de Controle acima da média do turno da tarde do primeiro semestre), que apresentou uma diferença estatisticamente significativa ao nível de 0,05 na direção esperada, ou seja, o Pré-teste menor que o Pós. Esse fato é mais curioso ainda, pois não aparece em nenhum dos dois Grupos de Controle do turno da manhã nem mesmo no grupo abaixo da média do turno da tarde. Mais surpreendentemente ainda, essa diferença estatística também não aparece quando se totalizaram os dois grupos de controle acima da média do semestre, como também não apareceu na totalização dos dois Grupos de Controle abaixo da média. Em relação aos grupos do primeiro semestre, portanto, a exceção fica assim sem uma possibilidade de esclarecimento, apenas através dos dados quantitativos desta pesquisa. Podem-se levantar hipóteses de possíveis efeitos aleatórios ou também de um incentivo por parte da professora regente dessa turma que teria sido apropriado apenas para os melhores alunos da sala, exatamente aqueles que compuseram o Grupo de Controle acima da média. Não foi possível realizar investigações esclarecedoras neste sentido.

Em relação aos dados dos grupos do segundo semestre, comparando Pré e Pós-testes, a exceção apareceu no Grupo de Controle abaixo da média, uma vez que todos os dois Grupos de Controle acima da média, bem como a totalização de seus resultados, não revelaram diferenças estatisticamente significativas. Mas, agora, a diferença que não apareceu no grupo do turno da manhã, mas apenas no da tarde, também se mostrou ainda mais significativa, porque foi ao nível de 0,01, na totalização dos dois grupos. Essa diferença, no entanto,

assumiu um sentido inesperado, pois foi maior no Pré-teste que no Pós, sinalizando para algum possível efeito de “perda” em Consciência Fonológica do início para o final do semestre. Na primeira vez em que esta exceção aparece, o nível de significância de apenas 0,05, para valores numericamente pequenos, permitiria supor efeitos de fatores aleatórios, uma vez que se trata de grupos de alunos com rendimento muito baixo, muitas vezes provocados, pode-se supor, por acertos aleatórios. Na totalização dos dois grupos, ainda que agora o nível de significância tenha sido de 0,01, as diferenças numéricas são pequenas, e o aumento deste nível pode ter sido devido ao aumento no número de alunos, o dobro do anterior. De qualquer modo, permanece aí um fenômeno que, se não for devido aos efeitos aleatórios, demandaria uma investigação posterior, que não foi possível ser realizada no período de tempo da presente pesquisa.

A comparação entre os grupos de intervenção com os Grupos de Controle revelou resultados bastante coerentes com a anteriormente considerada. Assim, também se verificou o fato de que, quando os grupos eram muito pequenos, encontravam-se diferenças numéricas até expressivas no Pós-teste, mas que não se mostravam estatisticamente significativas. Ao se totalizarem os resultados dos turnos da manhã e da tarde, em cada um dos semestres, essa diferença estatisticamente significativa se evidenciava. As comparações dos grupos no Pré-teste sempre confirmaram a forma como os grupos foram compostos, isto é, o abaixo da média equiparado ao de intervenção, enquanto o acima da média com o desempenho superior a ele. Merece destaque, aqui, a comparação com o Grupo de Controle acima da média no Pós-teste, pois, se as comparações deste grupo com o de intervenção, no Pré-teste, revelaram a sua superioridade em termos de resultados, no Pós-teste, a situação invertia-se com o grupo de intervenção, não apenas igualando, mas superando até mesmo estatisticamente o desempenho no Grupo de Controle acima da média. Isto demonstra o grande potencial para a

aprendizagem produzida pelo uso do treino de habilidades metafonológicas num ambiente de Realidade Suplementar, tal como se desenvolveu nesta pesquisa.

Estas conclusões corroboram os diversos estudos citados na seção de Introdução, particularmente por Capovilla (1999), Silveira (2001) e Santos e Maluf (2004), que foram ali destacados, mas, também os de Bradley & Bryant (1983), Lundberg, Frost & Peterson (1988), Torgesen, & Davis (1996) e Cardoso-Martins (2001).

A consideração das comparações dos resultados obtidos nas duas aplicações do Teste de Desempenho Escolar, na presente pesquisa, acabou por se revelar prejudicadas, uma vez que se usou, erroneamente, como só se verificou posteriormente o teste completo, incluindo o subteste de aquisição da leitura e escrita, e o subteste de aritmética. Ora, este resultado composto inviabiliza qualquer análise mais específica. No entanto, no geral, encontraram-se diferenças significativas quando o número de alunos no grupo não era muito pequeno, o que confirma um progresso no desempenho escolar dos alunos, acompanhando os progressos na consciência fonológica.

Para completar estas considerações, é interessante destacar as diferenças em relação às atuações individuais dos alunos nos dois grupos de intervenção cuja análise qualitativa e sociométrica foram apresentadas: o Grupo 1- Manhã (1-M.04; 1-M.11 e 1-M.12), e Grupo 2 – Tarde (2-T.02; 2-T.07; 2-T.10; 2-T.14 e 2-T.16):

- a) 1-M.04 demonstrou vários comportamentos no desenrolar das reuniões. No início, estava empolgada com as propostas, brincava descontraída, fazia várias sugestões de brincadeiras e histórias, mas, depois de algumas semanas, foi ficando calada e pouco se manifestava, não propunha brincadeiras, aceitava de forma passiva as demais propostas, e começou a faltar muito da escola. Até que um dia, após um relato de um colega, conseguiu expressar seus problemas familiares, emocionando todos do grupo e fazendo com que os demais também falassem sobre os seus. Falou sobre seus sonhos,

seus medos e de toda sua tristeza. Após ter conseguido falar, posicionou-se expressamente aos momentos vivenciados no contexto grupal e sugerindo novas propostas. Na dramatização, mergulhava em suas personagens, usando muitos gestos e falas diferenciadas, e era uma das propostas que mais gostava de fazer.

- b) 1-M.11, no início, liderava os demais, impondo as suas escolhas, raramente cedia e, com a mediação da pesquisadora, acabava ficando emburrado e, às vezes, se recusava a brincar, mas, quando o grupo iniciava, acabava brincando também. Tinha fissura por montar histórias de terror, mas ao mesmo tempo demonstrava um pavor incontrolável a ponto de fazê-lo chorar ao relatar cenas apavorantes. O seu comportamento fez com que o grupo o questionasse sobre seu medo, então contou o quanto os adultos sempre o amedrontavam. Assim, todos também puderam falar sobre os seus medos. Como gostava muito das atividades livres, queria sempre escolhê-las, mas com o tempo foi aceitando as demais sugestões. Ao montar as histórias, era criativo e representava bem cada papel. Como entendia rapidamente as propostas das atividades dirigidas, procurava sempre ajudar os colegas em suas dificuldades, melhorando assim a integração do grupo.
- c) 1-M.12 demonstrou, do início ao fim, ser o mais ativo no grupo, sugerindo várias brincadeiras e histórias. Quando seus colegas manifestavam seus medos, ele sempre os apoiava, com uma palavra de ânimo e relatando que, em sua vida, não era diferente. Ele sempre assumiu verbalmente quando não queria participar das atividades e quando se sentiu frustrado em relação às atitudes de alguns colegas do grupo. No momento de dramatização, envolvia-se tanto em suas personagens como também nas demais dos colegas; às vezes, algumas manifestações de suas personagens permaneciam em outras reuniões.

- d) 2-T.02, no início das reuniões, era extremamente calada, só se manifestava para agredir verbalmente os demais do grupo. Quase nunca queria relatar sobre os finais de semana e, quando relatava, fantasiava-os e os demais diziam que era mentira, deixando-a irritadíssima, querendo bater em todos. Raramente sugeria histórias, ou escolhia suas personagens. Pouco se expressava no momento de dramatização. Nas poucas vezes em que se manifestou, relatou seu desagrado pelo lugar onde morava, pela sua casa e pelo seu bairro, mas alguns argumentaram que ela precisava agradecer, pois muitos não tinham nem onde morar. Nas atividades dirigidas, quando errava, desistia de tentar novamente, mas 2-T.10 sempre a encorajava e ajudando-a em suas dificuldades. Assim foi sua participação no grupo.
- e) 2-T.07 iniciou sua atuação no grupo de forma passiva, demonstrando sua dificuldade de se expressar verbalmente; por ser gago, todos os demais membros do grupo sempre riam ou não o deixavam falar, fazendo críticas; contudo, nas últimas reuniões, deu sugestões de histórias, dirigiu uma praticamente sozinho, tentando motivar os demais a participarem. Inclusive, a professora de sala de aula reconheceu a sua evolução na oralidade e na participação das atividades em sala de aula.
- f) 2-T.10, no início, era bem agressiva e mal-educada, a todo momento estava batendo ou atirava os sapatos em alguém, mas, com o passar do tempo, participou de todas as atividades do grupo, liderando aquelas dirigidas, fazendo várias sugestões de histórias, nas quais se envolvia demasiadamente ou, às vezes, se mantinha indiferente. Já mais integrada, manifestou suas frustrações em muitos momentos sem agredir ninguém e deixou de participar das brigas e discussões ocorridas no contexto grupal.
- g) 2-T.14, do início ao fim de todas as reuniões, estava sempre provocando alguém, inclusive gerando muitas brigas e discussões. No momento de dramatização, ora se envolvia, ora se dispersava, ora ajudava, ora atrapalhava os colegas. No desenrolar das

atividades dirigidas, disputou liderança com 2-T.10, e, ao mesmo tempo em que criticava um colega por ter errado, ele ajudava-o a melhorar.

- h) 2-T.16, no início, envolveu-se em várias brigas e discussões durante as reuniões, muitas simplesmente por diversão, sem motivo algum. Mas com o passar do tempo, só se envolvia para manter a ordem. Nos relatos, sempre contava sobre a sua vida, sem constrangimento, procurava levar vantagem em tudo e gostava muito de trapacear no jogo POLÍCIA e LADRÃO, que foi a única brincadeira de que participaram do primeiro ao último dia da reunião, sem desacordo. No momento de dramatização, envolvia-se, mas, logo perdia o interesse. Nas brincadeiras dirigidas, teve muitas dificuldades, muitas vezes desistindo, mas 2-T.10 sempre o ajudava.

Portanto, como foi possível notar através da análise sociométrica das atuações individuais dos alunos que participaram do grupo sociodramático, este último, de acordo com suas concepções teóricas, contribuiu para o resgate da subjetividade dos alunos e, por consequência, fez com que todos do grupo de intervenção modificassem suas atuações (papéis) no contexto grupal de acordo com suas necessidades, conflitos e sentimentos pessoais, na direção de atuações que favorecessem e melhorassem a interação e a convivência dos mesmos dentro do grupo.

De forma geral, a análise sociométrica mostrou que o ambiente de Realidade Suplementar contribuiu para a melhora das Habilidades Metafonológicas dos alunos que participaram do grupo de intervenção.

CONCLUSÃO

Em relação ao objetivo geral desta pesquisa, avaliar a eficácia de um programa de desenvolvimento de habilidades metafonológicas no ambiente de aprendizagem de Realidade Suplementar com grupos de alunos das Classes de Recuperação de Ciclo da Rede Estadual de Ensino do Município de Ribeirão Preto, pode-se concluir que os resultados obtidos, no geral, tal como se considerou na seção de Discussão, anteriormente, permitem afirmar que o treinamento destas habilidades, segundo o programa adaptado no Ambiente de Realidade Suplementar, é eficaz em produzir a aprendizagem almejada.

Esta conclusão parece-nos relevante no sentido de mostrar que o Ambiente de Realidade Suplementar favorece o desenvolvimento de habilidades metacognitivas.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. S. Sociodrama educacional: grupos de professores, alunos e pais. Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo, Ribeirão Preto- SP, n. 3, p. 119-126, 2002.
- BARRERA, S. D., Consciência Fonológica e Linguagem Escrita em Pré-Escolares. São Paulo, 1995, 178. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- BARRERA, S. D. Linguagem Oral e Alfabetização: um estudo sobre variação linguística e consciência metalingüística em crianças da 1ª série do ensino fundamental. São Paulo, 2000. 225p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- BARRERA, S.D. Papel Facilitador das Habilidades Metalingüísticas na Aprendizagem da Linguagem Escrita. Em: Maluf, M. R (Org.) Metalinguagem e Aquisição da Escrita: contribuições da pesquisa para a prática da alfabetização. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p.65-90.
- BRADLEY, B.; BRYANT, P. Categorizing sounds and learning, to read: a cusal connection. Nature (London), 1983, 301: 419-421.
- COLARES, M. de F A. O Curso Médico: reflexões e vivências de estudantes de medicina através das técnicas grupais sociodramáticas. 2004. 0 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto USP.
- CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; CAPOVILLA, Fernando Cesar ; SILVEIRA, F. B. Tratamento de dificuldades fonológicas e de alfabetização. Ciência Cognitiva: Teoria, Pesquisa e Aplicação, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 489-536, 1998b.
- CAPOVILLA, A.G.S & CAPOVILLA, F.C: Prova de consciência fonológica: desenvolvimento de dez habilidades da pré-escola à segunda série. *Temas sobre Desenvolvimento*, vol 7, n 37, p.14-20, 1998b.
- CAPOVILLA, A. G. S. Leitura, Escrita e Consciência Fonológica: Desenvolvimento, Intercorrelações e intervenções. São Paulo, 1999. 262p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- CAPOVILLA, A.G.S.; CAPOVILLA, F.C. Problemas de Leitura e Escrita: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica. São Paulo: Memnon, 2000.
- CARDOSO-MARTINS, C.; PENNINGTON, B. R. “Qual é a Contribuição da Nomeação Seriada Rápida para a Habilidade de Leitura e Escrita?: Evidência de Crianças e adolescentes com e sem Dificuldades de Leitura”. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2001, 14(2), pp. 387-397.
- ELLIS, A. W., Leitura escrita e dislexia: Uma análise cognitiva. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1995.
- FERREIRA, A.L.; SPINILLO, A.G. Desenvolvendo a Habilidade de Produção de Textos em Crianças a partir da Consciência Metatextual. Em: Maluf, M. R (Org.) Metalinguagem e Aquisição da Escrita: contribuições da pesquisa para a prática da alfabetização. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p.:119-148.

GOMBERT, J. E., Atividades Metalingüísticas e Aprendizagem da Leitura. Em: Maluf, M. R (Org.) Metalinguagem e Aquisição da Escrita: contribuições da pesquisa para a prática da alfabetização. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p.:19-63.

GUIMARÃES, S. R. K., Dificuldades na aquisição e aperfeiçoamento da leitura e da escrita: o papel da consciência fonológica e da consciência sintática. São Paulo, 2001. 269p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

LUNDBERG, J.; FROST, J.; PETERSON, O. Effects of an extensive program for stimulating phonological awareness in preschool children. Reading Research Quartely, 1988, 23: 262-284.

MALUF, M.R; ZANELLA, M.S.; PAGNEZ, K.S.M.M. “Levantamento Bibliográfico e Análise das Produções Brasileiras sobre Metalinguagem e Alfabetização no Período de 1987 a 2002”. IN: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA, XXXIV, realizada de 26-29 de Outubro em Ribeirão Preto, SP, CD-ROOM (ESC-23).

MILAN, B., O jogo do Esconderijo: Terapia em questão. São Paulo: Pioneira, 1972.

MORAIS, A. M. P., A relação entre a consciência fonológica e as dificuldades de leitura. São Paulo: Vetor, 1997.

MORENO, J.L. Quem Sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama. Goiânia: Dimensão, 1992.

MORENO, J. L. El Psicodrama: terapia de acción y principios de su práctica. Buenos Aires: Ediciones Hormé, 1995.

MORENO, Z.T.; BLONKVIST, L.D.; RÜTZEL, T. A Realidade Suplementar e Arte de Curar. São Paulo: Ágora, 2001.

PAULA, F. V. de., Conhecimento Metacognitivo de crianças de 3ª série que apresentam dificuldades na aquisição da leitura. São Paulo, 2001. 127p. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade de São Paulo.

PROVIDELO, C.; DEBONZI, D.H.; GAZZIRO, M. A.; QUEIROZ, I.C.A.S.; KIRNER, C.;

ROMAÑA, M. A. Psicodrama Pedagógico. Campinas, SP: Papirus, 1987.

_____. Construção coletiva do conhecimento através do Psicodrama. Campinas, SP: Papirus, 1992.

_____. Do Psicodrama Pedagógico à Pedagogia do Drama. Campinas, SP: Papirus, 1996.

SALLES, J. F.; Habilidades e dificuldades de leitura e escrita em crianças de 2ª série: abordagem neuropsicológica cognitiva. Porto Alegre – RS, 2005. 307p. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SANTOS, M.J.; MALUF, M.R. “Consciência Fonológica e Educação Infantil: aplicação de um programa de intervenção e seus efeitos na aquisição da escrita”. IN: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA, XXXIV, realizada de 26-29 de Outubro em Ribeirão Preto, SP, CD-ROOM (ESC-73).

STEIN, L. M. (1994). *TDE — Teste de Desempenho Escolar: Manual para aplicação e interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

SILVEIRA, F. B. da., *Procedimentos para desenvolver consciência fonológica e ensinar correspondências grafo-fonêmicas em educandos com e sem distúrbios de fala*. São Paulo, 2001. 178p. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade de São Paulo.

SOUZA, L. M. A. de., *Análise do desempenho das habilidades fonológicas em crianças, em idade pré-escolar: modelo construtivista*. São Paulo, 2001. 174p. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade de São Paulo.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2. Ed., 1988.

ANEXO A - Termo de Consentimento (Aos professores)**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (A ser entregue aos Professores)****NOME DA PESQUISA**

Desenvolvimento de Habilidades Metafonológicas em dois Ambientes de Aprendizagem: ‘Realidade Suplementar’ e ‘Realidade Aumentada’, com alunos de Classes de Recuperação de Ciclo.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Luciane Mialich Scadelai

Fone para contato: (16)32036985/ (16)97210559

ORIENTADOR

Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade

Fone: (16)6023803-FFCLRP-USP

Você está sendo convidado a participar de um estudo, cujo objetivo principal é verificar se a participação dos alunos da sala de recuperação de ciclo do Ensino Fundamental em atividades de grupo de treinamento das habilidades de reconhecimento e manipulação das relações entre sons e letras contribui para um melhor rendimento em sala de aula. O trabalho compreende as seguintes fases: aplicação prévia de um teste de desempenho escolar e uma prova de habilidade de identificação das relações entre sons e letras a ser respondido pelos alunos; realização de reuniões grupais com dois grupos de cinco alunos cada um, desenvolvidas através de jogos, brincadeiras e outras atividades comuns à idade dos mesmos e, por fim, a reaplicação dos testes citados nos alunos. Sua contribuição se fará necessária nas etapas inicial e final, permitindo a aplicação dos testes em sua sala de aula, como também autorizando a ausência dos dez alunos, sendo cinco de cada vez, para participarem dos grupos. Você poderá retirar seu consentimento e deixar de participar do estudo em qualquer momento do processo. Não há previsão de riscos e desconfortos para essa modalidade de estudo e você poderá receber informações referentes a todas as etapas quando julgar necessário. Os dados obtidos durante as fases deste trabalho serão utilizados

pelo pesquisador para publicações científicas, comprometendo-se com a garantia de sigilo de sua identidade.

EU _____ abaixo assinado, tendo sido devidamente esclarecido sobre todas as condições de que trata o Projeto intitulado: “*Desenvolvimento de Habilidades Metafonológicas no Ambiente de Aprendizagem: ‘Realidade Suplementar’, com alunos de Classes de Recuperação de Ciclo*”, que tem como pesquisador responsável a Sra. *Luciane Mialich Scadelai*, especialmente no que diz respeito ao objetivo da pesquisa, aos procedimentos que serão utilizados, aos riscos e aos benefícios, declaro que tenho pleno conhecimento dos direitos e das condições que me foram asseguradas, a seguir relacionadas:

- 1- A garantia de receber esclarecimentos a qualquer etapa do trabalho, dos riscos e benefícios que a técnica utilizada poderá trazer.
- 2- A liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento sem que isso traga prejuízo à continuidade do trabalho.
- 3- A segurança de que não serei identificado e que será mantido o caráter confidencial da informação relacionada com a minha privacidade.
- 4- O compromisso de que me será prestada informação atualizada durante o estudo.

Declaro, ainda, que concordo inteiramente com as condições que me foram apresentadas e que, livremente, manifesto a minha vontade em participar do referido projeto.

Ribeirão Preto, ____ de _____ de 2005.

Assinatura do participante do estudo

ANEXO B- Termo de Consentimento (Aos Pais)**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (A ser entregue aos pais dos alunos)****NOME DA PESQUISA**

Desenvolvimento de Habilidades Metafonológicas em dois Ambientes de Aprendizagem: ‘Realidade Suplementar’ e ‘Realidade Aumentada’, com alunos de Classes de Recuperação de Ciclo.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Luciane Mialich Scadelai

Fone para contato: (16)32036985/ (16)97210559

ORIENTADOR

Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade

Fone: (16)6023803-FFCLRP-USP

Seu (sua) filho (a) está sendo convidado a participar de um estudo que tem como objetivo principal verificar se a participação dos alunos da sala de recuperação de ciclo do Ensino Fundamental em atividades de grupo contribui para um melhor rendimento entre eles na escola. O trabalho compreende as seguintes fases: aplicação prévia de algumas provinhas a serem respondidas pelos alunos (todos os alunos da classe); realização de reuniões grupais de dois grupos com cinco alunos cada um, desenvolvidas através de jogos, brincadeiras e outras atividades comuns à idade dos mesmos e, por fim, a reaplicação das provinhas citadas nos alunos (todos os alunos da classe). Vale ressaltar que seu (sua) filho (a) participará das reuniões grupais, uma vez que os dez alunos (dos dois grupos) que participarão das reuniões, serão selecionados a partir das respostas às provinhas, e os demais realizarão atividades placebo (sendo estas atividades diferenciadas da metalinguagem). Caso não seja selecionado(a) para participar do grupo, seu (sua) filho(a) participará apenas das etapas inicial e final do estudo, respondendo a dois questionários. Para a execução dessas atividades, que serão realizadas na própria escola, com a sua permissão, as reuniões serão gravadas em fita cassete. Você poderá retirar seu consentimento e seu (sua) filho(a) deixará de participar do estudo em qualquer momento do processo, sem que haja penalidades ou prejuízos ou perda de qualquer benefícios que possa ter sido adquirido. Não há previsão de riscos e desconfortos para os alunos que participarem do estudo e você poderá receber informações sobre todas as etapas sempre que julgar necessário. Os dados obtidos durante as fases deste trabalho serão utilizados pelo pesquisador para publicações científicas, comprometendo-se com a garantia de sigilo da identidade dos alunos.

EU _____ abaixo assinado, responsável por _____, fui devidamente esclarecido sobre os objetivos, os procedimentos, os riscos e os benefícios do projeto intitulado: “*Desenvolvimento de Habilidades Metafonológicas no Ambiente de Aprendizagem: ‘Realidade Suplementar, com alunos de Classes de Recuperação de Ciclo’*”, que tem como pesquisador responsável a Sra. *Luciane Mialich Scadelai*, e declaro que tenho pleno conhecimento dos direitos e das condições que me foram asseguradas, a seguir relacionadas:

- 1- A garantia de receber esclarecimentos a qualquer etapa do trabalho sobre os riscos e benefícios que a técnica utilizada poderá trazer.
- 2- A liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento sem que isso traga prejuízo à continuidade do trabalho.
- 3- A segurança de que meu (minha) filho (a) não será identificado(a) e que será mantida a confidencialidade da informação relacionada com a privacidade do mesmo.
- 4- O compromisso de que me será prestada informação atualizada durante o estudo.
- 5- Sendo assim, concordo voluntariamente que meu (minha) filho (a), venha participar deste estudo, podendo retirar o consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ser adquirido pelos alunos ou mesmo pelos pais.

Declaro, ainda, que concordo inteiramente com as condições que me foram apresentadas e que, livremente, manifesto o consentimento da participação de meu (minha) filho(a) no referido projeto.

Ribeirão Preto, ____ de _____ de 2005.

Assinatura do responsável

ANEXO C – Descrições das Brincadeiras

DESCRIÇÃO DAS BRINCADEIRAS

I. BALANÇA CAIXÃO

Instrução: a pessoa que dá as instruções é o caixaão. Ele deve permanecer sentado, um dos participantes deverá debruçar-se em pé no colo da pessoa sentada e os demais debruçam um nas costas do outro. Canta-se uma música que dá a instrução da brincadeira, os participantes falam: balança caixaão e, o caixaão responde: balança você, dá um tapa na bunda e vai se esconder. E todos vão se esconder, menos o participante que estava debruçado no colo, que tem de procurar os outros participantes, trazendo-os do jeito que o instrutor pedir. Música: “balança caixaão. Balança você! Dá um tapa na bunda e vai se esconder...”

II. BATATA QUENTE

Instrução: a brincadeira consiste em um dos participantes ficar de olhos fechados enquanto brinca e canta, passando um objeto (bola), que, em nossa brincadeira era uma almofada, um para o outro, e quando a criança que estava de olhos fechados dizia que queimou, a criança que estivesse com a almofada saía da brincadeira.

Música: ba-ta-ta quente.... quente....quente...quente....quente...quente....quente...queimouuu!

III. BRINCAR DE ESCONDER OBJETO (LENÇO, TAMPINHA, ETC.)

Instrução: enquanto uma pessoa esconde um lenço, os demais participantes ficam de olhos fechados. E quando a pessoa esconde, ela vai dando instruções aos demais participantes, se eles estão ficando quente (perto do objeto) ou frio (longe do objeto). A brincadeira tem sempre sequência com o indivíduo que achou o lenço.

IV. BRINCAR DE PULAR (SALTO A DISTÂNCIA)

Instruções: a brincadeira consiste em ver quem pula mais longe. A pesquisadora fez algumas marcações no chão, mas mesmo assim, a cada salto, ela marcava com o giz para conferir quem havia saltado para distante das marcações.

V. CORRE-COTIA

Instrução: é uma brincadeira em que um dos participantes fica em pé com um lenço na mão, enquanto os demais ficam sentados na roda, e o participante que está de pé, corre em volta dos participantes, cantando ... (Corre-cotia na casa da tia, corre cipó na casa da vó, lencinho na mão caiu no chão, moça bonita do meu coração)...um...dois...três, e quando termina a música, ele coloca o lenço atrás de alguém, e este tem de pegar o lenço e correr atrás do participante que colocou o lenço. Por sugestão das crianças, os participantes sentados teriam de ficar de olhos fechados, e se não visse que o lenço estava atrás, a criança chocava no meio da roda.

VI. DANÇA DAS CADEIRAS

Instruções: faz-se um círculo de cadeiras para que os participantes possam correr ao seu redor ao som de uma música; entretanto, o círculo de cadeiras deve conter um número de cadeiras suficientes para que, ao término da música, os participantes possam sentar-se, ficando apenas um em pé (sem cadeira para sentar-se); este, então, estará fora da brincadeira. Na rodada seguinte, tira-se uma cadeira do círculo para que, ao término da música, novamente um participante fique de pé (sem cadeira para sentar-se) e, assim, abandonando a atividade. A brincadeira segue dessa forma até que duas pessoas disputam o assento de uma única cadeira e, então, aquele que sentar-se, ao término da música, consagrar-se-á campeão.

VII. MÊS

Instruções: dois participantes retiram-se da roda e combinam secretamente um mês. Depois do mês escolhido. Voltam para roda e perguntam a cada participante “qual é o mês que ele escolhe!” E cada um vai dizendo um mês até que alguém acerte o mês que os dois participantes escolheram. Os dois participantes, então, perguntam para o participante que acertou o que ele escolhe: cor, flor, fruta, fantasia, brinquedo, programa de TV, etc. Então, conforme o que ele escolher, por exemplo, se ele escolher cor, cada um dos dois participantes deve escolher uma cor diferente para representá-la, e o participante que ganhou, escolhe uma das cores que eles combinaram, e aquela cor que ele escolher, um dos participantes deverá sentar-se na roda com os demais, enquanto o que acertou e o outro participante que estava perguntando, vão combinar outro mês. E assim segue a brincadeira.

VIII. MORTO – VIVO

Instruções: A brincadeira consiste em todos ficarem em pé, enfileirados um ao lado do outro; uma pessoa fica de fora e deve ditar as consignas VIVO ou MORTO; quando a ordem for VIVO, todos devem permanecer em pé; mas quando a ordem for MORTO, todos devem agachar; aquele que não cumprir a determinação das consignas, sai da brincadeira; esta prossegue até alguém se consagrar campeão por não errar nenhuma ordem.

IX. PASSAR ANEL

Instruções: A brincadeira consiste em todos os alunos estarem sentados ou em pé, um ao lado do outro, ou num círculo. Todas as crianças devem estar com as mãos unidas e fechadas de forma que outra criança consiga passar suas mãos unidas e fechadas dentro das mãos do colega. Até que a criança que esteja passando o anel, deixe-o de forma discreta nas mãos da criança que ela escolher. E Assim segue a brincadeira.

X. PICOPICOLÉ

Instruções: A brincadeira começa com todos os participantes em pé em uma roda, com uma das mãos virada para cima e a outra mão virada para baixo (ou seja, a palma de uma virada para cima e a da outra para baixo), um dos participantes inicia a brincadeira dizendo uma sílaba da palavra da música e bate na palma da mão do seguinte. O participante da esquerda do participante que iniciou, diz outra sílaba da palavra e bate na palma da mão do próximo e assim continua a brincadeira até terminar a música, e o último escolhe um sabor de sorvete. Então repete o mesmo processo para o sabor do sorvete, e o último ou bate na mão ou pisa no pé.

Música: Pi – co – pi – co – lé, que gostoso que é. É o picolé. Que sabor você quer?

XI. PIQUE-GELO

Instrução: a brincadeira consiste em uma pessoa correr atrás dos demais para pegá-los. Aquele que for pego, deverá permanecer no lugar congelado até a outra pessoa liberá-lo do congelamento para correr novamente. Quando uma das crianças for pega por três vezes, assumirá o papel de correr atrás dos demais para pegá-los, reiniciando a brincadeira. Os

alunos definiram que a lousa seria o pique.

XII. PEGA-PEGA

Instruções: a brincadeira é semelhante ao pique-rela, pois consiste em uma pessoa correr atrás dos demais para pegá-los. Aquele que for pego, passa a ser o pegador. Os alunos definiram que a lousa e a estante do outro lado seriam o pique.

XIII. SOCO-BATE, SOCO-VIRA

Instruções: essa é uma brincadeira onde duas ficam de pé, uma de frente para a outra, cantando e fazendo os gestos conforme pede a música.

Música: Soco – Bate - Vira:

Soco, soco, bate, bate.
 Soco, soco, vira, vira.
 Soco, bate, soco, vira.
 Soco, bate, vira
 soco, soco mão fechada
 soco, soco, bate, bate
 soco, soco, vira, vira
 soco, bate, soco, vira
 soco, bate, vira.

DEFINIÇÕES DE PAPÉIS NAS BRINCADEIRAS

COPO DE VENENO - a pesquisadora canta a música, apontando o dedo para cada criança, e na última que parar, seria essa criança que iniciaria a brincadeira, “Lá em cima do piano tem um copo de veneno, quem bebeu, morreu, o azar foi seu!”.

TOQUINHO - todos os participantes em círculo devem mostrar números com os dedos; após somar todos os números, contava-se de UM até o valor total de soma, apontando-se para cada integrante do círculo, um a um, a cada número contado. Ao final, a pessoa a quem fosse apontado o número equivalente à soma dos dedos, ou seja, o último número, seria quem iniciaria a brincadeira.

DOIS-OU-UM - todos os participantes em círculo devem mostrar os números dois ou um com os dedos. Todos devem colocar ao mesmo tempo os dedos com os números um ou dois; a brincadeira continua até um dos participantes colocar, por exemplo, um, enquanto os demais participantes tenham colocado dois. Este inicia a brincadeira.

ANEXO D - TDE - Teste de Desempenho Escolar

Resumo do Teste de Desempenho Escolar -TDE

Teste de Desempenho Escolar - TDE (Stein, 1994), instrumento psicométrico brasileiro que avalia as capacidades básicas para o desempenho escolar, nas áreas de escrita, aritmética e leitura. O teste foi concebido para a avaliação de escolares de 1ª a 6ª séries do primeiro grau, ainda que possa ser utilizado com algumas reservas para a 7ª e 8ª séries. A aplicação é Individual, com tempo de aplicação de 20 a 30 minutos.

O TDE é composto por três subtestes: ESCRITA – ARITMÉTICA - LEITURA

A parte escrita inicia pela escrita de nome próprio e de palavras isoladas apresentadas sob a forma de ditado. Nessa prova, é dada a seguinte instrução:

A examinadora pede para que a criança escreva seu nome por extenso na linha correspondente.

Para o ditado de palavras, utiliza-se a Ficha do Examinador, que contém a lista das palavras a serem ditadas, seguidas de uma frase.

A examinadora inicia, dizendo:

“Agora vamos fazer um ditado de palavras. Vou ditar-lhes a palavra, depois vou ler uma frase com esta palavra e vou dizer a palavra novamente, e só então vocês poderão escrevê-la. Escreva a primeira palavra na linha nº 1, e depois continue escrevendo nas linhas correspondentes ao número da palavra ditada. Lembrem-se de que este ditado foi feito também para séries mais adiantadas que a de vocês, portanto podem sentir dificuldades para escrever algumas das palavras, mas vocês devem tentar escrevê-las da forma como souberem e até onde conseguirem.”

O escore máximo para o ditado de palavras é 34 pontos, sendo 1 (um) ponto para cada palavra escrita corretamente.

Na parte da aritmética, a solução oral de problemas é realizadas somente para 1ª e 2ª séries, e cálculos de operações aritméticas, por escrito, para as demais séries.

A examinadora inicia, dizendo:

Diga:

“Esta é uma tarefa de matemática. Eu gostaria de ver quantos destes problemas vocês conseguem resolver. Trabalhem cuidadosamente em cada problema, e ao final de cada página, passem para a seguinte. Lembrem-se de

que os problemas vão ficando mais difíceis à medida que vai chegando ao final deste exercício, pois foram feitos para alunos de séries mais adiantadas.”

O escore máximo para a parte escrita é 35 pontos, sendo 1 (um) ponto para cada resposta correta.

A parte da leitura é feita pelo reconhecimento de palavras isoladas do contexto.

O examinador apresenta a Folha-estímulo com palavras a serem lidas por ele mesmo e registra suas respostas no caderno do TDE.

Aponta para a primeira palavra da linha, onde está escrito: “pato”, e pede para que os alunos digam:

“Olhe esta palavra cuidadosamente e leia cada uma delas em voz alta para que eu possa ouvi-lo(a) bem. Comece aqui pela primeira linha de palavras, e quando você acabar de ler a primeira linha, vá para a outra linha, e assim por diante.”

O Escore Bruto (EB) máximo do Subteste de Leitura: 70 pontos, sendo 1 (um) ponto para cada palavra escrita corretamente.

Sendo assim, para as séries avaliadas, tem-se a seguinte classificação para a pontuação de acertos: **1ª série** (inferior: ≤ 8 ; média inf.: 9-54; média Sup.: 55 – 89; superior: ≥ 90); **2ª série** (inferior: ≤ 86 ; média: 87-105; superior: ≥ 106); **3ª série** (inferior: ≤ 101 ; média: 102-112; superior: ≥ 113); **4ª série** (inferior: ≤ 111 ; média: 112-121; superior: ≥ 122); **5ª série** (inferior: ≤ 116 ; média: 117-124; superior: ≥ 125); **6ª série** (inferior: ≤ 122 ; média: 123-130; superior: ≥ 131).

Os materiais que compõem o TDE são:

Manual para Aplicação e Interpretação;

Folha do Examinando para o Subteste de Leitura;

Crivo para Correção do Subteste de Aritmética;

Ficha do Examinador para a Aplicação do Subteste de Escrita.

ANEXO E - Prova de Consciência Fonológica (Capovilla & Capovilla, 1998b)

Síntese Silábica: A criança deve unir as sílabas faladas pelo aplicado, dizendo qual palavra resulta da união.

Instruções: Vamos jogar o jogo do robô. Eu vou fazer de conta que sou um robô que fala as partes (sílabas) das palavras lentamente (com taxa de uma sílaba por segundo), e você deve adivinhar o que o robô está falando.

Treino: que palavra resulta da união de: /pa/ - /pel/ (ajudar a criança nos itens de treino);

/pro/ - /fe/ - /sso/ - /ra/.

Teste: que palavra resulta da união de: /lan/ - /che/ → /lanche/;

/pe/ - /dra/ → /pedra/;

/bi/ - /ci/ - /cle/ - /ta/ → /bicicleta/.

Síntese Fonêmica: A criança deve unir os fonemas falados pelo aplicador, dizendo qual palavra resulta da união.

Instruções: Vamos jogar o jogo do robô, mas agora vou falar os sons (fonemas) das palavras lentamente (com taxa de uma sílaba por segundo), e você deve adivinhar o que o robô está falando.

Treino: que palavra resulta da união de: /f/ - /o/ - /i/;

/l/ - /a/ - /ç/ - /o/.

Teste: que palavra resulta da união de: /s/ - /ó/ → /só/;

/m/ - /ã/ - /e/ → /mãe/;

/g/ - /a/ - /t/ - /o/ → /gato/;

/c/ - /a/ - /rr/ - /o/ → /carro/ .

Rima: A criança deve julgar, dentre três palavras, quais são as duas que terminam com o mesmo som.

Instruções: Vou dizer três palavras, duas terminam com o mesmo som e uma termina com um som diferente. Diga quais são as duas que terminam com o mesmo som.

Treino: quais palavras terminam com o mesmo som: /bolo/, /mala/, /rolo/ → /bolo/, /rolo/;

/baleia/, /sereia/, /canoa/ → /baleia/, /sereia/.

Teste: quais palavras terminam com o mesmo som: /mão/, /pão/, /só/ → /mão/, /pão/;

/queijo/, /moça/, /beijo/ → /queijo/, /beijo/;

/peito/, /rolha/, /bolha/ → /rolha/, /bolha/;
 /até/, /bola/, /sopé/ → /até/, /sopé/.

Aliteração: A criança deve julgar, dentre três palavras, quais são as duas que começam com o mesmo som.

Instruções: Vou dizer três palavras, duas começam com o mesmo som e uma começa com um som diferente. Diga quais são as duas que começam com o mesmo som.

Treino: quais palavras começam com o mesmo som: /fada/, /face/, /vila/ → /fada/, /face/;
 /escola/, /menino/, /estrada/ → /escola/, /estrada/.

Teste: quais palavras começam com o mesmo som: /boné/, /rato/, /raiz/ → /rato/, /raiz/;
 /colar/, /fada/, /coelho/ → /colar/, /coelho/;
 /inveja/, /inchar/, /união/ → /inveja/, /inchar/;
 /trabalho/, /mesa/, /trazer/ → /trabalho/, /trazer/.

Segmentação Silábica: A criança deve separar uma palavra falada pelo aplicador nas suas sílabas componentes.

Instruções: Vou dizer uma palavra, e agora você é quem vai fingir ser o robô, repetindo a palavra bem devagar, falando cada parte separadamente.

Treino: separar as sílabas de: /livro/ → /li/ - /vro/;
 /bexiga/ → /be/ - /xi/ - /ga/.

Teste: separar as sílabas de: /bola/ → /bo/ - /la/;
 /lápis/ → /lá/ - /pis/;
 /fazenda/ → /fa/ - /zen/ - /da/;
 /gelatina/ → /ge/ - /la/ - /ti/ - /na/.

Segmentação Fonêmica: A criança deve separar uma palavra falada pelo aplicador nos seus fonemas componentes.

Instruções: Vou dizer uma palavra, e agora você é quem vai fingir ser o robô, repetindo a palavra bem devagar, mas agora falando as partes menores ainda da palavra, falando cada som separadamente.

Treino: separar os fonemas de: /nó/ → /n/ - /ó/;
 /dia/ → /d/ - /i/ - /a/.

Teste: separar os fonemas de: /pé/ → /p/ - /é/;
 /aço/ → /a/ - /ç/ - /o/;

/casa/ → /c/ - /a/ - /s/ - /a/;

/chave/ → /ch/ - /a/ - /v/ - /e/.

Manipulação Silábica: A criança deve adicionar e subtrair sílabas de palavras, dizendo qual a palavra formada.

Instruções: Você vai dizer como fica uma palavra quando se coloca (ou se tira) um pedacinho.

Treino: adicionar /rrão/ no fim de /maca/ → /macarrão/;

subtrair /sa/ no início de /sapato/ → /pato/.

Teste: adicionar /na/ no fim de /per/ → /perna/;

subtrair /ba/ no início de /bater/ → /ter/;

adicionar /bo/ no início de /neca/ → /boneca/;

subtrair /da/ no fim de /salada/ → /sala/.

Manipulação fonêmica: A criança deve adicionar e subtrair fonemas de palavras, dizendo qual a palavra formada.

Instruções: Você vai dizer como fica uma palavra quando se coloca (ou se tira) um pedacinho.

Treino: adicionar /r/ no fim de /come/ → /comer/;

subtrair /p/ do início de /punha/ → /unha/.

Teste: adicionar /r/ no fim de /pisca/ → /piscar/;

subtrair /f/ do início de /falta/ → /alta/;

adicionar /l/ no início de /ouça/ → /louça/;

subtrair /o/ do fim de /solo/ → /sol/.

Transposição Silábica: A criança deve inverter as sílabas de palavras dizendo qual a palavra formada.

Instruções: Você vai falar uma palavra de trás para frente, invertendo as partes da palavra.

Treino: inverter as sílabas de: /pata/ → /tapa/;

/dona/ → /nado/.

Teste: inverter as sílabas de: /boca/ → /cabo/;

/dona/ → /nado/.

/toma/ → /mato/;

/gola/ → /lago/.

Transposição Fonêmica: A criança deve inverter os fonemas de palavras, dizendo qual a palavra formada.

Instruções: Agora você vai falar uma palavra de trás para frente, mas invertendo cada som da palavra.

Treino: inverter os fonemas de: /és/ → /sé/;

/sai/ → /ias/.

Teste: inverter os fonemas de: /ema/ → /ame/;

/amor/ → /roma/.

/olé/ → /elo/;

/missa/ → /assim/.

Nota:

Para maior homogeneidade entre os fonemas dos itens apresentados às crianças e aqueles das respostas delas esperadas, sugerimos substituir os seguintes itens: em Manipulação Fonêmica: solo-sol por calor-calo; em Transposição Silábica: gola-lago por faço-sofá; em Transposição Fonêmica: ema-ame por olá-alô, amor-roma por sala-alas, missa-assim por alisa-asila.

Autor	Habilidades	Atividades
Silveira, F. B. (2001)	Introdução de Letras	<p>1. Introdução da vogal A: atividades na lousa, lápis e papel, colorir desenhos (8), completar figuras (8).</p> <p>2. Introdução da vogal E: atividades na lousa, lápis e papel, colorir desenhos (8), completar figuras (8).</p> <p>3. Introdução da vogal I: atividades na lousa, lápis e papel, colorir desenhos (8), completar figuras (8).</p> <p>4. Introdução da vogal O: atividades na lousa, lápis e papel, colorir desenhos (8), completar figuras (8).</p> <p>5. Introdução da vogal U: atividades na lousa, lápis e papel, colorir desenhos (8), completar figuras (8).</p> <p>6. Introdução de Letras (com todas as vogais juntas): atividades na lousa, lápis e papel, colorir desenhos (8), completar figuras (8).</p>
	Rimas e Aliterações	<p>Rimas</p> <p>7. Contar histórias com músicas que rimam: 2 músicas e 2 histórias, jogo de palavras que rimam (30 palavras).</p> <p>8. Introdução de Letras (introdução da letra F): atividade na lousa, lápis e papel, colorir desenhos (12), circular as palavras com F (20 palavras); escrita das sílabas; ficha de leitura.</p> <p>9. Jogo de palavras que rimam: /ão/, /ta/, /ço/ (24 cartas com figuras).</p> <p>10. Introdução de Letras (introdução da letra J): atividade na lousa, lápis e papel, colorir desenhos (12), circular as palavras com J (20 palavras); escrita das sílabas; ficha de leitura.</p> <p>11. Jogo de palavras que rimam (formas geométricas e figuras (16 figuras e 7 palavras sem figuras)).</p> <p>12. Introdução de Letras (introdução da letra M): atividade na lousa, lápis e papel, colorir desenhos (12), circular as palavras com J (20 palavras); escrita das sílabas; ficha de leitura.</p> <p>13. Jogo de rima (pseudopalavras e formas geométricas).</p> <p>14. Rima com terminações: /co/, /to/ e le/.</p> <p>15. Introdução de Letras (introdução da letra N): atividade na lousa, lápis e papel, colorir desenhos (12), circular as palavras com J (20 palavras); escrita das sílabas; ficha de leitura.</p>

Silveira, F. B. (2001)		Aliteração (início)	<p>16. Contar histórias com que começam com o mesmo som: 2 histórias, jogo de palavras com aliteração (30 palavras).</p> <p>17. Introdução de Letras (introdução da letra V): atividade na lousa, lápis e papel, colorir desenhos (12), circular as palavras com J (20 palavras); escrita das sílabas; ficha de leitura.</p> <p>18. Jogo de palavras que começam com o mesmo som: /bo/, /ca/, /ma/ (24 cartas com figuras).</p> <p>19. Introdução de Letras (introdução da letra Z): atividade na lousa, lápis e papel, colorir desenhos (12), circular as palavras com J (20 palavras); escrita das sílabas; ficha de leitura.</p> <p>20. Jogo de palavras que começam com o mesmo som. (formas geométricas e figuras (16 figuras, escrita)).</p> <p>21. Introdução de Letras (introdução da letra L): atividade na lousa, lápis e papel, colorir desenhos (12), circular as palavras com J (20 palavras); escrita das sílabas; ficha de leitura.</p> <p>22. Jogo com pseudopalavras (Formas geométricas e sem figuras).</p> <p>23. Introdução de Letras (introdução da letra S): atividade na lousa, lápis e papel, colorir desenhos (12), circular as palavras com J (20 palavras); escrita das sílabas; ficha de leitura.</p>
		Rima e Aliteração	<p>24. Desenhos p/ colorir: (Com aliteração e rima).</p> <p>25. Introdução de Letras (introdução da letra R): atividade na lousa, lápis e papel, colorir desenhos (12), circular as palavras com J (20 palavras); escrita das sílabas; ficha de leitura.</p>
	Consciência de Palavras		<p>26. Segmentação de frases (20 frases).</p> <p>27. Introdução de Letras (introdução da letra X): atividade na lousa, lápis e papel, colorir desenhos (12), circular as palavras com J (20 palavras); escrita das sílabas; ficha de leitura.</p> <p>28. Segmentação de sentenças: 7 c/ 2 palavras e 7 com frases;</p> <p>29. Introdução de Letras (introdução da letra B): atividade na lousa, lápis e papel, colorir desenhos (12), circular as palavras com J (20 palavras); escrita das sílabas; ficha de leitura.</p> <p>30. Substituição de palavras na frase: livre.</p> <p>31. Introdução de Letras (introdução da letra C): atividade na lousa, lápis e papel, colorir desenhos (12), circular as palavras com J (20 palavras); escrita das sílabas; ficha de leitura.</p> <p>32. Jogo com frases: (palmas)</p>

Silveira, F. B. (2001)	Consciência de Palavras		33. Introdução de Letras (introdução da letra D): atividade na lousa, lápis e papel, colorir desenhos (12), circular as palavras com J (20 palavras); escrita das sílabas; ficha de leitura. 34. Jogo de substituição de palavras. 35. Introdução de Letras (introdução da letra P): atividade na lousa, lápis e papel, colorir desenhos (12), circular as palavras com J (20 palavras); escrita das sílabas; ficha de leitura. 36. Jogo de substituição de pseudopalavras (livre) e palavras esquisitas (07 frases). 37. Introdução de Letras (introdução da letra T): atividade na lousa, lápis e papel, colorir desenhos (12), circular as palavras com J (20 palavras); escrita das sílabas; ficha de leitura.
	Consciência de Sílabas		38. Músicas Familiares (batendo palmas a cada sílabas) 39. Introdução de Letras (introdução da letra G): atividade na lousa, lápis e papel, colorir desenhos (12), circular as palavras com J (20 palavras); escrita das sílabas; ficha de leitura. 40. Jogo com o nome dos alunos: vários; 41. Introdução de Letras (introdução da letra Q): atividade na lousa, lápis e papel, colorir desenhos (12), circular as palavras com J (20 palavras); escrita das sílabas; ficha de leitura. 42. Jogo com figuras de objetos e animais (Figuras e palmas para cada sílabas); 43. Introdução de Letras (introdução da letra H): atividade na lousa, lápis e papel, colorir desenhos (12), circular as palavras com J (20 palavras); escrita das sílabas; ficha de leitura. 44. Jogo com figuras de objetos e animais com os números 1, 2 e 3: 20 figuras; 45. Introdução de Letras (introdução da letra K, W e Y): atividade na lousa, lápis e papel, ficha de leitura, Jogo de adivinhação (6 frases) 46. 18. Jogo de percurso com pião e figuras
	Consciência de Sílabas	Síntese	47. Teatro de Fantoches: livre;
		Adição e Subtração	48. Jogos geométricos: 8 palavras de adição e 10 de subtração;
		Síntese de sílabas	49. Jogo da teia de aranha: 28 palavras. 50. Jogo de transposição silábica: 16 palavras.
	Identidade Fonêmica		51. Contar histórias em que o mesmo som aparece várias vezes: 01 história (letras do alfabeto); 52. Jogo com figuras e palavras (figuras e letras do alfabeto). 53. Jogo de dominó com figuras: 36 peças; 54: Desenho para colorir.

Silveira, F. B. (2001)	Consciência Fonêmica	Consciência Fonêmica	55. Teatro de Fantoches: 02 estórias; 56. Com música (trocando as vogais das palavras);
		Análise de Fonemas	57. Jogo de palavras: 36 palavras (letras do alfabeto)
		Síntese Fonêmica	58. Jogo de palavras ou pseudopalavras com formas geométricas: 21 palavras
		Troca de fonemas	59. Jogo de palavras com formas geométricas e figuras: 8 figuras e 8 palavras;
		Análise e Contagem	60. Jogo de palavras com formas geométricas;
		Síntese de Fonemas	61. Jogo da teia de aranha; 62. Palavras e Pseudopalavras: 28 palavras;
		Adição e subtração	63. Cartões com sílabas e Figuras Geométricas: 28 palavras;
		Contagem e manipulação	64. Jogo de cartões com formas geométricas: 7 subtrações e 7 acréscimos.
		Consciência e inversão	65. Jogo de cartões com formas geométricas: 14 palavras.
		Consciência Fonêmica	66. Jogo do alfabeto inventado: 30 exercícios